UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem

Dissertação

O Infinitivo Flexionado em Português Brasileiro

Cesar Trindade de Oliveira

Pelotas, 2017

Cesar Trindade de Oliveira

O Infinitivo Flexionado em Português Brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Estudos da Linguagem.

Orientadora: Dr.ª Cíntia da Costa Alcântara

Coorientadora: Dr.ª Paula Fernanda Eick Cardoso

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O11i Oliveira, Cesar Trindade de

O infinitivo flexionado em português brasileiro / Cesar Trindade de Oliveira ; Cíntia da Costa Ancântara, orientadora ; Paula Fernanda Eick Cardoso, coorientadora. — Pelotas, 2017.

196 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Sintaxe. 2. Infinitivo flexionado. 3. Infinitivo pessoal. 4. Flexão do infinitivo. I. Ancântara, Cíntia da Costa, orient. II. Cardoso, Paula Fernanda Eick, coorient. III. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

CESAR TRINDADE DE OLIVEIRA

O INFINITIVO FLEXIONADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

07 de junho de 2017

Banca examinadora:

Profª. Dra. Cíntia da Costa Alcântara
Orientadora/Presidente da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profª. Dra. Paula Fernanda Eick Cardoso
Coorientadora/Membro da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi
Membro da Banca
Doutor em Linguística Geral pela Universidade de Leiden Holanda, RUL, Holanda.

Profª. Dra. Maria José Blaskovski Vieira
Membro da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

A meus pais, sobretudo,
e a meus avós,
especiais.

Agradecimentos

Aos meus pais, Gilberto e Patrícia, por me incentivarem e me apoiarem de maneira incondicional, sempre e muito.

À Prof.ª Dr.ª Cíntia da Costa Alcântara, por aceitar *de pronto* o desafio de me orientar, sendo sempre atenciosa e gentil, apesar de todos os imprevistos advindos dessa jornada, todos sempre de minha responsabilidade.

À Prof.ª Dr.ª Paula Fernanda Eick Cardoso, por contribuir imensuravelmente para meu desenvolvimento, me acompanhando nas minhas intenções, me permitindo autonomia, sendo sempre a pessoa atenciosa que foi comigo durante todo o meu percurso acadêmico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

Ao Prof. Dr. Sérgio de Moura Menuzzi, por me permitir me aprofundar nos meus estudos, respondendo a todos os meus inúmeros questionamentos (e foram muitos), sempre de bom grado, em todos os momentos, por todos os meios.

À Júlia, que não me deixou abandonar as Letras, me incentivou à seleção do mestrado e, muito recentemente, me persuadiu (com muito esforço) a não deixar ambos ao mesmo tempo, sempre com muita calma e companheirismo.

“Por muito do resto que lhe falte, a paisagem sempre sobrou,
abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto
a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso,
de tanto existir, não se acabou ainda.”

(José Saramago)

Resumo

OLIVEIRA, Cesar Trindade de. **O Infinitivo Flexionado em Português Brasileiro.** 2017. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

No Português Brasileiro, existem dois tipos de orações reduzidas de infinitivo: uma que comporta uma flexão número-pessoal e outra sem flexão alguma. O infinitivo com flexão, chamado de infinitivo pessoal ou flexionado, se constitui há tempos como um problema para os estudiosos da área da linguagem, permanecendo algumas questões em aberto. Nosso estudo tem o objetivo de revisitar o seu comportamento, apresentando alguns dos "problemas" remanescentes e inovadores do PB, seja pela tradição gramatical, que não encontra uma forma harmônica de descrever os contextos em que ele pode ocorrer, seja pela linguística, que não adota uma teoria unificada. Assim, apresentaremos a visão da tradição gramatical e a visão da linguística como forma de abordá-lo a partir de diferentes perspectivas. Nosso intuito é verificar se o trabalho de Eduardo Raposo, que atribui à Teoria do Caso a principal disposição para licenciamento do Infinitivo Flexionado, dá conta dos exemplos encontrados no *Corpus LLIC-PósLetrasUsp* e de que forma os resultados de um teste de julgamento realizado podem ser avaliados sob essa ótica. São levantados alguns questionamentos que permanecem sem resposta: a questão do alçamento do sujeito em sentenças com verbo auxiliar (aspectual ou modal); a natureza da preposição que acompanha os verbos auxiliares aspectuais; a dupla concordância verbal com um único sujeito nas perífrases; a concordância do verbo principal das locuções com o vestígio do alçamento do sujeito.

Palavras-chave: Sintaxe; Infinitivo Flexionado; Infinitivo Pessoal; Flexão do Infinitivo.

Abstract

OLIVEIRA, Cesar Trindade de. **The Inflected Infinitives in Brazilian Portuguese.** 2017. 196f. Dissertation (Master Degree In Language) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

In Brazilian Portuguese, two types of reduced sentences of infinitive are existing: one that includes a personal number morphology and one without any inflection. The inflected infinitive, called personal infinitive or inflected infinitive has been for a long time a problem for researchers on language, fact that left some questions remaining. Our study aims to present some of these problems on the grammatical tradition, which did not find an harmonious way to describe the contexts of bending infinitives occurrence, either by linguistics, which does not adopt a unified theory, since many researches address the problem differently. For this reason, we will cover the traditional grammar and linguistics view in a way to present the problem as well as presenting problems that are displayed in each of these fields of study. Later, we will try to verify if Raposo's paper on the inflected infinitives supports the examples found in the Corpus *LLIC-PostLetrasUsp* and in what way the results of a trial test can be evaluated in this perspective. Some questions that remain unanswered are raised: the question of the subject's elevation in the structure in sentences with auxiliary verb (aspectual and modal); the nature of the preposition that accompanies the auxiliary aspectual verbs, the double verbal agreement (of the verbal locution) with one only subject; and the verbal agreement of the main verb of the verbal locution with the subjetc trace.

Keywords: Syntax; Inflected Infinitives; Personal infinitive; Infinitive Inflection.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Infinitivos em compl. adjetivais em Canever (2012). 72
Tabela 2 Infinitivos em compl. adjetivais com v. pas., em Canever (2012). 72
Tabela 3 Infinitivos em compl. adjetivais com voz ativa, em Canever (2012). 72
Tabela 4 Infinitivos em compl. nominais, em Canever (2012). 73
Tabela 5 Infinitivos em perífrases aspectuais, em Canever (2012). 73
Tabela 6 Infinitivos em perífrases modais, em Canever (2012). 74
Tabela 7 Infinitivos em or. finais, quadro geral, em Canever (2012). 74
Tabela 8 Infinitivos em or. finais com 1a p. pl., em Canever (2012). 74
Tabela 9 Infinitivos em or. finais com 3a p. pl., em Canever (2012). 75
Tabela 10 Infinitivos em or. finais com 3a p. pl. e v. pas., em Canever (2012). 75
Tabela 11 Infinitivos em or. causais, quadro geral, em Canever (2012). 75
Tabela 12 Infinitivos em or. completivas, em Canever (2012). 76
Tabela 13 Infinitivos em or. temporais, em Canever (2012). 76
Tabela 14 Infinitivos com próclise, em Canever (2012). 77
Tabela 15 Infinitivos com ênclise, em Canever (2012). 77
Tabela 16 Infinitivos com verbos de alçamento, em Canever (2012). 77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ____ **10**

1. INFINITIVO FLEXIONADO ____ **13**

1.1. Um panorama sobre o infinitivo flexionado ____ **13**

1.2. Um tratamento prévio do fenômeno ____ **18**

1.2.1. A abordagem da Gramática Tradicional ____ **18**

1.2.1.1. A análise em Cunha & Cintra (1985) ____ 19

1.2.1.2. A análise em Cegalla (1996) ____ 21

1.2.1.3. O consenso dos gramáticos ____ 23

1.2.2. A abordagem Linguística ____ **23**

1.2.2.1. A análise em Mario Perini (1996) ____ 23

1.2.2.2. A análise em Figueiredo Silva (1996) ____ 28

2. *O QUADRO TEÓRICO* ____ **33**

2.1. A Teoria de Regência e Ligação ____ **33**

2.1.1. A Teoria do Caso ____ **36**

2.1.2. A Teoria da Ligação ____ **37**

2.1.3. As unidades PRO e pro ____ **38**

2.1.4. A Teoria do Controle ____ **41**

2.1.5. O parâmetro pro-drop ____ **43**

2.1.6. A Hipótese Inacusativa ____ **47**

2.1.6.1. Os Verbos de Alçamento ____ 57

2.2. Abordagens (mais ou menos) contemporâneas ____ **65**

2.2.1. A análise em Eduardo Raposo (1987a), para o Inf-F do PE ____ **66**

2.2.2. A análise em Canever (2012), de frequências em PB ____ **70**

3. METODOLOGIA ____ **79**

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES ____ **83**

4.1. A abordagem pela linguística gerativa ____ **83**

4.1.1. Preliminarmente, sobre a linguagem infantil ____ **84**

4.1.2. Sobre a Teoria do Caso (em Raposo, 1987a) ____ **87**

4.1.2.1. As construções Causais ____ 92

4.1.2.2. As Orações Complemento Nominal ____ 97

4.1.2.3. As Orações Temporais ____ 99

4.1.2.4. As Orações Complemento Adjetival 103
4.1.2.5. As Orações Finais 104
4.1.2.6. A colocação pronominal: a Próclise 106
4.1.2.7. As Orações Relativas 108
4.1.2.8. As Orações Completivas 109
4.1.2.9. Os Verbos de Alçamento 113
4.1.2.10. As Perífrases 137
4.2. Os resultados do teste de julgamento 164
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 173
REFERÊNCIAS 177
ANEXOS 180

INTRODUÇÃO

É sabido que o Português possui dois tipos de infinitivo: um sem flexão alguma [-Agr] e outro marcado pela flexão de número-pessoa [+Agr], o qual concorda com o sujeito da oração subordinada. Na oração encaixada reduzida de infinitivo, quatro são as possibilidades de preenchimento da posição de sujeito, sendo que PRO figura nas orações em que não há flexão, bem como *t*, enquanto nas flexionadas figuram *pro* e o sujeito lexicalmente realizado. A presente pesquisa tem a intenção de analisar a realização do infinitivo flexionado (Inf-F) no sistema linguístico do Português Brasileiro (PB), levantando algumas questões e contribuindo de alguma maneira para o entendimento desse tópico.

Para que possamos verificar o comportamento do infinitivo [+Agr] do PB, organizamos nosso trabalho da seguinte maneira: abordamos o infinitivo flexionado como objeto de estudo. Traçaremos um panorama geral sobre ele, discorrendo sobre suas propriedades básicas, sobre o paradigma morfológico que na nossa língua o permite, sobre as posições sintáticas em que ele pode figurar. Num segundo momento, apresentaremos algumas abordagens, tanto da gramática tradicional quanto de uma perspectiva linguística, como forma de situar o leitor em algumas questões de discussão. Serão apresentadas as visões de Cunha&Cintra (1985) e Cegalla (1996) sobre a distribuição dos infinitivos no PB. Sobrea a abordagem linguística do Inf-F: será abordada a visão de Perini (1996), uma classificação dos verbos a partir de propriedades sintático-semânticas quanto complementização; a visão de Figueiredo Silva (1996), que, da mesma maneira, pressupõe verbos agrupados por suas propriedades sintático-semânticas, tal como Perini, mas de maneira um pouco mais aprofundada.

Exporemos, então, as premissas do quadro teórico utilizado para a realização deste estudo. Abordaremos a Teoria da Regência e Ligação, uma teoria modular composta de subsistemas que atuam para a boa formação da língua utilizada, bem como seus subsistemas: a Teoria do Caso, responsável pela atribuição de Caso abstrato aos NPs realizados foneticamente, a Teoria da Ligação , responsável pela interpretação referencial dos NPs da estrutura oracional, as categorias vazias PRO e

pro, sujeitos, respectivamente, do infinitivo não-flexionado (Inf-ñ-F) e do Inf-F, a Teoria do Controle, que trata de determinar um sujeito semântico ao sujeito sintático de Inf-ñ-F, o parâmetro do Sujeito Nulo (*pro-drop*), que permite que o sujeito seja apagado da estrutura sintática na forma fonética, a Hipótese Inacusativa e o caso dos Verbos de Alçamento. Apresentaremos, então, duas abordagens acerca do Inf-F: primeiro, veremos a descrição em Raposo (1987a) sobre o Inf-F para o PE, principal teoria a ser desenvolvida no capítulo de Análises e Discussões do nosso trabalho, para quem a Teoria do Caso é capaz (até certo ponto e apesar da limitação de contextos avaliados pelo autor em relação ao rol que exporemos) explicar o licenciamento da variante flexionada; depois, apresentaremos os resultados obtidos em Canever (2012), a partir de uma abordagem baseada no uso, a qual sinaliza algumas tendências do Inf-F em PB na modalidade padrão escrita da língua.

Apresentaremos a nossa Metodologia de trabalho seguida das *Análises e Discussões*, em que passaremos verificar o comportamento do infinitivo flexionado no *corpus* adotado para a pesquisa, o LLIC-PósLetrasUsp (constituído por trabalhos de pós-graduação feitos em Programas de Pós-graduação da Universidade de São Paulo). Iremos tentar verificar se, a partir das disposições em Raposo (1987a), é possível dar conta dos casos mais curiosos e, de certa maneira, mais particulares do PB. No segundo momento do capítulo, apresentaremos os resultados do nosso teste de julgamento, sendo igualmente avaliadas sob a ótica de Raposo. Realizado por meio da plataforma SurveyMonkey, o teste apresentava 2 alternativas de sentenças com orações infinitivas (uma flexionada e uma não-flexionada), das quais o informante deveria julgar como mais adequada uma ou ambas, caso não fosse perceptível diferença alguma de produção ou aceitabilidade, de forma a nos permitir contrastar os resultados do julgamento – mais informal – com os dados de tendência apresentados em Canever (2012) – para o contexto de linguagem escrita monitorada.

A hipótese de trabalho é, então, averiguar até que ponto os dados mais atuais (e inovadores) são suportados pelas descrições feitas por Raposo: A Teoria do Caso é capaz de dar conta dos casos mais inesperados? Sempre que há um Caso disponível, o Inf-F pode subsistir na sentença? A ausência de Caso Abstrato pode ser compatível com o Inf-F na sentença? Os contextos mais curiosos (e bloqueados ou restritos ao Inf-F) têm suporte no quadro teórico ou são, apenas, manifestações de desempenho desvirtuadas (como alheios à gramática da Língua)?

Antecipamos, também, que algumas questões levantadas permaneceram sem resposta clara. Sobre o alçamento do sujeito em sentenças com verbo auxiliar (aspectual ou modal): parece haver uma sinalização de que a distribuição do Caso à direita pode acontecer ou não acontecer, a depender do verbo em questão; a natureza da preposição que acompanha os verbos auxiliares aspectuais (em verbos como *começar a, passar a, acabar por*) não pôde ser determinada, além de ser ausente uma discussão nesse sentido na literatura da área; a dupla concordância verbal com um único sujeito em locuções ou perífrases encontrada nos dados, tanto do *corpus* LLIC-Usp quanto do teste de julgamento (tal como em *parecem serem, acabam por serem, têm que serem*) encontra alguns empecilhos teóricos para ser explicada; a concordância do verbo principal das locuções com o vestígio do alçamento do sujeito, tendo em conta que o alçamento do sujeito ainda acontece para a posição SpecIP da oração matriz (tal como podemos ver em *manuscritos$_j$ poderiam t_j serem*) seria um caso claro (ou inovador). Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

1. INFINITIVO FLEXIONADO

1.1. Um panorama sobre o infinitivo flexionado

Uma das propriedades marcantes do Português Brasileiro (doravante PB) é a possibilidade de seus verbos infinitivos apresentarem marcas visíveis de concordância de número, fenômeno denominado “infinitivo flexionado” ou “infinitivo pessoal” pela Gramática Tradicional (doravante GT). Para exemplificar tal flexão, listamos os exemplos em (1):

(1) a. O João disse pra *Maria parar de fumar*.
b. O João disse pros *guris pararem com essa história de fumar*.

Explicar o comportamento sintático dessas construções tem sido uma tarefa bastante árdua, seja pela GT, seja pela literatura linguística da área. Não há consenso sobre em que contextos exatamente o Inf-F pode ocorrer, o que gera uma série de análises que destoam e que, geralmente, podem ser contraditas por um ou outro exemplos, ocasionando uma série de exceções e lacunas nas tentativas descritivas ou normativas de tais teorias.

Em termos gerais, as orações infinitivas que possuem o morfema crucial de número-pessoa sobre o infinitivo sofrem com uma série de limitações quanto à sua ocorrência[1]. Um exemplo base é a possibilidade exclusiva de figurarem como orações

[1] As limitações a que são submetidas as orações infinitivas ficarão claras nas próximas seções, quando descrevermos detalhadamente os contextos sintáticos em que elas podem aparecer. Contudo, adiantamos que tais aparentes restrições podem ser contornadas, talvez, com uma análise que adote um paradigma distinto dos até então propostos, fato que também suscitaremos.

subordinadas do contexto sintático, nunca como orações principais ou absolutas[2], conforme vemos em (2):

(2) a. O João pretende *chegar* cedo. (Or. infinitiva subordinada)
b. *O João *pretender* chegar cedo. (Or. infinitiva principal)
c. O João *chegou* cedo. (Or. finita absoluta)
d. *O João *chegar* cedo. (Or. infinitiva absoluta)

Embora o paradigma verbal do PB tenha sofrido uma simplificação, a frequência de construções com Inf-F se mostra bastante alta. Para exemplificar essa redução no número de desinências que atuam sobre o infinitivo flexionado, apresentamos o quadro a seguir, em que as duas colunas à esquerda se referem ao paradigma da norma e, possivelmente, o do português até meados do século XIX enquanto as duas colunas à direita referem-se ao paradigma corrente:

Paradigma da norma		**Paradigma do português corrente**	
Eu	amar *-Ø*	Eu	amar *-Ø*
Tu	amar *–es*	Tu	amar *–es/Ø*
Você	amar *–Ø*	Você	amar *–Ø*
Ele/Ela	amar *–Ø*	Ele/Ela	amar *–Ø*
Nós	amar *–mos*	Nós	amar *–mos*
		A gente	amar *-Ø*
Vós	amar *–des*	Vocês	amar *–em*
Eles/Elas	amar *–em*	Eles/Elas	amar *–em*

[2] Há exceções quanto a não-possibilidade de figurarem como orações absolutas. Nas orações interrogativas, p.e., o PB parece permitir que essas estruturas oracionais figurem como não-subordinadas, cf. ex.:
(1) O João *chegar* cedo? - Isso eu nunca vi.
(2) A Maria *abrir* a mão? - Mão-de-vaca daquele jeito?
(3) Os guris *dividirem* a conta? - Acho que não vai rolar.
Merece ser levada em consideração, também, a possibilidade de a pergunta ser respondida com uma oração infinitiva sozinha. Para esse caso, deve ser considerada a elipse de uma possível oração principal, possivelmente, cf. ex.:
(4) O que tu vai fazer amanhã, Maria? a. - Estudar a sintaxe do PB e escrever bastante.
b. - Dormir até tarde!
c. - Sei lá, descansar!
Castilho (2012) considera o infinitivo, nesses casos, como o núcleo da sentença simples.

É possível perceber, segundo o quadro 1, que a morfologia Ø expandiu o seu campo de atuação, passando a figurar como desinência para os dois pronomes de 2ª pessoa do singular, além de entrar em concorrência com a 1ª pessoa do plural (nós), a partir do ingresso do pronome *a gente* no quadro pronominal. Outro fato notável é a perda da morfologia de 2ª pessoa do plural com o desaparecimento do pronome vós, substituído por *vocês*, o qual ingressou no quadro adotando a desinência *–em*. O quadro que segue apresenta um contraste entre os infinitivos não-flexionados e flexionados:

Infinitivo não-Flexionado	**Infinitivo Flexionado**	
am-a-r	Eu	am-a-r *-Ø*
	Tu	am-a-r *–es/Ø*
	Você	am-a-r *–Ø*
	Ele/Ela	am-a-r *–Ø*
	Nós	am-a-r *–mos*
	A gente	am-a-r *-Ø*
	Vocês	am-a-r *–em*
	Eles/Elas	am-a-r *–em*

A segmentação dos infinitivos no quadro acima nos permite identificar a sua constituição morfológica, em que radical, vogal temática e sufixo de infinitivo são compartilhados tanto pelo Inf-F quanto pelo Inf-ñ-F:

am	-	radical
a	-	vogal temática
r	-	sufixo de infinitivo

O detalhe do quadro seria, então, correlacionar as desinências número pessoais do infinitivo flexionado:

Ø/es/mos/em	-	desinência número-pessoal (Inf-F)

Cabe dizer que regras de concordância que motivam a flexão do infinitivo podem ou devem ser aplicadas, a depender da percepção de um sujeito ou da

presença de um que seja realizado lexicalmente. Conforme veremos mais adiante, algumas questões sobre os verbos infinitivos recaem sobre os sujeitos que explicitamente sejam identificáveis ou sobre unidades abstratas da linguagem, que não possuem matriz fonética, tais como *PRO – para os infinitivos não-flexionados* – e *pro – para os* flexionados.

As estruturas oracionais com verbos infinitivos são chamadas pela GT de orações reduzidas de infinitivo, podendo figurar com funções sintáticas diversas na frase enquanto orações subordinadas, preenchendo as posições de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto. A fim de demonstrar contextos em que as infinitivas podem ser encaixadas, apresentamos os exemplos a seguir:

(i) Oração subjetiva
   a. *Beber bastante água* vai me fazer bem.
   b. *Vocês prepararem uma festa surpresa* foi demais.

(ii) Oração completiva
   a. Os guris sabem *fazer churrasco super bem.*
   b. O que leva os agressores a *praticarem o ato de valentismo.*

(iii) Complemento Nominal do substantivo
   a. O fato de *não terem ou usarem uma determinada marca de roupa ou tênis* não faz mais ou menos de alguém.
   b. [...] propósito de *servirem* para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística [...][3]
   c. [...] dificuldade de *serem entendidas* pelo interlocutor, mas as que apresentam...

(iv) Complemento Nominal do Adjetivo
   a. Esses são casos difíceis *de resolver*.
   b. Esses são alimentos bons *de serem ingeridos* pela manhã.

[3] Exemplo (15) em Canever (2012).

(v) Orações Adjuntas

a. Eles compraram carne pra *fazer churrasco*.
b. Os meninos trouxeram essas cobertas pra *fazerem cabaninhas*.

O contexto sintático de ocorrência da oração infinitiva não é palco de discussões da literatura da área, mas, sim, a distribuição, nesses contextos, de infinitivos flexionados ou de infinitivos não-flexionados. Restrições sobre a distribuição dos Inf-Fs, p.e., alcançam as locuções verbais, nas quais tradicionalmente a predição é de infinitivos sem flexão, conforme os exemplos em (vi), que seguem:

(vi) Perífrases

a. Os meninos, quando chegam no parque, *acabam por ser* crianças.
b. Para não confessarem sua inventividade, muitos autores *chegam a citar* fontes.[4]
c. Essas tomadas *devem ser instaladas* por um técnico qualificado.

Nesse contexto, todavia, temos sentenças como:

d. [...] comparatistas nos quais as relações entre literaturas *passaram a serem* estudadas ...
e. [...] pois *podemos tornarmos* agressores ...

Por um lado, gramáticos apresentam uma perspectiva quase normativa, tentando esclarecer quando deve ser utilizada uma ou outra forma, por outro, linguistas renomados tentam identificar padrões de utilização das duas formas a partir de noções que permitam descrever as possibilidades de ocorrência do Inf-F e as justificativas para cada um. Perini (1996), por exemplo, afirma que a flexão do infinitivo é dependente de uma série de traços do verbo principal, tanto sintáticos quanto semânticos; Raposo (1987) também afirma que tais propriedades influenciam na distribuição dos Inf-Fs, associando a ocorrência, primariamente, ao Caso Abstrato

[4] Exemplo original em Canever, 2012, p. 87.

presente (ou não) na posição AGR[5]; Canever (2012), em oposição a ambos os autores citados anteriormente, abre mão da análise que explica a estrutura da sintaxe do PB, tentando realizar um estudo de tendências da linguagem brasileira quanto ao acontecimento da flexão da oração infinitiva, adotando um paradigma funcionalista de linguagem, a partir da análise de dados coletados. O fato é que nos deparamos com um comportamento sintático ainda não-esclarecido, e que se constitui como cenário de controvérsias e posicionamentos teóricos desarmônicos.

1.2. Um tratamento prévio do fenômeno

1.2.1. A abordagem da Gramática Tradicional

Perini (1996) afirma que as construções com infinitivo flexionado constituem um enigma até hoje não satisfatoriamente analisado. Um reflexo dessa afirmação é a falta de uniformidade nas análises da GT. Nossa intenção não é a de realizar um estudo sob a ótica da prescrição ou da normatividade, mas, sim, sob a ótica da linguística a partir da descrição da TRL sobre o fenômeno da linguagem. Contudo, cremos que as muitas análises da GT, diversificadas e afastadas da realidade, mostram como o Inf-F "continua a desafiar a inteligência dos linguistas" (SCHAF FILHO, 2003, p. 11). As orações infinitivas podem variar entre o Inf-ñ-F e o Inf-F, e essa "duplicidade incômoda" fez com que os gramáticos até hoje não tenham chegado a "um consenso quanto ao emprego de um e de outro nos diferentes contextos sintáticos" (idem, p.71). Nossa intenção é apenas mostrar ao leitor a enorme divergência entre o fato real da linguagem e a predileção da GT, em um contraste objetivo com nossos dados. Questionamos os exemplos apresentados pela tradição gramatical nas notas de rodapé, quando possível, com registros de linguagem escrita formal utilizada em contextos monitorados de linguagem para que possamos verificar a aceitabilidade de estruturas contrastivas. Nossa reflexão seria objetiva e concisa, não fossem tantas as

[5] A posição [Agr], neste trabalho, será adotada conforme o trabalho de Raposo (1987): unidade interna ao sintagma IP/InfP. Interna a InfP será adotada no nosso trabalho, como forma de diferenciar o IP tradicional do InfP (que sofre com restrições distribucionais), mas trabalharemos com a morfologia verbo-flexional como interna ao seu núcleo, neste caso Inf^0.

discrepâncias. Assim, retomamos no capítulo de discussões uma grande parte dos exemplos citados no capítulo seguinte.

1.2.1.1. A análise em Cunha & Cintra (1985)

A primeira análise que apresentamos é a de Cunha & Cintra (1985). Os autores da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* abordam, primeiramente, o problema com que se deparam os gramáticos do PB, ou seja, o emprego do infinitivo. Nesse sentido, discorrem:

> O emprego das formas flexionadas e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical mais se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão. Por isso tudo parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no infinitivo no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO. (CUNHA&CINTRA, 1985)

Ainda que os autores afirmem que parece ser mais acertado falar de tendências, os exemplos apresentados estão descompassados da língua que realmente é utilizada pelo brasileiro. Cumpre notar que, quase que exclusivamente, os exemplos são retirados da tradição literária, o que estaria em conformidade com a proposta de uma gramática "de tendências intencionada a orientar a linguagem escrita, mas não a "oral" (p. XIII).

Para os autores, a forma infinitiva não-flexionada conserva-se quando[6]:

(i) Quando o infinitivo é impessoal, não se referindo a nenhum sujeito:

a. **Amar** os homens é sempre uma alegria dolorosa.

(ii) Quando tem valor de imperativo:

a. E Deus responde – "**Marchar**"!

[6] Não apresentaremos todos os contextos, visto que, claramente, algumas das construções são típicas do Português de outros países – tal como o infinitivo com função gerundiva, em *estar a jogar*.

(iii) Quando, em frase de caráter nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo:

a. Mais dois dias, e Catarina a **piorar**.

(iv) Quando precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil, difícil, possível, bom, raro* e outros semelhantes:

a. Há decisões fáceis de manter, lembranças difíceis de afastar.[7]

(v) Quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

a. Os galos começaram a cantar.[8]

Numa última enumeração, surgem exemplos tais como em (vi):

(vi) a. Domingos mandou os homens **levantarem-se.**

b. Vi teus vestidos **brilharem**.

c. Ele viu-as **entrarem [...]**.[9]

Ao apresentar as formas de infinitivo flexionado, diz-se:

- Quando tem claramente um sujeito expresso;
- Quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar conhecimento pela desinência verbal;

---

[7] Contraste com as construções abaixo:
(5) "[...] categorias referidas eram muito vagas, variáveis **difíceis de serem** controladas". (Ex. 1, p. 84)
(6) "[...] serem objetos estáticos, são sim, **passíveis de sofrerem** influências externas, cabendo [...]" (Ex. 12, p. 85)
(7) "[...] problemas", devido à sobrecarga de NPs **possíveis de serem** utilizados na associação do NP" (p. 122)
(8) "[...] de maneira adequada" e "...ficariam mais **fáceis de serem** compreendidos". (p. 122)
Ou com nossos dados:
(9) Muitas vezes os **responsáveis por manterem** a ordem e a disciplina [51 l. 16]

[8] Contraste com dados nossos:
(10) [...] as pessoas **tem que serem** perfeitas [111, 5]
(11) Por isso **tem que tomarem** medidas eficazes [...] [118, 21]
(12) [...] os pais **deveriam participarem** mais da vida escolar do filho e a direção junto com os professores **imporem** mais limites [139, 30]

[9] Todavia, sobre esse exemplo, Cintra&Cunha (1985) afirmam que são construções raras as que apresentam um pronome oblíquo na posição de sujeito. Para a sintaxe gerativa, contudo, trata-se das chamadas marcações excepcionais de Caso, em que o Caso é distribuído por um regente externo.

- Quando, na 3ª p. do plural, indica a indeterminação do sujeito; e
- Quando se quer dar maior ênfase ou harmonia à frase.

Todos os contextos de Inf-F são resumidos na conclusão:

> [...] a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação (Said Ali). No primeiro caso, preferiremos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, O FLEXIONADO.
> Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática. (CUNHA&CINTRA, 1985, p. 478)

Daqui adiante, não retomaremos certos itens do rol apresentado nesta seção, ainda que estejam presentes em outros estudos que virão a ser apresentados, por não contribuírem de alguma maneira para o foco deste estudo[10], sob pena, também, de nos tornarmos redundantes.

1.2.1.2. A análise em Cegalla (1996)

Cegalla analisa o infinitivo de maneira bastante breve, apresentando, basicamente, um rol de contextos comportando, ao menos, a maior parte de Inf-Fs possível. Quanto aos Inf-ñ-Fs, sustenta que ele é utilizado nos seguintes casos:

(i) Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

a. Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

b. Eles sentiram prazer em *prestar* estes serviços. [11]

c. Eles estão propensos a *concordar*.[12]

---

[10] Infinitivo com sentido impessoal; infinitivo com valor imperativo; infinitivo com valor narrativo.

[11] Contraste com nossos dados:
(13) Somente com consciência e a nossa **capacidade de amarmos** uns aos outros [54 l. 24]
(14) Tendo como principal consequência pra o futuro **o peso de carregarem** dentro de si ... [59 l.21]
(15) Alguns jovens [...] na sua fase de crescimento**, idade de desempenharem** suas funções psicológicas, criar suas ideias [119, 8].

[12] Os dados de complemento do adjetivo já foram apresentados na Nota de rodapé nº 7.

(ii) Quando o infinitivo forma uma locução verbal, ou, via de regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

a. Costumamos levantar cedo.

b. *Podemos*, depois disso, *ir* ao cinema.

c. Evita *prometer* o que não *podes cumprir*.[13]

(iii) Do mesmo modo que Cunha&Cintra, Cegalla assume que as orações com verbos ECM devem ser compostas de Inf-ñ-F, conforme exemplos:

a. Faça-os *entrar.*

b. Mande-as *esperar*.

c. Vejo-os *sair.*

Uma observação é feita pelo autor no sentido de que a forma flexionada, com verbos reflexivos, é possível ou até mesmo uma preferência de uso[14]. Outra observação de Cegalla é a de que quando o verbo tiver sentido passivo o emprego do Inf-F adequado[15].

Um último ponto que gostaríamos de mencionar sobre essa gramática é a construção com o verbo *parecer:* Cegalla assume que tanto o verbo auxiliar quanto o verbo principal de uma locução verbal podem ser flexionados, alternadamente. Assim, teríamos sentenças como:

(3) a. As montanhas ***pareciam*** **fugir** à nossa aproximação [...].

b. As medidas de segurança postas em execução **parece** ***encontrarem*** apoio na descoberta de uma vasto plano subversivo que estaria prestes a ser desencadeado.

---

[13] Contraste com dados em Canever (2012):

*(16)*Olyan salienta que alguns comentadores admitem necessariamente tal associação; eles *tendem a serem* [...]. (p. 124)

(17)que *acabam* por *revelarem-se* profundamente íntimos e apaixonados. [...] (idem)

[14] Tal nota é corroborada pela pesquisa de Schaf Filho (2003, p. 88-89), que também identifica esse contexto como um dos mais fortes favorecedores para a ocorrência de Inf-F.

[15] No mesmo sentido, Canever (2012), apresentou um estudo de tendências sobre o Inf-F, no qual chega a identificar que determinados contextos sintáticos o favorecem, efetivamente. Um dos dados apresenta a passividade do verbo Inf-F: tende a ser flexionado em 89,4% dos casos (p. 83).

Além destas, foram pesquisadas outras gramáticas, a saber: Castilho (2012), Bechara (2009). Contudo, os estudos desses autores trazem funções sintáticas de ocorrência, uma tipologia das sentenças infinitivas, ou o papel desempenhado nas locuções verbais ou perífrases, razão pela qual não discorreremos sobre elas – as gramáticas.

1.2.1.3. O consenso dos gramáticos

Um ponto pacífico entre os gramáticos é a afirmação de que o emprego do infinitivo flexionado sempre acontecerá quando o sujeito da oração infinitiva e o sujeito da oração principal forem distintos. Os exemplos são de Schaf Filho (2003, p. 85):

(4) Garner pediu [para os iraquianos reconstruírem seu país].
(5) Bastava [as nuvens se encapelarem], o homem de preto rumava aos lupanares.
(6) É hora [de dizermos não à reforma da Previdência].
(7) O delegado mandou [calarem a boca].
(8) A testemunha afirmou que viu [arrombarem o carro do ministro].
(9) A testemunha afirmou que viu [eles arrombarem o carro do ministro].

1.2.2. A abordagem Linguística

No presente capítulo, abordaremos a visão de linguistas renomados que se dedicaram, em algum momento, à análise do infinitivo flexionado. Nosso intuito é perceber critérios de seleção para as orações infinitivas flexionadas na sua subordinação, tanto sintáticos quanto semânticos.

1.2.2.1. A análise em Mario Perini (1996)

Perini (1996) afirma que a construção com o infinitivo flexionado "constitui um enigma até hoje não satisfatoriamente analisado" (p.199-200). O autor sustenta que os casos de Inf-F precisam ser analisados a partir de dispositivos específicos, uma

vez que o sistema que governa a concordância verbal não parece dar conta de maneira autônoma.

Significa dizer que o infinitivo segue regras próprias, afastando o entendimento de que uma "regra geral" pudesse ser aplicada ao fenômeno da Concordância, fosse ela aplicada às formas finitas do verbo, fosse às formas infinitivas[16]. Perini, então, analisa, conforme mostraremos a seguir, o Inf-F em oposição ao Inf-ñ-F, tentando fornecer um "retrato da situação tal como se apresenta na superfície" (p. 200).

Perini argumenta que as possibilidades de ocorrência do Inf-F dependem de traços sintáticos e semânticos do verbo principal que seleciona a oração reduzida de infinitivo. Num verbo como *lamentar*, a flexão do infinitivo é licenciada:

(10) Eles lamentam muitíssimo estarem desempregados.[17]

Enquanto, no verbo *querer*, a flexão do infinitivo sofre uma restrição que a torna impossível:

(11) *Eles queriam muitíssimo vencerem o jogo.[18]

Perini formula, então, três Regras do Infinitivo Flexionado (RIF), ou seja, regras que regem o aparecimento da flexão do infinitivo complementadas por um Filtro – de importância secundária. Cada uma dessas regras comporta uma categoria de verbos:

1ª RIF: Quando o infinitivo é subordinado a um verbo do tipo A, é livre a ocorrência de sufixo de pessoa-número (SPN).

2ª RIF: Quando um infinitivo é subordinado a um verbo do tipo B, a ocorrência de SPN só é admitida se a oração subordinada é introduzida por preposição.

---

[16] O autor chegou a assumir essa hipótese (ver Perini, 1977).

[17] Exemplo original nº (133), p. 200.

[18] Exemplo original nº (134), p. 200.

3ª RIF: Quando o infinitivo é subordinado a um verbo do tipo C, a ocorrência de SPN só é admitida se:
(a) a oração subordinada é introduzida por preposição, ou se
(b) há um candidato possível a sujeito da subordinada.

- Um exemplo de verbo do tipo A seria:

(12) a. Os diretores lamentam profundamente não disporem de recursos.
b. Os diretores lamentam profundamente não dispor de recursos.

Em que ambas as formas de infinitivo, flexionado e não-flexionado, concorrem pacificamente, dependendo o emprego de cada um deles de livre escolha do usuário.

- Um verbo do tipo B seria *querer*, que, conforme dissemos anteriormente, tornaria a oração encaixada com Inf-F impossível, cf. exemplo em (69):

(13) a. *Nós queremos sairmos.
b. Nós queremos sair.

A agramaticalidade da sentença em (13a) é comprovada sem sombra de dúvida[19]. Em Perini (1977), o autor considera que o verbo querer, entre outros com comportamento particular, quando o sujeito da sentença matriz e o sujeito da sentença subordinada são idênticos, acontece uma transformação chamada *supressão do sujeito* idêntico. Voltando aos tipos de verbo, segundo o autor (1996), o verbo *querer* é um verbo do tipo B, que, segundo a 2ª RIF, poderia ter a oração subordinada encaixada com infinitivo flexionado caso fosse introduzida por preposição. Para atestar:

(14) a. Nós queremos um visto para entrarmos no país.

[19] Conforme veremos adiante, o contexto de completivas com 1ª p. do plural se trata do mais restrito, segundo o estudo que apresentaremos na seção 2.3.4.

b. Nós queremos um visto para entrar no país.[20]

Perini argumenta que a sentença em (14b) é muito mais aceitável do que a sentença em (14a), mas que a preposição inserida nessa sentença impede que a 2ª RIF exclua a frase de um critério de boa formação.

- Um exemplo de verbo do tipo C seria *ver*, submetido à 3ª RIF, sendo dependente ou de uma preposição ou de um candidato possível a sujeito da oração subordinada.

(15) a. Eles viram o desastre sem fazerem nada.
b. Eles viram o desastre sem fazer nada.

A preposição *sem* permitiria que o Inf-F fosse licenciado na frase em (15a), partindo do pressuposto de que o Inf-ñ-F, por oposição, não sofresse restrição. Porém, a 3ª RIF prevê duas possibilidades: o encaixamento da subordinada por preposição ou um candidato a sujeito disponível. Para exemplificar a subordinada sem preposição, temos:

(16) a. Vi os cavalos correrem.
b. Vi os cavalos correr.

Para que a análise possa ser feita, Perini sugere que, ao contrário do que a intuição preveria, o NP *os cavalos* não é complemento do verbo *ver*, mas, sim, o início do complemento oracional do verbo *ver*. Nesse sentido, a segmentação da sequência em (16a) seria:

[Vi [os cavalos correr]]

Enquanto a segmentação da sequência em (16b) seria:

[20] Dentre as muitas contribuições de Sérgio Menuzzi, destaca-se que, enquanto oração adjunta de finalidade [*para entra(mos) no país*], nada deve ter a ver com o tipo de verbo, salvo que o verbo da sentença matriz deva admitir uma oração dessa natureza (or. final).

[Vi os cavalos [correr]]

Como resultado de uma adequação da linguagem aos elementos disponíveis na estrutura. O fenômeno denominado *flutuação* por Perini, em suma, sustenta que a possibilidade de dupla análise da estrutura está disponível, sempre que as RIFs permitam que a frase seja vista como bem formada. Uma prova de que nem sempre essa *flutuação* na interpretação é permitida pelo sistema linguístico seria a tentativa de manipular a sentença apresentada em (13), reproduzida em (17):

(17) a. *Nós queremos nós sairmos.
b. *Nós queremos eles saírem.

A tentativa de apresentar ao verbo *sair* um candidato a sujeito seria irrelevante, uma vez que o verbo *querer* somente permitiria o encaixamento da subordinada infinitiva com SPN com uma preposição, ainda que a aceitabilidade seja questionável.

Outra relação entre as sentenças em (17a,b) e a necessidade de um candidato a sujeito seria manipular a sentença de forma a deixar uma forma oblíqua no lugar de *os cavalos*, cf. exemplo em (18):

(18) a. *Vi-os correrem.
b. Vi-os correr.

O pronome *os* não pode figurar como sujeito da sentença, uma vez que, como pronome oblíquo, somente poderia figurar na estrutura em posições não-subjetivas. Com uma oração encaixada com Inf-ñ-F, todavia, a flutuação permitiria que a segmentação fosse distinta, resultando numa interpretação válida, apresentada em (18b).

Outro ponto da análise de Perini sugere a existência de um Filtro de Dupla Desinência (FDD):

FDD: Marcar como semiaceitáveis as frases que contenham um infinitivo flexionado precedido de uma forma verbal com SPN idêntico ao do infinitivo.

Esse Filtro seria a causa da estranheza gerada por sentenças que contenham *verbo finito com SPNx + verbo infinitivo com SPNx*. Uma solução para esse filtro seria, então, inserção de material linguístico entre os verbos, sendo que, quanto mais material inserido entre o verbo principal e a oração encaixada, mais o decréscimo da inaceitabilidade da sequência. Vejamos (19):

(19) a. ?Eles lamentam morarem tão longe.
b. ?Nós lamentamos morarmos tão longe.

A sequência de verbos *lamentam* e *morarem* em (19), da mesma maneira que *lamentamos* e *morarmos* em (19b), sofreria uma semiaceitabilidade em razão do FDD atuante. Contudo, material linguístico interveniente conteria a estranheza das orações:

(20) a. Eles lamentam profundamente morarem tão longe.
b. Nós lamentamos do fundo do coração morarmos tão longe.

Perini defende que a maior parte dos verbos do português são do tipo C, enquanto que a maioria dos verbos factivos é do tipo A. Há, em alguma medida, consonância com outras análises que passaremos a ver.

As explicações de Perini são semânticas, com relação à subcategorização da complementização. Mas, principalmente, observam aos critérios sintáticos permitidos pelo contexto.

1.2.2.2. A análise em Figueiredo Silva (1996)

Com uma descrição geral dos contextos de complementização em PB em que as frases infinitivas sejam gramaticais, Figueiredo Silva divide os contextos em três (3) grandes grupos, a partir do verbo da sentença matriz, ou seja, o verbo que seleciona a oração infinitiva:

(i) Grupo 1: composto por verbos de controle, que se comportam com as mesmas propriedades que as observadas em outras línguas;

(ii) Grupo 2: composto por verbos "livres", que aceitam um sujeito independente daquele da frase principal;

(iii) Grupo 3: composto de "verbos mistos", que são de controle nos casos de correferência com o sujeito matriz, mas são "livres" nos demais contextos.

- Um grupo de verbos denominado Grupo A: Os verbos de controle

Figueiredo Silva (1996) diz que, assim como todas as línguas românicas, o PB conhece construções infinitivas com controle obrigatório. Esse grupo seria bastante restrito com quatro (4) tipos de verbo, a saber:

a. Os verbos aspectuais, que bloqueariam o encaixe de um sujeito na oração subordinada, como em:

(a1) a. Eles pararam de fumar(*em).
b. Eles começaram a beber(*em).
c. Eles conseguiram fazer(*em) isso a tempo.

b. O verbo auxiliar ir, mas também outros verbos de "movimento", como vir ou correr:

(b1) a. Eles vão viajar(*em) amanhã.
b. Eles vieram bucar(*em) a Maria.
c. Eles correram chamar(*em) a Maria.

c. Os verbos modais:

(c1) a. Eles podem sair(*em).
b. Eles têm que sair(*em).

d. Os verbos que, segundo Rizzi (1982) podemos chamar "conativos":

(d1) a. Eles tentaram sair(*em).
b. Eles procuravam comprar(*em) um carro.

Além desses, alguns outros verbos seriam de controle, tais como o modal *querer* e o volitivo *preferir,* e, mais marginalmente, alguns verbos epistêmicos, cf. exemplos em (21):

(21) a. Eles queriam sair(*em).
b. ?Eles garantiram fazer(*em) isso amanhã.

A única diferença entre esses predicados em (21) e os apresentados acima deles, no Grupo A, é que estes aceitam frases finitas como complemento, no indicativo ou no subjuntivo.

- Um grupo de verbos denominado Grupo B: Os verbos "mistos"

Alguns predicados do PB conheceriam a estrutura de controle, sendo o controlador obrigatoriamente o sujeito da frase matriz. À exceção dos verbos apresentados acima, no Grupo A, os verbos do Grupo B podem escolher realizar o sujeito da frase infinitiva encaixada, que seria legitimado pela presença da flexão no infinitivo, permitindo a realização lexical. Como exemplos:

(22) a. Eles curtiram sair(*em) fora rapidinho.
b. A Maria curtiu eles saírem fora rapidinho.

- Um grupo de verbos denominado Grupo C: As construções "livres" em correferência com o objeto da frase matriz

O PB, nas construções "livres", aceitaria a correferência com o objeto da frase matriz, sendo livres por fornecerem sempre resultados gramaticais quando a flexão do infinitivo for realizada na oração subordinada infinitiva. Vejamos:

(23) a. A Maria convenceu eles de saírem junto com a gente.
b. A Maria ajudou eles a fazerem a mudança.

Figueiredo Silva chama a atenção para o fato de que, se a relação entre os dois sujeitos pode ser praticamente excluída, a referência conjunta ao sujeito e ao objeto

da frase principal pode ser considerada, ainda que marginal, conforme exemplos em (80):

(24) a. ?* Ele$_i$ convenceu a Maria$_j$ de **cv$_{i/*j}$** sair com a gente.
b. ?? Ele$_i$ convenceu a Maria$_j$ de mudarem$_{i+j}$ o dia do encontro.

Quando falamos de complementação finita, por outro lado, correferência entre sujeito encaixado e objeto matriz é totalmente excluída, sendo a única leitura possível do sujeito nulo considerar o sujeito matriz como sujeito semântico da oração encaixada:

(25) (?) Ele$_i$ convenceu a Maria$_j$ que **cv**$_{i/*j}$ saiu com a gente.

O exemplo em (25) serviria de argumento para mostrar que correferência ao objeto não poderia ser associada à construção de controle, mas que tampouco poderia ser diretamente associada à construção com tempo finito no indicativo.

Outro ponto que Figueiredo Silva apresenta é que a extração de um argumento interno à frase infinitiva é sempre possível, com qualquer que seja a preposição que introduza o complemento, cf. (26), mas que a sentença em (27) mostraria que a extração de um adjunto soaria bastante marginal:

(26) a. Quem que Maria convenceu eles de encontrarem?
b. Quem que a Maria ajudou eles a entrevistarem?

(27) a. ?* Quando que a Maria convenceu eles de mudarem?
b. ?* Como que a Maria ajudou eles a se vestirem?

- Um grupo de predicados chamado Grupo D: as construções livres com sujeito lexicalmente realizado

O Grupo D seria composto de predicados que relacionam o sujeito da oração subordinada e um dos argumentos da frase matriz permitindo que a frase infinitiva possua um sujeito lexicalmente realizado, ou seja, com referência independente, composto de verbos do Grupo B e alguns verbos do Grupo C.

(28) a. A Maria achou maus (d) eles saírem batido.
b. A Maria convenceu a Ana deles trabalharem aqui.

- Uma análise sobre as questões do PB

Considerando inicialmente a questão da presença *versus* a ausência de flexão, Figueiredo Silva (1996) mostra que os verbos que não toleram a oração infinitiva encaixada não toleram, da mesma maneira, o encaixamento através de uma preposição – tal como o fazem quando o complemento é um NP –, cf. (29):

(29) a. Eu prefiro (*de) os filmes do Almodóvar.
b. Eu prefiro (*de) ver os filmes do Almodóvar.

Com relação aos verbos do Grupo B que não têm preposição na frente do NP, toleram a inserção opcional da preposição *de* na frente das frases infinitivas. À exceção dos verbos que normalmente apresentam as preposições *de* ou *para*, verbos com outras preposições tais como *com*, para encaixar uma reduzida de infinitivo teriam que realizar a troca obrigatória da preposição por *de* (ou *pra*). Para exemplificar, vejamos os exemplos em (30):

(30) a. Ele encanou com isso.
b. Ele encanou de (?/* com) vender o carro.
c. Eles rezaram pra isso.
d. Eles rezaram pra ganhar na loto.

Essa generalização é suscitada em razão da função *dummy* dessas preposições, ausentes de conteúdo semântico.

2. *O QUADRO TEÓRICO*

Apresentaremos, neste capítulo, algumas das descrições do modelo gerativista chamado Teoria de Regência e Ligação[1] (doravante TRL). A razão para essa análise é que as subteorias que fundamentam a TRL são essenciais para os capítulos seguintes, tanto nas abordagens gerativas do infinitivo flexionado quanto para pontos específicos das nossas discussões. Veremos, ao longo do capítulo, além da TRL, algumas propostas de análise do fenômeno do infinitivo flexionado apresentadas em Perini (1996), Figueiredo Silva (1996) e Eduardo Raposo (1987a). Uma exceção às abordagens gerativistas, veremos uma análise à luz de modelos de gramática baseada no uso, tratada ao final do capítulo: Canever (2012). A ressalva para que levemos em consideração uma proposta de análise distinta é contrastarmos as predileções apresentadas em todo esse capítulo com possíveis tendências do infinitivo flexionado em PB na sincronia atual da língua.

2.1. A Teoria de Regência e Ligação

A capacidade de gerar sentenças sempre foi o impulso norteador dos trabalhos com abordagem gerativista. Chomsky declara que “o conhecimento de uma língua envolve a implícita habilidade de entender indefinidas sentenças. Consequentemente, uma gramática gerativa deve ser um sistema de regras que pode repetidamente gerar um grande e indefinido número de estruturas” (1965, p. 15-16)[2]. Com o intuito de ampliar o poder explicativo da teoria gerativista, o autor apresenta aspectos que atuam na sintaxe das línguas humanas, através de subsistemas que atuam naturalmente no inconsciente linguístico do usuário de uma determinada língua-L.

A TRL vê a linguagem a partir de uma teoria modular, constituída por diversos subsistemas em que cada um deles é responsável por um aspecto do resultado final

[1] Do inglês *Government and Binding Theory*.

[2] Chomsky (1965), tradução livre.

da língua. Apesar de os módulos atuarem conjuntamente para uma finalidade comum, podem ser analisados em separado, razão pela qual é possível identificar a atuação de cada um desses componentes em separado, convergindo, todos, para a língua como um processo complexo.

Nas noções de Princípios e Parâmetros está baseada a fundamentação da TRL: princípios são, em suma, subsistemas fixos da comunicação humana, presentes em toda e qualquer língua e que acabam por ser considerados como universais linguísticos; parâmetros, por outro lado, são a parte flexível da gramática, e que comportam espaço para uma valoração, positiva ou negativa, fixada ao logo do processo de aquisição da linguagem.

Os módulos que atuam na gramática são: *Teoria X-barra, Teoria Temática, Teoria do Caso, Teoria da Ligação, Teoria do Controle e Teoria da Regência*. Cada um deles é responsável por um aspecto da linguagem mais ou menos específico, sendo, contudo, impossível dissociá-los um do outro, pois estão interconectados e atuam, em certa medida, de maneira sobreposta.

Antes da TRL, o sistema linguístico e o seu desenvolvimento eram vistos como um conjunto de regras sintagmáticas que atuavam para a boa-formação das estruturas de comunicação. Já nesse novo modelo – o da TRL –, a gramática deixa de ser um conjunto de atuação de regras, passando a representar uma combinação do léxico somado a essas regras. Nesse sentido, cada item lexical possui um conjunto de informações particulares que ordenam em parte as projeções que geram o *output* do falante, *i.e.*, o léxico carrega informações categoriais, sintáticas, semânticas, selecionais, fonológicas. Como a sintaxe é uma combinação sintagmática dessas unidades lexicais, a informação contida no léxico prediz a forma com que a arquitetura da linguagem vai se estruturar. Não podemos desprezar, contudo, a atuação concomitante dos subsistemas que restringem a projeção requerida pela informação lexical.

Outro ponto fundamental para a TRL são as noções de estrutura profunda (EP[3]) e de estrutura superficial (ES[4]). Tais estruturas são os níveis de representação central em que os módulos atuam para poder gerar a linguagem estruturada como a conhecemos no nível da fala. Basicamente, a EP é o nível de representação em que

[3] Do inglês *Deep Structure (DS)*.

[4] Do inglês *Superficial Structure (SS)*.

funcionam as regras de projeção das informações selecionais contidas no léxico e as associações derivadas da informação semântica da frase, *i.e.*, a relação semântica entre sintagmas nominais e os papéis temáticos. O nível de representação da ES é gerado a partir de uma correlação com a EP, depois de aplicadas as regras denominadas “Mova-α”, que atuam em ES, mais especificamente no componente transformacional. A SS figura como o nível de representação resultante das projeções da informação lexical e da informação semântica da sentença (em EP), que, somadas às transformações acontecidas para satisfação dos requisitos de interface, representa sintaticamente a linguagem enviada ao componente fonológico (FF[5]), ou seja, a linguagem como a conhecemos.

Para representar todas essas informações, apresentamos o quadro abaixo:

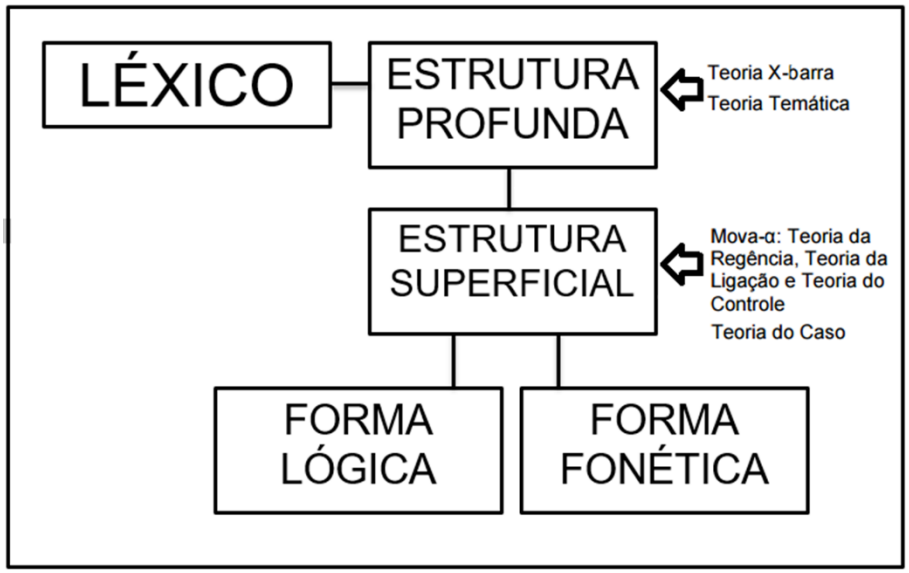


Figura 1: Representação dos níveis de representação da TRL.

Como os subsistemas são relevantes para o nosso estudo, analisaremos nas próximas seções algumas propriedades de cada dos relevantes para o entendimento do nosso trabalho.

[5] Do inglês *Phonetical Form*.

2.1.1. A Teoria do Caso

A Teoria do Caso é responsável pela atribuição de caso aos NPs realizados foneticamente na oração. No português brasileiro, o Caso atribuído é abstrato, ou seja, não existe um indicador morfossintático que marque o NP com o tipo de Caso recebido[6], tal como temos em algumas línguas como o latim, bem como não existe um Caso semântico, conforme ficou conhecida aquela a que chamamos (aproximadamente) de Teoria Temática pela Gramática de Casos. O Caso em PB é um indicador abstrato que permite que seja identificada a função sintática dos NPs da estrutura oracional.

A marcação de Caso é controlada pelo Filtro do Caso, que se encarrega de verificar a exigência de Caso atribuído aos NPs. Lembremos que, conforme mostramos na figura da página anterior, a Teoria do Caso se aplica na SS, razão pela qual somente NPs realizados com matriz fonética sofrem com a restrição. Os regentes capazes de atribuir Caso no PB são:

• INFL [+Agr]	>	Caso Nominativo	A posição de sujeito
• Verbos	>	Caso Acusativo	A posição de complemento do verbo
• Preposições	>	Caso Oblíquo	A posição de complemento da preposição

Notemos que os atribuidores de Caso são núcleos sintagmáticos. Nesse sentido, a condição estrutural de atribuição de Caso decorre de outras noções secundárias, segundo a qual:

X rege Y se, e somente se:

(i) X é um regente (um núcleo atribuidor de Caso);
(ii) X m-comanda Y (a projeção máxima do núcleo domina o regido);
(iii) Não há regente mais próximo (Condição de Minimalidade).

A Teoria do Caso se fará essencial para a análise de Raposo (1987) sobre o infinitivo flexionado no próximo capítulo.

---

[6] Exceção à afirmação pode ser encontrada no paradigma pronominal do PB, em que há resquícios da marcação Casual em pronomes do Caso Oblíquo, tais como o/a *versus* lhe.

2.1.2. A Teoria da Ligação

A Teoria da Ligação é o subsistema da linguagem que dá conta da interpretação referencial dos NPs da estrutura oracional sempre que a sintaxe *enxerga* essas relações. Nesse sentido, a Teoria mostra o caráter modular do processamento linguístico, esclarecendo também algumas noções gramaticais unificadoras da sintaxe, tal como a noção de m-comando.

Os NPs da sentença podem ser de três tipos:

- Anáforas > NPs dependentes de um antecedente linguístico;
- Pronomes > NPs dependentes referencialmente de informação contextual, que não necessariamente precisa ser linguístico;
- Expressões-R > NPs referencialmente independentes.

O funcionamento desses NPs segue três princípios clássicos, os quais sofreram alteração ao longo da Teoria, mas que, em suma, são apresentados abaixo:

- Princípio A: uma unidade anafórica deve estar ligada dentro de sua categoria de regência;
- Princípio B: uma unidade pronominal deve ser livre na sua categoria de regência;
- Princípio C: uma expressão-R deve ser livre sempre.

Em que:

- A categoria de regência (CR) seja a 1ª oração que contenha a anáfora, o pronome e o regente desses elementos.

Para perceber tais princípios, é preciso entender como se dá o funcionamento da ligação (dependência) ou da liberdade referencial das unidades. *Ligado* significa dizer que a unidade está coindexada com algum antecedente linguístico na sua categoria de regência e sofre com a relação de m-comando[7]. Assim:

[7] A noção de m-comando foi inserida na teoria num momento tardio. Haegeman (1991, p. 212), p.e., nosso material de referência, ainda tratava a ligação a partir da noção de c-comando;

(A) A liga B se, e somente se:
  (i) A e B estão coindexados;
  (ii) A m-comanda[8] B.

Os índices de coindexação ($_{i, j, k, l, m}$) nos exemplos em (31) permitem enxergar essa relação:

(31) a. [O João]$_i$ bateu em [si mesmo] $_{i/*k}$ sem querer.
  b. [O filho do [João]$_l$]$_i$ bateu [nele]$_{l/*i}$.
  c. [O filho do [João]$_k$]$_m$ bateu no [Pedro]$_{*k/*m/j}$.

Conforme podemos ver nos exemplos, em (31a) tem-se uma anáfora, ou seja, está ligada a uma unidade dentro da sua categoria de regência (doravante CR) e a leitura não permite uma ligação externa, sendo o João aquele que apanhou dele mesmo; em (31b) temos um pronome, ou seja, apesar de a estrutura da frase ser bastante parecida com a frase em (31a), o João deve ser a leitura de quem apanhou nesse caso. Isso porque, para as relações entre os NPs *João* e *ele*, a falta de m-comando não permite a indexação anafórica, deixando o NP *ele* livre dentro da sua CR; em (31c), por outro lado, a única leitura possível é a de que Pedro não seja indexado com nenhum dos antecedentes disponíveis na oração, sendo a representação de uma expressão-R, que deve ser sempre livre na sua CR, independentemente do contexto.

Esses entendimentos serão relevantes para o nosso estudo, pois analisaremos duas das categorias vazias que se submetem à Teoria da Ligação.

2.1.3. As unidades PRO e pro

Na TRL, podem ser identificadas categorias vazias na estrutura da oração, ou seja, elementos que não possuem material fonético – e por isso passam desapercebidos pela PF – mas que se mostram relevantes para a interpretação

[8] M-Comando significa dizer que o 1º nó de projeção máxima que domine A, deve dominar B, enquanto dominar significa se poder verificar um caminho unidirecional para baixo.

semântica da língua – são percebidos pela LF. Dois desses elementos são importantes para o nosso trabalho, a saber: PRO e *pro*[9] Apesar de não serem realizadas foneticamente na estrutura, funcionam como sintagmas nominais (NPs) na frase, carregando traços gramaticais de pessoa, gênero e número, tendo, porém, propriedades específicas e interpretações particulares.

Primeiro abordaremos PRO. Conforme vimos na seção anterior, elementos que possuem matriz fonética estão sujeitos à Condição do Filtro do Caso. Significa dizer que PRO, como categoria vazia e sem realização em PF, não está sujeito. Como PRO não possui traços fonéticos, a relevância desse elemento se dá para a interpretação semântica que é feita da frase, dependente de correferencialidade.

Um fato relevante com relação ao PRO é que ele pode ter duplo comportamento com relação à análise feita na seção 3.3: ora funciona como uma unidade [+anafórica], ora como [+pronominal]. Como nossa intenção é trabalhar com as orações infinitivas, nos limitaremos a traçar uma distinção entre a posição de sujeito dessas orações. Assim, as orações infinitivas não-flexionadas têm como sujeito o PRO, cf. exemplos

(32) a. [PRO Dar um golpe de Estado] é o que eles estão fazendo.
b. É importante [PRO assinar a declaração][10]

Conforme sabemos, a oração infinitiva pode ser de dois tipos: [-Agr], em que não há atribuidor de Caso Nominativo e, por essa razão, não é possível ter um sujeito foneticamente realizado (Inf-ñ-F); e [+Agr], em que há a presença de uma flexão com traços semânticos de gênero, número e pessoa, passível de atribuir o Caso Nominativo[11] e, assim, licenciando um sujeito na oração (Inf-F). Nosso interesse nesse segundo tipo de estruturas, se relaciona intimamente com a análise de *pro* na sentença.

---

[9] Há ainda a categoria *t* (trace) ou vestígio. Todavia, como ela não é relevante ao nosso estudo, não a abordaremos.

[10] Exemplo extraído de Raposo (1992).

[11] Discutiremos mais a fundo a questão, em que [+Agr] deve receber Caso para poder ser um atribuidor de Caso Nominativo, i.e., não se trata de um núcleo naturalmente atribuidor, mas de um núcleo dependente de condições específicas para se legitimar nessa qualidade.

As sentença infinitivas flexionadas têm um NP que ocupa a posição de sujeito, lexicalizado ou *pro*, uma unidade foneticamente vazia. Podemos verificar nos exemplos em (33) tal comportamento:

(33) a. *?*O professor não pode obrigar os alunos a [*eles* chegar*em* cedo].
b. O professor não pode obrigar os alunos a [*pro* chegar*em* cedo].

Podemos notar que nas sentenças (33a,b) a flexão licencia a posição de sujeito a ser preenchida com pronomes foneticamente realizados (como *eles*), ou com *pro*[12], ambos remetem a um antecedente disponível, o NP *os alunos*. Apesar do nosso julgamento questionar a sentença (33a), razão pela qual a sinalizamos com (?), exemplos como esse são recorrentes na literatura, apresentando um caso em que a escolha e a distribuição entre *eles* e *pro* são livres, ou seja, não existe obrigatoriedade por um ou outro constituinte.

Reproduzindo a mesma estrutura em (34), podemos mostrar o contraste entre *pro* e PRO e a relação deles com o Inf-F e o Inf-ñ-F, respectivamente:

(34) a. O professor não pode obrigar os alunos [a *pro* chegar*em* cedo].
b. O professor não pode obrigar os alunos [a PRO chegar cedo].

Tanto na sentença (34a) quanto na sentença (34b), as categorias vazias (doravante *cv*) posição de sujeito do verbo *chegar* se referem ao mesmo antecedente disponível, o NP os alunos. Na próxima seção analisaremos as propriedades da Teoria de Ligação e de Controle que discorrem sobre a correferencialidade de PRO e *pro*, uma vez que, segundo Chomsky (1981), aquele está sujeito ao Controle, enquanto este está sujeito à Ligação (nos limites do nosso interesse).

Uma última observação que gostaríamos de fazer está relacionada à unidade *pro*. Conforme vimos no Capítulo 1, a análise morfológica do infinitivo flexionado se baseia por oposições quanto às desinências número-pessoais afixadas à periferia direita do verbo infinitivo, podendo haver uma *desinência zero (Ø), -es, -mos, -em.* Gostaríamos de apresentar no exemplo (35) algumas sentenças que não permitem identificar se se trata de um sujeito PRO ou *pro*, sendo a única possibilidade de

[12] Discutiremos a condição de licenciamento de *pro* adiante, a regência.

distinção entre o Inf-ñ-F e o Inf-F o preenchimento da posição de sujeito com um pronome realizado. Tomemos como base a sentença em (35a), sem marcadores, para contraste com as demais sentenças em (35b,c,d *e* e):

(35) a. O professor obrigou o aluno a chegar cedo.
b. O professor obrigou o aluno a [___ chegar cedo].
c. O professor obrigou o aluno a [PRO chegar cedo].
d. O professor obrigou o aluno a [*pro* chegar-*Ø* cedo].
e. O professor obrigou o aluno a [*ele* chegar-*Ø* cedo].

Notemos que na sentença em (35a) não seria possível determinar se: (i) a (cv) é ocupada por PRO, com o verbo *chegar* na forma Inf-ñ-F, cf. (35c); ou se (ii) a (cv) é ocupada por *pro*, com o verbo *chegar* na forma Inf-F marcada pelo morfema *–Ø*, cf. (35d). A única possibilidade de resolvermos a questão seria verificar o preenchimento da (cv) com o pronome *ele*, em (35e), licenciado por *–Ø*. Nas pessoas do singular, a única distinção que poderia haver seria marcar a 2ª p. com a desinência *–es*, referente ao pronome *tu*, o qual, ao menos na nossa pesquisa, não fará parte dos dados. Esse contraste nos mostra o porquê de a maioria das questões com formas infinitivas flexionadas analisadas estarem na 3ª p. do plural.

2.1.4. A Teoria do Controle

Essa subseção do nosso trabalho, a bem da verdade, servirá de adendo teórico, unicamente para descrevermos o comportamento do Inf-F com todas as suas propriedades. Contudo, não será objeto da nossa análise.

Conforme vimos até o momento, a distribuição dos NPs que figurem na posição de sujeito depende, basicamente, da flexão do infinitivo. Uma questão que se põe, depois de analisarmos a Ligação na estrutura, é o controle de PRO. Segundo Chomsky (1981), o PRO pode se comportar de duas formas com relação aos seus referentes: como uma unidade [+anafórica], no qual retoma um antecedente, ou como uma unidade [+pronominal], livre na sua CR, situações que dependem do contexto sintático da oração para interpretação.

Alguns verbos são chamados *verbos de controle*, selecionando orações infinitivas como complemento e estabelecendo, na oração principal, um item referente como *controlador* de PRO, sendo ele – o *controlador* – o responsável pela leitura que se faz do sujeito da oração subordinada [-Agr]. Ou seja, o sujeito sintático do Inf-ñ-F é PRO, mas seu sujeito semântico está sendo determinado por um indexador de controle. Para exemplificar, apresentamos os exemplos em (36):

(36) a. A diretora$_j$ prometeu [PRO$_j$ resolver o problema dos bebedouros].
b. A diretora$_j$ prometeu ao aluno$_k$ [PRO$_j$ resolver o problema dos bebedouros].
c. A professora$_j$ obrigou o aluno$_k$ a [PRO$_k$ arrumar o bebedouro que ele quebrou].

Notemos que estamos diante de dois verbos de controle, *prometer* e *obrigar*. Ambos selecionam orações infinitivas como complemento, como o infinitivo encaixado é não-flexionado, PRO deve ser interpretado semanticamente a partir de um referente da oração principal. Em (36a) PRO é interpretado como uma indexação do NP sujeito *a diretora*, razão pela qual chamamos esse tipo de controle de *controle de sujeito*. Já em (36b), por outro lado, temos dois referentes disponíveis, sinalizados com os índices ($_j$ e $_k$) para os NPs *a diretora* e *o aluno*, respectivamente. Contudo, a leitura segue sendo a mesma, com a indexação de PRO tomando o NP *a diretora* como referente para a interpretação semântica. Esse fato mostra que o verbo *prometer* é um verbo de controle de sujeito, dando ao PRO da oração encaixada o sujeito da oração principal como referente. O exemplo em (36c), por outro lado, mostra que dois referentes também são disponíveis para a interpretação de PRO na oração encaixada, assim como em (36b): temos o NP sujeito *a professora,* indexado no exemplo com ($_j$) e o NP objeto *o aluno*, indexado com ($_k$). PRO, nesse exemplo, toma o complemento verbal como antecedente, mostrando que as propriedades semânticas do verbo *obrigar* diferem das propriedades semânticas do verbo *prometer.* Esse padrão de referencialidade do verbo *prometer* chamaremos de *controle de objeto*.

O leitor pode se questionar a razão pela qual estamos nos atendo tanto às propriedades de PRO, tendo em vista que nosso objeto de estudo será *pro*, o sujeito das orações encaixadas com Inf-F. Esclarecemos que a resposta ficará mais clara quando iniciarmos as discussões sobre os dados obtidos no PB e abordarmos um comportamento específico encontrado em bastantes dados.

2.1.5. O parâmetro pro-drop

O modelo teórico da TRL foi o primeiro a aplicar a noção de princípios fixos e de parâmetros flexíveis à linguagem, cf. dissemos na seção 2.1, quando abordamos as noções gerais da teoria. A noção de *pro-drop*[13] se faz indispensável para entender o estatuto do infinitivo flexionado, pelo fato de o pronome poder ser omitido da estrutura oracional, subsistindo a informação na (cv) *pro* e nos traços-φ carregados pela morfologia flexional do verbo. Esse parâmetro não se limita ao comportamento do Inf-F nas orações encaixadas, mas à toda e qualquer oração da língua, pela atribuição de seu valor positivo durante a aquisição da linguagem, razão pela qual nós iniciaremos a explicação a partir de seus conceitos gerais.

A noção de parâmetro *pro-drop*, também chamado de parâmetro do Sujeito Nulo, está intimamente ligada às diferenças existentes entre as línguas no sentido de permitir ou não que uma (cv) possa figurar na posição de sujeito das frases dessa língua. Significa dizer que: (i) se a língua permite que o sujeito esteja ausente da estrutura sintática, tal como acontece no português, no espanhol, no italiano, essa língua é chamada de língua *pro-drop* (LPD), enquanto que (ii) se uma língua impõe restrições sobre o apagamento do sujeito, requerendo que ele esteja sempre visível na estrutura sintática, tal como no inglês ou no francês, essa língua é chamada de língua *não-pro-drop* (L-ñ-PD). Exemplificamos a seguir:

(37) a’. Depois de tanto esforço, *o Congresso* conseguiu dar um golpe.
a’’. Depois de tanto esforço do Congresso, *pro* conseguiram dar um golpe.

b’. *After too much effort, the Congress finally managed a coup.*
b’’. **After too much effort of the Congress,* pro *finally managed a coup.*

As sentenças em (37a) mostram o valor positivo do parâmetro *pro-drop* para o PB, em que a língua permite que o sujeito possa ser preenchido, cf. (37a’), com o NP *o Congresso* sendo o sujeito do verbo *conseguir*, bem como permite que, apesar de a

[13] Do inglês *pro-dropping*.

sentença ter sido manipulada, o sujeito do verbo *conseguir* na sentença (37a'') pode ser apagado. Que alguém conseguiu dar um golpe, qualquer falante pode perceber, mas uma restrição sintática não impõe que a posição seja preenchida. Diferentemente, as sentenças em (37b) mostram que o inglês não permite tal apagamento do sujeito: (i) em (37a') o NP *the Congress* figura na posição sintática de sujeito do verbo *to manage*, sendo o resultado uma frase bem formada do inglês; em (37b''), por outro lado, quando tentamos manipular a sentença e deixar o mesmo verbo – *to manage* – sem a posição de sujeito preenchida, o resultado que temos é uma frase agramatical. As análises das sentenças em (37b) mostram que o valor do parâmetro para a língua inglesa está negativo, configurando uma língua *não-pro-drop*, requerendo em toda e qualquer estrutura oracional um sujeito foneticamente realizado.

Para que o parâmetro *pro drop* possa estar ativo numa dada língua, um fator que pode ser determinante é a presença de uma morfologia flexional rica, ou seja, que possua nela os traços que permitam a identificação do sujeito. Apesar de o PB possuir seis pessoas do discurso com propriedades morfossintáticas visíveis, seis conjugações verbais são apenas virtualmente identificáveis, pois a forma como se realiza o paradigma flexional do PB sofreu alterações fortes. Em suma, a simplificação do paradigma verbal causa a erosão dos traços relativos à pessoa gramatical e ao número, uma vez que o compartilhamento de formas verbais flexionadas diminuiu o número de desinências verbais de seis para cinco, quatro ou, em determinados dialetos, até mesmo três formas verbais, conforme segue:

Eu	canto	Eu	canto
Tu	cantas	Tu (você)	canta
Ele	canta	Ele	canta
Nós	cantamos	A gente	canta
Vós	cantais	Vocês	cantam
Eles	cantam	Eles	canta(m)

Tal fato poderia esclarecer que, conforme a perda de traço de pessoa, a identificação da pessoa do discurso pode depender da coocorrência de uma forma pronominal com uma forma verbal. Tais mudanças no paradigma verbal, segundo Duarte (1995), começaram com a presença de formas de 2ª pessoas indiretas,

registradas a partir do ano 1918 com o ingresso de *você* e *vocês* na gramática brasileira. A concorrência entre as formas *nós* e *a gente* para a 1ª pessoa do plural, mais tardia, começa a ser registrada no ano 1937. Reconhecendo que o PB passa por um período de enfraquecimento do seu quadro morfológico desinencial, pesquisadores questionam a posição de um sujeito nulo no PB, uma vez que, com o compartilhamento de morfologia para mais de uma pessoa do discurso, cada vez mais se torna difícil manter a referência ancorada à morfologia verbal sem a realização de um sujeito.

Outra decorrência desse parâmetro é a necessidade de sujeitos expletivos em L-ñ-PD. Podemos ver em (38) que mesmo verbos impessoais requerem a presença de um sujeito sem conteúdo semântico, mas realizado foneticamente:

(38) a. ___ Choveu toda a noite. (Português)
b. Il a plu toute la nuit. (Francês)
c. It rained all night.... (Inglês)

Ainda que os verbos sejam impessoais como *chover*, línguas como o francês (38b) ou o inglês (38c) requerem a presença de um pronome para posição de sujeito, diferentemente do que se constata no português (38a), quando, ao menos em tese, a posição nem mesmo poderia ser preenchida[14].

O parâmetro *pro-drop* é, em suma, fundamental para o comportamento sintático do PB no que toca ao Inf-F. Analisando contextos em que a oração encaixada infinitiva recebe a flexão, percebemos que as motivações no momento da escolha podem ser diversas, a depender do contexto sintático, de fatores semânticos, de boa formação prosódica da frase. Contudo, uma das grandes discussões sobre o infinitivo flexionado é, também, a liberdade entre preenchimento ou não da posição de sujeito do infinitivo. Comparemos as sentenças abaixo, em (39):

[14] O parâmetro *pro-drop* tem sido alvo de diversos estudos e também motivo de controvérsias na literatura sobre a sintaxe do PB. Dizemos *poderia ser preenchida* (não a limitando alguma obrigatoriedade) pelo fato de alguns autores (ver Duarte, 1997, 2003; Kato, 2000; Vitral & Ramos, 1999) sugerirem que o PB adotou, modernamente, novas estratégias de preencher a posição de sujeito, tais como inversão de unidades sintáticas ou esvaziamento de semântica em alguns pronomes.

(39) a. *Você* pode se retirar agora e, se houver alguma necessidade imperiosa mais tarde, PRO voltar para o escritório.

b. *Você* pode se retirar agora e, se houver alguma necessidade imperiosa mais tarde, *pro* voltar-*Ø* para o escritório.

c. *Vocês* podem se retirar agora e, se houver alguma necessidade imperiosa mais tarde, PRO voltar para o escritório.

d. *Vocês* podem se retirar agora e, se houver alguma necessidade imperiosa mais tarde, *pro* voltar*em* para o escritório.[15]

e. Como mais tarde o trabalho vai ser mais pesado, vocês podem sair agora pra *pro* voltar*em* mais cedo pro escritório.

f. Como mais tarde o trabalho vai ser mais pesado, vocês podem sair agora pra *vocês* voltar*em* mais cedo pro escritório.

Notamos que a distribuição de (cvs) pode ocorrer em qualquer dos contextos das orações encaixadas, seja ela ocupada por PRO seja por *pro*. Mas, nos exemplos (39e,f), especificamente, podemos perceber também que a alternância entre preenchimento lexical (representado pelo pronome *vocês*) ou (cv) (representada pelo *pro*) não sinaliza uma distribuição complementar. Podemos atestar, então, cf. dito em Raposo (1987), que o infinitivo flexionado é "dependente de dois parâmetros distintos, um morfológico e outro sintático. O parâmetro morfológico é o Parâmetro INFL[16]; o parâmetro sintático é o bem conhecido parâmetro do Sujeito Nulo"[17] (p. 92).

[15] Os exemplos em (39c,d) são, originalmente, os exemplos (26a,b) em Canever (2012, p. 45). Os demais exemplos em (39) foram adaptados a partir desses, como forma de apresentar os contextos faltantes para a explicação.

[16] O *Parâmetro Infl* será discutido no Capítulo 2.2.1, quando abordarmos a análise em Raposo (1987a).

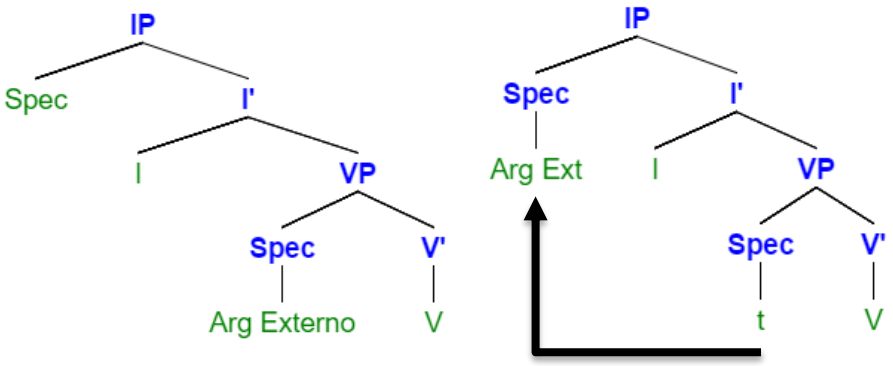
[17] Tradução livre.

2.1.6. A Hipótese Inacusativa

A tradição normativo-gramatical considera os verbos intransitivos como os verbos que não selecionam complementos. A hipótese inacusativa, baseada no trabalho de Burzio (1986), contudo, vai além, sugerindo que existem dois tipos de intransitividade verbal, justificadas a partir da sua seleção argumental.

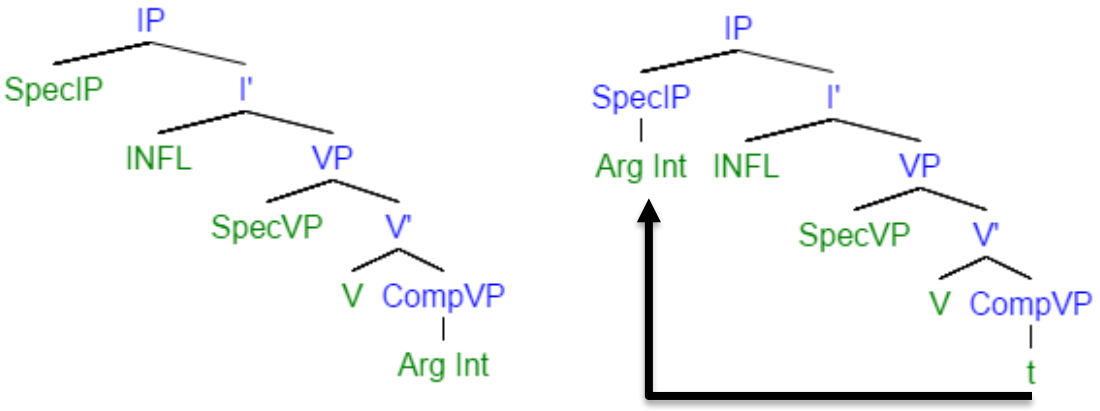
O sujeito dos verbos intransitivos pode, na estrutura profunda (EP), surgir em duas posições distintas: em *Especificador de VP* [SpecVP] ou em *Complemento de VP* [CompVP]. O primeiro tipo de intransitividade, então, é aquele em que o verbo seleciona um argumento externo, na posição de *SpecVP*, na qual esse tem seu papel temático (papel-θ) atribuído e, depois, é alçado para *Especificador de IP, SpecIP,* posição [+K], para receber o Caso Nominativo. Ilustramos esse comportamento a seguir:

(40)



Por outro lado, outro tipo de intransitividade é aquele em que o sujeito do verbo inacusativo surge na estrutura na posição de complemento verbal (*CompVP*). A característica intrigante é a de que essa classe de verbos se mostra incapaz de atribuir o Caso Acusativo ao seu complemento, criando um paradoxo entre papeis-θ e Caso. Assim, o argumento interno (complemento verbal) passa por um processo de subjetivação, sendo alçado (subindo) para a posição de sujeito em *SpecIP,* em que encontra as condições necessárias para receber Caso, sendo licenciado na estrutura, conforme imagens a seguir:

(41)



Esses verbos inacusativos são, então, uma classe de verbos monoargumentais que, em vez de selecionar o sujeito na posição SpecVP, o recebe em *SpecIP* vindo de outra posição que não *SpecVP.* No caso acima, alça o seu complemento em *CompVP* para receber Caso Nominativo, por causa de sua incapacidade de atribuição de Caso estrutural que, como consequência, não licencia o argumento interno na estrutura, diferentemente dos intransitivos prototípicos (chamados inergativos). O fenômeno ficou conhecido na literatura como a Generalização de Burzio, a qual determina que "somente os verbos que atribuem papel-θ para o sujeito podem atribuir Caso (acusativo) para um objeto" (BURZIO, 1986, p. 178)[18]. Essa generalização corroborou o trabalho de diversos linguistas, entre eles Perlmutter (1978, 1980), considerado o precursor da Hipótese Inacusativa.

Os verbos inacusativos, uma classe dos intransitivos, formam, portanto, uma classe de verbos peculiar, do qual fazem parte alguns tipos de verbo, tais como:

(i) Verbos monoargumentais como *chegar, constar, parecer, bastar, importar, carecer, convir, suceder, cair, desabar;*

(ii) Os verbos transitivos quando empregados intransitivamente, tais como: *abrir, fechar, quebrar, afundar, partir, estragar*;

(iii) Os verbos transitivos na voz passiva;

(iv) Os verbos auxiliares, tais como: *ir, poder, dever, costumar*;

(v) Os verbos de ligação.

[18] Tradução livre.

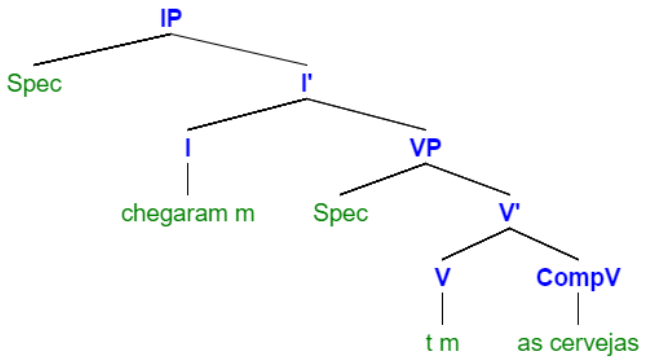
Notando que o sujeito prototípico, aquele que é agente da oração, tradicionalmente possui o traço semântico [+animado], sempre que o sujeito houver o traço [-animado], o traço prototípico do objeto, proporcionará uma percepção mais fácil da referida inacusatividade.

Schaff Filho (2003, p. 168) mostra que com verbos *genuinamente inacusativos* (i) permite-se a inversão sintática sem que a frase se torne estranha, via de regra, e.g.:

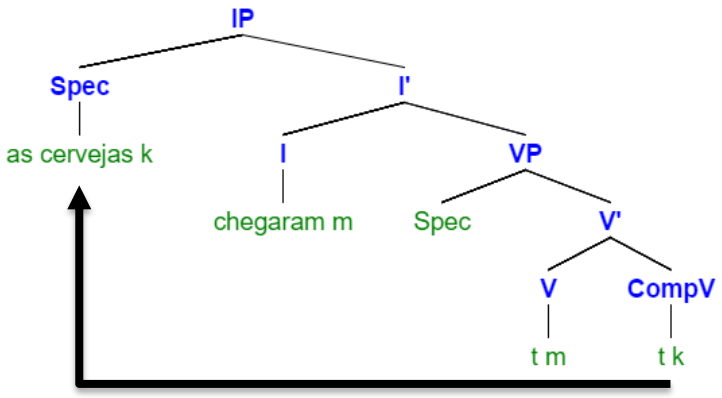
(42) a. [$_{IP}$ Chegaram [$_{V'}$ as cervejas]].
b. [$_{IP}$ As cervejas$_i$ chegaram[$_{V'}$ t$_i$]].
c. [$_{IP}$ Chegaram [$_{V'}$ os convidados]].
d. [$_{IP}$ Os convidados$_i$ chegaram[$_{V'}$ t$_i$]].

Percebendo que o papel-θ dos argumentos é invariável, independentemente de alçamento, temos que em (42a,b) o NP *cervejas* é [-animado], sendo um candidato ruim a argumento externo ou a *agente* da oração. Seu papel-θ é de *Tema*, assim como o é o do NP *os convidados*, apesar de esse NP possuir o traço [+animado]. A flexão verbal nos permite perceber que efetivamente a função sintática desses argumentos é de sujeito, sem que, contudo, eles possam ser desconsiderados enquanto complemento na base, verificada a normalidade das sentenças quando o sujeito se encontra posposto ao verbo. A representação das estruturas em (42a,b) são, respectivamente:

(43) a.



b.



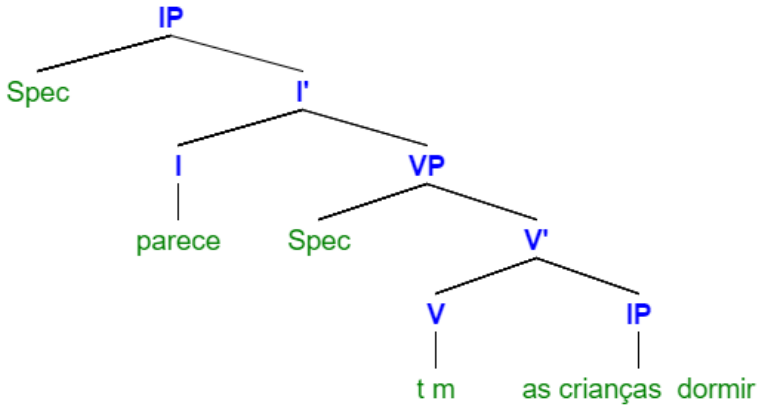
Com orações subordinadas infinitivas, o alçamento do sujeito da oração encaixada, quando [-Agr], também ocorre, na busca de Caso estrutural para visibilidade em forma lógica (LF). Tipicamente inacusativo, o verbo *parecer* nos dá um exemplo desse comportamento:

(44) a. Parece [$_{CP}$ *que* [$_{IP}$ *as crianças dormem*]].
b. * Parece [$_{IP}$ *as crianças dormir*]].
c. *As crianças*$_m$ parecem [$_{IP}$ t$_m$ *dormir*]].[19]

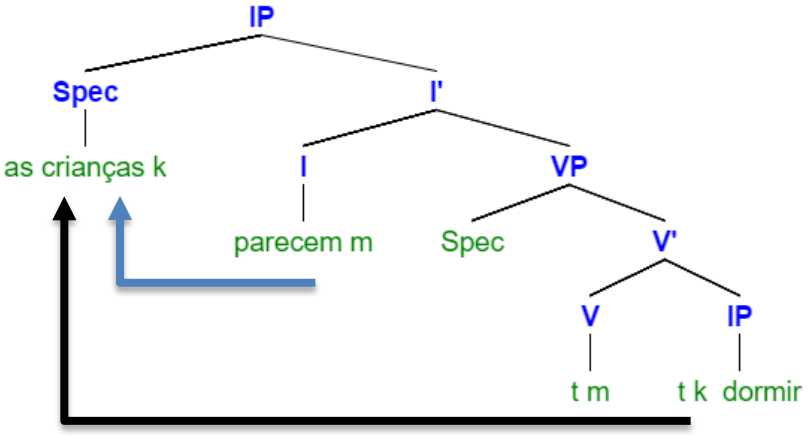
Note-se que o verbo *parecer* pode selecionar como argumento interno uma oração, seja ela reduzida (de infinitivo, no caso) ou desenvolvida (tal como em (a)). O detalhe é que a oração selecionada é *as crianças dormir*, em que o verbo *dormir* é [-Agr], sendo, conforme veremos na descrição de Raposo (1987a) (seção 2.2.1), incapaz de atribuir Caso. Em sendo *parecer* um verbo inacusativo, temos bloqueada a possibilidade de Marcação Excepcional de Caso (ECM), deixando o argumento do verbo *dormir*, o NP *as crianças*, sem Caso. Para salvar a sentença, ainda resta um movimento de alçamento para a posição *SpecIP* acima do verbo *parecer* (sinalizado com a seta preta), disponível para o Caso Nominativo (distribuição sinalizada com a seta azul). Nesse caso, apesar de a seleção do NP *as crianças* ser feita pelo verbo *dormir*, ele vira sujeito de *parecer*, fato corroborado pela concordância verbal, afirmando a estrutura como bem formada e satisfazendo o Filtro do Caso. A representação da árvore da frase em (44) é a seguinte:

[19] Exemplos extraídos de Schaff Filho, 2003, p. 169.

(45) a.



b.



O segundo grupo de inacusativos (ii) é composto de verbos transitivos empregados intransitivamente, ou seja, com o objeto verbal ocupando a posição de sujeito. Dispensado o papel-θ de Agente (sujeito prototípico), tem-se pela generalização de Burzio que também resta desqualificado o Caso Acusativo ao argumento interno do verbo, razão pela qual o alçamento do NP em *CompVP* deve acontecer até a posição de *SpecIP,* para atribuição do Caso Nominativo, único disponível na estrutura. A subjetivação do argumento interno é apresentada nas sentenças a seguir:

(46) [$_{IP}$ _____ abriu a persiana].

[$_{IP}$ A persiana$_{i}$ abriu$_{m}$ [$_{V'}$ t$_{m}$ t$_{i}$]].

(47) [$_{IP}$ _____ estragou a fechadura].

[$_{IP}$ A fechadura$_i$ estragou$_m$ [$_{V'}$ t$_m$ t$_i$]].

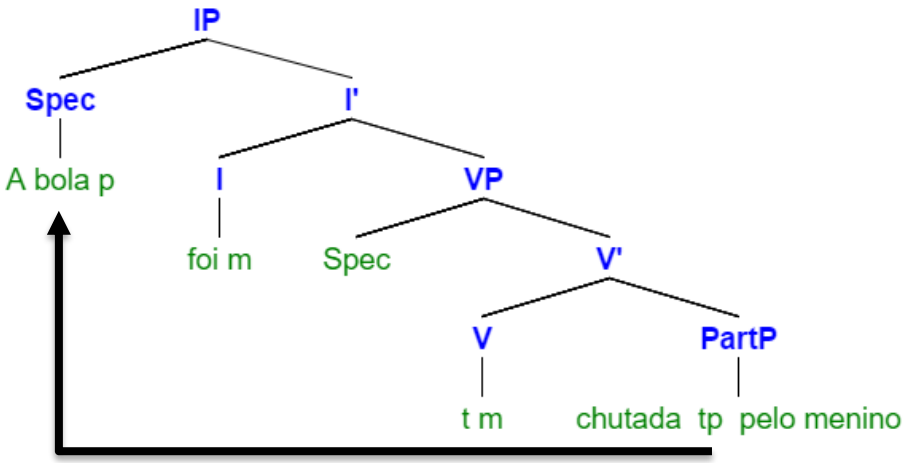
O grupo apresentado em (iii) constitui-se de verbos na forma passiva. O verbo nessa forma perde a capacidade de atribuir Caso Acusativo, uma vez que sofre uma mudança de categoria, ocasionando nele uma propriedade [+N]. A flexão passiva recebida pelo verbo é denominada por Mioto, Figueiredo Silva & Lopes (2013, p. 163) como capaz de "inacusativizar" *ele*. Tem-se, assim, na transformação da oração abaixo:

(48) a. *O menino chutou a bola.*

b. *A bola foi chutada pelo menino.*

A seguinte estrutura em árvore:

(49)



É possível perceber que o particípio *chutada* não possui a capacidade de atribuir o Caso Acusativo ao NP *A bola,* razão pela qual ele é alçado até *SpecIP* para receber o Nominativo disponível na estrutura (por INFL do verbo *ser*).

Outro caso pode ser representado quando o verbo transitivo seleciona uma oração infinitiva como seu complemento, conforme segue:

(50) a. O guarda viu [*os alunos pularem a cerca*].

b. Os alunos foram vistos [*pular a cerca*].

c. *[$_{IP}$ ___ foi ...[$_{V'}$ [$_{PartP}$ *visto* ... [$_{IP}$ *os alunos pular$_v$ ...* [$_{V'}$ *t$_v$ a cerca*].

d. *[$_{IP}$ *Os alunos$_m$* foram...[$_{V'}$ [$_{PartP}$ *vistos* ... [$_{IP}$ *t$_m$ pular$_v$ ...* [$_{V'}$ *t$_v$ a cerca*].

(51) Os alunos foram vistos [IP *t* pular a cerca].

É natural ser percebido que a estrutura não seja a escolhida pelo falante de português como a mais adequada ao contexto: no PB o gerúndio tem preferência – *o guarda viu os alunos pulando a cerca* – enquanto no PE o tem o infinitivo preposicionado – *o guarda viu os alunos a pular a cerca.* Contudo, do que foi exposto até o momento, podemos ver que (i) não há Caso Acusativo na forma participial (*vistos*), (ii) não há como ativar o Caso em [+Agr] (pularem), portanto não resta outra alternativa que não o alçamento do sujeito do infinitivo a *SpecIP* na matriz, para recebimento de Caso Nominativo. Resta, todavia, uma questão: por qual razão a frase em (51) gera problemas de aceitabilidade? Para essa questão, não temos outra resposta que não seja a necessidade cada vez mais frequente em PB de o verbo manifestar informações morfossintáticas sobre o sujeito da oração em que esteja contido, tendo em vista a melhor aceitabilidade de (50a). Nesse sentido, abordaremos questões com distribuição análoga, de forma a esclarecer a concordância com o vestígio (*t*).

O grupo (iv) é representado pelos verbos tradicionalmente auxiliares, presentes nas locuções verbais ou construções perifrásticas. Como verbos auxiliares, essa classe de verbos incorpora as flexões (Agr e T, conjugadas em IP) e é seguida por um verbo na sua forma infinitiva (tradicionalmente nominal)[20]. Tais verbos, então, selecionam a Or-Inf, conforme o exemplo que segue:

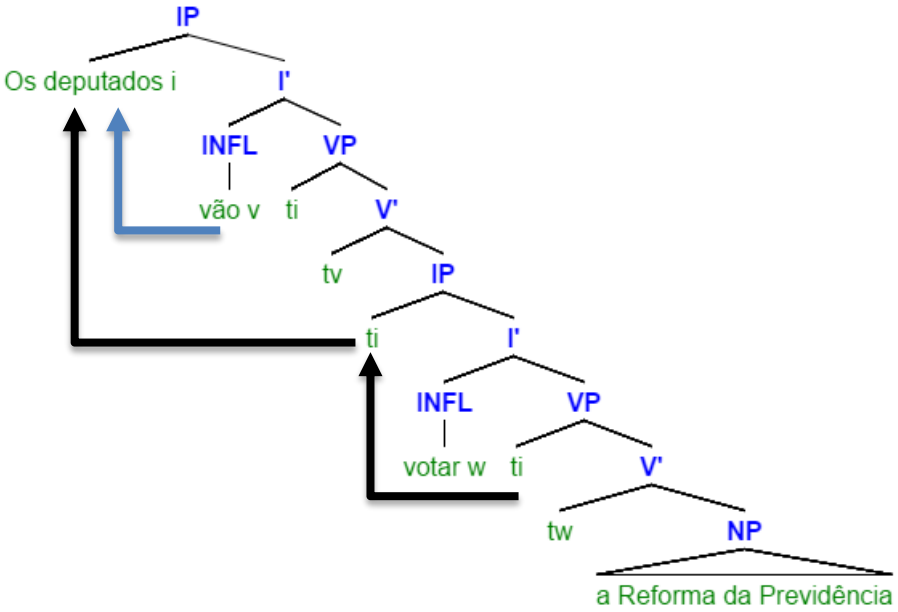
(52) a. Os deputados vão *[votar a Reforma da Previdência]*.

b. [$_{IP}$ *Os deputados$_i$ vão* ... [$_{V'}$ [$_{IP}$ *votar$_v$* [$_{VP}$ ... *a Reforma da Previdência*]]]]

Representada na árvore da seguinte maneira:

[20] Abordaremos unicamente as orações infinitivas na seleção pelos auxiliares, pelos fins deste trabalho.

(53)



O NP *Os deputados*, sujeito da oração, recebe o Caso Nominativo em *SpecIP* acima de *vão,* sendo, contudo, selecionado pela estrutura argumental do predicado *votar* <os deputados, a Reforma da Previdência>. Antes de chegar a *SpecIP* acima, o NP *Os deputados* passa pelo *SpecIP* mais baixo, da oração *Os deputados votar a Reforma da Previdência*, em que, contudo, não há Caso disponível na posição. O NP, então, continua *subindo*, até encontrar um, Nominativo, na posição de *SpecIP* mais alto, distribuído por INFL do verbo *ir* (*vão*). A hipótese inacusativa para os verbos auxiliares somada à teoria de o núcleo [Agr] necessitar ser ativado será fundamental para as análises que faremos adiante. Conforme veremos em Raposo (1987a), o Caso Nominativo presente em [+Agr] nos Inf-Fs depende, para ser ativado, de a própria flexão [+Agr] receber um Caso estrutural, aí sim licenciando a distribuição do Nominativo. Ocorre, então, que, quando uma oração infinitiva complementa o verbo auxiliar, tem-se o mesmo empecilho: não há Caso para ativar o Nominativo, razão pela qual o sujeito do Infinitivo precisa ser alçado além, ao próximo *SpecIP* acima. Mostramos em (51).

O último grupo (v) é constituído de verbos de ligação, nomenclatura da tradição gramatical, tais como *ser, estar, ficar, continuar, tornar-se, permanecer, virar, entre outros.* Exemplificando com o verbo *ser,* temos que o argumento interno do verbo trata-se de uma *Small Clause* (SC), a qual pode ser preenchida tanto na posição de sujeito quanto na de predicado por uma oração infinitiva.

(54) [Amar] é [sofrer].

[$_{IP}$ __ é [$_{V'}$ [$_{SC}$ amar sofrer]]] → estrutura-D

[$_{IP}$ PRO amar$_i$ é$_v$ [$_{V'}$ t$_v$ [$_{SC}$ t$_i$ PRO sofrer]]] → estrutura-S

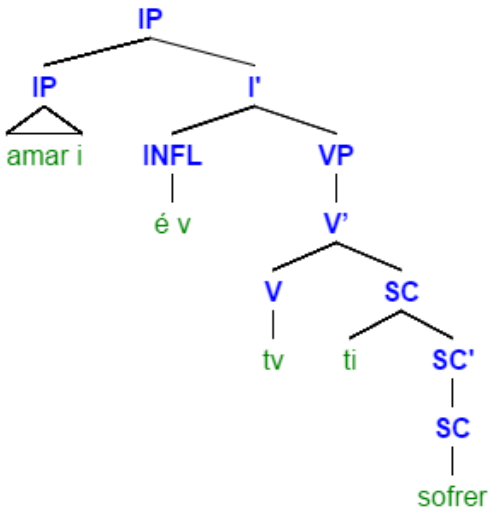
(55) [Ler Camões] era um pesadelo.

[$_{IP}$ __ era [$_{V'}$ [$_{SC}$ ler Camões um pesadelo]]] → estrutura-D

[$_{IP}$ PRO ler Camões$_i$ era$_v$ [$_{V'}$ t$_v$ [$_{SC}$ t$_i$ um pesadelo]]] → estrutura-S[21]

A oração em (54) tem a seguinte representação arbórea, simplificada:

(56)



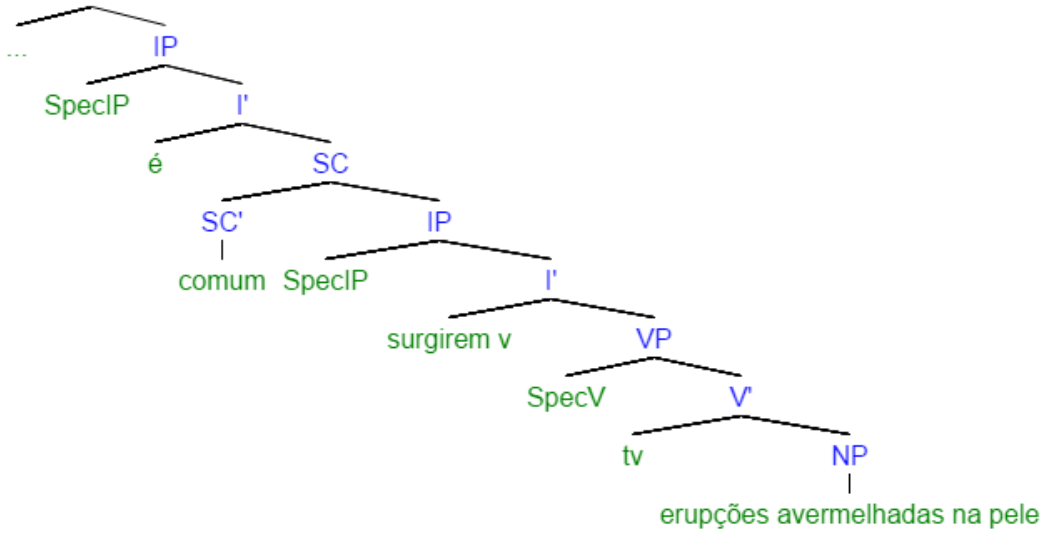
Há casos do verbo ser em que são licenciadas estruturas com o Inf-F, tais como quando o verbo é seguido de um adjetivo como predicador da SC, sendo o sujeito a oração infinitiva:

(57) Dentre os sintomas do sarampo, é comum surgirem [*erupções avermelhadas na pele*].

A oração acima possui a seguinte representação:

[21] Exemplos originais em Schaf Filho (2004, p. 172).

(58)



O sintagma SC representa, na verdade, um AP (não descrito simplesmente por questões didáticas), em que o núcleo do predicado é o adjetivo *comum.* É preciso notar que o sujeito da SC, a oração *surgirem erupções avermelhadas*, é alçado para a posição de sujeito da oração matriz somente na FL, ou seja, de maneira encoberta. Esse alçamento permite que seja recebido o Caso Nominativo, permitindo ao Inf [+Agr] – *surgirem* – ativar o seu Caso Nominativo, o qual pode ser distribuído à direita para o NP *erupções avermelhadas na pele*, sujeito da oração infinitiva.

Dentre os casos apresentados sobre a hipótese inacusativa, é fundamental para as análises que virão o entendimento do grupo em (iv), considerando os verbos auxiliares como inacusativos, pois advém dessa noção o fechamento dos casos analisados no presente trabalho. Ademais, cabe tratar um pouco mais especificamente as noções relacionadas a alguns verbos monoargumentais do caso (i), igualmente associados a exemplos que trataremos no capítulo de análises e discussões, verbos de alçamento.

2.1.6.1. Os Verbos de Alçamento

Uma grupo de verbos inacusativos merece atenção especial no nosso trabalho: os chamados Verbos de Alçamento. A característica particular desse grupo verbal é (i) que o argumento selecionado se trata de um constituinte oracional e, ainda mais particular, (i.i) que existe a possibilidade de um termo dessa oração encaixada selecionada ser alçado à oração matriz, i.e., à oração em que se encontra o verbo inacusativo, comumente para a posição SpecIP. A literatura gerativista reconhece como verbos de alçamento *acabar, bastar, convir, custar, demorar, faltar, levar,* além do verbo mais prototípico da classe, *parecer*, sobre o qual recaem as principais questões que serão analisadas no capítulo de Análises e Discussões (4) do nosso trabalho.

Conforme vimos no subcapítulo anterior, sobre a hipótese inacusativa, os verbos inacusativos são uma classe de verbos monoargumentais que geram o seu argumento na posição interna do constituinte na base, em CompVP. A classe dos verbos de alçamento, por sua vez, é aquela que, para essa posição, seleciona um tipo específico de argumento, os complementos oracionais (CO). Vejamos o comportamento no par de exemplos que segue:

(59) a. Acabou [$_{NP}$ o meu dinheiro].
b. Acabou [$_{CP}$ que eu fiquei sem dinheiro].

Nos dois exemplos acima é possível perceber que, aparte da questão semântica, o verbo *acabar* é monoargumental, sendo diferente entre eles a natureza categorial do argumento, visto que (59a) selecionou um argumento representado por um NP enquanto (59b) selecionou um argumento representado por um CP. Ainda que ambos os constituintes selecionados sejam considerados pela tradição gramatical com a mesma natureza sintática, sujeitos do verbo acabar, uma restrição de movimento opera sobre eles de maneira distinta, no sentido de que somente o argumento NP pode ser deslocado para a posição à esquerda do verbo, enquanto que o deslocamento do argumento CP resultaria numa sentença agramatical, conforme vamos abaixo:

(60) a. [$_{NP}$ O meu dinheiro]$_i$ acabou t_i.

b. *[$_{CP}$ Que eu fiquei sem dinheiro]$_i$ acabou t_i.

Assim, temos que o deslocamento de NP em CompVP para SpecIP-matriz é permitido, enquanto que o mesmo movimento é bloqueado quando CPs residem nessa posição (ou outro tipo de orações, como sentenças reduzidas, cf. veremos mais adiante). Essa restrição afeta, também, outros verbos de alçamento, p.e.:

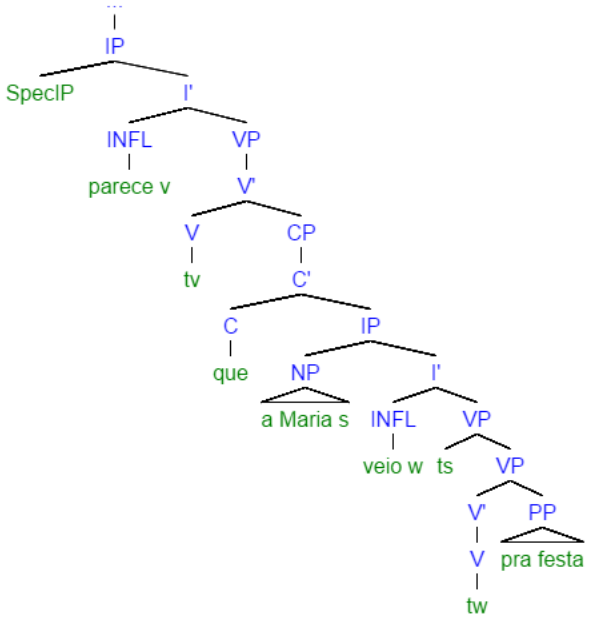
(61) a. Parece [$_{CP}$ que a Maria veio pra festa].
b. *[CP Que a Maria veio pra festa] parece.

(62) a. Pro José comer aqui, basta [$_{CP}$ que ele contribua].
b. *Pro José comer aqui, [$_{CP}$ que ele contribua] basta.
c. O José não precisa pagar toda a janta. Que ele contribua com a parte dele basta!

(63) a. Convém [$_{CP}$ que o Hermenegildo fale comigo antes de fazer isso].
b. *[$_{CP}$ Que o Hermenegildo fale comigo antes de fazer isso] convém.

Ao contrário dos NPs, quando um complemento oracional é selecionado por tais verbos, a posição desse constituinte é fixa e pós-verbal, em CompVP. Vejamos a representação da construção em (61a) abaixo:

(64)

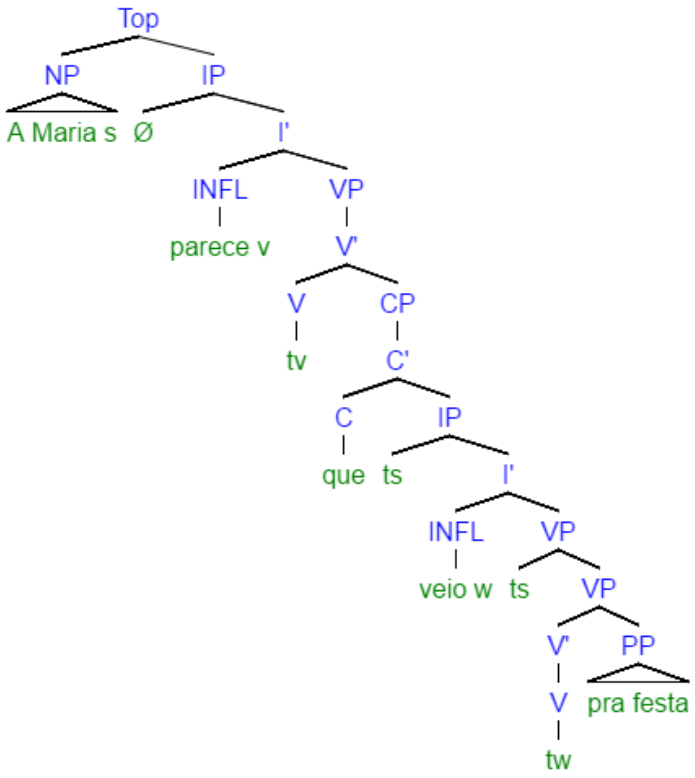


Conforme vimos o contraste entre (61a) e (61b), esclarecemos que o CP que contém a oração encaixada não pode se mover para uma posição pré-verbal, enquanto o NP pode. A particularidade de verbos como *parecer* que frisamos anteriormente seria, então, a possibilidade de um argumento NP interno à oração encaixada, do mesmo modo que um NP em CompVP (para os inacusativos prototípicos), poder ser alçado à alguma posição que se encontre disponível à esquerda do verbo (em INFL) na oração matriz, SpecIP ou TopP. O resultado desse movimento de alçamento pode ser visto na oração seguinte.

(65) A Maria parece que veio pra festa, mas eu não vi ela ainda.

Representada da seguinte maneira:

(66)



Pode ser percebido que o argumento externo da oração *A Maria veio pra festa* foi alçado desde SpecIP da oração encaixada (para onde havia já se movido desde SpecVP) até SpecIP da Or-matriz, sendo assumida uma relação de concordância entre *A Maria* e o verbo *parecer*.[22]

No exemplo acima, temos uma possibilidade de alçamento, i.e., que pode ou não se realizar na ES sem que haja alguma violação aos preceitos da Teoria da Gramática. Em outros casos, contudo, temos um movimento de alçamento obrigatório, destinado à satisfação das condições de visibilidade de NPs da oração encaixada segundo a Teoria do Caso. Exemplos desse comportamento podem ser vistos em (67), a seguir:

(67) a. $_{SpecIP}$___ Parecer [$_{SC}$ essas crianças hiperativas].

b. $_{SpecIP}$___ Acabar [$_{SC}$ os corredores muito cansados].

[22] Há casos de alçamento mais particulares que não legitimam a concordância, tal como movimento a TopP, conforme veremos mais adiante.

Quando a Or-matriz seleciona uma *Small Clause*, em que o predicador da minioração é incapaz de atribuir Caso ao NP (nesse caso o predicador é adjetival, núcleo da SC=AP), tem-se a obrigação de realização da operação de alçamento do argumento externo da SC a SpecIP-matriz para satisfazer as condições de boa-formação da sentença. Como a posição pré-verbal está vazia e o Caso Nominativo está disponível para atribuição, por INFL, o AE da SC *se move* para cima, até que ele encontre uma posição adequada para licenciamento na estrutura. O resultado desse movimento é visto abaixo:

(68) a. $_{SpecIP}$Essas crianças$_i$ parecem [t_i hiperativas].
b. $_{SpecIP}$Os corredores$_i$ acabaram [t_i muito cansados].

O comportamento dos verbos *parecer* e *acabar* nos exemplos acima se assemelha ao dos chamados verbos de ligação ou cópulas, tal como vimos no grupo (v) do subcapítulo anterior, sobre a hipótese inacusativa, em que elementos são alçados a SpecIP-matriz unicamente em busca de Caso estrutural e licenciamento.

Tendo em conta que os Verbos de Alçamento selecionam complementos oracionais, assumimos que podem ser subcategorizadas orações desenvolvidas, cuja projeção máxima é representada por CP, orações reduzidas de infinitivo ou gerúndio, cujas projeções máximas são representadas InfP ou GerP, respectivamente, além das orações chamadas de *Small Clauses* (miniorações), cuja projeção máxima é representada de acordo com a natureza do seu predicador[23], conforme os exemplos que seguem:

(69) a. $_{SpecIP}$___ Acabou [$_{CP}$ que eu fiquei sem dinheiro].
a'. $_{SpecIP}$Eu$_i$ acabei [$_{CP}$ t_i que fiquei sem dinheiro].

b. $_{SpecIP}$___ Só faltou [$_{InfP}$ os meninos trazerem cerveja].
b'. $_{SpecIP}$Os meninos$_i$ só faltaram [$_{InfP}$ t_i trazer cerveja].
b''. $_{SpecIP}$Os meninos$_i$ parecem [$_{InfP}$ t_i ter trazido cerveja pra festa].

[23] Nosso trabalho trata das *Small Clauses* com a representação geral SC, tal que SC=XP em que XP=*projeção máxima de natureza igual à do predicador da minioração.*

c. $_{SpecIP}$___ Acabar [$_{GerP}$ os garçons trazendo a conta de outra pessoa].
c'. $_{SpecIP}$Os garçons$_i$ acabaram [$_{GerP}$ t_i trazendo a conta de outra pessoa].

d. $_{SpecIP}$___ Parecer [$_{SC}$ os alunos distraídos].
d'. $_{SpecIP}$Os alunos$_i$ parecem [$_{SC}$ t_i distraídos]

Quando a Or-encaixada for desenvolvida, o NP-AE dela pode permanecer na posição em que foi gerado na base ou pode ser alçado a SpecIP-matriz, assim como acontece em (69a,a'), respectivamente. Contudo, quando o verbo da Or-encaixada estiver em uma forma não-finita [-Agr] ou o complemento for do tipo SC, o NP é obrigatoriamente alçado para a posição disponível na matriz, tal como acontece em (69b'',c',d'), para que possa ter atribuído para si o único Caso disponível na sentença, Nominativo de INFL.

Ainda que os Verbos de Alçamento constituam uma classe particular, o comportamento das construções encaixadas com relação ao movimento é distinto, conforme pesquisa em sincronia ou diacronia de diversos autores, entre eles Duarte (2004, 2007a), Martins e Nunes (2005), Henriques (2008, 2013). Isso porque o verbo *parecer*[24] possibilita a ocorrência de 4 (quatro) estruturas diferentes enquanto os demais verbos possibilitam apenas 2 (duas). Apresentamos as possiblidades para o verbo *parecer* abaixo:

(70) a. [$_{IP}$ [ø$_{expl}$] Parece [$_{CP}$ que [$_{IP}$ as pessoas não sonham]]].
b. [$_{IP}$ As pessoas$_i$ parecem [$_{InfP}$ t_i não sonhar]].
c. [$_{TopP}$ As pessoas$_i$ [$_{IP}$ [ø$_{expl}$] parece [$_{CP}$ que [$_{IP}$ t_i não sonham]]]].
d. [$_{IP}$ As pessoas$_i$ parecem [$_{CP}$ que [$_{TopP}$ t_i [$_{IP}$ Ø$_i$ não sonham]]]].
e. [$_{IP}$ As pessoas$_i$ parecem [$_{CP}$ que [$_{TopP}$ t_i [$_{IP}$ elas$_i$ não sonham]]]].[25]

A literatura reconhece a sentença em (70a) como a construção base, i.e, sem alçamento, em que o verbo *parecer* é seguido do seu complemento oracional (CP), que permanece em CompVP com o NP-sujeito interno às suas fronteiras. Em (70b)

[24] Para maiores esclarecimentos, ver Henriques (2013), que trata do verbo parecer em separado dos demais.
[25] Exemplo original (11), em Henriques (2013, p.11).

vemos a estrutura com o alçamento padrão, em que o complemento do verbo é uma oração reduzida de infinitivo, do tipo InfP [-Agr], obrigando o seu NP-sujeito a *escalar* a estrutura para receber Caso Nominativo em INFL-matriz. O exemplo (70c) apresenta a estrutura com deslocamento, em que o NP da Or-encaixada reside em uma posição periférica da estrutura (TopP). O fato é evidenciado pela falta de concordância entre o NP *as pessoas* e o verbo *parecer*, que permaneceu no singular, e que tem em SpecIP uma categoria vazia, do tipo *pro* expletivo. Assim, temos que o sujeito da oração encaixada recebe Caso Nominativo de INFL do seu predicador, por meio de coindexação, sinalizada pelo índice ($_i$). Em (70d,e) vemos construções em que ambos os verbos, na matriz e na encaixada, acabam por ser flexionados, sendo que em (70e) existe a presença de um pronome cópia em SpecIP da Or-encaixada. Tais construções seriam consideradas instâncias de hiperalçamento (Ferreira, 2000), mas que em (70d) o alçamento teria origem na posição de sujeito enquanto em (70e) na posição de tópico. Como nosso objeto de estudo recai sobre as orações com InfP, não abordaremos mais a fundo essa questão.[26]

Com os demais verbos de alçamento, *acabar, bastar, convir, custar, demorar, faltar e levar*, estão disponíveis apenas duas estratégias: a construção sem alçamento e a construção com alçamento padrão. Nessas construções, a estrutura do complemento oracional pode variar, podendo ser de categoria CP, InfP, GerP ou PP. Vejamos alguns exemplos apresentados abaixo:

(71) a. Acabou [$_{CP}$ que a Maria não pôde vir].
b. Bastava [$_{CP}$ que o Hermenegildo trouxesse o refri], mas não!
c. Convém [$_{CP}$ que vocês levem cobertas], pois vai estar bem frio lá!
d. Só faltou [$_{CP}$ que ele falasse de vocês na entrega do prêmio].

(72) a. Bastava [$_{InfP}$ o Hermenegildo e o irmão dele trazerem o refri], mas não!
b. Convém [$_{InfP}$ vocês levarem cobertas], porque lá faz muito frio!
c. Faltou [$_{InfP}$ os pesquisadores falarem de vocês na entrega do prêmio].
d. Não custa [$_{InfP}$ eles chegarem uns quinze minutos mais cedo].

[26] Para os posicionamentos teóricos, ver Ferreira (2000), Kato (1999), Martins e Nunes (2005), Nunes (2008).

(73) a. A Maria$_i$ acabou [$_{GerP}$ t_i viajando pro interior].
b. Os meninos$_i$ demoraram [$_{GerP}$ t_i comprando a janta].
c. O garçom$_i$ custou [$_{GerP}$ t_i trazendo essa conta].

(74) a. Demorou [$_{PP}$ pr*os* clientes perceberem o que 'tava acontecendo].
b. Os meninos$_i$ demoraram [$_{PP}$ pra t_i comprar essa janta].
c. Os alunos$_i$ custaram [$_{PP}$ pra t_i entregar o trabalho].
d. Custou [$_{PP}$ pr*os* meus filhos largarem o bico].
e. A Maria e a Joana$_i$ levaram uma hora [$_{PP}$ pra t_i fazer o exercício].

Apresentamos, nesse subcapítulo, a estrutura das construções com Verbos de Alçamento. Pudemos notar que os Verbos de Alçamento não selecionam um argumento externo (a posição SpecIP é disponível à esquerda); que, por outro lado, eles selecionam um argumento oracional para a posição interna do constituinte VP; que esse argumento oracional pode ser da categoria CP (para orações desenvolvidas), InfP ou GerP (para as orações reduzidas de infinitivo ou gerúndio) ou PP (para as orações precedidas por preposição); que o complemento pode ter um constituinte NP alçado para SpecIP-matriz nas orações desenvolvidas, mas que *ele* é obrigatoriamente alçado nas orações não-finitas [-Agr]; e que, por fim, nas orações não-finitas com InfP [+Agr], o NP pode permanecer interno à oração em que se encontra o seu predicador (verbo infinitivo flexionado).

O comportamento dos Verbos de Alçamento será bastante abordado no capítulo de Análises e Discussões, mas precisamos, antes de finalizá-lo, fazer uma ressalva com relação aos verbos auxiliares: tais verbos, aparentemente funcionam *comportalmentalmente* da mesma maneira na sintaxe, conforme exemplos abaixo:

(75) a. $_{SpecIP}$___ Ir [$_{InfP}$ o João chegar cedo hoje].
b. $_{SpecIP}$O João$_i$ vai [$_{InfP}$ t_i chegar cedo hoje].

Menuzzi[27] ressaltou que, aparte da semelhança entre eles, o complemento tomado para argumento interno deve ser alguma projeção degenerada, visto que normalmente não se manifestam como categoria CP.[28] Para outros verbos auxiliares, todavia, há algumas questões que precisam de maior esclarecimento. Atentemos para as construções abaixo:

(76) a. $_{SpecIP}$___ Ter [$_{CP}$ que [$_{InfP}$ a Maria ir embora logo]].
b. $_{SpecIP}$A Maria$_i$ tem [$_{CP}$ que [$_{InfP}$ t_i ir embora logo]].
c. $_{SpecIP}$A Maria$_i$ tem [$_{PP}$ de [$_{InfP}$ t_i ir embora logo]].
d. $_{SpecIP}$A Julieta$_i$ começou [$_{PP}$ a [$_{InfP}$ t_i fazer aulas de ioga]].
e. $_{SpecIP}$O Hermenegildo$_i$ parou [$_{PP}$ de [$_{InfP}$ t_i cortar os cabelos]] faz tempo.

Não sabemos bem qual a natureza do *que* em (76b) nem mesmo podemos assegurar que *de* em (76c) seja de fato uma preposição, à semelhança do que ocorre em (76d,e). Contudo, como nosso trabalho não tem a intenção de formular propostas teóricas sobre a natureza desses constituintes, nos limitaremos a formular representações tais quais as apresentadas acima, i.e., com verbos auxiliares subcategorizando projeções máximas de acordo com o elemento que o segue, ou seja, seguimos a evidência mais aparente na estrutura.

2.2. Abordagens (mais ou menos) contemporâneas

Neste subitem, serão apresentadas duas abordagens: uma que apresenta a teoria específica para o tratamento do Infinitivo Flexionado com que trabalharemos nos resultados e discussões; outra que apresenta o *corpus* do qual nos valeremos para, em parte, verificar se a teoria específica dá ou não conta dos dados.

---

[27] As inúmeras contribuições do professor Sérgio de Moura Menuzzi foram muito valiosas e muito bem recebidas acerca de diversos pontos do presente trabalho, sendo a maioria feita de maneira informal e de bom grado, em resposta aos numerosos questionamentos feitos.

[28] Apesar de haver sentenças como as abaixo:
(18) a. Vai [$_{CP}$ que o professor chega atrasado], daí não tem prova!
b. Pode [$_{CP}$ que a Maria diga uma coisa dessas na cara da pessoa]?

2.2.1. A análise em Eduardo Raposo (1987a), para o Inf-F do PE

Provavelmente, o trabalho mais completo acerca do infinitivo flexionado realizado até o momento – de que tenhamos conhecimento – foi o realizado por Raposo (1987a). A principal questão abordada trata do Caso adquirido pelos sujeitos das construções infinitivas encaixadas que admitem a presença de flexão número-pessoal afixada ao verbo. A ideia central desenvolvida segue do fato de que a flexão dos infinitivos [+Agr], ainda considerada uma amálgama em IP, somente poderia distribuir um Caso abstrato se ela própria recebesse um, de um regente externo à oração subordinada, ou seja, ela precisaria de uma marcação de Caso para que pudesse ser ativada e licenciada como atribuidora de Caso Nominativo, habilitando a ocorrência de sujeitos lexicais na sentença.

A primeira noção relevante é a expansão do nódulo INFL, conforme segue:

(77) Infl = [[± Tense], (Agr)]

Cumpre notar que esse ponto de vista é fundamental para que a teoria seja entendida. A maior parte das línguas apresenta uma relação estreita entre os valores [*Tense*] e [*Agreement*], sendo que, para que a concordância com o sujeito contida em [Agr] possa ser realizada, normalmente o valor em [Tense] deve ser positivo [+T]. Entretanto, línguas como o chinês podem apresentar o valor [+T] independentemente da presença de [Agr]. Para o PT a relação, segundo Raposo, seria inversa, *i.e.*, o traço [+T] não precisa estar presente em todas as formas verbais – veja-se, p.e., as formas infinitivas do verbo, ausentes de tempo ou modo –, ao passo que, tomando o infinitivo flexionado como exemplo, pode-se ter o valor em [Tense] negativo [-T] exibindo marcas de concordância com a pessoa do sujeito [+Agr]. De maneira mais clara, significa dizer que o PT pode apresentar as seguintes combinações de traços:

- [+Tense, +Agr] > formas finitas
- [-Tense, -Agr] > formas infinitivas não-flexionadas
- [-Tense, +Agr] > formas infinitivas flexionadas

O resultado dessa análise leva Raposo a formular um Parâmetro relacionado à combinação de flexões em PB, em (78):

(78) Parâmetro Infl

A escolha do valor de [Tense] é livre na presença do valor [+Agr].

Contudo, o parâmetro não é suficiente para garantir a atribuição de um Caso abstrato ao sujeito da oração infinitiva. Podemos ver em (79) esse resultado:

(79) a. *Eles estão ansiosos [*pro* votarem a proposta].

b. *Eles estão indo agora [*pro* chegarem cedo em casa]

Podemos perceber que, em ambas as sentenças, o fato de o verbo conter a combinação de traços [-T, +Agr] não lhe garante o direito de atribuir Caso nominativo ao NPs *pro*, formando sentenças agramaticais da língua. É necessário, então, que o nódulo de Concordância [+Agr] esteja em posse de um Caso para, assim, poder atribuir[29] Caso Nominativo ao seu sujeito. Contraste com as sentenças em (80), em que as preposições *pra* e *por*, atribuidoras de Caso Oblíquo, figuram na sentença:

(80) a. Eles estão ansiosos por [*pro* votarem a proposta].

b. Eles estão indo agora pra [*pro* chegarem cedo em casa]

Podemos, agora, trazer à tona a questão do Sujeito Nulo. A formulação de Chomsky (1982):

---

[29] Cumpre notar que, em Figueiredo Silva (1996), diz-se que o nódulo [+Agr] transmite Caso ao sujeito da infinitiva. A expressão não nos parece adequada. A impressão que ficamos é a de que a transmissão do Caso seja quase que um repasse, o que de fato não pode ser verdade, pois, a menos que a posição da infinitiva fosse *Spec IP*, em que ela recebesse Caso Nominativo, o Caso poderia ser transmitido. Nas sentenças em (80), o Caso recebido por [Agr] é oblíquo, razão pela qual o sujeito deveria poder ser uma forma exclusivamente não-subjetiva, tal como os pronomes oblíquos. Compare-se o contraste entre as sentenças em (80) e as produzidas abaixo, em que mostramos o resultado agramatical das sentenças:

(19) Eles estão ansiosos por [eles votarem a proposta].
(20) Eles estão indo agora pra [eles chegarem cedo em casa]
(21) *Eles estão ansiosos por [os votarem a proposta].
(22) *Eles estão indo agora pra [os chegarem cedo em casa]

Na sequência da sua obra, a autora reformula a questão, alegando a autonomia do Caso Nominativo em [+Agr], apresentado por Rizzi em um curso, nos anos de 1993/1994.

(81) O Parâmetro do Sujeito Nulo

[Agr] possui os traços nominais de gênero, número e pessoa, podendo também ser especificado para o Caso.

Assim, podemos pensar que, se a flexão de número-pessoa possui esses traços e pode ser especificada para Caso, temos que o infinitivo flexionado só será possível em línguas de sujeito nulo, ou seja, uma língua de morfologia rica e portadora dos traços-φ do sujeito, que poderá ter na posição de sujeito uma (cv) do tipo *pro*.

Analisando orações subordinadas reduzidas de infinitivo, precisamos distinguir entre as categorias máximas que são projetadas para comportar a Inf-Fs. Considerando as sentenças sujeito:

(82) a. [$_{IP}$ Eles aprovarem a proposta] será difícil.

b. Será difícil [$_{IP}$ Eles aprovarem a proposta].

Raposo assume a caracterização de [Agr] como o elemento nível-zero de um NP, combinando propriedades projetivas da Teoria X-barra. Assim, sendo INFL o núcleo de IP, uma unidade que pela combinação de traços [-T,+Agr] carrega informações semânticas de Nome (N), todo o IP em verdade seria uma projeção máxima [+N]. Significa dizer que não diferem de NPs, podendo ser filhas imediatas da projeção S matriz, a mais alta na estrutura, esclarecendo que nos casos em que a oração InfP cumpre o papel de sujeito na sentença, não há nódulo CP dominando IP. Para o caso do sujeito deslocado, representado em (82b), a atribuição do Caso Nominativo ao IP se dá via cadeia, ou seja, um *pro* expletivo na posição de sujeito da sentença matriz é coindexado com a sentença subordinada, que recebe o Caso através dessa cadeia, ativando sua propriedade de distribuição de Caso, licenciando *eles* como sujeito.

Quanto às orações Inf-Fs como complementos subcategorizados, Raposo (1987a) trata de três dos quatro tipos de complementização: a selecionada por predicados factivos; a por predicados epistêmicos; a por predicados declarativos; a por predicados volitivos. A distinção maior entre os tipos de predicados na sentença matriz é feita com base na seleção que cada verbo faz de seus complementos.

Predicados do tipo factivo, tais como *lamentar, deplorar, censurar e aprovar*, selecionam NPs para a posição de complemento. Desse modo, quando a oração infinitiva figura nessa posição, o que temos é um predicado com projeção máxima IP.

Uma forma de sustentar esse fato é colocar um artigo frente da Or. Inf-F ou antepor a palavra fato. Vejamos os exemplos em (83):

(83) a. Nós lamentamos [$_{NP}$ o [$_{IP}$ eles terem recebido pouco dinheiro]].
b. Nós lamentamos [$_{NP}$ o facto de [$_{IP}$ eles terem recebido pouco dinheiro]].
c. Nós lamentamos [$_{NP}$ o pedido dos Jesuítas].

Dado o fato de que o predicado factivo subcategoriza projeções máximas nominais, um IP seria suficiente para satisfazer os critérios de seleção da complementização.

Com relação aos predicados epistêmicos, volitivos, a análise segue no mesmo sentido, sendo indispensável perceber quais são as características selecionais do verbo com relação a seu complemento:

(84) a. *O Manel pensa [os amigos terem levado o livro].
b. *O Manel desejava [os amigos terem levado o livro].

Notemos que os predicados não são compatíveis com a reflexão sobre os verbos factivos, razão pela qual a manipulação das sentenças bloqueia o preenchimento nos moldes da complementização em (85):

(85) a. *O Manel pensa o (facto de) eles receberem pouco dinheiro.
b. *O Manel desejava o (facto de) eles receberem pouco dinheiro.

Os argumentos são bastantes para inferir que as propriedades selecionais dessas classes de verbos subcategorizam CPs para a complementização – ao contrário dos factivos, que selecionam IP=N^{MAX} –, conforme os exemplos em (86):

(86) a. O Manel pensa [$_{CP}$ que eles recebem pouco dinheiro].
b. O Manel deseja [$_{CP}$ que eles recebam pouco dinheiro].

Raposo (1987a) também afirma que os factivos podem selecionar CPs para a complementização, cf. (87):

(87) Nós lamentamos [que eles recebam pouco dinheiro].

Nesse sentido, a posição de CP se torna relevante para tornar a atribuição de Caso, possível em determinadas estruturas. O fenômeno reside na possibilidade de o nódulo INFL – mais especificamente o nódulo [Agr] – subir para CP, uma posição mais alta em relação ao sujeito e para receber Caso, pelas restrições impostas pela barreira de CP. Esse movimento ativaria o Caso autônomo presente na flexão [+Agr], podendo, assim, ser distribuído ao sujeito da oração infinitiva. Com volitivos, contudo, o Inf-F segue bloqueado. Nas sentenças em (88), mostramos esse comportamento:

(88) a. O Manel pensa [$_{CP}$ *pro* terem levado o livro]
b. Nós lamentamos [$_{CP}$ terem eles recebido pouco dinheiro].

As últimas observações consideradas por Raposo são a impossibilidade de Inf-Fs ocorrerem como orações encaixadas em CPs com Operadores Nulos na posição de *Spec CP* ou em orações encaixadas interrogativas.

Resumindo a proposta de Raposo (1987a), temos alguns fatos que podem ser notados:

(i) Os infinitivos flexionados podem ocorrer como orações subjetivas;
(ii) Predicados epistêmicos, declarativos e factivos podem subcategorizar orações reduzidas de infinitivo com Inf-F;
(iii) Os verbos volitivos bloqueiam a complementização com orações de Inf-F;
(iv) Verbos epistêmicos e declarativos devem ter o sujeito lexical precedendo o verbo Inf-F;
(v) Orações adjuntas licenciam a subordinação de Inf-Fs, desde que introduzidos por uma preposição;
(vi) Orações com Operadores Nulos e interrogativas bloqueiam o encaixamento de orações reduzidas de Inf-F.

2.2.2. A análise em Canever (2012), de frequências em PB

À luz de modelos baseados no uso, Canever (2012) investigou o fenômeno do Inf-F a fim de identificar tendências com relação à subordinação de orações reduzidas

de infinitivo portadoras da flexão N-P. Trata-se de uma quantificação da variação linguística. Nos valeremos dos dados apresentados pela autora, os quais, em paralelo, foram-nos gentilmente cedidos com autorização dela e do LLIC – Laboratório Linguagem, Interação e Comunicação / USP, unidade em que os dados foram manipulados. Do trabalho, reproduziremos as tabelas que forem relevantes para o nosso estudo, como forma de contrastar tendências mais adiante.

Canever criou um banco de dados composto por 180 dissertações de pós-graduação de diversas áreas com a ajuda de um software de análises chamado -*R*, buscando por contextos em que houvesse Inf-Fs, exclusivamente, com a 1ª p. ou a 3ª p. do plural. Os contextos são decorrentes do encontro da forma flexionada. Embora dados gerais sinalizem que a forma não-flexionada é preferência, a distribuição opositiva entre Inf-Fs e Inf-ñ-Fs deve ser analisada em cada uma das construções independentemente, pois, assim, podemos verificar que determinados contextos são privilegiados ou desprivilegiados para a ocorrência.

As construções analisadas são de dez tipos, a saber:

(i) Construção 1 – Complemento Adjetival
(ii) Construção 2 – Complemento Nominal
(iii) Construção 3 – Perífrases Aspectuais/Modais
(iv) Construção 4 – Orações Finais
(v) Construção 5 – Orações Causais
(vi) Construção 6 – Orações Relativas
(vii) Construção 7 – Construções com Verbos de Alçamento
(viii) Construção 8 – Orações Completivas
(ix) Construção 9 – Orações Temporais
(x) Construção10 – Ênclise/Próclise

O complemento adjetival apresenta uma distribuição equilibrada entre ocorrências de Inf-F e Inf-ñ-F, conforme tabelas e exemplos abaixo:

Tabela 1 – Infinitivos em compl. adjetivais em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	47	46,5
Flexionado	54	53,5
Total	101	100

Uma análise inicial nos faria imaginar que a distribuição de Inf-ñ-Fs e Inf-Fs estaria na proporção do acaso, i.e., próximo de 50%. Contudo, a análise muda de figura quando olhamos os dados em que os complementos adjetivais estão na voz passiva:

Tabela 2 – Infinitivos em compl. adjetivais com v. pas., em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	5	10,8
Flexionado	42	89,1
Total	47	100

Podemos perceber que, quando a voz passiva é empregada como complemento adjetival, o número de Inf-F alcança quase 90% de ocorrência:

(i) [...] categorias referidas eram muito vagas, variáveis *difíceis de serem* controladas [...]

A voz ativa, por outro lado, mostra que a preferência é bastante grande por Inf-ñ-Fs:

Tabela 3 – Infinitivos em compl. adjetivais com voz ativa, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	42	77,7
Flexionado	12	22,3
Total	54	100

Tal como em:

(i) [...] depois de terem feito o curso de fonética eles se sentiam mais *confiantes para falar* e [...]

Quando o complemento nominal é analisado, é possível perceber o emprego quase categórico do Inf-F, conforme a Tabela que segue:

Tabela 4 – Infinitivos em compl. nominais, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	3	5,5
Flexionado	51	94,5
Total	54	100

Os exemplos de Canever, entre muitos, são:

(ii) a. [...] *propósito de servirem* para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística [...]
b. ... contam, sob o *pretexto de trazerem* um presente, com o qual fingia que o rei pudesse ser [...]

As perífrases aspectuais são quase categoricamente empregadas com a forma Inf-ñ-F. Apesar de haver, elas se mostram contextualmente privilegiadas em relação ao Inf-F:

Tabela 5 – Infinitivos em perífrases aspectuais, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	167	94,9
Flexionado	9	5,1
Total	176	100

Com exemplos como:

(iii) a. Para não confessarem sua inventividade, muitos autores *chegam a citar* fontes.

b. Tudo isso por dinheiro. Depois as pessoas pobres acabam por tornarem-se [...]

Nas perífrases modais, a escolha de Inf-ñ-Fs é ainda maior, chegando à quase totalidade dos exemplos encontrados:

Tabela 6 – Infinitivos em perífrases modais, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	352	99,7
Flexionado	1	0,3
Total	353	100

Os exemplos da autora são:

(iii) a. A partir dessa definição *podemos levantar* a seguinte hipótese inicial acerca [...]
b. [...] sentirem o seu aroma, perplexos, a única verdade que *poderiam contar* à mãe não teria [...]

Com relação ao encaixamento de orações reduzidas de infinitivo na posição de adjunto, os dados em Canever são bastante interessantes. As orações finais dão preferência ao Inf-F, no quadro geral:

Tabela 7 – Infinitivos em or. finais, quadro geral, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	119	37
Flexionado	203	63
Total	322	100

Contudo, há ainda uma subdivisão nesses dados. A distribuição diferencia a 1ª p. do plural da 3ª. p. do plural, tabelas apresentadas abaixo:

Tabela 8 – Infinitivos em or. finais com 1a p. pl., em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	10	14,7
Flexionado	58	85,3
Total	68	100

(iv) a. [...] apropriação do discurso alheio pelo arranjo *para nos posicionarmos* sobre em que [...]

b. Falamos de neologia léxica, pondera Cabré (1993:444), *para referirmo-nos* ao [...]

Tabela 9 – Infinitivos em or. finais com 3a p. pl., em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	109	42,9
Flexionado	145	57,1
Total	254	100

Outro fato relevante com relação às subordinadas finais é a influência da voz passiva nas construções, tal como nos complementos adjetivais:

Tabela 10 – Infinitivos em or. finais com 3a p. pl. e v. pas., em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	3	5,5
Flexionado	51	94,5
Total	54	100

c. [...] são, na sua maior parte, interessantes, mas estão ali mais *para serem lidos* [...]

Quanto às orações causais, o quadro geral mostra uma clara tendência para o uso do Inf-F:

Tabela 11 – Infinitivos em or. causais, quadro geral, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	5	11,1
Flexionado	40	88,9
Total	45	100

(v) [...] o eixo temático. Escolhemos o termo “eixo” *por considerarmos* que ele é ao mesmo [...]

As orações completivas, por sua vez, exibem uma tendência muito forte no sentido de emprego do Inf-ñ-F:

Tabela 12 – Infinitivos em or. completivas, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	66	95,6
Flexionado	3	4,4
Total	69	100

(viii) a. [...] e no curso da fala aprendemos *a ser humanos* [...]
b. [...] sua função. Neste trabalho, optamos *por usar* o critério de Tadmor e *escrever* os nomes originais de forma [...]

As orações temporais também exibem uma tendência ao emprego da forma Inf-F:

Tabela 13 – Infinitivos em or. temporais, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	10	6,1
Flexionado	55	93,9
Total	165	100

A última análise recai sobre a Próclise e sobre a Ênclise. Para essas questões, mostramos as duas tabelas e os respectivos exemplos:

Tabela 14 – Infinitivos com próclise, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	6	18,7
Flexionado	26	81,3
Total	32	100

(x) a. [...] enfrentamos diariamente *para nos mantermos* íntegros em nossa dignidade de seres humanos

b. Doravante usaremos a sigla SD *para nos referenciarmos* ao conto O Senhor [...]

Tabela 15 – Infinitivos com ênclise, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	18	49,9
Flexionado	26	59,1
Total	44	100

(x) a. [...] japonês etc., julgamos que seria importante *determo-nos* em uma análise cuidadosa [...]

b. Devemos, no entanto, *lembrarmo-nos* sempre do que nos diz KENNEDY[...]

O último dado que queremos apresentar, trata-se dos verbos de alçamento.

Tabela 16 – Infinitivos com verbos de alçamento, em Canever (2012).

Infinitivo	Ocorrências	%
Não flexionado	112	86,8
Flexionado	17	13,2
Total	129	100

(vii) a. [...] falantes de português, *parecem falar* em línguas diferentes, sobre realidades [...]

b. Muitos linguistas *parecem defender* o ponto de vista dos cognitivistas de que [...]

c. [...] pele sempre jovem e bonita, pois *parece serem* essas as grandes preocupações do leitor.

d. A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias *parece conspirarem* contra o homem [...]

e. [...] assim *convém serem lançados* os dardos de Hércules [...]

Apesar de não apresentarmos todas as análises em Canever (2012) neste ponto, as tabelas acima mostram que determinados contextos tendem a favorecer o Inf-F de maneira acentuada, sendo a voz passiva, aparentemente, um tipo de construção que tende a ser realizada com Inf-F – ao menos numa grande porcentagem – independentemente do contexto.

3. METODOLOGIA

O presente estudo sobre o infinitivo flexionado, num primeiro momento, tinha a intenção de traçar um paralelo entre a linguagem escrita infantil e a linguagem escrita adulta. A razão pra essa abordagem é que um grande número de estruturas com a flexão do infinitivo chamou a nossa atenção durante pesquisas de iniciação científica no período da graduação e que, curiosamente, violavam o nosso senso de gramática internalizada, nos motivando a aprofundar a coleta de dados. Essa inserção da flexão verbal em contexto curioso foi identificada na análise de 164 redações do Banco de Redações do Vestibular Universidade Federal de Pelotas, produzidas por candidatos ao Vestibular UFPel. Como o Banco de Redações não é digitado ou digitalizado, o trabalho se mostrou um pouco árduo, uma vez que feito com verificação de fotocópias, muitas vezes de difícil leitura – seja pela letra do candidato, seja pela qualidade da fotocopiadora. Ao final, foram extraídas 54 estruturas oracionais com emprego do infinitivo flexionado, transcritas, e que compõem uma parte dos resultados do presente estudo.

Sendo sabido que, para o paradigma gerativo, a linguagem da criança é capaz de sinalizar as mudanças em curso na língua, nossa hipótese era a de que textos escritos durante o período de aquisição dessa linguagem (no nosso caso, o Português Brasileiro) pudessem mostrar um reflexo da gramática que, nos adultos, conforme mostraremos em Análises e Discussões, parece inserir flexões verbais em contextos curiosos, ou seja, em que elas não seriam esperadas, pelo menos ao nosso julgamento primário (como falantes de língua materna).

Conforme nossa intenção primeira, traçar um paralelo entre as estruturas encontradas nos textos produzidos para o Vestibular UFPel e textos produzidos por crianças, recorremos ao GEALE – Grupo de Estudos Aquisição da Linguagem Escrita -, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. O Grupo[1], gentilmente, nos cedeu 4 estratos de coleta digitalizados, com redações de 1ª a 4ª

[1] Agradecemos, especialmente, à professora Dr.ª Ana Paula Nobre da Cunha, integrante do GEALE, pelo tempo e pelo auxílio despendidos conosco.

séries. Havia, ainda, um número bastante grande de redações que estavam por ser digitalizadas ou que, em outros estratos, haviam já sido digitalizadas e estavam por ser transcritas e que, segundo a Coordenação do GEALE, estariam à nossa disposição, caso achássemos necessário. Nesses estratos que nos foram cedidos, havia 157 textos coletados em sala de aula, com a devida autorização dos pais dos alunos e sob a condução de participantes do GEALE, de acordo com a metodologia proposta pelo Grupo.

A coleta desses dados segue uma orientação didático-metodológica rigorosa: (i) os alunos escrevem orientados por uma história fictícia, apresentada a partir de conteúdo imagético; (ii) não há interferência ou direcionamento durante a coleta por parte dos professores ou dos integrantes do Grupo; (iii) os alunos têm liberdade para escrever a história da forma como lhes pareça mais adequada ou conveniente; entre outros pontos. Percebendo que há liberdade para os alunos escreverem, imaginamos que o uso do infinitivo flexionado, caso fosse de uso corrente na linguagem oralizada, poderia alcançar um número grande de ocorrências nos textos infantis, uma vez que as crianças ainda não recebem orientações, nessa idade, sobre o uso formal da linguagem, nem consideram ou percebem o momento da produção como um contexto de linguagem monitorada.

Contudo, nossa hipótese se mostrou infrutífera: analisando as 157 produções textuais, não encontramos nenhuma ocorrência de infinitivo flexionado que pudesse ser considerada amostra análoga às dos exemplos que identificamos nas redações de Vestibular. Considerando o enfraquecimento da morfologia flexional de 2ª pessoa do singular para o Inf-F (p.e. Tu jogar *–es*), nossas buscas se centrariam nas 2ª e 3ª pessoas do plural (p.e. Nós Saber *–mos* / Eles saber *–em*), uma vez que as outras pessoas do discurso normalmente compartilham o morfema-Ø para a marcação infinitiva, fato que não nos permite saber se a forma verbal está efetivamente flexionada ou se reflete um caso de infinitivo não-flexionado. Há que se destacar que, ainda que as produções não tenham demonstrado o uso das formas de infinitivo flexionado, os contextos em que o infinitivo ocorreu foram aqueles que não são propícios para tal, ou seja, não encontramos contextos em que o Inf-F pudesse ser empregado.

Assim sendo, passamos a outra fonte para buscar exemplos de estruturas com Inf-F: o LLIC – Laboratório “Linguagem, Interação e Cognição”, da Universidade de

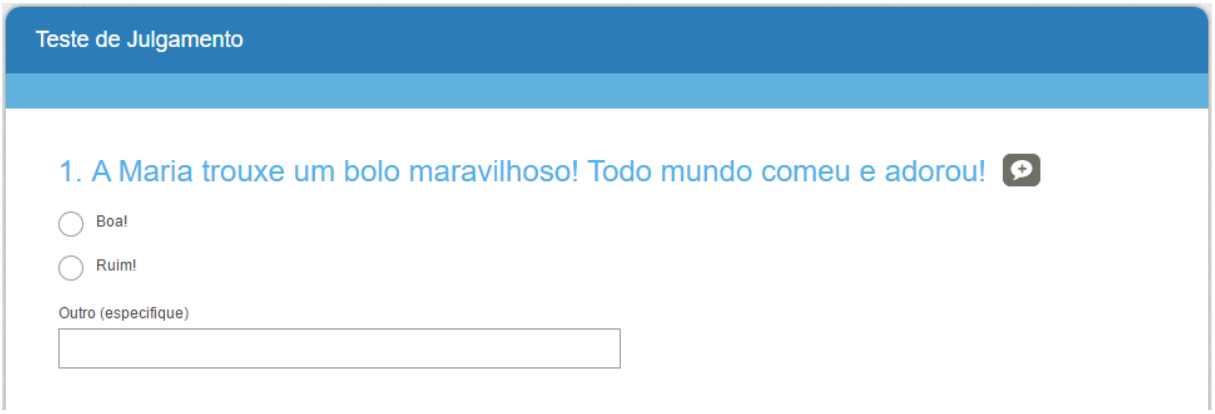
São Paulo. Foi-nos disponibilizado o bando de dados do LLIC[2], também gentilmente, em que, utilizando-se do software computacional-estatístico –*R*, Canever manipulou 180 teses e dissertações produzidas por pós-graduandos da USP, o que nos permitiu ter acesso a um número de dados considerável, do qual foram extraídas diversas ocorrências de Inf-F utilizadas para construir os questionamentos, as análises e parte das conclusões desse trabalho.

Nossa intenção, primária, então, passou a ser verificar se, a partir da análise disposta em Raposo (1987a), principalmente, a Teoria da Gramática daria conta dos dados verificados (LLIC) e do Vestibular. Ainda que alguns contextos sejam pouco produtivos para a ocorrência do Inf-F, tal como perífrases, realizamos nossas análises com o intuito de perceber se o recebimento de um Caso no núcleo InfP permitiria a ativação do Caso Nominativo em [+Agr] para, quando presente, ser licenciado um sujeito na oração infinitiva. Por outro lado, perceberíamos, também, se a oração INF encaixada, na ausência de Caso atribuído a [+Agr], de fato, resultaria em movimento dentro da estrutura, para que o sujeito da oração pudesse ficar visível em FL.

Como nossas análises recaem, de maneira bastante teórica, sobre produções do Vestibular UFPel e trabalhos de pós-graduação da USP, resolvemos, por fim, verificar a aceitabilidade das sentenças que se mostram, pelo menos nos comportamentos identificados pelo banco de dados do LLIC-USP, como menos propícios para a ocorrência do Inf-F. Optamos por um teste de julgamento dos contextos em que a frequência de Inf-F é menor, principalmente os verbos de alçamento e as perífrases verbais. Utilizamos, como instrumento de coleta, a plataforma *SurveyMonkey*[3], um software de pesquisas e questionários sediada *online*, que nos permitiu distribuí-lo pela via digital, além de gerenciar os resultados instantânea e virtualmente. Nosso teste continha instruções básicas, em que esclarecíamos ser o nosso objetivo coletar respostas baseadas na aceitabilidade das sentenças em contextos de oralidade, mas que *não buscávamos* julgamento de adequação das construções às predições da Gramática Tradicional, i.e., o falante deveria sinalizar se as sentenças são ou poderiam ser produzidas naturalmente por falantes nativos do PB, não se elas se adequavam às regras dispostas em livros sobre comportamentos adequados* de gramática escrita. Junto às sentenças, o falante tinha

[2] Agradecemos a Fernanda Canever por nos ceder os dados.
[3] A plataforma é disponível em: http://pt.surveymonkey.com.br.

apenas 2 opções de resposta a serem assinaladas: Boa ou Ruim! Ou seja, nosso intuito era de que o usuário da língua lesse a sentença e nos dissesse se ela se tratava de uma sentença do PB ou não, tal como na imagem que segue:



Ademais, caso quisesse (segundo uma instrução adicional), o informante poderia nos dizer o que havia de *estranho* nas sentenças consideradas *ruins* por ele num campo livre para comentários, com até 50 caracteres, ou mesmo nas que ele considerasse *boas*, tal como uma resposta nesse sentido: *a frase é boa, mas o ponto X me incomoda*!

Coletamos os julgamentos de 50 informantes, porém, não temos o mesmo número de respostas para cada sentença avaliada. Esse fato se deve ao abandono do teste antes do seu término por alguns indivíduos, sendo, contudo, levadas em consideração as respostas até o momento em que o informante deixa a plataforma. O software se encarrega de salvar o resultado de cada sentença sempre que a tecla indicada para passar ao próximo julgamento é selecionada na página, sendo, então, o número de respostas para as questões que estivessem mais próximas do fim menor do que o mesmo número para as questões iniciais. Além disso, segundo a própria plataforma, o tempo previsto para cada teste completo seria de prováveis 11 minutos.

Distribuímos, em 32 páginas da plataforma, as instruções iniciais, 8 perguntas-alvo e 21 sentenças distratoras, de forma a não permitir ao informante que percebesse o objeto analisado nos dados. Os resultados serão apresentados no item Análises e Discussões, seção 4.2.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Até o momento, vimos o infinitivo flexionado e suas propriedades básicas e o referencial teórico, além de visões da GT e da linguística gerativa. Discutimos agora tópicos do que foi apresentado de forma a contrastar com dados coletados em redações de Vestibular da UFPel e dados do banco de dados LLIC-USP. Apresentamos, capítulo inicial, a visão da Gramática Tradicional, que, à sua maneira, dispõe de regras gramaticais que norteiam a linguagem formal. Como os 2 conjuntos de dados configuram contextos de linguagem monitorada (redações de Vestibular UFPel ou dissertações e teses de pós-graduação USP), presume-se que a linguagem formal seja a empregada, razão pela qual expusemos as discrepâncias entre os exemplos da GT e os nossos dados, no primeiro capítulo, em notas de rodapé. Nos resta, então, abordar a visão da linguística, esse sim o *goal* deste trabalho: avaliaremos as construções com base nos posicionamentos adotados pela Teoria de Regência e Ligação, principalmente amparados pelo trabalho de Raposo, que, até o momento, tem as principais disposições sobre o funcionamento computacional do Inf-F, apresentado em 2.2.1.

4.1. A abordagem pela linguística gerativa

"... the inflected infinitive is freely generated in the base ..."[1]

[1] Raposo, 1987a, p. 88-89

4.1.1. Preliminarmente, sobre a linguagem infantil

Inicialmente, gostaríamos de fazer algumas ponderações que presumimos cabidas ou justas às intenções a que nos dispusemos. Conforme dissemos em Metodologia, tínhamos a intenção de trabalhar dados que nos permitissem fazer alguma referência à gramática da linguagem infantil, o que nos levaria a dialogar (academicamente) com alguns dos tópicos sobre o Infinitivo Flexionado levantados no estudo de Schaf Filho (2003), uma das bibliografias que nos serviu de ponto de partida, tanto de estudo quanto de questionamento. Como nossa intenção resultou subsumida pela ausência de dados no *corpus* analisado, vamos, apenas, relacionar os pontos que havíamos considerado fundamentais com as respostas que (não) obtivemos (ainda que elas nada respondam, mas, talvez, motivem estudos aprofundados, sejam nossos, sejam de outros pesquisadores). Essa primeira parte do capítulo serve como um adendo, i.e., uma parte adicional (mesmo que sem contribuições) da nossa pesquisa, que julgamos conveniente descrever.

A primeira questão que se põe é a de que o infinitivo flexionado seja um "parâmetro periférico" da linguagem brasileira (Schaf Filho, 2003, p. 12). A *core grammar*, ou a gramática central do indivíduo, é aquela desenvolvida naturalmente, composta de parâmetros adquiridos durante um processo de aquisição natural, desde o início do desenvolvimento da linguagem, enquanto a periferia (dela) seria constituída de parâmetros estabelecidos num estágio posterior – seja lá o que isso queira dizer. Como o infinitivo é composto por duas variedades, ou seja, o Inf-ñ-F e o Inf-F, Schaf Filho argumenta que aquele seria a forma não-marcada da linguagem, ou *default*, enquanto este poderia permanecer inoperante na comunicação e se desenvolver tardiamente. O período de desenvolvimento do Inf-F seria, então, posterior à idade de ingresso no meio escolar, afirmando, o autor, que, na linguagem escrita, o Inf-F daria sinais de um caráter "operante" antes mesmo de começar a dar sinais na linguagem oralizada. Sobre esse ponto, não podemos concordar com Schaf Filho – ou ao menos nos mostramos céticos para a afirmação – em razão da falta de exemplares a serem analisados. Conforme dissemos na nossa Metodologia, buscamos por dados em textos escritos de alunos de 1ª a 4ª séries, mas nossa busca foi infrutífera. Não foram encontrados dados com ocorrência de Inf-F, mas não podemos afirmar que o parâmetro seja periférico ou que não mostre sinais na linguagem infantil, visto que os contextos em que ocorreram orações infinitivas não são os contextos mais propícios

para a ocorrência do Inf-F, nem mesmo para a linguagem de um falante adulto. Dentre os materiais que foram analisados, foram encontradas ocorrências de infinitivo, porém, ou todas com o Inf-ñ-F ou, caso algum deles seja a manifestação do Inf-F, resultou mascarado pela pessoa do discurso empregada. Lembramos que a morfologia de 1ª, 2ª e 3ª p. do singular (para o paradigma corrente mais difundido), bem como a de 1ª p. do plural (pela difusão de *a gente* no quadro pronominal), e marginalmente a de 3ª p. do plural (quando não há concordância entre sujeito e verbo, que permanece no singular), pode ser concorrente, fato que não permite decifrar qual das variedades de infinitivo estaria sendo utilizada.

Outro ponto que se põe é que, se o Inf-F dá sinais de existência na escrita antes mesmo de ser falado, as crianças devem produzi-lo num momento ainda posterior à quarta série do ensino fundamental (série mais avançada dentre os dados infantis averiguados), fato que nos leva a duvidar de que a aquisição seja tão tardia ou mesmo a duvidar de que os sinais de Inf-F na escrita sejam anteriores aos sinais na fala. É possível, também, que a metodologia empregada pelo GEALE ou o assunto sobre o qual as crianças houveram de discorrer não forneçam, em geral, contextos propícios para o emprego da flexão. Fato é que, para o posicionamento de Schaf Filho, faltam evidências nos nossos dados para tomarmos uma posição a favor ou contra o autor.

A fim de esclarecer o que dissemos, apresentamos alguns exemplos da linguagem infantil, sem corrigir as grafias ou os espaçamentos[2].

(89) O coelho gosta de *brincar* de *pular*.

(90) Era uma veez, eu fui *fugir* de um leão so

(91) <u>E e meu ermão</u> adoramos *jogar* quedade braço

(92) eu fojo da minha mãe porque ela mão deixa eu*cair* para rua porque eu dole nomeus amigos

(93) A espada <u>os guerreiros</u> usão paca *lutar* com elas.

(94) A mãe da chapeuzinho mandou a chapeuzinho *levar* um lanche a vovozinha e disse lhe pra não *falar*

(95) Tenho de *comprar* roupra

[2] Sobre os dados do BATALE, alguns dos textos já haviam sido transcritos e nos foram disponibilizados em arquivo de texto (.doc), enquanto outros nos foram disponibilizados em imagem (.jpg) do texto original. Assim, algumas das transcrições neste trabalho são resultado da nossa interpretação do que fora escrito pelas crianças, sendo respeitados a grafia original e o espaçamento.

Nos dados acima, notamos que apenas dois NPs poderiam apresentar a concordância [+Agr] no INF por traços de número, *e (eu) e meu ermão* e *os guerreiros*. A análise feita em Canever (2012) já havia demonstrado que, para as orações completivas com 1ª p. plural, a frequência nos dados do LLIC-USP é de 100% de Inf [-Agr], razão pela qual a concordância com *e (eu) e meu ermão* no verbo *jogar* não seria esperada (via de regra). No segundo caso, a concordância em *paca (para) lutar*, oração final, com o sujeito da oração matriz não se realiza, estando, também, de acordo com a frequência dominante encontrada em Canever para este tipo de oração, de 53% para Inf-ñ-F. Assim como dissemos antes, nos faltam evidências para sustentar que os dados infantis privilegiem a forma não-flexionada.

Resumindo nossas pretensas averiguações sobre a tese de Schaf Filho, com relação ao comportamento do infinitivo na linguagem escrita infantil:

(i) A forma não-flexionada é a forma não-marcada no PB?
Não há dados para sustentar a afirmação, ainda que indiretamente a ausência de Inf-F no corpus *por si só indique alguma coisa, tal como um caráter de não-marcado do infinitivo invariável.*

(ii) A forma flexionada pode ser um apêndice da forma não-flexionada, ou seja, periférica?
Do mesmo modo, não conseguimos juntar evidências que suportem a afirmação.

(iii) Sobre a manifestação na fala ser posterior à na escrita?
Deixamos a questão em aberto, como possível tópico para pesquisa futura, com dados mais adequados.

Terminadas as nossas considerações (sem contribuições) sobre a linguagem infantil do infinitivo flexionado, passamos agora a abordar a linguagem adulta, para a qual (essa sim) temos dados (e questionamentos) em quantidade significativa.

4.1.2. Sobre a Teoria do Caso (em Raposo, 1987a)

Conforme deixamos já esclarecido até esse momento, nosso ponto de partida para analisar o comportamento do Inf-F será o trabalho de Raposo, sobre o qual gostaríamos de fazer uma referência direta, antecipadamente, abaixo:

> In the system to be developed [...], the inflected infinitive is freely generated in the base. Grammatical factors for the most part independent of selection rule it out in the contexts where it cannot occur.
> a. Only X^0 can move to the head position.
> b. Only X^{max} can move to the Spec position.
> (RAPOSO, 1987a, p. 88-89)[3]

Nossa análise neste segundo momento do capítulo acontecerá da seguinte maneira: primeiro, mostraremos os resultados dos dados coletados pelo LLIC-USP, apresentados em Canever (2012), de forma a criar uma linha de progressão da aceitação do infinitivo flexionado para os contextos avaliados, i.e., tentaremos deixar claro, para o nosso leitor, quais são os contextos em que o Inf-F já tem aceitação sedimentada na língua bem como quais são os contextos em que sua restrição é mais acentuada; depois, verificaremos, nesses contextos, a hipótese de Raposo (1987a), ou seja, se a teoria apresentada pelo autor (principalmente no que diz respeito à ativação do Nominativo na flexão [+Agr] do Inf) dá conta dos casos encontrados para o PB; e, por último, apresentaremos os resultados do nosso teste de julgamento realizado, presumidamente para a variedade oralizada de linguagem, de forma a contrastar a aceitabilidade de sentenças com Inf-F nos contextos sintáticos mais restritos segundo o *continuum* de progressão a ser apresentado abaixo, sobre a variedade escrita de linguagem.

Logicamente, temos ciência de que uma explicação pode não dar conta de todos os dados que temos ou que, de fato, possam ser necessárias explicações distintas para cada caso. Contudo, nosso empreendimento tratará das condições estruturais para ocorrência de Inf F, ou seja, se ele seria dependente de funcionamentos específicos dos módulos da Gramática. Essa explicação tem lugar aqui porque, a bem da verdade, o trabalho de Raposo abordou contextos sintáticos

---

[3]. *No sistema a ser desenvolvido aqui, o infinitivo flexionado é gerado livremente na base. Fatores gramaticais, na maioria das vezes independentes da seleção, os descartam dos contextos onde não podem ocorrer* (tradução livre).

distintos daqueles que estão sendo analisados no presente trabalho, i.e., tratou de questões de seleção de orações reduzidas de infinitivo a partir de uma divisão semântica dos verbos, *epistêmicos, volitivos, factivos, declarativos*, além das posições de *sujeito* e de *complemento nominal*. Nos utilizamos, então, das condições que licenciam o Inf-F descritas e tentamos verificar se é possível fazer algumas generalizações, alcançando um número maior de contextos sintáticos com a mesma hipótese (ou não).

Canever (2012) apresentou uma série de dados interessantes sobre o estágio sincrônico em que se encontra o Inf-F em termos quantitativos em contexto escrito de linguagem monitorada, sabidamente o último estágio em que as mudanças da gramática de uma língua-L podem ser atestadas. Gostaríamos, agora, de retomar esses dados de maneira distinta: adaptando-os a uma linha de progressão, ou seja, uma representação esquemática de um *continuum* distribucional das formas flexionadas (ou não-flexionadas) através dos contextos sintáticos averiguados pela autora. Vejamos abaixo:

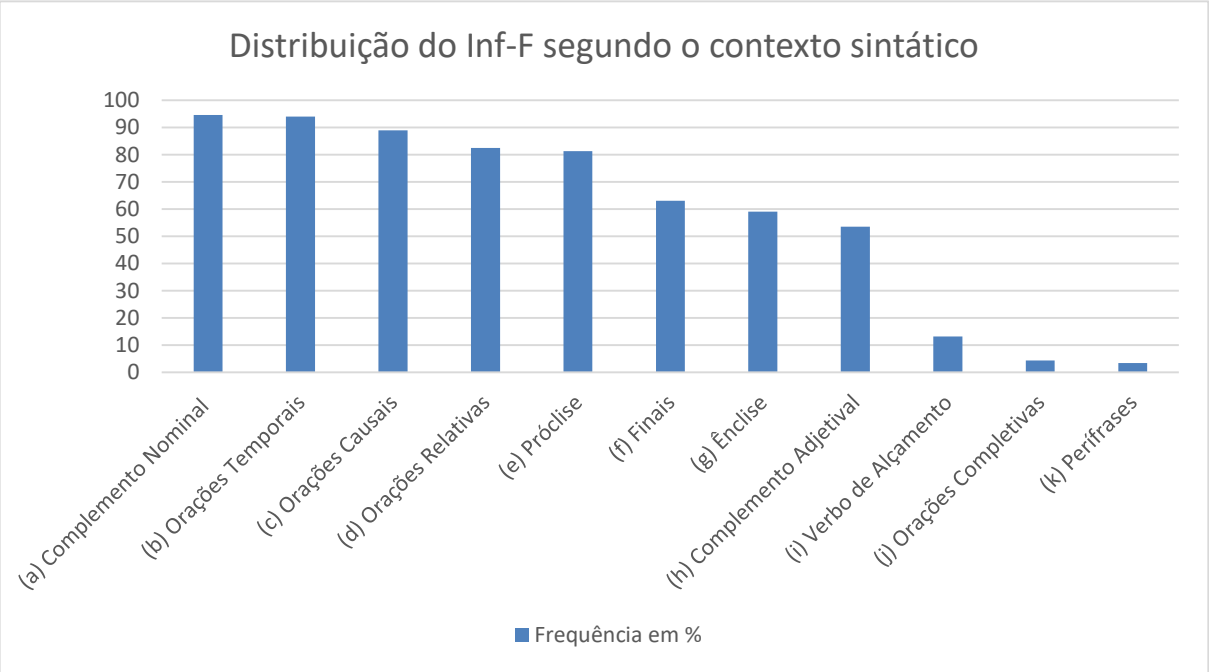


Figura 2 - Gráfico de distribuição do Inf-F por contexto sintático, segundo Canever (2012).

É possível perceber no gráfico, da esquerda para a direita, contextos sintáticos em que o Inf-F mais se manifesta, seguindo um direcionamento aos mais restritos ou bloqueados. Assim, as orações infinitivas [+Agr] que funcionam como

(a) Complemento Nominal encabeçam a lista, seguidas por todos as outras tipologias até que se chegue às (k) perífrases. É possível depreender desses dados, então, dois grupos, da seguinte maneira:

Contextos sintáticos que *privilegiam* a ocorrência do Infinitivo Flexionado		**Contextos sintáticos que *limitam* a ocorrência do Infinitivo Flexionado**	
Complemento Nominal	94,5%	Verbo de Alçamento	13,2%
Orações Temporais	93,9%	Orações Completivas	04,4%
Orações Causais	88,9%	Perífrases	03,4%
Orações Relativas	82,4%		
Próclise	81,3%		
Finais	63,0%		
Ênclise	59,1%		
Complemento Adjetival	53,5%		

Todavia, essas tipologias utilizadas na composição do gráfico acima representam as análises baseadas no quadro geral, ou seja, amplas, não refletindo exatamente a complexidade distribucional dos fatos. Isso porque algumas dessas categorias apresentaram, no estudo de Canever, padrões identificáveis em seu interior, e que dividem, de maneira mais específica, esses resultados gerais, sendo necessárias algumas subcategorizações mais. O gráfico abaixo representa, então, a esquematização completa dos dados, em que desvinculamos os dados secundários das suas divisões primárias (i.e., a divisão primária *Complementos Adjetivais*, p.e., não apresenta suas divisões secundárias *Complemento Adjetival na voz passiva* e *Complemento Adjetival na voz ativa* lado a lado, subdividida, mas, sim, independentes, na posição em que a frequência de Inf-F a coloque no ranqueamento geral, respectivamente a 5ª e a 13ª da esquerda para a direita):

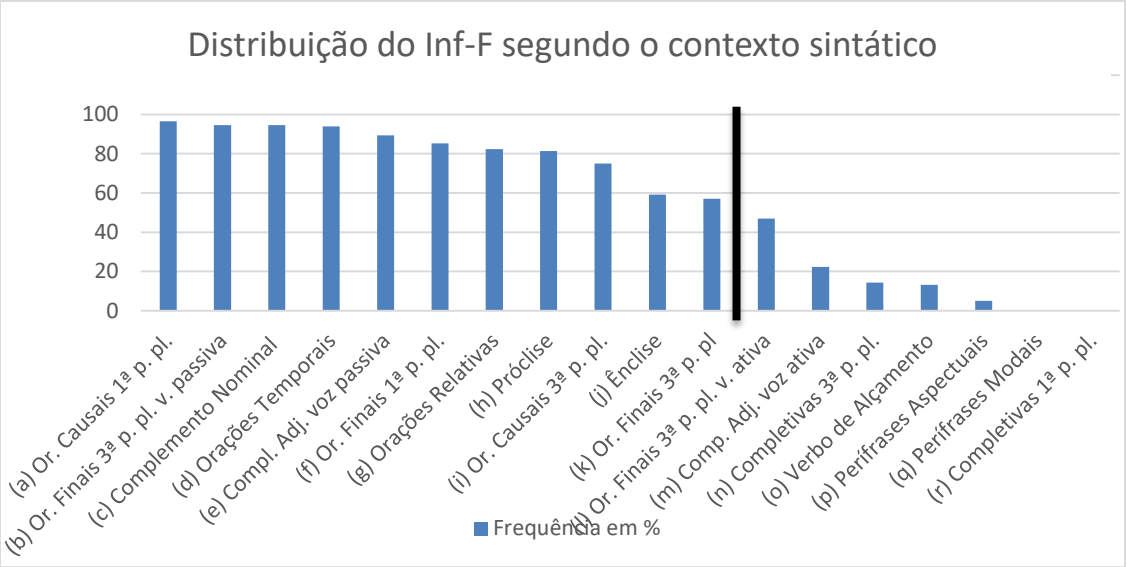


Figura 3 – Gráfico de Distribuição do Inf-F por contexto, segundo Canever (2012).

Na reformulação do gráfico, a distribuição do Inf-F muda um pouco de figura, sendo a lista *encabeçada* não mais pelas (c) orações Complemento Nominal (CN), mas pelas (a) orações Causais na 1ª p. do plural, bem como não mais sendo *encaudada* pelas (p, q) perífrases, mas pelas (r) orações completivas na 1ª p. do plural.

Um fato notável acerca do gráfico é que, desde (a) até (k) (orações finais com 3ª p. do plural (57,1 %)), o falante opta pelo preenchimento do contexto sintático com a forma flexionada do infinitivo, sendo, a partir daí ((l) (47%)), preferida a forma não-flexionada. Outro fato relevante diz respeito às orações que complementam o adjetivo: quando a voz da oração é a passiva, 89,4% das vezes tem-se a utilização do Inf-F, enquanto que, quando a voz é a ativa, esse número se limita a 22,3%. Do mesmo modo, as orações finais na 3ª p. plural também apresentam padrão semelhante: quando a voz é passiva, o Inf-F é majoritário, com 94,5% de frequência; quando ativa, prevalece o Inf-ñ-F, com 53% de frequência. As orações Completivas, tanto (n) na 3ª quanto (r) na 1ª p. do plural, as perífrases, sejam (p) aspectuais ou (q) modais, e (o) as construções com verbo de alçamento são preenchidas, majoritariamente, com Inf-ñ-F. Podemos, então, dividir (novamente) os contextos sintáticos avaliados em Canever (2012) em dois grupos, da seguinte maneira:

Contextos sintáticos que *privilegiam* a ocorrência do Infinitivo Flexionado		Contextos sintáticos que *limitam* a ocorrência do Infinitivo Flexionado	
(a) Or. Causais 1ª p. pl.	96,5%	(l) Or. Finais 3p. pl. v. ativa	47,0%
(b) Or. Finais 3p. pl. v. pas.	94,5%	(m) Comp. Adj. voz ativa	22,3%
(c) Complemento Nominal	94,5%	(n) Completivas 3ª p. pl.	14,3%
(d) Orações Temporais	93,9%	(o) Verbo de Alçamento	13,2%
(e) Compl. Adj. voz passiva	89,4%	(p) Perífrases Aspectuais	05,1%
(f) Or. Finais 1ª p. pl.	85,3%	(q) Perífrases Modais	00,3%
(g) Orações Relativas	82,4%	(r) Completivas 1ª p. pl.	00,0%
(h) Próclise	81,3%		
(i) Or. Causais 3ª p. pl.	75,0%		
(j) Ênclise	59,1%		
(k) Or. Finais 3ª p. pl.	57,1%		

Se a predição de Maurer Jr. (1968) é certa, ou seja, a presença da flexão nas formas infinitas do verbo se espalha, cada vez mais, pelos contextos considerados não-padrão de forma natural e progressiva e alcança um número cada vez maior de construções, temos um possível indicador de um *continuum* de mudança (ou de avanço), em que determinados contextos sintáticos já encontram o emprego do Inf-F quase categórico enquanto outros ainda encontram algum tipo de restrição fortemente condicionada para o Inf-F.

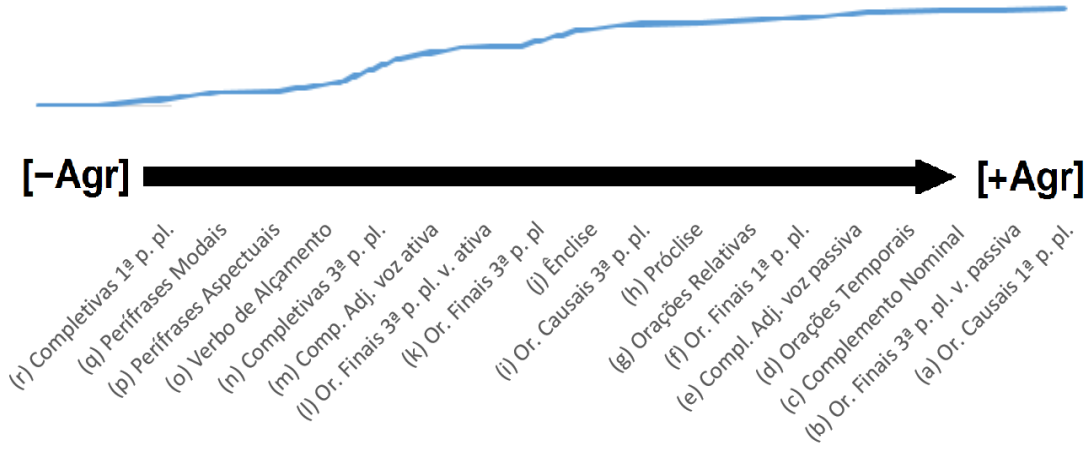


Figura 4 - Continuum de distribuição do Inf-F por contexto sintático, a partir de Canever (2012).

Se a previsão apresentada nesse *continuum* estiver acertada com a realidade linguística do PB, podemos dizer que o Inf-F, desde o seu surgimento até o momento atual, pode ocupar (segundo os dados em Canever) 17 dos 18 contextos sintáticos (somadas as divisões secundárias e excluídas as primárias) em que foi encontrado, sendo bloqueado somente em (r), orações Completivas com 1ª p. do plural (0%). A

figura acima ilustra a evolução dos contextos em direção a [+Agr], i.e., as posições mais à direita são aquelas em que, sedimentado o uso do Inf-F na língua, estão mais aproximadas de usá-lo categoricamente para identificação do sujeito da sentença, enquanto as posições mais à esquerda apresentam maior tendência à restrição ou ao bloqueio total (segundo frequências em Canever, contexto de linguagem monitorada).

A partir dessa perspectiva, passamos, então, a averiguar, nos dados disponíveis, se a gramática do PB licencia tais ocorrências com base na TRL, mais especificamente com base na principal descrição apresentada em Raposo (1987a), i.e., o Inf-F é licenciado sempre que a flexão [+Agr][4] recebe, ela própria, um Caso estrutural, permitindo a ela a ativação do seu Caso Nominativo e a sua consequente distribuição para o sujeito (quando presente) ou licenciando *pro*, em posição *under government*. Apresentaremos, então, o comportamento estrutural das sentenças com Inf-F seguindo o *continuum* mostrado acima, ou seja, seguiremos desde os contextos sintáticos com construções em que o Inf-F é mais produtivo até chegarmos aos que propiciam uma menor tendência à flexão [+Agr] em InfP. É essencial ressaltar, contudo, que não estamos tentando justificar o *continuum* com base nas disposições de Raposo mas, sim, verificar até qual ponto da escala a teoria sobre o Inf-F que tem o Caso como premissa (RAPOSO, 1987a) dá conta dos dados, i.e., estamos intencionados a verificar o alcance do poder explicativo dessa abordagem. Isso porque muitos contextos que serão abordados daqui a diante não estão previstos nem foram analisados na obra de Raposo.

4.1.2.1. <u>As construções Causais</u>

Iniciamos, então, pelas construções Causais com 1ª p. do plural, o contexto mais aceito para o Inf-F. Extraímos dos dados em Canever a sentença seguinte:

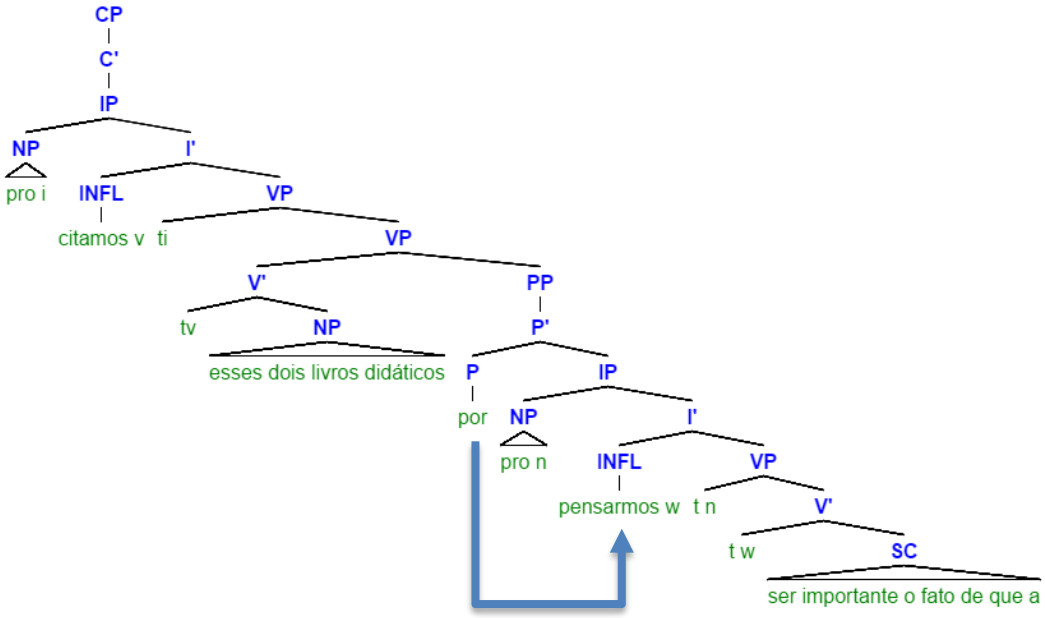
---

[4] É importante ressaltar que prescindimos, por uma opção descritiva, das análises em que se divide a amálgama INFL, i.e., sempre que houver o Inf-F, trabalharemos com AgrP interno ao núcleo INFL/Inf^0. Por analogia, também trataremos da projeção máxima com conteúdo oracional infinitivo como InfP, à semelhança de IP, i.e., um sintagma que contém a morfologia que se amálgama ao verbo em X^0, tal qual [$_{IP/Infp}$[$_{I'/Inf'}$[$_{INFL/Inf}$ (±T;±Agr)]]].

(96) Citamos esses dois livros didáticos por pensarmos ser importante o fato de que a [...][5]

A construção teria a seguinte representação arbórea:

(97)



Por qual razão sinalizamos a distribuição de Caso, com a seta azul, para o infinitivo flexionado?

> Porque onde reside *pro*, poderia haver um sujeito foneticamente realizado. Para que isso seja possível, é indispensável considerar a ativação do Caso Nominativo em [+Agr]. Ainda nesse sentido, essa condição seria *fato cabal* para considerar a regência de *pro*, por INFL/Infº. Além, a teoria clássica (Rizzi, 1986) demonstra que *pro* necessita de Caso Abstrato para licenciamento.

Na representação, é possível perceber que temos a preposição *por* atribuindo o Caso Oblíquo à oração encaixada, onde se encontra o verbo *pensarmos*, em INFL, fato que licenciaria à amálgama V+INFL exercer regência (de Caso, um dos casos de regência)

[5] Exemplo (55) no original, p. 93.

sobre *pro*, sujeito[6]. O que precisamos ter em conta é que, aparentemente, a regência que atua sobre o sintagma *pro* depende da flexão [+Agr] em I^0/$InfP^0$, senão estaríamos diante de uma construção tradicionalmente analisada como um sintagma PRO na posição de sujeito (*citamos... por PRO pensar ser importante o fato de...*). Outra possibilidade seria que o núcleo preposicional P se constituísse como regente do seu complemento, em que se encontra *pro* em SpecIP (tal qual uma regência externa)[7]. Contudo, se tratássemos da Condição de Minimalidade, nos parece mais lógico que o regente da categoria vazia seja INFL [+Agr], pois está interno ao sintagma e se constitui como o regente mais próximo do elemento regido. O que queremos fazer é esclarecer por qual razão determinados tipos de oração reduzida de infinitivo flexionado favorecem Inf-P. Vejamos as sentenças abaixo[8]:

(98) a. #Citaram esse texto por ___ pensar ser importante para o estudo.
b. Citaram esse texto por ___ pensarem ser importante para o estudo.

Nossa intuição nos diz que a sentença em (98b) é mais adequada do que (98a), visto que o sujeito da oração reduzida está sinalizado na morfologia número-pessoal afixada ao verbo (*-em*). Temos que, em (98b), o sujeito da *cv* é PRO, enquanto que em (98a) é *pro*. Por qual razão essa questão é importante para nossa argumentação? Porque queremos esclarecer que a regência de *pro* é dependente de [+Agr] em Inf^0. Acaso tivéssemos uma regência externa, teríamos PRO em uma posição regida, fato que contrariaria as predições da Teoria da Gramática, conforme vimos no *Quadro Teórico* (cap. 2). Se considerássemos que o sujeito da oração encaixada estivesse realizado, teríamos o seguinte par de frases:

(99) a. ?Eles citaram esse texto por *eles* pensarem ser importante para o estudo.
b. *Eles citaram esse texto por *eles* pensar ser importante para o estudo.

---

[6] Pensarmos se constitui como um regente, deixando *pro* em uma posição regida.

[7] Segundo Mioto, Figueiredo Silva & Lopes (2013, p. 202), é possível concluir que InfP, mesmo sendo uma projeção máxima, não constitui barreira para regência externa, bem como as *Small Clauses*.

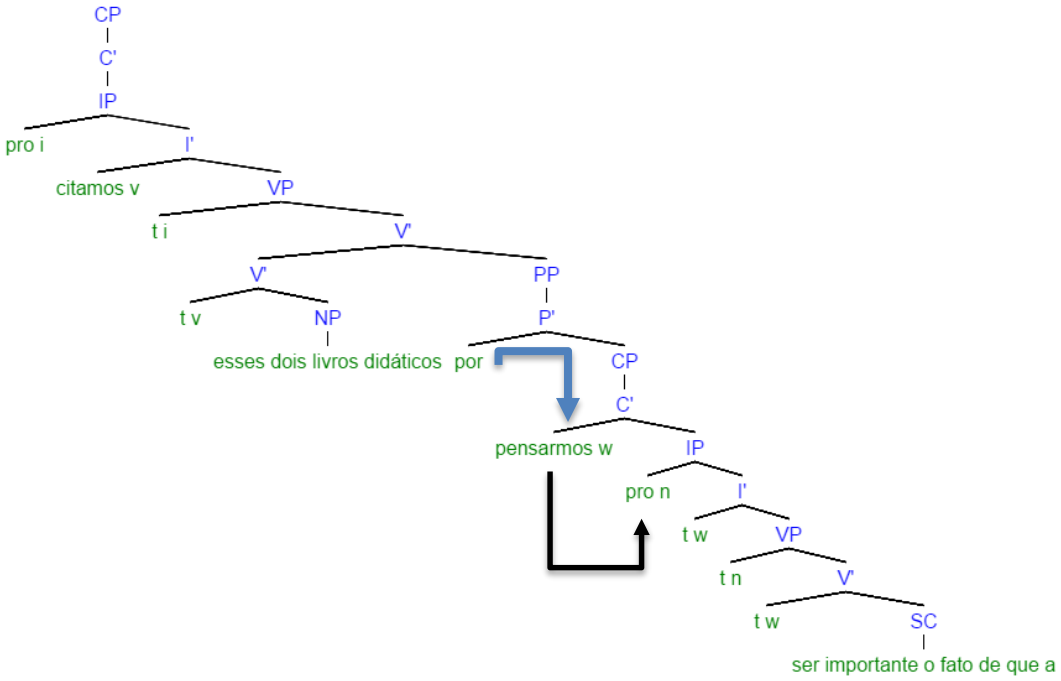
[8] As sentenças servem para exemplificar nosso raciocínio, criadas por nós, em que sinalizamos com (#) aquela que nos parece menos adequada à linguagem.

Ainda que a sentença em (99) originalmente não tenha o seu sujeito realizado, o contraste mostra que o Caso Oblíquo (externo) em (99b) ser distribuído ao sujeito da oração encaixada resulta em uma sentença malformada (ainda que o pronome *eles* aceite o Caso Oblíquo, tal qual em *Eu fiz aquelas tarefas por/pra/com eles*). Percebemos que o sujeito (semântico) da oração encaixada (o referente *eles/pessoas*), representado por *pro*, sofre com algum tipo de restrição (e sua morfologia [+Agr]) em IP-encaixado, do qual depende para ser licenciado na estrutura). Isso nos leva ao seguinte raciocínio: *pro* deve ser regido pelo núcleo do InfP em que está contido nas construções com infinitivo flexionado, que, por sua vez deve ser regido, por um antecedente (Regência de Caso para ambos).

Levando em conta, além, que, para que o infinitivo flexionado possa licenciar um sujeito lexical, ele próprio precisa receber um Caso (no núcleo [+Agr]), percebemos como as orações reduzidas de infinitivo [+Agr] tendem a se manifestar mais quando estão selecionadas por um PP (razões que vão ficar claras). A partir dessa construção, podemos fazer uma generalização: (quase) sempre que uma preposição tiver a oração infinitiva em CompPP, o Caso Oblíquo estará disponível e o Inf-F, consequentemente, poderá licenciar um sujeito foneticamente realizado, visto que satisfará a condição (estrutural) essencial proposta por Raposo.

É conveniente comentarmos sobre a construção acima: poderíamos duvidar de que a preposição *por* haja selecionado um IP, visto que, tradicionalmente, as orações estão contidas em sintagmas CP. Se, de fato, a seleção fosse de um CP, seria necessário postular outra estrutura, em que o Caso percolasse para dentro de CP, até C^0, posição para a qual o verbo haveria de se mover uma vez mais depois de chegar a INFL, por analogia à construção *[...] o texto porque (nós) pensamos ser importante o fato de que a [...]*. Nesse sentido:

(100)



Nessa construção, temos uma estrutura distinta, mas igualmente licenciada, levando em conta o movimento a mais realizado por V+INFL. O que estamos tentando descobrir é qual seria o resultado do preenchimento da posição de sujeito, i.e., levando em conta que o Inf-F depende de Caso para ativar o seu Nominativo, dependeríamos do movimento de V+INFL para C^0 para receber o Caso Oblíquo da preposição, e haveríamos de postular os seguintes resultados com sujeitos lexicais:

(101) a. Citamos esses livros por $_{SpecIP}$*nós* $_{INFL}$pensarmos ser importante o fato de que a [...]
b. ?Citamos esses livros por $_{C0}$pensarmos $_{SpecIP}$*nós* ser importante o fato de que a [...]

Nos parece (estar claro) que não há CP acima de InfP, mas que o resultado desse postulado não resultaria em agramaticalidade, mas em uma aceitabilidade distinta. Todavia, e por um princípio de economia (que cremos para a computação da sintaxe/por falta de evidência) representaremos a oração infinitiva com InfP/IP[9] na maioria dos casos, sob o argumento de que não há razões para considerar a sentença

[9] A representação de um IP selecionado pela matriz é apresentada por diversos autores (ver Mioto, Figueiredo Silva & Lopes, 2013; Raposo, 1987a; Schaf Filho, 2004).

(101b) mais natural em PB (pelo menos no nosso dialeto). Além disso, lembramos: caso a sentença em (101a) fosse descrita com um CP nulo acima de IP, teríamos uma barreira à distribuição de Caso para o infinitivo flexionado. Argumento a nosso favor!

Em nota, e a bem da verdade, há uma razão excedente para considerar a seleção de um CP contendo a oração infinitiva, segundo Raposo (1987a): a presença de um Operador Nulo de Tempo. I.e., considere a sentença abaixo:

a. Escolhemos esses dois livros didáticos <u>por sabermos serem os melhores.</u>

A ideia de um OPØ, levantada por Raposo, abrangeria os casos em que a oração matriz e a oração encaixada tivessem referentes distintos na escala temporal, figurando um núcleo T em C^0, criando uma amálgama C/T, que poderia ainda ser $C^{0=}$OP-T/[+Agr]:

b. Escolhemos esses dois livros didáticos na reunião da semana passada <u>por sabermos serem (esses dois livros didáticos/eles) os melhores disponíveis no mercado hoje em dia.</u>

Para essa sentença, teríamos que postular (possivelmente, segundo Raposo) um CP com OPØ em C^0 operando sobre a temporalidade da sentença, caso ela constitua uma sentença gramatical da língua e essa desvinculação do tempo da matriz (pela InfP) seja semanticamente aceita. Outro fato que deve ser levado em conta é que a ordem poderia ser VS nas orações infinitivas encaixadas, o que, conforme vimos, não nos parece tão boa quanto a ordem SV. O resultado nos parece restrito à linguagem literária (tanto no caso de que tratamos acima, quanto em (a)), conforme abaixo:

c. Escolhemos esses dois livros didáticos <u>por nós sabermos serem os melhores.</u>
d. ?Escolhemos esses dois livros didáticos <u>por sabermos nós serem os melhores.</u>

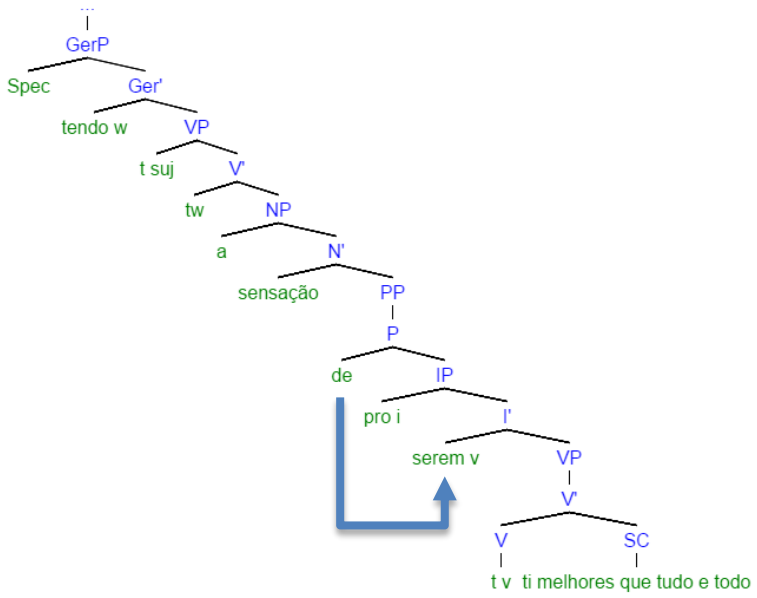
4.1.2.2. <u>As Orações Complemento Nominal</u>

As orações Complemento Nominal possuem, também, uma frequência quase categórica, com 94,5% de ocorrência de infinitivos flexionados, tendo como exemplo, extraído dos dados em Canever (2012), o que segue em (102):

(102)São criados pelos pais tendo a **sensação de serem melhores** que tudo [...]

Em que temos a árvore sintática seguinte, com a seta azul sinalizando o Caso Oblíquo atribuído:

(103)



Em (103) temos a oração reduzida de infinitivo sendo selecionada pelo nome (*sensação*). Contudo, como já vimos, os Nomes não podem atribuir Caso estrutural, razão pela qual o Complemento Nominal, quando da categoria NP, vem antecedido de preposição. Podemos ver o contraste em (104):

(104) a. Sensação de serenidade. (NP introduzido por preposição)
b. Sensação serena. (AP introduzido sem preposição)

(105) a. *Sensação leveza. (NP introduzido sem preposição)
b. */??Sensação de leve. (NA introduzido sem preposição)

(106) a. Sensação de serem melhores em tudo. (InfP preposicionado)
b. *Sensação serem melhores em tudo. (InfP não-preposicionado)
c. ??Sensação de ser melhores em tudo. (InfP [-Agr] preposicionado)
d. *Sensação ser melhores em tudo. (InfP [-Agr] preposicionado)

O contraste acima nos faz perceber o porquê de o infinitivo ser uma das formas nominais do verbo (ainda que flexionado), ou seja, sofre com (quase) as mesmas condições de licenciamento que sofrem os sintagmas nominais (NPs). Além disso, vemos que o infinitivo flexionado é regido pelo núcleo P (atribuidor de Caso Oblíquo), o que faz com que o Nominativo no núcleo [+Agr] possa ser ativado. O fato que chama

a atenção é: por qual razão alguns contextos sintáticos (tal como os complementos nominais) apresentam margens tão grandes de ocorrência infinitivo flexionado, ainda que quase nunca apresentem sujeitos lexicais? Nos parece que a resposta está relacionada com a recente necessidade em PB de manifestação de um sujeito.

Devemos notar que um fator que parece licenciar fortemente o Inf-F é quando InfP seleciona uma *Small Clause*, tal como (102) (mesmo nos contextos que ainda não foram analisados e que veremos adiante). Contudo, outras sentenças apresentam o mesmo comportamento, conforme podemos ver abaixo:

(107) [...] alguma coisa, na tentativa de fazerem prevalecer seus pontos de vista. Assim, também [...]

(108) [...] propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística [...]

(109) [...] entristecidos com o fato de fazerem ouvir no estrangeiro nossa música [...]

Em (107), (108) e (109) o comportamento é semelhante, i.e., a preposição rege o infinitivo, que, por sua vez, exerce regência (Inf^0) sobre a categoria vazia em SpecIP, *pro*.

4.1.2.3. As Orações Temporais

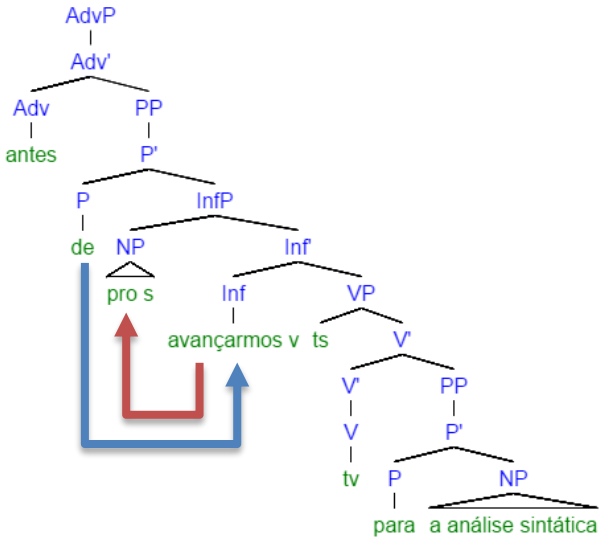
As Orações Temporais são outro tipo de construção quase categoricamente flexionadas, tais como:

(110) a. [...] dificuldades dos falantes ao aprenderem português como segunda língua.

b. [...] nas relações em sociedade que os sujeitos, ao interagirem por meio da linguagem, vão [...]

c. Antes de avançarmos para a análise sintática, porém, passaremos para a análise semântica [...]

Iniciaremos nossa análise pelo dado apresentado em (110c). A construção apresenta a oração infinitiva flexionada como complemento do PP, que já figura como complemento do AdvP. Tal construção teria a seguinte estrutura arbórea, já apresentada na superfície:



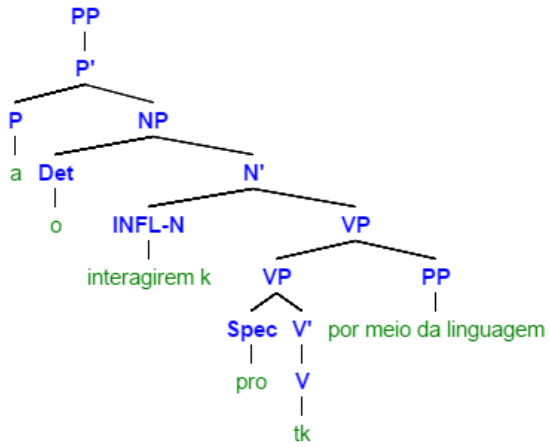
Podemos notar que a preposição *de* exerce Regência de Caso sobre o núcleo Inf^0 *avançarmos* (seta azul), que, por sua vez, rege o NP *pro* (seta vermelha). A construção, que nos parece a mais comum para orações temporais em contexto de fala, teria todos os requisitos supridos para licenciamento do infinitivo flexionado. Mesmo que *pro* fosse substituído por um sujeito realizado lexicalmente, as condições de ativação do Caso Nominativo em Inf^0 estariam satisfeitas (com o recebimento do Caso Oblíquo de P^0), fato que licenciaria a ocorrência do sujeito com matriz fonética, tal como em *Antes de nós/eu e a professora avançarmos para a análise sintática [...]*.

Para o contexto escrito (pelo menos em linguagem monitorada), contudo, muitos exemplares são encontrados com outra configuração, tal como apresentamos em (110a,b). Para essa tipologia, vamos precisar postular uma tese por analogia a um ponto do trabalho de Raposo, a fim de tentar entender o porquê de elas virem antecedidas de artigo. Temos a impressão de que elas poderiam servir de argumento consistente na hora de consideramos as propriedades nominais da Or-Inf-F, conforme os exemplos acima. Raposo as descreve, em certos casos, como representadas por um sintagma NP, i.e., com a projeção máxima representando a propriedade mais saliente da construção (NP) ainda que com um núcleo INFL. Poderíamos prever a

substituição de IP/InfP por um NP[10], permitindo o determinante do INF-nominal, tal como:

(111) a. [...] nas relações em sociedade que os sujeitos, n*o momento de interagirem* por meio da linguagem, vão [...]
b. [...] dificuldades dos falantes n*o momento de aprenderem português* como segunda língua.
c. [...] dificuldades dos falantes n*o momento da aprendizagem do português* como segunda língua.[11]

Logicamente, o autor trata da seleção do NP pelo verbo, fato, que, para nossos exemplos com adjuntos temporais, trataria da seleção realizada pela preposição lexical. Dentre os exemplos acima, representamos (111b) conforme segue:
(112)



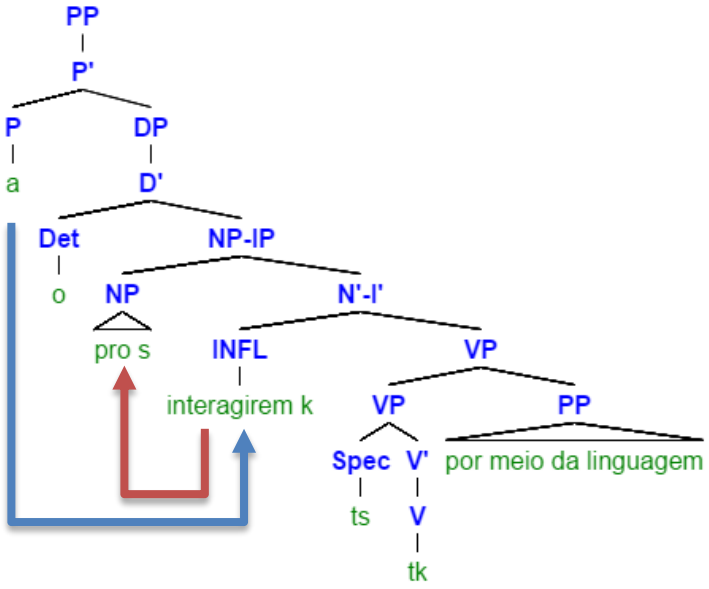
Um problema que se coloca, a partir da árvore acima, é que *pro*, apesar de regido, reside em um posição em que tradicionalmente não reside o sujeito em PB (e não há

[10] Essa explicação nós fazemos com base em analogias feitas ao trabalho de Raposo. O autor prevê (no exemplo 33, 1987a, p. 97):
(23) Nos lamentamos [NP o [IP eles terem recebido pouco dinheiro]].
(24) Nos lamentamos [NP o facto de [IP eles terem recebido pouco dinheiro]].
(25) Nos lamentamos [NP os pedidos dos Jesuitas].

[11] Essa estratégia (de substituição por um NP), de fato, não está disponível para todos os contextos em que a oração reduzida de infinitivo é empregada. Podemos verificar nas sentenças abaixo:
(26) a. [...] para [nós chegarmos ao ponto crucial de análise], precisamos [...]
b. *[...] para [nossa chegada ao ponto crucial de análise], precisamos [...]
(27) a. Os times sempre inventam [de jogarem assim] [...]
b. *Os times sempre inventam [o jogo assim]

outra posição disponível para que o aloquemos na árvore). Contudo, quando alteramos a categoria do NP, adotando o DP, é possível contornar essa atipicidade. Nesse contexto, se o NP-IP for dominado por DP, poderíamos movimentar a amálgama V+INFL ao núcleo no NP-IP, permitindo a atribuição de Caso e licenciando *pro*, tal como estruturas nominais em desuso ("*o eles deixarem a festa cedo me deixou pasmo!*"):

(113)



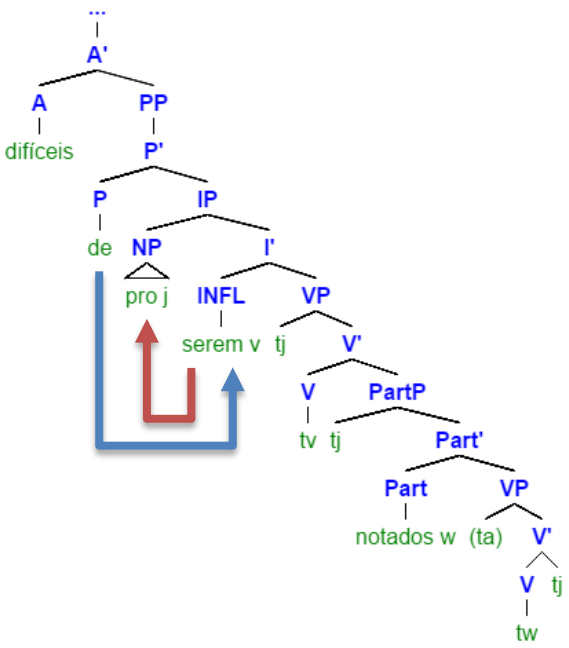
A seta azul sinaliza a distribuição do Caso Oblíquo do núcleo do constituinte preposicional *a* para o núcleo [+Agr] da oração encaixada, ao passo que a seta vermelha sinaliza o licenciamento de *pro* por meio da condição de Regência (Haegeman, 1994, p. 457). Sabemos, claro, que o Caso Oblíquo que INFL recebe não é uma condição essencial para que licenciemos *pro* na estrutura. Contudo, nos parece que a posição SpecIP poderia ser preenchida, razão pela qual antecipamos a ativação do Nominativo (? *... ao eles interagirem por meio da linguagem, eles se adequam ao mundo digital.*)

4.1.2.4. As Orações Complemento Adjetival

As orações complemento adjetival na voz passiva alcançam 89% de frequência de infinitivos flexionados, tais como a sentença abaixo, em (114), seguida da sua representação arbórea, em (115):

(114)“...difíceis de serem notados...”

(115)



Para a construção em (115), precisamos retomar a teoria apresentada na subseção 2.1.6, sobre a hipótese inacusativa. Vimos que, na forma apassivada, o verbo tende a perder a propriedade que permite ao seu argumento interno ser licenciado na estrutura gramatical, i.e., ele deixa de ser atribuidor de Caso Acusativo e, por essa razão, os NPs em CompVP são alçados à posição de sujeito, para que possam satisfazer o Filtro do Caso. No caso acima, percebemos que o argumento interno do verbo *notar* é *pro* (*notarem* pro *é difícil* | *é difícil* pro *ser notado*), ou seja, um argumento sem material fonético que independe de Caso estrutural para ser interpretado pela sintaxe na estrutura superficial (ES). Contudo, vemos que o verbo *ser* está na sua forma flexionada [+Agr], fato que nos leva a crer que ele exerce regência sobre *pro*, satisfazendo sua condição de licenciamento. Nosso ponto

principal é que, se o infinitivo flexionado recebe Caso Oblíquo do núcleo P e ativa o seu Caso Nominativo, ele está apto a atribuir Caso Nominativo a um sujeito lexical. O resultado de preenchimento da posição de sujeito em uma construção análoga seria:

(116) Esses ladrões de rua são difíceis de eles serem pegos pela polícia.
(117) ?Olha, os meninos difíceis de eles serem pegos são os pernalongas.

As orações Completivas Adjetivais na voz ativa funcionariam da mesma maneira, à exceção do Caso Acusativo, que poderia ser distribuído para o argumento externo, conforme exemplos a seguir:

(118) [...] os meninos foram incumbidos de fazerem as anotações da aula.
(119) [...] esses filmes, impróprios para eles mostrarem pra crianças, vêm sendo [...]

Ainda que essas construções tenham aceitabilidades distintas com a posição SpecIP realizada lexicalmente (ao invés de com *pro*), mostram que a Teoria do Caso, conforme Raposo, se trata de uma boa (senão a melhor) teoria para dar conta dos casos de infinitivo flexionado.

4.1.2.5. As Orações Finais

As Orações Finais apresentam tendências diferentes nas suas subdivisões. Quando estamos diante da 1ª p. do plural, a frequência é de 85,3% de infinitivos flexionados, tal qual a sentença abaixo:

(120) Passemos à elucidação deste termo grego, no intuito **para usarmos** suas inúmeras [...][12]

Quando estamos diante de uma oração encaixada na 3ª p. do plural, por outro lado, há uma flutuação na tendência, i.e., se a voz da oração infinitiva é ativa, flexionam-se

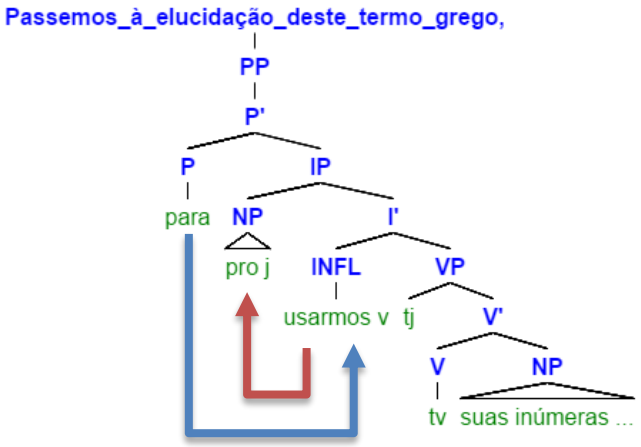
[12] Exemplo 38 em Canever (2012, p. 90)

os infinitivos em 94,5% das vezes, enquanto que, se ativa, esse número decai para 47%. A voz passiva, forte favorecedora de Inf-F, pode ser percebida em todos os contextos avaliados nos dados. Apresentamos, abaixo, em (121), a construção com voz passiva:

(121) Poderemos salvar as nossas crianças e adolescentes **para** no futuro **serem respeitadas** e saber valorizar a vida [...]

As sentenças acima, em (120) e (121), seriam abrangidas pelas mesmas explicações que demos até agora para os contextos sintáticos já avaliados, conforme as representações que seguem, em que sinalizamos com a seta azul o regente da flexão do infinitivo (e sua possível distribuição de Caso, se necessário) e com a seta vermelha a condição de Regência de INFL sobre *pro* (que poderia ser o Caso Nominativo distribuído, se o sujeito estivesse preenchido)[13]:

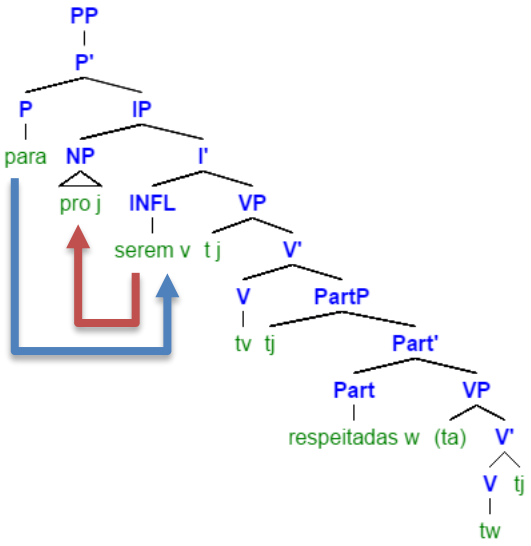
(122)



(123)[14]

[13] O exemplo, com sujeito realizado:
(28) Passemos à elucidação deste termo grego, para *nós* usarmos suas inúmeras [...]

[14] Poderemos salvar as nossas crianças e adolescentes para no futuro *elas* serem respeitadas e saber valorizar a vida [...]



A diferença entre as análises para (122) e (123) é que, conforme já vimos, caso o sujeito *pro* de (123) fosse realizado, ele teria sido movimentado em busca de Caso estrutural desde CompVP (posição em há o vestígio *tj*, mais encaixada da estrutura, onde foi recebido o Papel Temático (PT) do argumento interno), visto que, na construção passiva, o verbo *respeitar* estaria *inacusativizado* (*ACC).

(124) a. [...] salvar nossas crianças para respeitarem *elas/nas* (PT/ACC). (ativa)
b. [...] salvar nossas crianças para *elas*$_j$ (NOM) serem respeitadas t_j (PT). (pass)

Em (122), por outro lado, o verbo *usar* haveria de licenciar o sujeito no formato tradicional dos movimentos da estrutura, i.e., o argumento é externo (surgido em SpecVP na base) e se move para SpecIP, posição onde é regido (Reg) por INFL ou (caso preenchido) pode receber Caso Nominativo (NOM).

(125) a. para $_{SpecIP}$*pro*$_j$ (Reg) usarmos $_{SpecVP}t_j$ (PT) suas inúmeras [...]
b. para $_{SpecIP}$*nós*$_j$ (NOM) usarmos $_{SpecVP}t_j$ (PT) suas inúmeras [...]

4.1.2.6. A colocação pronominal: a Próclise

A colocação pronominal é outro fator que pode determinar a favor da flexão do infinitivo. Vimos que, quando a próclise é realizada, o falante tende a utilizar o Inf-F

em 81% das vezes, enquanto que, com a ênclise, esse número se reduz a 59%. Uma das razões é que, segundo Maurer Jr. (1968), quando a próclise acontece, o falante tende a identificar o clítico como sujeito da sentença, fato que motivaria a ocorrência do infinitivo flexionado. Nos dados analisados, todas as ocorrências de próclise, *sem exceção*, foram realizadas na 1ª p. do plural, principalmente com *verbos pronominais*. Uma razão pode ser o falante realizar a identificação dos traços *semânticos* (phi-φ) no clítico, i.e., tanto o sujeito quanto o clítico possuem o mesmo conjunto de traços [gênero], [número], [pessoa], razão pela qual se tem determinada essa necessidade de preenchimento da posição INFL/Inf^0 com ao núcleo [+Agr][15]. Apesar de licenciadas, há sentenças que parecem ter informações exageradas com relação à flexão:

(126) a. [...] paganismo. Os deuses são úteis, pois servem para nos conduzirmos entre os [...]

b. [...] convenção, utilizaremos freqüentemente a sigla OESP para nos referirmos ao jornal.

c. [...] enfrentamos diariamente para nos mantermos íntegros em nossa dignidade de seres humanos[...]

Como vimos, o comportamento na estrutura seria semelhante aos apresentados anteriormente, à exceção da posição em que se encontra o clítico, acometido pelo movimento para a periferia esquerda no verbo. A predição de Raposo dá conta, em suma, de todos os casos em que a preposição esteja presente, i.e., a imensa maioria de todos os dados que temos (à exceção das perífrases, que, como veremos adiante, suscitam algumas análises mais ponderadas).

---

[15] Com a colocação do clítico em posição pré-verbal, a identificação dos traços-φ é natural, mas não privilegiada. A flutuação parece licenciar os dois tipos de Inf, possivelmente a depender do tipo de linguagem empregada. Compare sentenças em que o Inf tem essa colocação:

(29) a. Nós compramos cada vez mais dispositivos eletrônicos para nos integrar ao mundo digital.
b. Nós compramos cada vez mais dispositivos eletrônicos para nos integrarmos ao mundo digital.

(30) a. Os idosos, quando veem alguém no lugar reservado, olham de cara feia pra se sentar.
b. ?Os idosos, quando veem alguém no lugar reservado, olham de cara feia pra se sentarem.

4.1.2.7. As Orações Relativas

O último caso de orações reduzidas de infinitivo que favorecem fortemente a variante flexionada é o das orações relativas. A análise de tendências dos dados aponta que 82,4% das vezes o falante tende a manifestar a flexão do verbo da oração encaixada, ao passo que somente em 17,6% das vezes deixa o infinitivo "puro" (i.e., sem flexão). Vejamos alguns dos exemplos abaixo:

(127) Uma das questões a serem investigadas nesta pesquisa [...]
(128) [...] inóspitos ambientes a serem vencidos, as barreiras a serem derrubadas e a insegurança do [...]
(129) Nas próximas seções, serão apresentados os principais construtos a serem utilizados [...]

O que podemos perceber é que a relativa, tal quais os outros contextos já analisados acima, favorece o infinitivo flexionado por uma razão que aparenta ser fruto de um padrão: o emprego da voz passiva na oração infinitiva encaixada ocasiona a flexão do seu verbo. A flexão do *ser* (*serem*) mostra que, tal como nas relativas não-infinitivas, uma unidade pronominal (*pro*, nos nossos casos, *pronome relativo* nas tradicionais) está em SpecInfP da subordinada, sendo considerado o sujeito da oração. Esse movimento segue o comportamento realizado nas outras construções com voz passiva, i.e., o argumento externo recebe papel temático na posição de complemento (CompVP) mas é alçado à posição de sujeito (SpecIP) para que possa ser licenciado na estrutura, seja pela condição de Regência, seja pela atribuição de Caso Nominativo. Como todos os dados são de voz passiva nas relativas (sem nenhuma exceção, de um total de 119 ocorrências), não exemplificaremos na estrutura, visto que teríamos a mesma descrição das frases já apresentadas anteriormente.

Passamos, todavia, aos casos mais interessantes, i.e., os que figuram como contextos mais bloqueados para o emprego do Inf-F, segundo o *continuum* que apresentamos no início do capítulo.

4.1.2.8. As Orações Completivas

Começamos retomando os resultados encontrados para as orações Completivas: quando a oração está na 3ª p. do plural, as ocorrências se limitam a 14,3% de Inf-F; quando estão na 1ª p. do plural, Inf-F é completamente bloqueado[16]. Temos um exemplo a seguir:

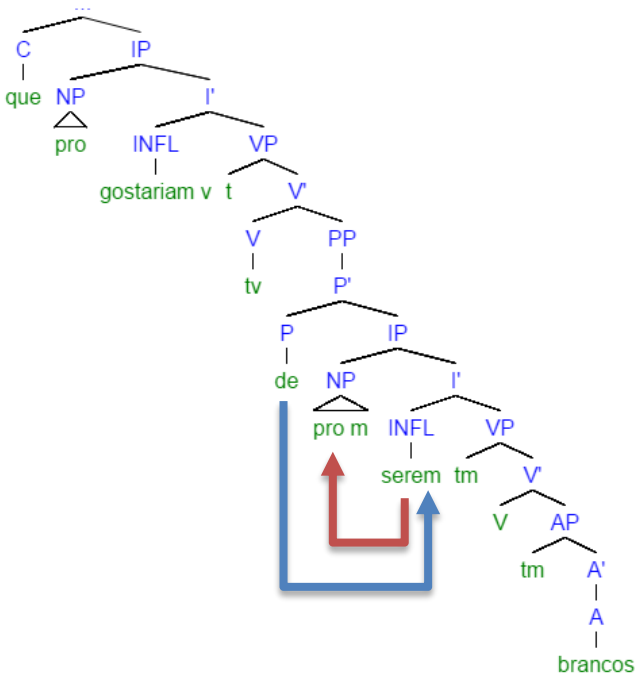
(130) [...] muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos.

A oração acima representa um dos contextos mais restritos para o Inf-F (14,3%)[17], mas, segundo vimos, a explicação da Teoria da Gramática dá conta desses dados, sendo, então, a estranheza da oração ([?] caso haja problema de aceitabilidade) gerada pela frequência com que a construção ocorre para o ouvinte, condicionada por fatores extralinguísticos – tais como idade, nível de escolarização, meio social, contexto de (in)formalidade. Para o exemplo acima, propomos a seguinte descrição estrutural:

[16] Segundo os resultados em Canever. Esse percentual pode ser maior, se os contextos de produção forem mais propícios, nos parece.

[17] Algumas construções completivas, de fato, parecem ser mais naturais:
(31) a. Ai, Maria, claro que eu gostei de terem batido no meu carro, quem não gostaria?
a'. Ai, Maria, eu amei terem batido no meu carro, quem não gostaria?
b'. Vocês gostaram de serem vocês o meu grupo pro trabalho que eu sei!
b''. ? Vocês gostaram de vocês serem escolhidos pro meu grupo que eu sei!
c'. Na Educação Física, os meninos adoraram terem escolhido eles primeiro!
c''. ? Naquele dia, os guris gostaram de serem escolhidos primeiro!
c'''. OK Naquele dia, os guris gostaram de ser escolhidos primeiro!

(131)



Apesar de pouco comum ou de frequência baixa, a estrutura teria legitimidade segundo os preceitos que vimos no *Background Teórico*, i.e., o infinitivo flexionado recebe Caso em INFL (amálgama V+INFL) e é regente da categoria vazia *pro*, em SpecIP (posição para a qual se moveu desde SpecSC/AP, em que deixou o vestígio t_m). Um fato que gostaríamos de tomar nota nesse ponto é que, para que o infinitivo se constitua como um regente da (cv), ele precisa receber Caso abstrato do seu regente. Tomemos em conta dois fatores que podem servir de argumento a nosso favor: (i) que o verbo gostar não possui Caso Acusativo na sua configuração, sendo necessária a preposição para atribuição de Caso Oblíquo; e (ii) que o verbo *gostar* permite que o seu complemento seja de natureza categorial CP, que, tradicionalmente, não necessita de Caso (K) para ser licenciado na estrutura, conforme os exemplos abaixo:

(132) (i) a *A Maria gosta *aquele bolo de maçã que a minha mãe faz* (*ACC).
b. A Maria gosta d*aquele bolo de maçã que a minha mãe faz* (OBL)

(133) (ii) a. A Maria gosta de $_{CP}$*que a minha mãe faça aquele bolo de maçã.* (OBL)
b. A Maria gosta $_{CP}$*que a minha mãe faça aquele bolo de maçã.* (-K)

Acaso considerássemos que o infinitivo flexionado não necessita de receber Caso para se constituir como regente de *pro* (para a regência de Caso), poderíamos prever que oração infinitiva (caso aceita no contexto das Completivas) poderia dispensar a preposição, tal qual o faz o CP. Contudo, esse fato nos parece violar a Teoria da Gramática, conforme exemplos abaixo:

(134) a. Os procuradores gostariam que eles interrogassem os réus em Curitiba.
b. ?Os procuradores gostariam de *pro* interrogarem os réus em Curitiba.
c. *Os procuradores gostariam *pro* interrogarem os réus em Curitiba.

(135) a. Os réus$_i$ gostaram que (eles$_i$) foram interrogados em Curitiba, assim não precisaram viajar até outra cidade..
b. Os réus$_i$ gostaram de *pro*$_i$ serem interrogados em Curitiba [...]
c. *Os réus$_i$ gostaram *pro*$_i$ serem interrogados em Curitiba [...]
d. Os réus$_k$ gostaram de *pro*$_m$ interrogarem *eles*$_k$ em Curitiba [...]

As construções acima nos mostram a razão de, até agora, havermos sinalizado a distribuição de Caso ao infinitivo flexionado: quando *pro* é sujeito, o Inf-F depende de receber Caso para poder exercer regência sobre o seu sujeito. Por outro lado, não há regência da oração encaixada (nem externa) quando o infinitivo é [-Agr], razão pela qual PRO é sujeito desse tipo de construção, ainda que a preposição introduza a oração encaixada (tendo em vista suas propriedades nominais). O que queremos mostrar é que a oração infinitiva flexionada não pode ser independente, nem pode dispensar o Caso para poder exercer regência sobre seu sujeito.

Para as orações completivas com 1ª p. plural, nem nos dados do LLIC-USP nem nos dados do Vestibular UFPel foram encontrados usos. Contudo, nossa intuição nos diz que o tema das produções textuais possa não haver propiciado o Inf-F, razão pela qual tomamos a liberdade de propor uma sentença para análise, que segue:

(136) ? Nós, como cidadãos de direito, gostaríamos de ser questionados sobre a privatização de instituições públicas.

Segundo os dados em Canever, a 1ª p. plural como sujeito semântico da Or-Inf privilegiaria o preenchimento com a forma [-Agr]. Contudo, nos parece haver uma concorrência legítima entre ambas as formas – [±Agr][18] –, licenciando a versão com Inf-F da sentença:

(137) Nós, como cidadãos de direito, gostaríamos de sermos questionados sobre as privatizações que pretendem fazer, tal qual prevê a Constituição Estadual.

É de salientar que, em todos os dados avaliados, quando o contexto apresenta a voz passiva, o Inf-F tende a prevalecer, mas, se fossem avaliados os contextos propícios para essa ocorrência em contextos específicos (talvez induzidos), tal como o apresentado acima, temos a impressão de que mais exemplares poderiam ser encontrados como evidência. Logicamente, sabemos que nosso exemplo, convenientemente, adota a voz que favorece o infinitivo flexionado, mas, isso se dá porque a aceitação com a passiva já está mais sedimentada na escala distribucional.

*Por qual razão a voz passiva tende a favorecer o infinitivo flexionado?

Uma resposta plausível nos parece ser a de que o falante tenha tendência a regularizar a construção passiva, em que o objeto é alçado a posição de sujeito, sendo o único indispensável na sentença (motivando a flexão, reconhecimento de um sujeito). Ainda que a oração seja reduzida de infinitivo, o falante tenderia a flexionar o verbo porque o sujeito pode e deve ser identificado.

Além disso, Raposo apresenta uma série de orações que complementam verbos, mas, para aqueles contextos não foram encontradas ocorrências no *corpus.* Nosso estudo

[18] Quando o sujeito da Or-Inf é diferente do da Or-matriz:
(32)O João gostaria que fôssemos pra lá às 10h.
(33)?? O João gostaria de irmos pra lá às 10h.
(34)O professor gostaria que tivéssemos feito a prova hoje, mas não deu.
(35)? O professor teria gostado de fazermos a prova hoje, mas faltou tempo.

nos diz, então, que, por alguma razão, os dados com Completivas que temos a situam mais à direita no *continuum*, sendo que, uma de nossas intuições parece relacionar esse comportamento com quantidade (na sincronia da língua) com que PRO se manifesta na posição de sujeito da subordinada, i.e., para verbos como *gostar*, em que seria mais comum, para a leitura do sujeito da oração encaixada, a correlação com o sujeito da oração matriz. Mais um dado com orações Completivas será apresentado na subseção seguinte, sobre o teste de julgamento que propusemos.

4.1.2.9. Os Verbos de Alçamento

A partir de agora, adentraremos nos contextos sintáticos com estruturas diferentes das que analisamos até agora, por um ponto crucial para a nossa análise: a presença de um vestígio na oração encaixada. Com relação aos verbos de alçamento, temos algumas averiguações pertinentes a ^{OK}serem/$^{?}$ser feitas sobre os nossos dados. Invariavelmente, esse contexto sintático manifesta uma frequência baixa (13,2%) para a ocorrência Inf-Fs, seja na 1ª p. plural (13,5%), seja na 3ª p. plural (12,5%)[19]. Analisaremos, então, tais ocorrências para verificar se as construções são legitimadas pela teoria que até então adotamos. Alguns fatos importantes que devemos tomar nota antes de iniciarmos recaem sobre as predições apresentadas no Capítulo 2, subseção 2.1.6.1, sobre os Verbos de Alçamento.

(i) São verbos monoargumentais.
(ii) São um grupo de verbos que integram a classe inacusativa, i.e., não possuem Caso Acusativo na sua configuração.
(iii) Possuem Caso Nominativo.
(iv) O argumento é gerado na base na posição de complemento (CompVP).
(v) O argumento selecionado pelo Verbo de Alçamento se trata de um constituinte oracional.
(vi) Existe a possibilidade de um termo da oração encaixada (o complemento oracional) ser alçado à oração na matriz (com o Verbo de Alçamento).

[19] Em razão de a frequência em ambas as pessoas ser praticamente a mesma, optamos por não subdividir essa categoria.

(vii) O elemento alçado à oração-matriz deixa um vestígio na oração encaixada.

Resumimos, acima, os pontos principais que vimos no Capítulo 2, o *Background Teórico*, sobre os Verbos de Alçamento (2.1.6.1). Aparte de já termos visto o comportamento desse grupo de verbos em outro momento, ressaltamos que, *ter em conta o ponto (vi) será indispensável para a nossa análise*, pois é a partir dele que surgem os nossos os principais argumentos para as análises que estão por vir.

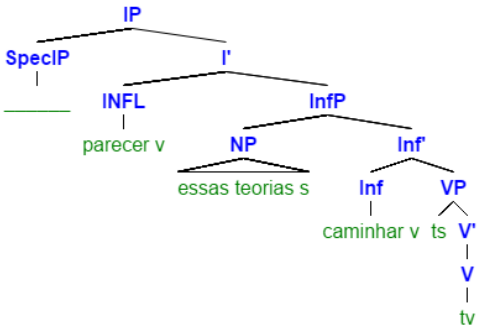
Vejamos um exemplo, extraído dos dados LLIC-USP:

(138)[...] essas teorias parecem caminhar paralelamente [...]

Conforme vimos na enumeração acima (sobre os Verbos de Alçamento), o verbo *parecer* não possui Caso Acusativo na sua estrutura, somente o Nominativo. Subcategorizada como argumento interno a oração-Inf em ComVP[20], *essas teorias caminhar*, teríamos a seguinte EP:

(139)[IP___ parecer [IP essas teorias [V caminhar]]

Representada da seguinte maneira:
(140)

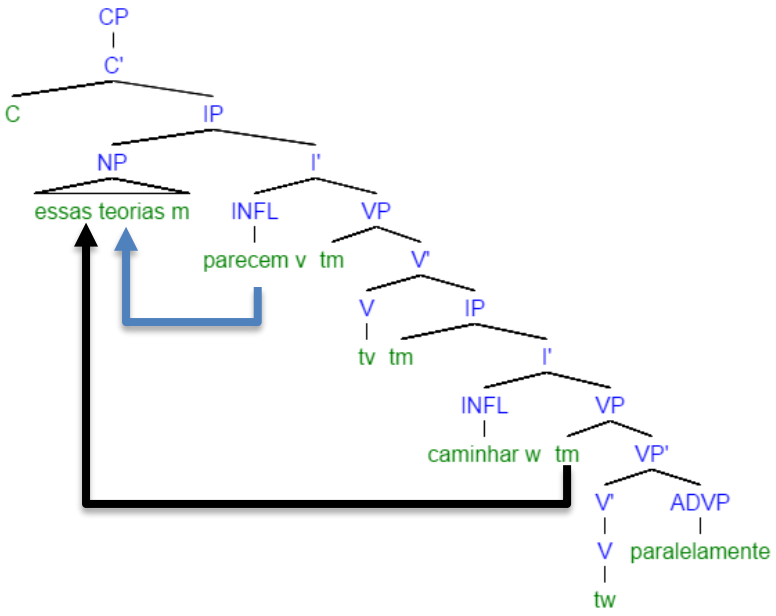


Percebemos que o verbo *caminhar* seleciona como seu argumento externo o NP *essas teorias*. Como o verbo *caminhar* é [-Agr], para legitimar o seu argumento externo

[20] Posição de complemento em VP, irmão de V.

temos uma operação de Movimento dentro da estrutura, que *leva* o NP *essas teorias* até SpecIP na oração matriz, para que ele receba o Caso Nominativo do verbo *parecer* [+T;+Agr]. Ilustramos abaixo:

(141)



A marcação em preto sinaliza o alçamento do NP[21] (para o último estágio), desde a oração encaixada até SpecIP na sentença matriz, em que o único Caso disponível da sentença reside (distribuição sinalizada em azul), legitimando a construção. Esse comportamento se trata daquele que vimos como *o alçamento canônico*, i.e., acontece para satisfação das condições impostas pelo Filtro do Caso para licenciamento da estrutura. Contudo, e apesar de menos comuns, outros tipos de construções do grupo *Verbos de Alçamento* ainda precisam ser avaliados. Tomemos a construção a seguir, igualmente extraída do banco de dados LLIC-USP:

(142) [...] pele sempre jovem e bonita, pois *parece* <u>serem essas as grandes preocupações do leitor</u>.

---

[21] As posições por que o NP *essas teorias* passou antes de chegar a SpecIP na matriz estão sinalizadas com o vestígio de movimento [t_m], seguindo a noção de *floating quantifiers* (Sportiche, 1988). Alegar qual a posição do quantificador, porém, não seria relevante o presente estudo.

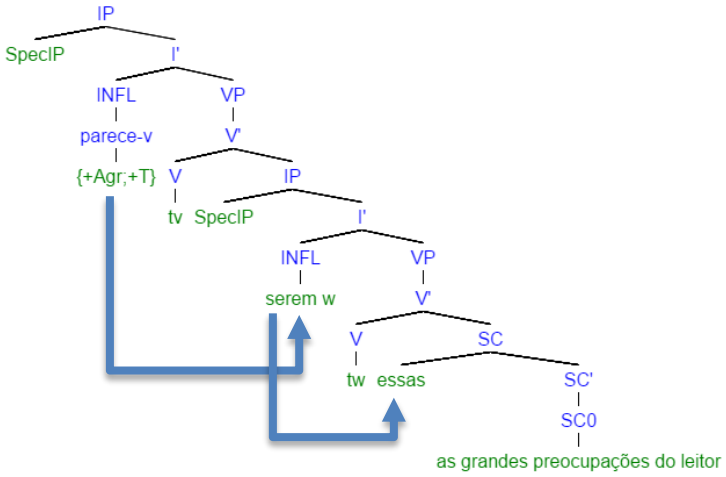
(36) a. *Todas* essas teorias parecem caminhar paralelamente.
b. Essas teorias parecem *todas* caminhar paralelamente.
c. Essas teorias parecem caminhar *todas* paralelamente.

No exemplo acima, precisamos tomar outro caminho de descrição: temos que o verbo *parecer* tem a Or-Inf-F na posição de argumento interno (CompVP), que, por sua vez, seleciona uma SC. Nessa construção, o sujeito da oração Inf-F não foi movido para a matriz, razão pela qual assumimos que ele recebeu Caso Nominativo dentro dos limites da projeção máxima da Or-encaixada. Porém, sabendo que a Or-Inf-F surge na base em CompVP, e levando em consideração que o verbo *parecer* se trata de um verbo inacusativo, é possível assumir que o Caso Nominativo foi distribuído para a Or-encaixada à direita, ainda na posição de base, visto que o $_{Inf}$[+Agr] exige um Caso estrutural para ativar o seu Nominativo (que seria, então, distribuído para o argumento *essas*). Assumimos, então, que, assim como em outros Verbos de Alçamento, o argumento interno (Or-encaixada infinitiva) permaneceu em CompVP, onde o $_{Inf}$[+Agr] recebeu Caso Nominativo de alguma maneira[22], ativou o seu Caso Nominativo e, consequentemente, legitimou que o NP *essas* figurasse na posição de sujeito da SC[23], com a representação arbórea seguinte:

[22] Quando dizemos que a oração infinitiva recebe Caso à direita *de alguma maneira*, poderíamos ter a teoria conhecida como Hipótese Transmissão de Caso, em que um *pro* expletivo reside em SpecIP, recebe Caso da flexão do verbo na matriz e, por meio de cadeia (*pro*$_{sxpl}$, *InfP*), o Nominativo alcança Inf^0. Outra possibilidade é o alçamento encoberto, envolvendo traços formais, i.e., a oração é alçada a SpecIP-matriz, deixa um vestígio e retorna a CompVP-encaixada, criando, também, uma cadeia (*t, InfP*). Não tomamos partido nessa discussão, pois está além do escopo deste trabalho. Fato é que Caso Nominativo chega a InfP à direita da amálgama V+INFL na matriz por meio de alguma operação, tendo em vista a gramaticalidade da frase. Qual seria essa operação? Não temos certeza, mas a ideia de um *pro* expletivo nos parece mais cabida.

[23] O NP Predicativo *as grandes preocupações do leitor*, interno à SC, recebe Caso por meio de alguma operação interna.

(143)



Apesar de a estrutura parecer incomum, é preciso lembrar, conforme vimos sobre os Verbos de Alçamento, que o comportamento dessa classe verbal se dá de maneira semelhante (Caso NOM → XP), levando em conta que o infinitivo depende de Caso para ativar o seu Nominativo. Vejamos os exemplos abaixo:

(144) a. [...] que alguma coisa pareça claramente grande, *basta colocarmos outra* [...]
Nominativo

b. [...] modo, penso que *convém termos em vista, em cada caso* [...]
Nominativo

c. [...] no atual modelo econômico, *custa as coisas darem certo* [...][24]
Nominativo

Percebemos que, com *bastar, convir, custar*, não se questionariam as construções sem alçamento do sujeito da oração encaixada (seja *pro*, seja realizado), ainda que a oração seja reduzida de infinitivo. Isso nos leva a crer que, de algum modo, o

[24] Sinalizamos a distribuição do Nominativo em razão de a posição SpecIP poder, claramente, ser preenchida lexicalmente, conforme sentenças abaixo:
(37) a. Basta *nós* colocarmos outra pessoa para cobrir o plantão.
b. Convém *eu e a Maria* termos em vista, em cada caso [...]

Nominativo pode ser, da mesma maneira, distribuído à direita com o verbo *parecer*[25], ativando Caso em $_{Inf}$[+Agr] e legitimando a ES abaixo:

pele sempre jovem e bonita, pois *parece* serem
essas as grandes preocupações do leitor.

Contudo, é perceptível (julgamento nosso) que a sentença mais recorrente em PB seja com a categoria CP, tal como "*pele sempre jovem e bonita, pois parece que são essas as grandes preocupações do leitor*". A naturalidade com que o CP se encaixa no complemento poderia evidenciar que essa construção pode ser realizada de duas maneiras: CP ou IP(InfP).[26]

[25] Apesar de argumentarmos nesse sentido, o licenciamento do NP interno à Or-encaixada aparenta ser mais aceitável com complementos de categoria SC, mas são aceitáveis para outros contextos, principalmente com verbos auxiliares, tais como:

(38) Bah, Maria, parece *pro* terem levado o teu carro, porque ele não 'tá onde tu disse.

(39) Olha, João, parece *pro* terem lavado a tua roupa com sabão em pó. Ela tá cheia de manchinhas.

(40) Olha, João, *pro* parecem ter lavado a tua roupa com sabão em pó. Ela tá cheia de manchinhas.

[26] Novamente em nota discorremos sobre o fato de postularmos um CP para conter a Or-Inf: se o verbo da oração encaixada se posiciona em C^0, teríamos de considerar também a possibilidade de um OPØ de tempo figurar aí (T/C). Com razão, parece ser difícil, mas não impossível, anotar uma construção com tempos disjuntos entre a matriz e a encaixada:

(41) *Hoje parece serem essas as nossas preocupações ontem.

(42) ? Hoje parece terem sido essas as grandes preocupações do governo, mas naquela época não parecia.

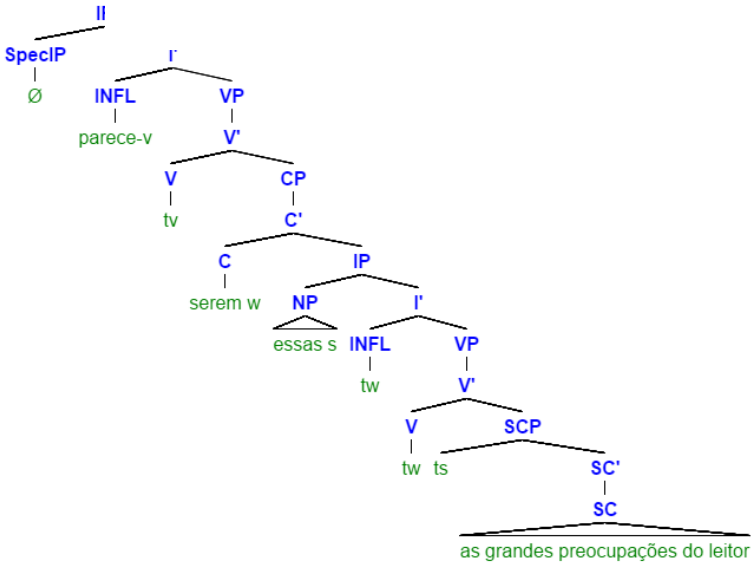
(43) *Hoje parece terem acontecido guerras entre os EUA e a Rússia no ano passado.

Por alguma razão, a negação da sentença parece legitimar a disjunção, por algum fato alheio às duas afirmações propostas.

(44) Hoje não parece terem acontecido brigas entre nós nas duas últimas semanas inteiras.

(45) ? Por como a gente 'tá nesse momento, (nem) parece nem termos brigado o dia todo.

(145)



O verbo *serem* se move para C[27], onde recebe o Caso Nominativo de INFL matriz por percolação, ativando seu Nominativo, que resulta, assim, distribuído ao sujeito da oração encaixada em SpecSC (ou em SpecIP, posição tradicionalmente [+K] em PB). Tal explicação estaria de acordo com todos os postulados vistos até o momento e, ainda, daria conta da ordem com que a frase se apresenta, com sujeito da encaixada posposto ao verbo, assumindo a posição canônica do sujeito na estrutura.[28]

Outro verbo de alçamento que permite que a flexão [+Agr] se realize na oração encaixada é *convir*. Henriques (2008, 2013) apresenta dados em que: (a) a Or-matriz subcategoriza um CP que permanece na posição de CompVP, na qual o núcleo T em INFL licencia a permanência do argumento externo da Or-encaixada nos limites da sua projeção máxima; em que (b) a Or-matriz seleciona um InfP, permitindo ao argumento externo do verbo da Or-encaixada permanecer nos limites da sua projeção máxima em CompVP, sendo a posição SpecIP na matriz preenchida por um sujeito

---

[27] Nas sentenças anteriores, em que o Inf é [-Agr], seria indiferente postular o constituinte CP dominando o IP com que trabalhamos.

[28] O argumento interno dos verbos inacusativos tradicionalmente é alçado a SpecIP para satisfazer ao Filtro do Caso, de acordo com o postulado:

- *Projeções máximas são alçadas a Spec.*

Em contraste ao movimento *head-to-head,* segundo o qual:

- *Somente núcleos podem ser alçados a núcleos.*

Outro fator relevante para a análise proposta é o fato de o Caso Nominativo, nessas construções, ser distribuído à direita para licenciar o sujeito, conforme os exemplos:

(46) [Os guris$_s$ / Uns caras$_s$ [$_{V'}$[$_V$ chegaram] [$_{CompVP}$ *ts*] agora]].

(47) Chegaram os guris / uns caras estranhos na festa.

expletivo Ø; ou em que (c) a Or-matriz seleciona um InfP em CompVP, permitindo ao sujeito da Or-encaixada ser alçado a SpecIP na Or-matriz. Os exemplos são os que seguem:

(146)a. [$_{IP}$ [$Ø_{expl}$] Convinha [$_{CP}$ que você chegasse lá mais cedo]].
b. [$_{IP}$ [$Ø_{expl}$] Convinha [$_{InfP}$ eu prestar atenção às aulas]].
c. [$_{IP}$ Eu_i convinha [$_{InfP}$ t_i prestar atenção às aulas]].

As sentenças estariam bem-formadas segundo a Teoria da Gramática: (146a) as construções com CPs em CompXP, apesar de poderem receber, não necessitam de Caso estrutural para serem licenciadas em PB, visto que possuem T em INFL, atribuidor natural de Caso. A estrutura em (146b) seria denominada *sem alçamento*, ao passo que a estrutura em (146c) seria a representação de alçamento padrão quando InfP é selecionado. Vejamos a construção em (146b) com o argumento externo da Or-encaixada InfP no plural, manipulada abaixo:

(147)$^{Ok/?}$[$_{IP}$ [$Ø_{expl}$] Convinha [$_{InfP}$ *nós prestarmos* atenção às aulas]].

Considerando a predição básica com que trabalhamos, i.e., o Nominativo em InfP só é ativado caso $_{Inf}$[+Agr] receba Caso, a única forma de pluralizar o sujeito na Or-encaixada seria deixando $_{Inf}$[+Agr], por duas razões: (1ª) a posição [+K] do verbo-matriz (SpecIP) está ocupada por um $Ø_{expl}$, disponibilizando o Nominativo para $_{Inf}$[+Agr]; (2ª) a falta de Caso para o pronome *nós*, sujeito da oração encaixada não passaria pelo Filtro do Caso, fato que, conforme exemplo acima, contrariaria uma estrutura gramatical ou fortemente licenciada pelo PB. Esse fato nos mostra que o Complemento do verbo de alçamento pode, de fato, ter Caso Nominativo à direita.

A construção em (146c), com o alçamento unicamente do sujeito da Or-encaixada, constitui-se como uma estratégia da gramática do PB, servindo, primordialmente, para exemplificar um comportamento licenciado da língua (segundo Henriques, pois nossa intuição questionaria a sentença). Encontramos respaldo nesse sentido nos próprios dados do autor, em que 31 estruturas de alçamento são encontradas na coleta (a partir de peças teatrais), sendo uma única com o verbo *convir* e que seleciona um CP com C^0 preenchido pelo próprio complementizador *que*, i.e.,

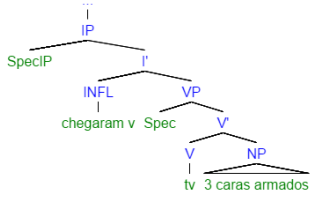
inviabilizando a averiguação dessa construção (146c) com infinitivo. No reestudo do caso, o autor encontra alçamento do sujeito com *custar* uma vez, com a 1ª p. singular.

Assumindo, porém, que verbos inacusativos podem distribuir Caso Nominativo à direita[29], é possível dar conta tanto da pluralização do sujeito dos dados de Henriques quanto dos casos extraídos dos nossos dados, independentemente de se considerar que o verbo *convir* subcategorize IP ou CP. Vejamos a sentença abaixo, extraída do bando de dados do LLIC:

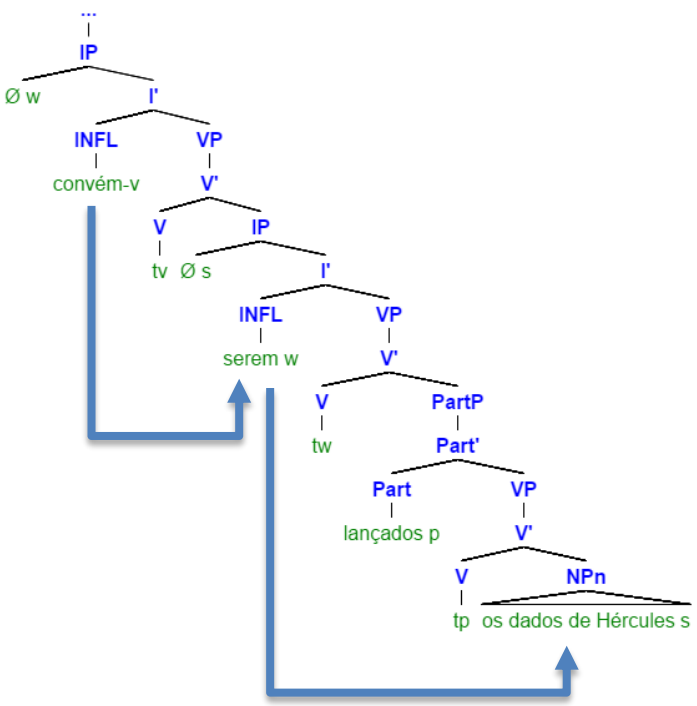
(148)[...] assim *convém serem lançados os dardos de Hércules*.

Para o qual propomos a seguinte árvore:

[29] Tais como *chegar* ou *aparecer*:
(48)Chegaram vários caras mal-encarados e eu resolvi ir embora.
(49)Apareceram montes e montes de abelhas casa do sítio.
(50)? Montes e montes de abelhas apareceram na minha casa do sítio.
(51)



(149)



Sinalizamos a distribuição do Caso (que alcança o destinatário) à direita em razão da concordância do verbo *ser*, numa sentença que nos parece gramatical em PB. Temos, contudo, um problema a mais nessa construção: 3 projeções máximas intercalam o regente do regido (i.e., *ser* e *os dados de Hércules*). Tais construções se constituem em um problema à parte, do qual só podemos dar conta se levarmos em conta a mesma explicação que já anotamos anteriormente, a de uma cadeia em que está contido o NP (ou seja, em SpecIP temos a distribuição de Caso, em CompVP temos a atribuição de papel-θ do argumento interno do verbo *lançar*).

Apesar de as sentenças com o complementizador *que* serem mais comuns, tipo "*convém que seja assim*", a construção com InfP é bastante recorrente na variedade escrita da linguagem, tal como em "*convém ser assim*".

Podemos perceber que as sentenças abordadas até agora, sobre verbos de alçamento, são, em suma, frases gramaticais do PB (até certo ponto, com relação à aceitabilidade). Com isso, pudemos identificar 2 formas de a gramática do PB legitimar suas construções:

(i) Ou ocorre o alçamento do sujeito da Or-Inf-encaixada[30] a SpecIP na Or-matriz.

(ii) Ou a Or-Inf-encaixada é virtualmente (alçada à função de) sujeito da oração matriz, assim como o que acontece com os sujeitos dos verbos inacusativos prototípicos, i.e., recebe o Caso Nominativo à direita, via formação de cadeia com pro_{expl}.

É imprescindível, a partir daqui, levar um fato em consideração: nossa análise não tem a intenção de legitimar todas as construções que nos pareçam agramaticais (ou estranhas), bem como não tem a intenção de jogar essas sentenças em um saco de agramaticalidade, que questione a competência do indivíduo e alegue, pura e simplesmente, problemas de desempenho na computação. Temos, sim, o intuito de testar os módulos da gramática nas sentenças curiosas[31], e que tradicionalmente residem nos contextos identificados como desfavoráveis para a ocorrência do Inf-F (a partir da frequência em Canever, 2012). Precisamos levar em consideração, também, que o Inf-F, sabidamente, vem avançando por sobre contextos sintáticos inesperados de forma inovadora, e, caso a Teoria Gramatical dê conta dessas situações mais peculiares, não haveria razão para considerarmos restrições às construções com $_{InfP}$[+Agr]. Poderíamos, sim, considerar que tais contextos ainda se encontram em um estágio mais à esquerda do *continuum*, i.e., mais próximos de [-Agr], mas que poderiam vir a sofrer com o avanço abrupto do Inf-F, assim como a maioria dos contextos que ali dispusemos – no *continuum* – sofreram em determinado momento. Sob essa perspectiva, todavia, ressaltamos, também, que não estamos fazendo uma previsão ou um exercício de futuro, tal como afirmando que o Inf-F seguirá assaltando contextos sintáticos mais reservados ao Inf-ñ-F ou que a mudança para os contextos mais restritos deveria ser esperada, apenas testamos as ocorrências já encontradas em *corpus* da língua para verificar se aquela que adotamos

[30] Cumpre notar que essa estratégia não está disponível (pelo menos nos nossos dados) para outros verbos de alçamento, tais como *convir* ou *bastar*. Tentamos manipular ambos os verbos da seguinte maneira (imaginando que não seja dada uma prosódia de Topicalização [Mova-α para TopP] para o sujeito alçado, o que, de fato, dificulta):
(52)Convém os guris trazerem a cerveja já gelada.
(53)? Os guris convém(-êm) trazerem a cerveja já gelada.
(54)Basta os meus filhos olharem pra mim que eu sei o que eles querem.
(55)?? Os meus filhos bastam olharem pra mim que eu já sei o que eles querem.

[31] Essas são, de fato, as motivações do nosso estudo.

como paradigma teórico - a TRL - dá ou não conta dos comportamentos com que nos deparamos.

Analisemos, então, a seguinte construção:

(150) *A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias* parece *conspirarem contra o homem*.

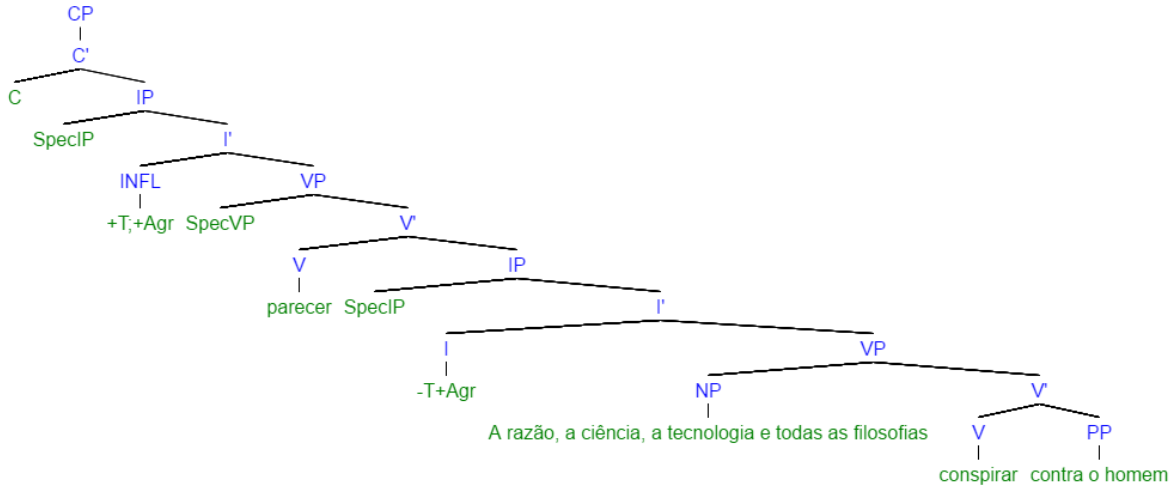
Nela, temos um comportamento curioso na distribuição das flexões: mesmo que o indivíduo tome o NP *A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias* como sujeito da oração matriz, é na oração encaixada que a concordância de número se realiza. Conforme dissemos, duas são as estratégias da gramática para contornar a falta de Caso Acusativo do verbo *parecer* (condição essencial para licenciar o sujeito da Or-Inf), sendo, nesse caso, a opção (ii) a que funciona:

(ii) Para legitimar a construção, ocorre o recebimento do Caso Nominativo em INFL da Or-Inf-encaixada.

Tal assunção nos faz perceber que o sujeito de InfP, somente, é que foi alçado para uma posição pré-verbal na oração matriz, mas que ele está recebendo o Caso Nominativo da oração em que surgiu na base. Com isso, temos a seguinte constituição estrutural da sentença, antes de realizados os movimentos:

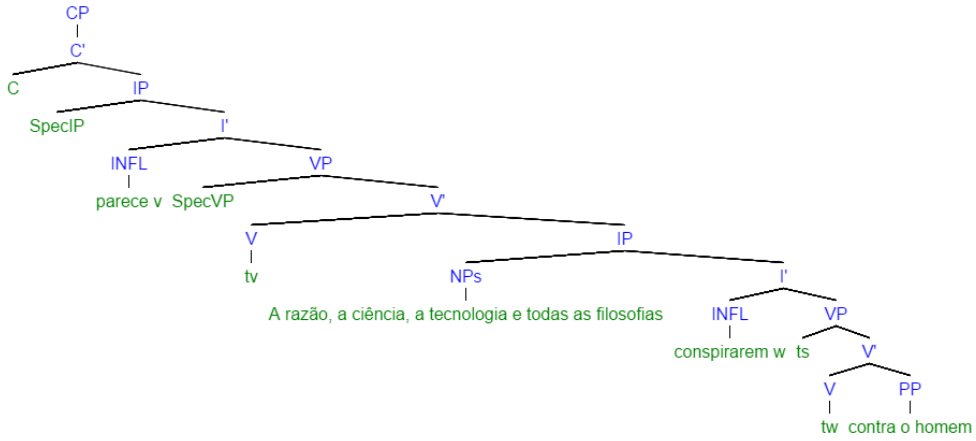
(151)

32



Depois de realizado o primeiro movimento de escalada do sujeito e o *verb raising*, chegaríamos à seguinte estrutura intermediária:

(152)

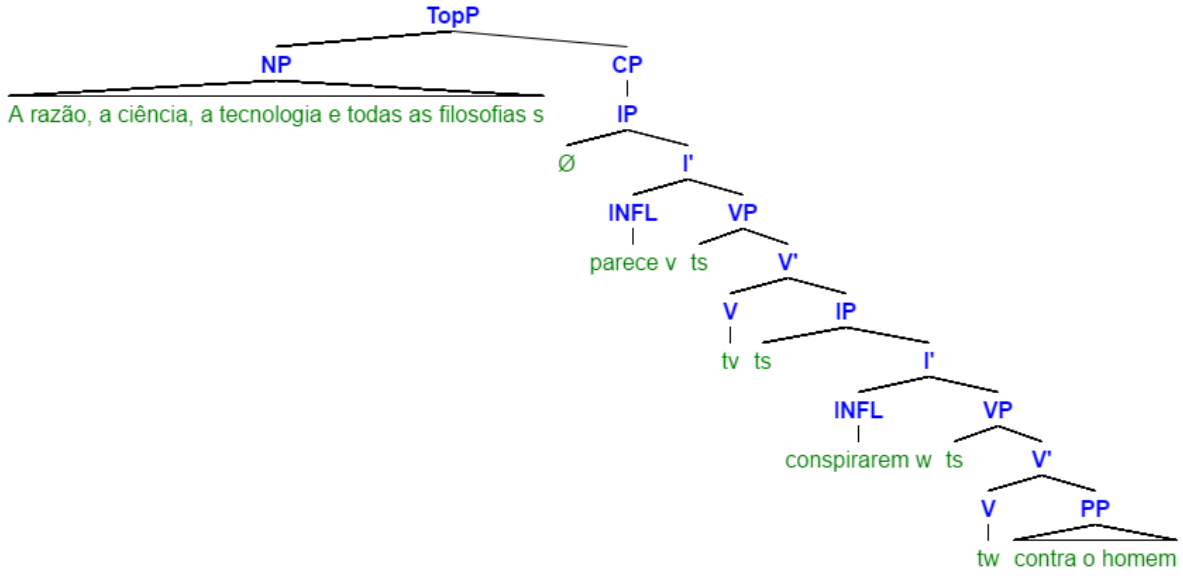


Nesse momento, o NP sujeito, em SpecIP-encaixado, precisaria ser licenciado na estrutura pela atribuição do Caso Nominativo, fato que acontece. Por alguma razão, o falante considera a distribuição do Caso Nominativo à direita, deixando o verbo *conspirar* (flexionado, único na sentença) como atribuidor de NOM para o sujeito. Contudo, fazendo também com que o NP siga caminho até encontrar uma posição

[32] Acaso não considerássemos [+Agr] na matriz, haveríamos de admitir que, em PB, há amálgamas do tipo [-Agr;+T], em determinado estágio. Não encontramos literatura para discorrer sobre essa questão.

pré-verbal mais alta na oração matriz (TopP), ainda recebendo o Caso Nominativo da Or-encaixada, tal como descrevemos o hiperalçamento no cap. 2, subseção 2.1.6.1, sobre o comportamento dos verbos de Alçamento. O fato se evidencia pela falta de concordância entre o NP alçado e o verbo *parecer*:

(153)



Sentenças como (160) nos fazem perceber que o hiperalçamento pode ser realizado em construções InfP, permanecendo a flexão do verbo na Or-encaixada, somente, ou seja, o comportamento dos verbos de alçamento se assemelha em alguma medida, ainda que nem todas as generalização (pois o verbo *parecer* é, de fato, distinto de outros verbos, tais como *custar, bastar, ...*) possam ser assumidas. Testando essa assunção, nos parece possível atestar que a concordância morfológica entre verbo e sujeito possa se realizar apesar da distância, i.e., em orações distintas (tal como em alçamento para TopP), conforme segue:

(154)[33]

a)	Os guris parecem [+Agr]	[-Agr] ser mais infantis que as gurias [...].
b)	Os ladrões parece [-Agr]	[+Agr] que (es)tão mais ousados [...].
c)	Os arrombamentos parece [-Agr]	[+Agr] terem sido mais numerosos esse ano.
d)	Pais e mestres parece [-Agr]	[+Agr] não estarem realmente a par da situação
e)	(?) Meus cachorros parece [-Agr]	[+Agr] implorarem por carinho todo tempo.
f)	(?)Os bandidos parecem [+Agr]	[+Agr] estarem ousando mais [...]
g)	* As professoras parece [-Agr]	[-Agr] ser mais inteligentes.
h)	* Essas Reformas parece [-Agr]	[-Agr] que foi votado correndo.

Os exemplos acima sinalizam que a concordância com o sujeito pode ser realizada no verbo da oração matriz – de acordo com o sujeito sintático –, na sentença encaixada – de acordo com o sujeito semântico (através da identificação de traços morfossintáticos) – e, de maneira mais restrita, em ambas as orações, matriz ou encaixada. O contexto fortemente inaceitável é aquele em que nenhum dos verbos concorda em número com o referente na posição de sujeito, logicamente, em razão do licenciamento do NP, por razões de Filtro do Caso.

Esse último exercício de manipulação de sentenças (há sentenças no quadro que são fruto de coleta!) serviu para fornecermos um ambiente favorável à análise da última sentença com o verbo *parecer* sem que precisemos descartá-la das possibilidades de uma construção oriunda da gramática do PB (ainda que bastante incomum). Antes de apresentá-la, retomemos o que diz Raposo sobre o Inf-F:

> *No sistema a ser desenvolvido aqui, <u>o infinitivo flexionado é gerado livremente na base</u>. Fatores gramaticais, na maioria das vezes independentes da seleção, os descartam dos contextos onde não podem ocorrer.* (1987a, p. 88)[34]

---

[33] As construções com dupla concordância parecem ser mais incomuns, de fato, ocasionando uma discussão sobre o FDD em Perini (1996), conforme vimos.

[34] Tradução livre, do original: *In the system to be developed here, the inflected infinitive is freely generated in the base. Grammatical factors for the most part independent of selection rule it out in the contexts where it c'annot occur.*

Nossa última sentença com o verbo *parecer*, então, é a seguinte:

(155) (os truques)[35] deles *pareciam terem sido usados* na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

A flexão verbal é realizada tanto no verbo *pareciam* quanto na locução *terem sido usados,* na voz passiva, que, segundo já vimos, tende a favorecer o Inf-F. Vejamos a transformação da sentença, a título de explicação:

(156) a. Parece [___ usarem os truques deles]. (ativa)
b. Parece [___ terem usado os truques deles]. (ativa)
c. Parece [*os truques deles* terem sido usados]. (passiva)

Assumimos, para esse exemplo, que o constituinte *os truques deles* reside em SpecIP[36] depois de alçado (por causa da concordância no verbo *parecer*) e que a Or-Inf reside em CompVP. O fato curioso é que ambas as orações acabam concordando com o NP *os truques deles*, fato que nos levaria à seguinte conclusão: *os traços-φ (phi) do argumento interno de usar resultaram identificáveis no vestígio t deixado em SpecIP da Or-encaixada.* Manipulando a sentença, poderíamos ter que o NP *os truques deles* gerasse a flexão única, em *parecer*, ou que ficasse interno à Or-encaixada na melhor posição possível. Assim, teríamos:

(157)

a. [$_{CP}$ [$_{IP\ SpecIP}$Os truques deles [$_{I'}$ [$_{I}$ pareciam [$_{...}$ *ter sido usados* na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento...]]]]]

b. ?? Parecia [$_{IP}$ [$_{SpecIP}$*os truques deles*] *terem*$_{v}$ [$_{VP}$ t_{v} [$_{PartP}$ *sido* [$_{PartP}$ *usados*]] na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento ...]]

---

[35] Essa construção, do banco de dados do LLIC-USP, o software –*R* extraiu do original a partir de *deles*, razão pela qual tomamos a liberdade de inserir (os truques) a fim de haver relação com mágica. Todavia, a sentença ainda aparenta um contexto semanticamente estranho. Não foi possível localizar o trabalho original em que ele se encontrava.

[36] Quando o argumento externo da Or-encaixada não é alçado a SpecIP, a concordância é realizada no singular, de acordo com um *pro-expletivo*. No caso, o verbo, claramente, flexiona segundo o seu sujeito sintático, i.e., *os truques deles.*

c. ?Parecia [$_{CP}$ *terem*$_{v}$ [$_{IP}$ Spec$_{IP}$*os truques deles* [$_{...}$ *sido usados* na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento ...]]]

d. Parecia [$_{CP}$ *terem*$_{v}$ [$_{IP}$ *t*$_{v}$ ...[$_{PartP}$ *sido* [$_{PartP}$ *usados*]] [$_{CompVP}$*os truques deles*] na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento ...]]

Ainda que seja difícil sustentar, em qualquer das propostas acima, que o NP esteja em uma melhor posição na Or-encaixada, nos parece, de fato, a opção em (157a) ser a melhor formada, seguida por (157c) ou (157d)[não sabemos ao certo!], ao passo que, quando interno à Or-encaixada, a construção resulta *menos natural*, pelo menos nesse caso, principalmente se consideramos o NP sujeito em SpecIP-encaixada. Uma contradição que se põe em relação às análises anteriores é o fato de a construção passiva, que sempre privilegia o Inf-F, ser indiferente à manutenção de um argumento como interno às fronteiras da projeção máxima.

Nossa discussão principal reside, porém, no fato de o Inf-F tomar para si posições sintáticas tradicionalmente do Inf-ñ-F. *Id est*, se a flexão de número [+Agr] surge na base a partir da identificação de traços morfossintáticos do argumento externo[37], caso assumíssemos que o Inf-F identifica esses traços na base, teríamos a realização [+Agr] nesse momento (livremente gerado), mas também que, por uma razão de Filtro do Caso ([+Agr] não recebeu Caso para ter o seu Nominativo ativado), o NP seguiria caminho para cima até encontrar o Nominativo disponível em SpecIP-matriz, uma posição melhor segundo (algum preceito d) a gramática do o indivíduo que produziu essa construção, para o verbo parecer. Para o caso de a flexão se realizar morfologicamente exclusivamente na matriz, haveríamos de desconsiderar que o vestígio *t* deixado durante o alçamento permita a identificação de traços-φ ou motive a flexão antes do alçamento, fato que seria questionável[38] segundo a Gramática do PB:

---

[37] Ou interno, para o caso dos inacusativos.

[38] Lembramos também que, segundo o Programa Minimalista, as operações são de cópia e deleção, ou seja, o referente não se concretiza noutras posições com *t*, mas com ele mesmo, sendo concebível a noção de traços φ residuais:
(55) A Maria$_1$ disse que ~~A Maria$_2$~~ ia ~~A Maria$_3$~~ chegar pra ~~A Maria$_4$~~ contar uma história.
Essa análise, todavia, foge do paradigma adotado neste trabalho.

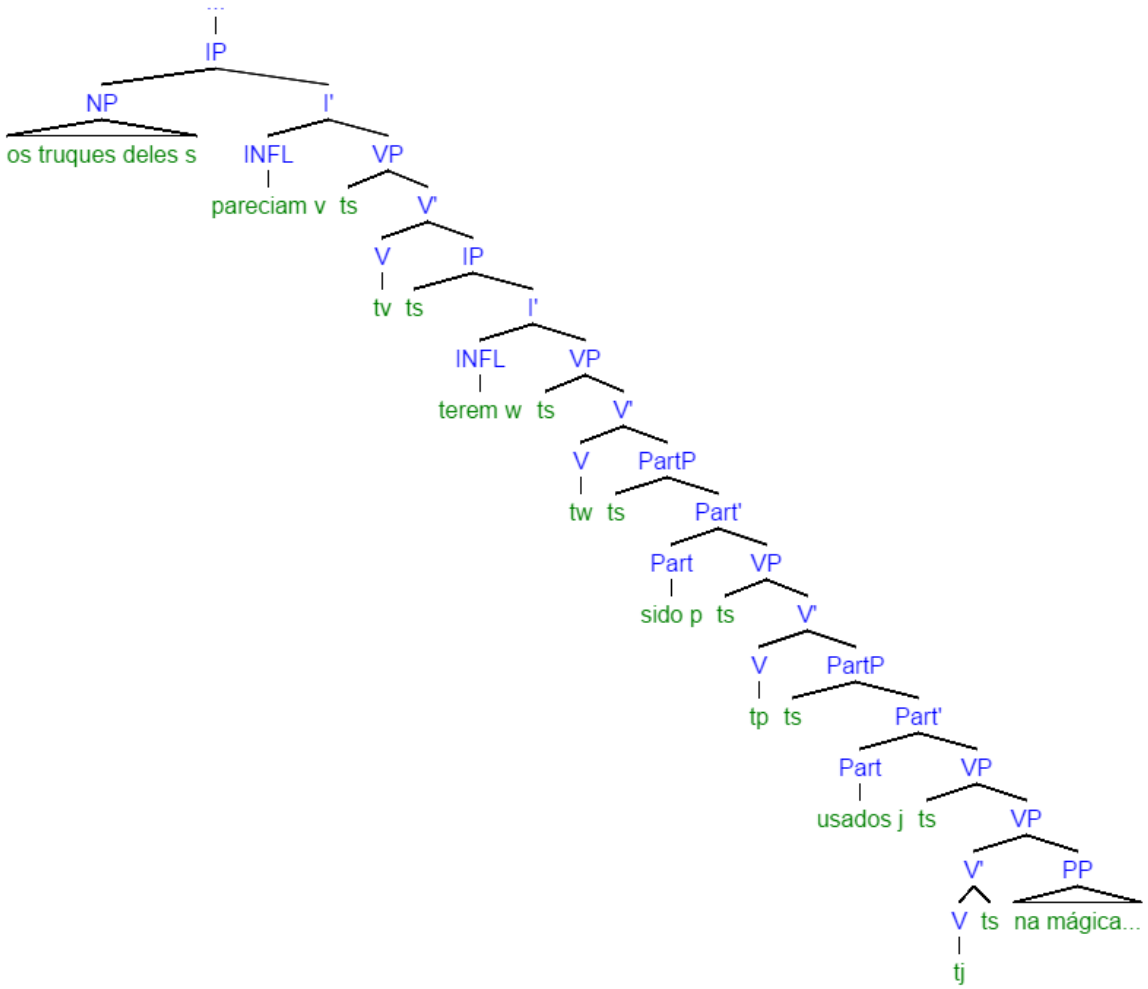
(158)*Quais empresas*$_j$ a Maria comentou que t_j *ligam* toda hora?[39]

O exemplo acima mostra que a motivação de [+Agr] se dá em algum momento da computação que seja anterior a Mova-α, assumindo, também, que Mova-α seja uma operação constituída de estágios, que se encerram, para o constituinte movido, quando ele se encontra em alguma posição ótima[40] para a sintaxe. Por alguma razão, a construção que estamos abordando se mostra menos natural quando o NP sujeito se encontra na Or-encaixada, fato que nos leva a crer que, para a sintaxe (talvez por questões de semântica, talvez por questões de interface com outros níveis da gramática), a posição ótima para o constituinte seja em SpecIP. Assumamos que a Or-encaixada seja da categoria IP:

[39] Sabemos que o vestígio de movimento de NP pode ser diferenciado do vestígio de movimento *Wh*. O que queremos mostrar é que antes de o vestígio ser gerado na base, ele compatibiliza o verbo e o sujeito, unicamente.

[40] Não estamos argumento com base em Teoria da Otimidade, mas, sim, que há flutuação entre estruturas licenciadas pela língua-L, no nosso caso o PB. Significa dizer que, quando 2 (ou mais) derivações de uma mesma estrutura profunda são gramaticais, determinadas posições sintáticas se mostram melhores (ou ótimas), apesar de nenhuma atuar contra as condições de boa-formação impostas pela computação da sintaxe.

(159)



Assim, temos que o NP *os truques deles*, argumento interno do verbo usar, não pode receber Caso em CompVP, posição mais encaixada da estrutura, porque, conforme já vimos, a *passivização* do verbo o tornou inacusativo. Então, para ser licenciado na estrutura, o NP inicia a operação de alçamento, passando por todas as posições sinalizadas com t_s. Quando chega em Spec-IP da Or-encaixada, o NP não encontra o Caso Nominativo (por alguma razão), pois ele não foi ativado pelo recebimento de Caso Acusativo do verbo matriz, igualmente inacusativo, fato que o faz continuar o alçamento. Então, ele segue até SpecIP-matriz, onde o Nominativo está disponível, e, aí, os traços morfossintáticos compatibilizam o sujeito com o verbo. O (aparente) problema é que os mesmos traços, residuais em t_s, também o compatibilizam – o

sujeito – com o outro verbo [+Agr] da construção, *terem* em INFL (V+INFL) da Or-encaixada, o que, num primeiro momento, parece morfologicamente redundante.[41]

Por outro lado, quando postulamos algumas possibilidades em que o NP estaria interno à Or-encaixada, em (157), nenhuma nos pareceu mais natural do que com o NP na matriz. Podemos perceber, então, que a melhor opção para essa frase é aquela em que o sujeito da Or-encaixada é alçado, sozinho, a SpecIP-matriz, assim como faz o falante do nosso exemplo (à exceção de ele ter realizado duas vezes a flexão de número). A primeira questão que se coloca é:

- Poderia o verbo da oração encaixada ser licenciado na forma [+Agr]?

Levando em conta que os infinitivos flexionados estão expandindo seus campos de atuação, retomamos a predição de Raposo: "o Inf-F é gerado livremente na base, sendo restringido por fatores gramaticais independentes da seleção", essa é a nossa resposta/hipótese. Recordando as construções previamente analisadas, poderíamos considerar que não há restrição da gramática para a forma [+Agr]. O que queremos dizer (ainda que não seja ortodoxo na literatura sobre a Teoria da Gramática) é que se os traços-φ de número puderem ser identificados a partir do vestígio *t* deixado em algum momento da operação de alçamento do sujeito da oração encaixada, esse sujeito (de ambas as orações) poderia motivar a flexão de ambos os verbos (leia-se geração de [+Agr] na base), ou seja, na base, surge a informação funcional-morfológica infinitiva, que se converte em [+Agr] quando o referente sujeito é identificável. Porém, como argumentar que há algum tipo de traço-φ residual nas posições pelas quais o NP passou durante o alçamento? Uma forma adequada nos parece ser a manipulação da sentença com quantificadores flutuantes, em que podemos ver que, por todas as posições por onde passa o sujeito durante o alçamento, alguma informação referente a ele pode ser retomada, conforme segue:

---

[41] Uma questão sobre flutuação: o indivíduo que produziu *"deles pareciam terem sido usados na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento"* produziu, também, *"admitem necessariamente tal associação; eles tendem a serem"* e *" Tais atividades entre indivíduos do mesmo sexo parecem ter desempenhado".* Isso mostra a tendência (particular dele) a flexionar ambos os verbos quando a Or-encaixada é realizada com o verbo *ser*, enquanto não o é com o verbo ter. Talvez, seja, também, influência da voz passiva, que não podemos afirmar pois o software –*R* extraiu a sentença somente até o verbo *ser*.

(160) a. [...] **todos os truques deles** *pareciam terem sido usados* na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

b. [...] **os truques deles** *pareciam* ***todos*** *terem sido usados* na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

c. ? [...] **os truques deles** *pareciam terem sido* ***todos*** *usados* na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

d. [...] **os truques deles** *pareciam terem sido usados* ***todos*** na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

Dessa forma é possível perceber que, desde SpecIP até CompVP, algum tipo de traço-φ pode ser recuperado na posição em que esteja a categoria vazia *t*. Cumpre ressaltar que deixamos essa sentença para o fim das análises porque se trata do caso mais particular que temos e que, à exceção de tudo o que já foi visto, precisamos falar sobre condições de licenciamento do vestígio de maneira um pouco mais específica.

Tentando esclarecer o que significa o que dissemos acima, tomemos em conta que vimos (i) construções em que ocorre o alçamento canônico do sujeito da oração encaixada para a oração matriz[42]; (ii) construções em que o núcleo [+Agr] da oração subordinada recebe o Caso Nominativo de INFL na matriz, ativando o seu Caso Nominativo e sendo ele distribuído ao sujeito da oração infinitiva, interno às fronteiras da encaixada[43]; construção em que ocorre o alçamento para uma posição não argumental à esquerda do verbo, mais especificamente para TopP[44]; e a construção com dupla flexão[45], tanto na matriz quanto na encaixada. O que estamos tentando determinar é: qual a tipologia dessa última construção? Nesse ponto, a segunda questão pertinente se coloca:

- Opera alguma restrição gramatical no licenciamento desse Infinitivo Flexionado, particularmente?

---

42 (104) [...] essas teorias parecem caminhar paralelamente [...]

43 (152). [...] pele sempre jovem e bonita, pois parece serem essas as grandes preocupações do leitor.
(158) [...] assim convém serem lançados os dardos de Hércules.

44 (160) A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias parece conspirarem contra o homem.

45 (165) (os truques) deles pareciam terem sido usados na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

Um fator da gramática que bloquearia a ocorrência do Inf-F seria, p.e., a categoria *pro*, que exige estar uma posição regida (a Regência de Caso), conforme vimos nas disposições iniciais da nossa análise (caso o Nominativo da matriz fosse reservado ao sujeito alçado, não ativando o Caso estrutural em [+Agr]). Contudo, a restrição que se coloca sobre a categoria *t* é outra: visto que também é um elemento nulo, e é resultado do movimento do seu antecedente, com o qual está coindexado formando uma cadeia em busca de satisfação das condições de boa-formação da sintaxe, opera sobre o vestígio (*t*) um efeito de Minimalidade Relativizada. Significa que ele deve:

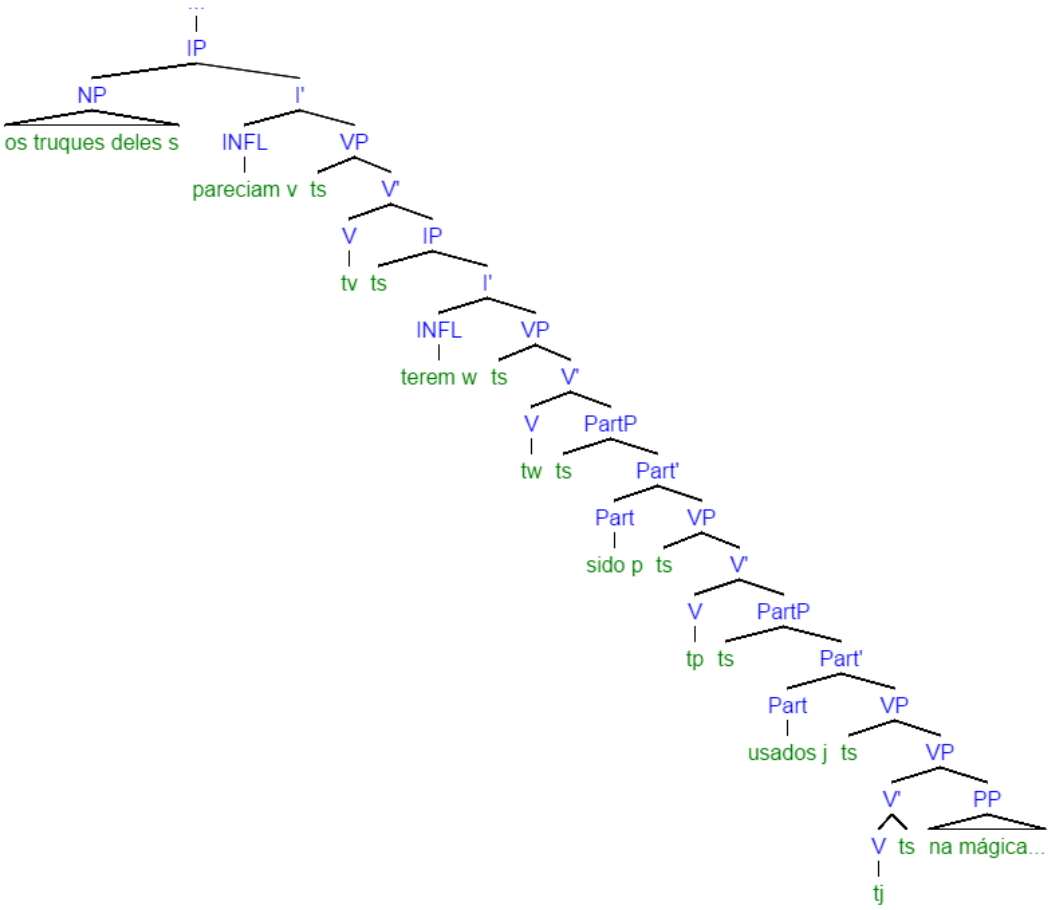
(i) Estar em uma cadeia com o seu antecedente.

(ii) Estar em uma Configuração Mínima, i.e., não há, entre o vestígio (X_{j+1}) e seu antecedente (X_j), um elemento interveniente que seja da mesma natureza.

(iii) Ser m-comandado por pelo seu antecedente (X_j).

Para verificarmos essas predições, retomemos a árvore da sentença em (161), reproduzida abaixo:

(161)



Podemos perceber que o vestígio (t_S) (i) forma uma cadeia com seu antecedente, pois ambos estão com o mesmo índice; (ii) está em um Configuração Mínima, pois não há elemento interveniente e de mesma natureza entre ele e o seu antecedente; e está sendo m-comandado pelo NP antecedente, i.e., a projeção máxima que domina o NP domina também o vestígio em um caminha unidirecional para baixo. Desta forma, temos o vestígio licenciado na estrutura (da mesma forma que seria licenciado caso o verbo estivesse [-Agr]), sem que haja violações à Teoria da Gramática, pois todas as condições de boa-formação foram respeitadas. Apresentada a resposta para a pergunta, devemos responder ao outro questionamento, feito no parágrafo anterior, i.e., *qual seria a tipologia dessa construção em relação a seus movimentos?* Levando em consideração que o Infinitivo Flexionado seja gerado na base, essa construção seria do tipo (i), *construções em que ocorre o alçamento canônico do sujeito da oração encaixada para a oração matriz*. Mesmo sendo flexionada nos dois verbos? Nossa

resposta é *sim!* Reflitamos um pouco: o NP da sentença[46] encaixada foi alçado a SpecIP da matriz, onde recebeu Caso abstrato (NOM) de INFL; o vestígio está licenciado por satisfazer as condições que operam sobre ele; ambos formam uma cadeia com 1 (um) papel temático e 1 (um) Caso; o infinitivo [+Agr] não recebeu Caso (pois ele foi atribuído ao sujeito da oração na matriz), o Inf-F não teve seu Caso Nominativo ativado para *competir* na atribuição de Casos, não havendo violação à Condição de Minimalidade. Dessa maneira podemos introduzir o nosso argumento principal: o infinitivo é gerado na base, sendo restrito por fatores da gramática. Em razão de a flexão do infinitivo Inf-F não receber Caso ela própria, ela está na construção *livremente*, em uma posição reservada à morfologia do infinitivo (não a um ou a outro infinitivo, mas, sim, ao infinitivo) sem ofender às regras que legitimam constituintes na *arquitetura da linguagem*, tais como seu argumento externo.

Significaria dizer que, no avanço pelo *continuum* distribucional, *o Inf-F estaria chegando onde tradicionalmente figuraria o Inf-ñ-F, sendo que sua realização independeria de existir um constituinte com o qual concordar realizado e interno às fronteiras da oração (i.e., para o contexto em que a exigência de Caso atribuído a [+Agr] não fosse satisfeita, tal como acontece quando inacusativos selecionam InfPs*)[47]

Como as construções desse tipo estão mais à direita no *continuum* da mudança sintática, elas ainda têm dificultada a visualização desse comportamento na sincronia da língua (conforme a frequência em Canever, para o contexto monitorado de linguagem), razão pela qual as poucas ocorrências encontradas ainda são causa de estranhamento.

---

[46] (161) (os truques) deles pareciam terem sido usados na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento [...]

[47] Essa explicação se torna, daqui em diante, fundamental para as análises seguintes, ainda que seja um tanto quanto (ou mesmo muito) não-tradicional ou não-suportada pelas literaturas que encontramos acerca do Inf-F, à exceção de Raposo, com o argumento que levamos ao pé da letra, tendo em conta que nem mesmo o autor argumentou com exemplos semelhantes aos nossos para o PB.

4.1.2.10. <u>As Perífrases</u>

Nossas últimas análises recaem sobre as perífrases verbais. Como esse contexto sintático é dividido em dois grupos (modais e aspectuais), tentaremos agrupar as análises em blocos, com alguma restrição. Um detalhe importante para a nossa análise é que, conforme veremos um pouco mais adiante, o que importa não é o valor semântico que o verbo auxiliar carrega em si (modal ou aspectual, pelo menos para a estrutura), mas, sim, a configuração determinada pelo verbo para a projeção da estrutura da sentença, pois vimos que, para a atribuição de Caso (e tratamos do infinitivo flexionado, para o qual o Caso é imprescindível), o elemento que antecede o IP em que está amalgamado o verbo infinitivo (o seu regente) se trata de um fator relevante. Sendo assim, não apresentaremos os verbos modais e aspectuais, respectivamente, mas apresentaremos, primeiro, os auxiliares (m/a) que selecionam InfP; depois, auxiliares que selecionam CP (m), que, por sua vez, selecionam InfP; e, por fim, auxiliares que selecionam PP (a/m), que selecionam InfP. Apresentaremos nesse formato porque o fator mais relevante para a análise seria, de fato, haver um PP antecedendo o infinitivo flexionado.

Conforme o estudo apresentado em Canever (2012), a perífrase possui uma das menores marcas de frequência de Inf-F dentre todos os contextos em que ele (o Inf-F) aparece nos dados, sendo de 5,1% para as aspectuais e de apenas 0,3% para as modais. Em consonância com as predições dos gramáticos tradicionais, a autora argumenta que a forma não-flexionada do infinitivo ainda estaria arraigada na gramática dos falantes. De fato, esse contexto parece ser o mais restrito ou, pelo menos, aquele que apresenta o maior número de sentenças que nos fazem notar algo de incomum na sua estrutura.

Tal como dissemos acima, iniciamos pelos auxiliares que dominam imediatamente o sintagma InfP. O banco de dados do LLIC-USP encontrou apenas uma construção com uma perífrase modal com Inf-F, abaixo:

(162) [...] em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não *poderiam serem esquecidas* [...]

A coleta em redações de Vestibular, por outro lado, proporcionou um número um pouco maior de dados, tanto de perífrases modais como de aspectuais, conforme segue:

(163) [...], pois *podemos tornarmos agressores* [...]
(164) [...] os pais *deveriam participarem* mais da vida escolar do filho e *a direção* junto com *os professores imporem* mais limites [...]
(165) *Podemos*, nós, *tomarmos uma atitude* e *concientizarmos nossos jovems* [...]

Assumindo os pressupostos teóricos que vimos no cap. 2, *Quadro Teórico*, temos que os verbos auxiliares são uma classe de verbos inacusativos, e que se comportam tal como os verbos de alçamento, i.e., o sujeito da perífrase surge interno a CompVP da matriz. Um resumo do que vimos seria dizer que os verbos auxiliares:

(a) Não possuem Caso Acusativo na sua estrutura;
(b) Possuem Caso Nominativo;
(c) Selecionam um complemento oracional;[48]
(d) Licenciam a operação de alçamento do NP da Or-encaixada para SpecIP-matriz.[49]

Para relembrar o que estamos tentando deixar claro, tomemos a sentença abaixo, a título de exemplificação:

(166) A Josefina pode pegar o chocolate.

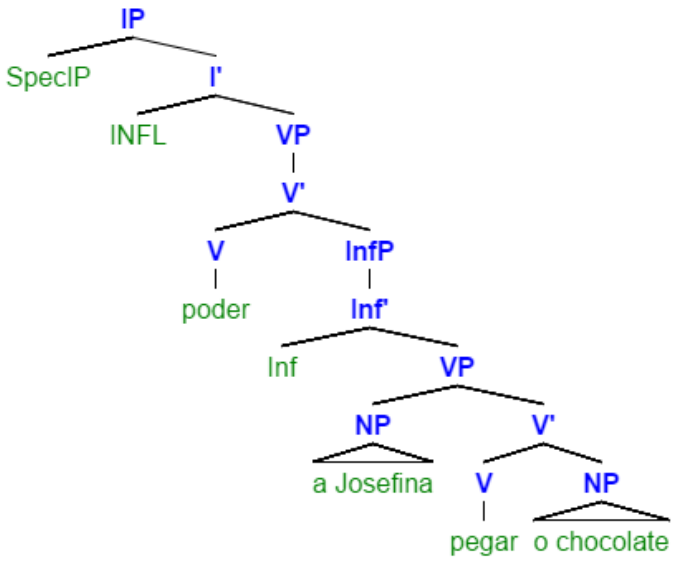
Nessa construção, o NP *A Josefina* figura como sujeito da perífrase. Levando em consideração que temos dois verbos (e consequentemente duas orações, uma na matriz *poder* e uma encaixada *pegar*), poderíamos dizer, de maneira mais específica, que o NP está em SpecIP, posição tradicional para o sujeito em PB, mas, e somente,

[48] O complemento oracional é degenerado, em alguma medida, conforme nota de Menuzzi (em diálogo informal).

[49] Algumas vezes surgem CPs normais para CompVP:
(56) Eu vou jogar na Mega essa semana, porque vai [$_{CP}$ que eu ganho esses 50 milhões].
(57) Ah, eu não vou sair da frente da TV, porque vai [$_{CP}$ que o meu time vira esse jogo]!

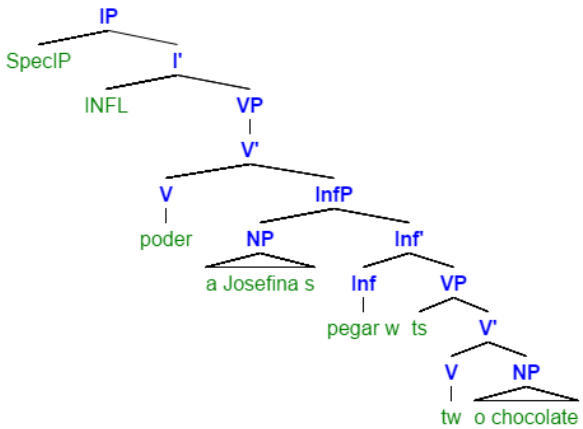
de sujeito do verbo *poder.* Esse estágio final é resultado da derivação da sentença, pois *A Josefina* se trata, na verdade, do argumento externo do verbo *pegar*, tal como em *Poder* [Complemento *a Josefina pegar o chocolate*]. Quando surgem as orações na base, o que temos é a seguinte estrutura arbórea:

(167)



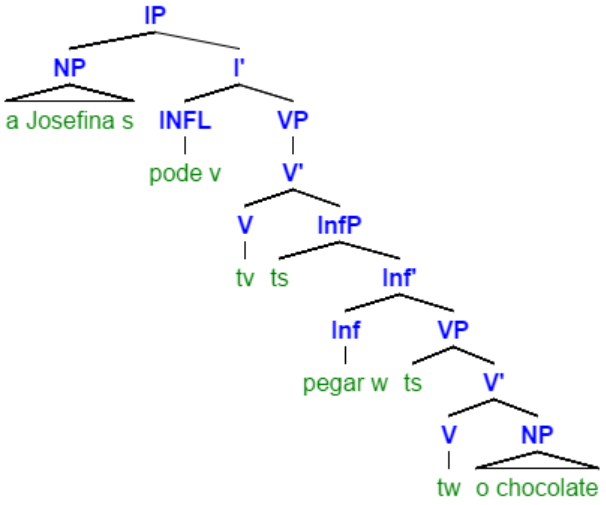
O verbo *pegar* surge na base com seus dois argumentos, interno (o chocolate) e externo (a Josefina), sendo essa oração infinitiva selecionada pelo verbo *poder*, acima na estrutura. Depois dos primeiros movimentos, temos a seguinte representação:

(168)



O NP (AE) está em SpecInfP, a posição de sujeito. Contudo, o que normalmente acontece é esse NP seguir viagem, até alcançar SpecIP-matriz, onde recebe o Caso Nominativo de INFL e motiva a flexão verbal do primeiro verbo da construção, tal qual o alçamento padrão que vimos para os verbos de alçamento. Vemos o resultado final abaixo:

(169)



Vimos, então, como surgem as sentenças com verbos auxiliares: no primeiro momento (167) o verbo aparece junto de seus argumentos, depois (168) os primeiros movimentos são realizados levando o NP sujeito para essa posição da oração infinitiva e, por fim, (169) o NP alcança a matriz e vemos a ordem mais tradicional com com construções perifrásticas. Vale ressaltar que, caso o NP fosse *As Josefinas*, o resultado mais comum seria somente o verbo auxiliar ser motivado na flexão, conforme o contraste abaixo:

(170)As Josefinas podem pegar o chocolate.
(171)??As Josefinas podem pegarem o chocolate.

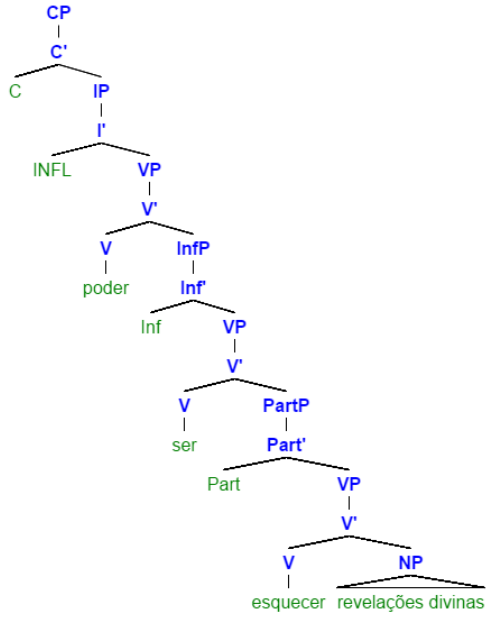
Como já mostramos nosso ponto de vista para os verbos de alçamento, deixemos a sentença (171), questionada na sua gramaticalidade (??), em suspenso por um momento.

Vejamos, então, a primeira construção (172), do LLIC-USP, como ponto de partida para a análise dos dados, reproduzida abaixo:

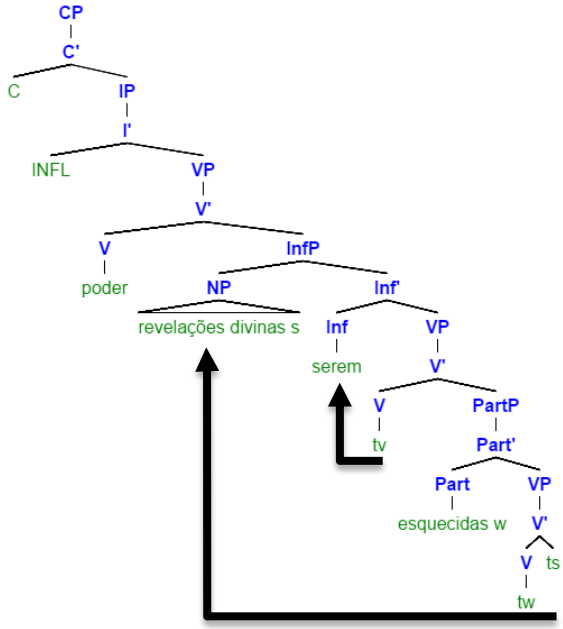
(172) [...] em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não *poderiam serem esquecidas* [...]

Primeiramente, é possível perceber que, tal como já vimos inúmeras vezes neste trabalho, o auxiliar *poder* seleciona um InfP com o contexto sintático mais favorável para a ocorrência de infinitivos flexionados, i.e., uma oração com a voz passiva. O NP sujeito, apesar de não estar presente nos limites da extração do *software -R*, está na 3ª p. do plural, fato que motiva a flexão de ambos os verbos da perífrase. Com base nessa descrição, temos as seguintes representações arbóreas, antes e depois dos primeiros movimentos de alçamento do sujeito e do verbo (com revelações divinas representando o NP apagado):

(173) a.



b.



No segundo momento, depois de realizados *verb raising* e *alçamento do sujeito para SpecInfP*, temos o NP (NPs) necessitando de Caso abstrato para ser licenciado na estrutura. Para que o verbo *ser* possa distribuir Caso, o núcleo [+Agr] precisa receber um Caso ele próprio, pra que seja ativado o seu Nominativo. Ocorre que, diferentemente dos inacusativos prototípicos ou dos verbos de alçamento mais tradicionais, a classe de verbos auxiliares parece preferir uma configuração em que o Caso Nominativo da matriz é distribuído à esquerda, para o NP alçado. O fato pode

ser verificado nas sentenças abaixo, levando em conta que o núcleo [+Agr] da oração infinitiva já tenha recebido Caso Nominativo do verbo na matriz, nas seguintes operações:

! Nominativo INFL-matriz → $_{Inf0}$[+Agr] Or-encaixada **!**
! Ativação do Caso em $_{Inf0}$[+Agr] **!**
! $_{Top/SpecInfP/SpecSC}$NP ← Nominativo $_{Inf0}$[+Agr] (→ $_{SpecSC}$NP) **!**

(174)a. Convém $_{SpecInfP}$*vocês levarem* bastantes cobertas.
b. Basta $_{SpecInfP}$*os interessados trazerem* o formulário assinado.
c. Faltou $_{SpecInfP}$*os alunos assinarem* o formulário.
d. [...] pois parece serem $_{SpecSC}$essas as grandes preocupações do leitor.
e. $_{Top0}$A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias parece conspirarem contra o homem [...]

(175)a. * Pode $_{SpecInfP}$*vocês levarem* bastantes cobertas, mas não precisa.
b. * Deve $_{SpecInfP}$*os interessados trazerem* o formulário assinado.
c. * Tem que/de $_{SpecInfP}$*os alunos assinarem* o formulário.
d. * Deve os meus alunos chegarem daqui a pouco.
e. * $_{Top}$*Os interessados* deve *trazerem* o formulário assinado.

Em contraste com as sentenças em (174), os exemplos em (175)[50] mostram que o Caso Nominativo do verbo auxiliar tem dificuldade de ser distribuído à direita (alcançando o núcleo [+Agr] do infinitivo), razão pela qual podemos argumentar que o comportamento dos auxiliares é semelhante ao dos verbos de alçamento, mas, de fato, não é idêntico. Tendo isso em mente, verificamos uma possível razão por que o NP-sujeito da oração encaixada em (172) não permaneceu nessas fronteiras, ainda que seja o contexto mais proeminente para Inf-F: não existe forma de ativar o Caso Nominativo em $_{Inf}$[+Agr]. Estamos argumentando em prol de uma restrição, que opere sobre a distribuição do Caso Nominativo para a sentença encaixada (Inf[+Agr), conforme os exemplos com manutenção do argumento na subordinada (ainda que

[50] O único caso deixado de lado é o das SCs, pois constituem um problema à parte.

seja voz passiva). Vejamos que, se o Caso Nominativo fosse distribuído para o infinitivo flexionado, o verbo auxiliar haveria de permanecer no singular, em razão da concordância com o expletivo, tal como vemos abaixo:

(176)a. ?[...] revelações divinas poderiam serem esquecidas ___ [...]

b. *[...] ___ poderia *revelações divinas* serem esquecidas ___ [...]
c. *[...] ___ poderia serem *revelações divinas* esquecidas ___ [...]
d. *[...] ___ poderia serem esquecidas *revelações divinas* [...]

Não conseguimos licenciar, nem com uma aceitação mínima, a distribuição de Nominativo à direita nessa sentença[51], o que legitima a flexão do verbo auxiliar. Agora, por qual razão o verbo principal (o da subordinada) foi (em 172)[52] flexionado? Argumentaremos no mesmo sentido daquilo que argumentamos para o último exemplo analisado sobre os verbos de alçamento, i.e., trata-se de um alçamento padrão, em que o argumento da subordinada é alçado para fins de satisfação de Filtro de Caso, ou seja, se o núcleo [+Agr] do Inf-F não recebe Caso, ele não pode distribuir NOM, forçando o movimento do NP para a matriz (tal como acontece com todo NP com matriz fonética), mais especificamente para a posição SpecIP, onde ele está apto a receber Caso Nominativo de INFL. Vejamos o resultado desse movimento:

---

[51] Não estamos dizendo que essa *tal restrição* que opera sobre o alcance do Caso à direita sirva para todo e qualquer exemplo. Há contextos mais particulares, conforme exemplos abaixo:

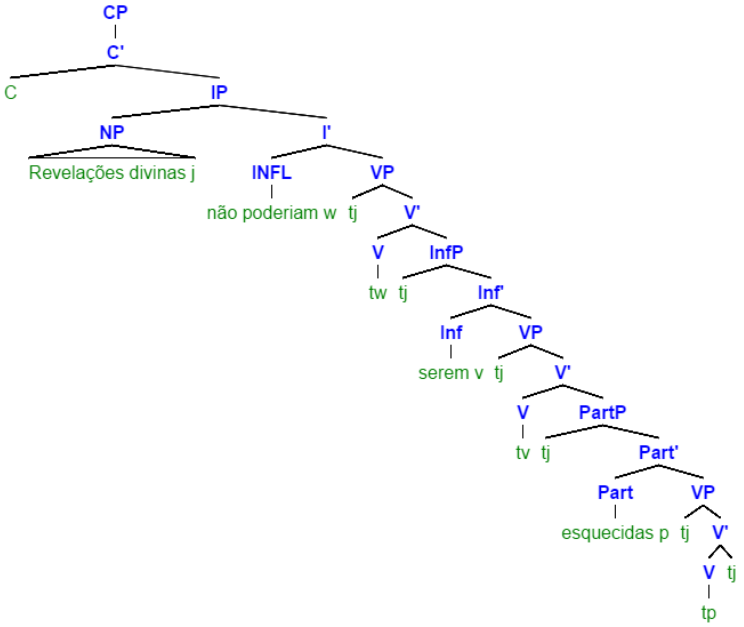
(58) O senhor quer escolher os doces? - Pode [ser esses dois mais clarinhos].
(59) Pode os guris gastarem tanto dinheiro com bobagens?

Para (58), há alguma operação interna à SC que licencia a manutenção do argumento, ainda que sem Caso Nominativo, mas não sabemos precisar qual. Para (59), temos a impressão de que o verbo *poder* assume uma natureza distinta (impessoal ou de alçamento prototípico), tendo em vista que o complemento oracional pode ser alçado à posição de sujeito, fato que o afastaria de estar à semelhança com os auxiliares, cf. vemos:

(60) *Os guris gastarem tanto dinheiro com bobagens* pode, mãe, mas eu não posso nem pedir que já levo bronca!

[52] (172) [...] em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não poderiam serem esquecidas [...]

(177) [53]



O comportamento mais curioso é o NP-sujeito ter ativado duas flexões de número-pessoa, uma em *poderiam* e outra em *serem*. Devemos, novamente, levar em conta o fato de o Inf-F ser gerado na base livremente, sendo restringido contextualmente por questões gramaticais (cf. Raposo). Atentemos então para os fatos:

(a) Em SpecIP está o NP *revelações divinas*;
(b) Em SpecInfP está o vestígio de alçamento do NP;
(c) O vestígio foi licenciado pelas condições (CM, Min, M-Com);
(d) O Inf [+Agr] foi gerado na base, livremente;
(e) O Caso em Inf^0 não foi ativado;
(f) O NP (SpecIP) e o vestígio (SpecInfP) estão com o mesmo índice, formando uma cadeia;
(g) A cadeia tem (revelações $divinas_j/t_j$):
    a. 1 papel-θ;
    b. 1 Caso estrutural.

[53] *Revelações divinas* foram inseridas como forma de suprir a falta do referente.

Dessa maneira, podemos considerar que não houve violação *às leis* da Teoria da Gramática, i.e., o INF surgiu na base, não havia como atribuir Caso ao NP em SpecIP e, por essa razão, o NP sofreu alçamento, *ainda que [+Agr] não tenha sido *deletado**. Com relação aos estudos que abordam a categoria sujeito, é recorrente a afirmação de que cada vez mais eles se manifestam explicitamente em PB (podemos ver Bagno, 2001; Barbosa, Duarte & Kato, 2005; Duarte, 1993; 2000, 2013, Galves, 2001; Kato, 2000; 2009). Se ponderarmos que não só os sujeitos se manifestam mais mas que, de maneira colateral, cada vez mais as categorias verbais apresentam uma pista sobre quem seja o seu referente por meio informação morfossintática, podemos entender a crescente necessidade de flexionar todo (e qualquer) verbo que o PB vem apresentando. Assumindo que o Inf [+Agr] surge livremente na base, o falante poderia simplesmente não *deletar* a informação morfossintática (redundante) contida no verbo encaixado, uma vez que a duplicidade de flexão se motiva pela necessidade de manifestação de um sujeito para o constituinte verbal (em geral). Devemos lembrar, também, do argumento que já apresentamos no Capítulo 1, de Maurer Jr., abaixo:

> *"Muito provável seria que o infinitivo com sujeito próprio tenha começado a ser expresso nos casos em que <u>o sujeito dele</u> e <u>o do verbo</u> regente fossem compartilhados".*

Que suscita que a motivação para a flexão independeria de uma estrita necessidade ou de uma conveniência para casos de sujeitos disjuntos, mas, sim, quando eles são compartilhados, i.e., tal como como no caso das perífrases.

Poderíamos dizer que essa estrutura/posição sintática, para o Inf-F, ainda estaria nos primeiros estágios de implementação, i.e., está mais à esquerda no *continuum*: ainda mais próxima de [-Agr], ainda com grande frequência de Inf-ñ-F/baixa frequência de Inf-F.

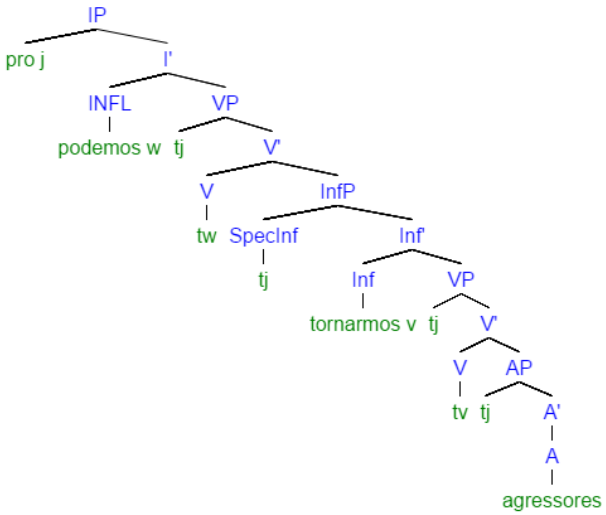
Sob uma perspectiva um pouco menos estrutural, poderíamos argumentar que o Filtro de Dupla Desinência proposto por Perini (1996) existe, e atua fortemente sobre construções com verbos em sequência. Contudo, levando em conta a quantidade de infinitivos flexionados ocorrentes em PB, não podemos afirmar que esse tipo de operação da sintaxe (que apaga informação redundante ou suprime sujeitos idênticos na mesma vizinhança sintática) vá perdurar, tendo em vista esse cenário de mudanças

gramaticais por que passa PB, principalmente com relação às posições de sujeito e de manifestação do núcleo [+Agr].

A construção seguinte (176), reproduzida abaixo, levaria as exatas mesmas explicações, com diferença acerca do sujeito, que, ao invés de um NP realizado, é representado por um Sujeito Nulo (*pro*) que, da mesma maneira, foi alçado a SpecIP da Oração-matriz, posição em que encontra Regência de INFL e motiva a flexão verbal em *poder*. Vejamos a estrutura já com todos seus movimentos:

(178) [...], pois *podemos tornarmos agressores* [...]

(179)



Como a explicação principal já foi dada, não retomaremos o passo a passo, visto que seria idêntico ao exemplo abordado antes.

As construções em (180) e (181), levariam, da mesma maneira, as mesmas justificativas que levou (176), para a geração livre do núcleo [+Agr] na base. Contudo, merecem uma atenção especial: em ambas, vemos mais de uma oração reduzida de infinitivo. Vejamos suas reproduções abaixo:

(180) [...] os pais *deveriam participarem* mais da vida escolar do filho e *a direção* junto com *os professores imporem* mais limites [...]

(181) *Podemos*, nós, *tomarmos uma atitude* e *concientizarmos* (sic) *nossos jovems* (sic)[...]

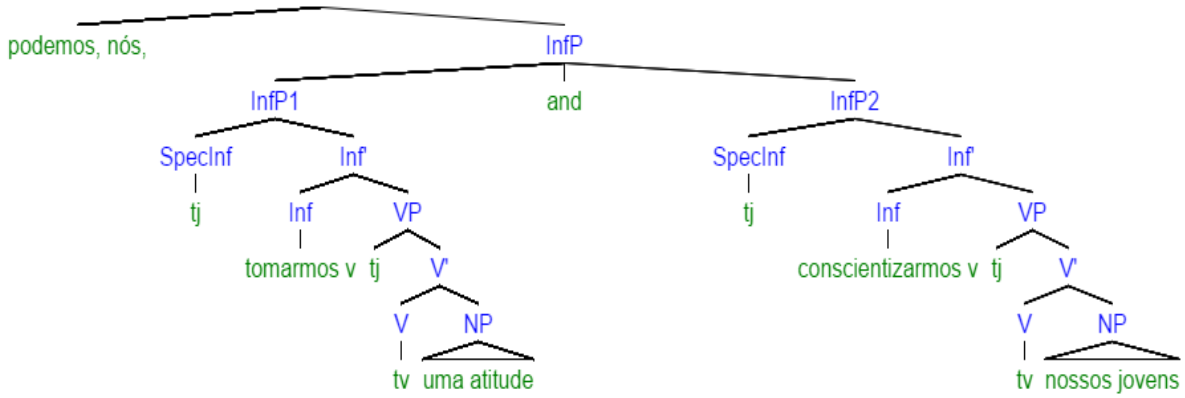
Segmentando (180), temos:

a. [os pais *deveriam participarem* mais da vida escolar do filho]
b. [*a direção* junto com *os professores* (deveriam) *imporem* mais limites]

É possível notar que, para o indivíduo que produziu (180), a oração infinitiva, de fato, é empregada irrestritamente quando complementa um verbo auxiliar, i.e., ela se realiza na forma [+Agr] seja com (a) o verbo auxiliar expresso, seja com (b) a elipse de VP (presumimos).

Em (181), por outro lado, a estrutura é diferente: temos o verbo auxiliar *poder* uma única vez, selecionando duas orações infinitivas coordenadas. O primeiro fato que temos de notar é que há material fonético inserido entre o auxiliar e o infinitivo, isto é, o afastamento destes dois constituintes poderia ser um fator condicionante para a realização da flexão em InfP[54]. Vejamos a estrutura:

(182)



A análise da estrutura nos mostra que o pronome *nós* (expresso na matriz) se trata de um sujeito posposto ao auxiliar, surgido na base como argumento das orações *nós tomarmos uma atitude* e *nós conscientizarmos nossos jovens*. Assumindo que essa seja a forma correta de coordenar as orações infinitivas na estrutura, temos que o vestígio deixado pelo pronome é capaz de satisfazer as condições tanto em InfP1 quanto em InfP2, antecipando que não haveria violação gramatical. Contudo, queremos ressaltar o afastamento dos verbos que compõem a perífrase. Entre

[54] Mostraremos resultados para esse ponto de vista, nos resultados do teste de julgamento (subseção seguinte).

podemos e *tomarmos* (InfP1), temos o pronome *nós*; entre *podemos* e *conscientizarmos* (InfP2), porém, temos nós+InfP1. Retomando o FDD, a "inserção de constituintes adicionais" poderia, segundo Perini (1977, p. 67), afetar o Filtro de Dupla Desinência, mecanismo que atuaria de forma a eliminar a manifestação de sujeitos idênticos na mesma vizinhança sintática. Da mesma maneira avaliaríamos a sentença que segue, extraída dos dados em Canever (2012):

(183) Devemos, no entanto, lembrarmo-nos sempre do que nos diz KENNEDY [...]

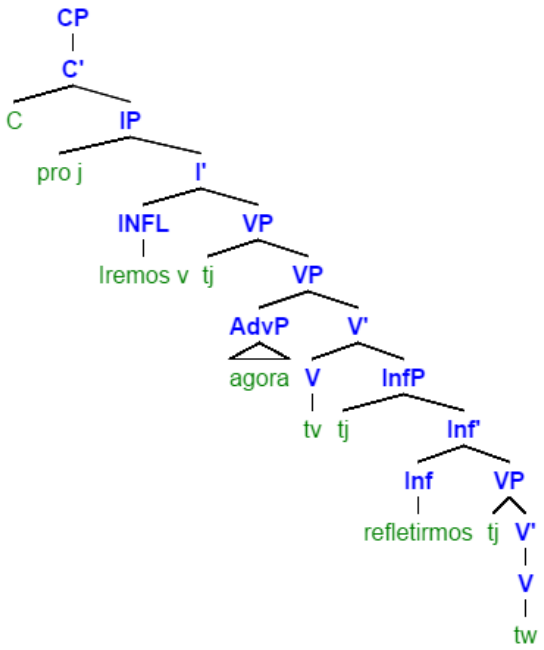
A distinção entre (180), (181) ou (183) é bastante fina, pode comportar variação de julgamento quanto à aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças, fazendo com que nem mesmo o nosso seja esclarecido acerca de diferença existente entre elas ou, melhor dizendo, de diferentes graus de aceitação existentes entre elas. Tendo em vista esse fato, resolvemos testar diferentes afastamentos (dados apresentados na subseção seguinte).

Por fim (sobre auxiliares que selecionam InfP), temos a única construção com um verbo aspectual encontrado dentre os nossos dados, oriundo do Banco de Texto do Vestivular UFPel, conforme podemos ver abaixo:

(184) Iremos, agora, refletirmos sobre [...]

Como assumimos que o Inf é gerado na base, seja ele [+Agr], seja ele [-Agr], adotaríamos o mesmo conjunto de argumentos para justificar a gramaticalidade da sentença acima. Contudo, e tal como (180), (181) ou (183), (184) pode ser o resultado desse conjunto (de fatores) somado ao afastamento dos verbos da perífrase. Vejamos abaixo, a representação da estrutura arbórea:

(185)

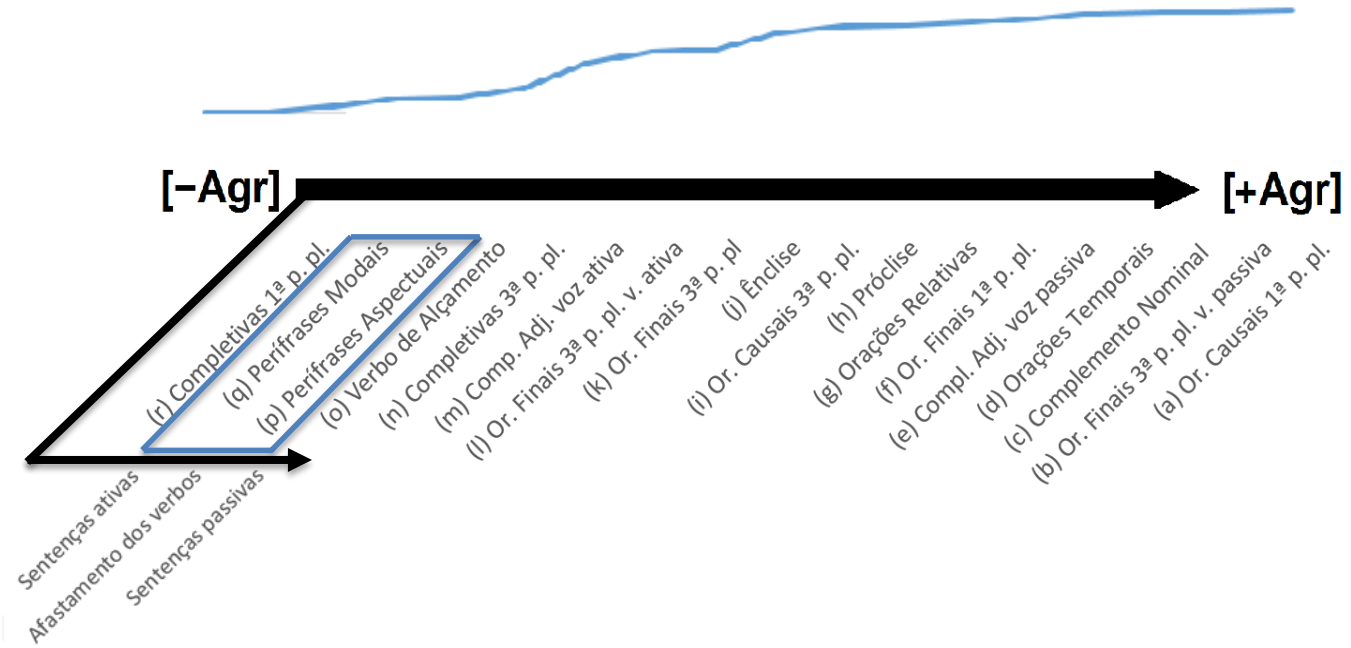


O Filtro de Dupla Desinência, apesar de (segundo o próprio Perini) ser uma operação *ad hoc* validada pela economia de informações redundantes, deveria atuar depois da operação de Movimento, fato que não acontece. Tal como em (180), (181) ou (183), a inserção de constituintes adicionais (*agora*) entre os verbos que compõem a perífrase (*iremos, refletirmos*) pode ser um fator que minimiza a atuação do FDD. Faltam-nos mais evidências para sustentar essa afirmação nesse momento.

Apesar de a informação semântica ser distinta, visto que um auxiliar designa *modo* e o outro, *aspecto* da informação verbal, esperamos ter esclarecido a razão pela qual tratamos eles (mais ou menos) da mesma maneira: apesar de as frequências serem diferentes, a natureza do movimento (até agora) tem a mesma motivação, a busca pelo NP de um Caso estrutural para ser licenciado na sentença.

Agora, podemos voltar ao exemplo que propusemos em (171), *As Josefinas podem pegarem o chocolate.* Essa construção, que parece *ruim* em PB, estaria licenciada? Bom, levando em consideração todos os argumentos que vimos, poderíamos dizer que sim. Não há violação à Teoria da Gramática, tendo em vista que o núcleo [+Agr] em InfP surge livremente e não concorre pela atribuição de Caso Nominativo para o NP sujeito (alçado a SpecIP). Ele concorda, no entanto, com os traços desse NP (seja na passagem dele por SpecInfP, seja no vestígio deixado depois do alçamento). Mas a aceitabilidade dela poderia ter graus distintos? Sim,

poderia! Conforme vimos (ou veremos ainda na próxima seção, sobre os resultados dos testes de julgamento), as sentenças que mais motivam a flexão da oração infinitiva encaixada são aquelas em que há voz passiva (em todos os contextos sintáticos) e, posteriormente, aquelas em que há a atuação menor de um mecanismo que bloqueia manifestação de sujeitos idênticos na mesma vizinhança sintática, i.e., o Filtro de Dupla Desinência. Levemos em conta, então, que construções perifrásticas estão mais à esquerda no *continuum* distribucional do infinitivo flexionado, mais próximas de [-Agr], e estão ainda em processo de ingresso no repertório da gramática do PB: nem todos os exemplos vão ser licenciados pelas mesmas motivações! Dessa maneira, e conforme tudo o que já vimos, poderíamos dizer que as perífrases começariam a permitir o Inf-F no verbo principal, sob uma hierarquia de aceitabilidade:



As sentenças passivas estão mais próximas de [+Agr] do que sentenças ativas ou afastamento dos verbos; as com afastamentos dos verbos estão mais próximas de [-Agr] em relação às passivas, mas mais próximas de [+Agr] em relação às orações com voz ativa; as sentenças encaixadas com voz ativa são mais bloqueadas do que as outras tipologias. Essa perspectiva encaixaria (171) no rol de construções mais bloqueadas de um dos contextos sintáticos já mais bloqueados. Vejamos, se isso for verdade, deveríamos poder postular exemplos seguindo a aceitabilidade proposta nessa escala, abaixo:

(186) a. ???As Josefinas podem pegarem o chocolate.
b. ??As Josefinas podem já pegarem o chocolate.
c. ?As Josefinas podem, agora, pegarem o chocolate.
d. As Josefinas podem, a partir de amanhã, pegarem quantos chocolates elas quiserem.

e. ?Os chocolates sem açúcar podem serem consumidos sempre que der vontade.
f. Os chocolates podem, sim, serem consumidos pelos diabéticos.

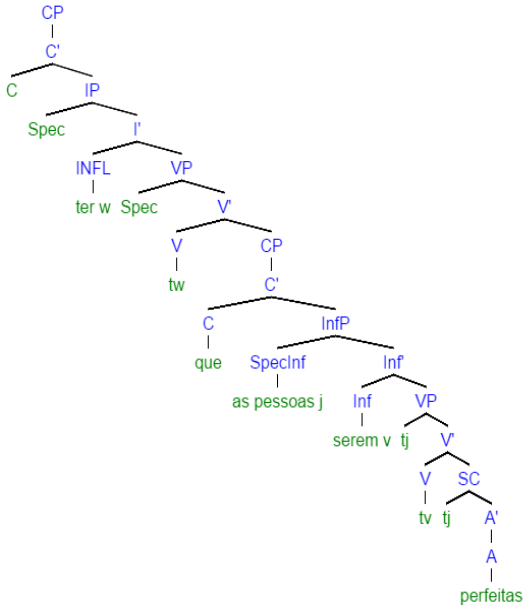
Nossa intuição nos diz que essa seria uma forma acertada de descrever a gramática do infinitivo flexionado em PB.

Passamos, agora, a tratar das construções em que o auxiliar selecione CP, tal como em *Eu tenho que acabar com essa história logo!* Vejamos as sentenças que foram encontradas nos dados, oriundos do Banco de Textos de Vestibular UFPel:

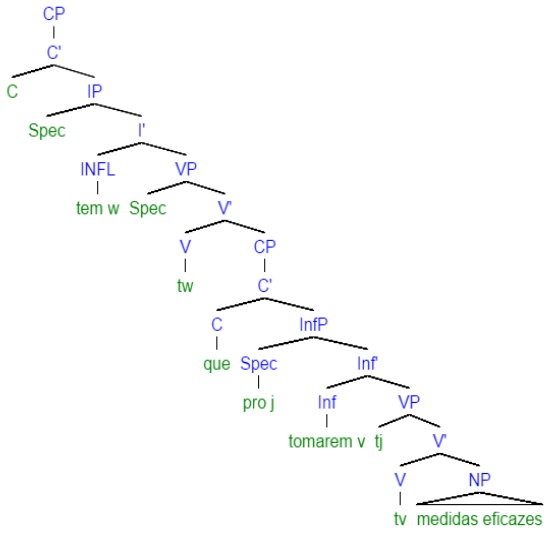
(187)[...] *as pessoas tem que serem perfeitas* [...]
(188)Por isso *tem que tomarem medidas eficazes* [...]

Postulamos, conforme já anotamos anteriormente, que o verbo auxiliar *ter* é seguido por um sintagma complementizador CP (simplesmente por razões de aparência), preenchido em C^0 com *que*, que, por sua vez, é seguido pela oração reduzida de infinitivo, em ambos os casos. Vejamos representação arbórea abaixo, de ambos os dados:

(189) a.



b.



Nesse tipo de construção, nem mesmo se considerássemos que o Caso de INFL na matriz fosse distribuído à direita poderíamos ter alguma manutenção do sujeito em uma posição interna às fronteiras da Or-encaixada. Essa afirmação pode ser feita porque, postulando um sintagma de natureza CP[55], preenchido em C^0, ofereceríamos uma barreira à distribuição de Caso por INFL para $_{Inf}$[+Agr], que, por consequência, não poderia ter seu Caso Nominativo ativado, de forma a licenciar o NP em SpecInfP-encaixada. A única possibilidade, então, seria considerarmos que o Inf [+Agr] é gerado na base, mas que ainda é insuficiente para segurar o (199a) NP / (199b) *pro* em SpecInfP (argumento de acordo com o que vimos até agora, tanto sobre Caso quanto sobre Regência), que resulta alçado para (a) ser licenciado na estrutura com atribuição do Nominativo-IFNL-matriz / (b) estar em uma posição regida na estrutura. Os estágios finais de ambas as construções são retratados abaixo:

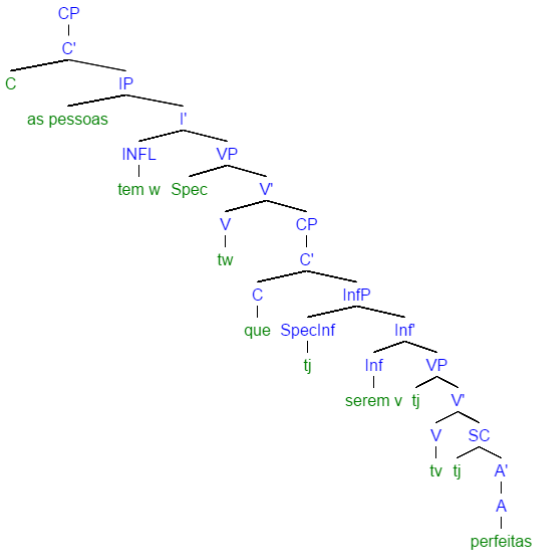
---

[55] Apesar de não ser o objetivo deste trabalho discutir a natureza teórica do sintagma, conforme ressaltado por Menuzzi, se o constituinte for, de fato, de categoria CP, talvez ele não seja um CP normal. Podemos notar a dificuldade quanto tentamos coordenarmos CPs nessa posição:

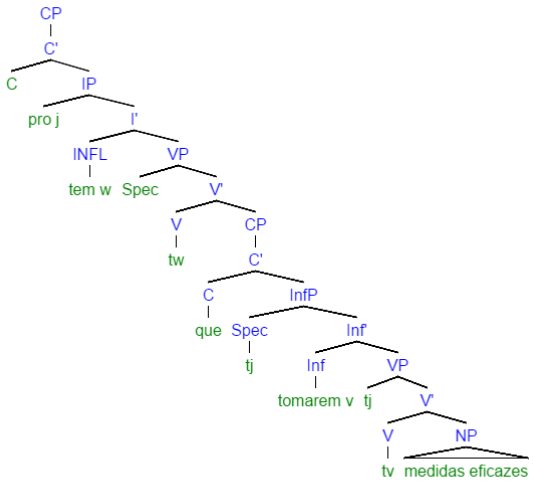
(60) Eu disse [$_{CP}$ que o José podia ir] mas [$_{CP}$ que o João tinha que vir], porque eu não fico sozinha!
(61) ??/* Vocês vão ter [$_{CP}$ *que ir*] e [$_{CP}$ que *voltar*] amanhã.
(62) Vocês vão ter *que ir e voltar* amanhã/no mesmo dia, porque eu não vou ficar sozinha!

(63) ??/* A Maria tem [$_{CP}$ *que sacar dinheiro*] e [$_{CP}$ *que resolver esse perrengue de uma vez*].
(64) A Maria tem *que sacar dinheiro* e *resolver essa pendenga de uma vez.*

(190)a.



b.



Quando dizemos que o infinitivo flexionado é gerado na base, queremos dizer que ele surge livremente, tal qual já havíamos argumentado: surge, na posição de CompVP, um infinitivo, que, ao final, parece ser não-flexionado (o sujeito é alçado e a concordância é realizada somente na matriz) ou flexionado (um novo comportamento desse tipo de construção, em que o NP sujeito motiva a concordância na matriz enquanto que o infinitivo concorda com seu argumento alçado – não pudemos determinar se isso acontece antes de o NP ser alçado ou se a concordância é motivada por meio da identificação de traço-φ de número deixado no vestígio).

Por fim, passamos a analisar o comportamento das perífrases em que o auxiliar seleciona um PP. Cabe dizer que, ainda que tenhamos no repertório disponível da língua a construção *ter de,* todos os casos dessa categoria aconteceram com perífrases aspectuais. Mesmo com frequência maior do que as perífrases modais, possuem, igualmente, um baixo índice de ocorrência, meros 5,7% (9/167), número que evidencia que, de fato, as perífrases são um dos contextos mais restritos para o Inf-F (ou, pelo menos, um dos que causam maior estranheza).

Tal como vimos para os auxiliares modais, no início dessa subseção, os auxiliares aspectuais parecem sofrer, da mesma maneira, com alguma restrição de ordem, i.e., temos dificuldade em alocar o sujeito da construção perifrástica (selecionado pela Or-encaixada) como posposto ao primeiro verbo (qualquer que seja a posição pós-auxiliar). Vejamos:

(191) *(Verbos Transitivos Diretos)*

a. *Os meninos* começaram a jogar(-em) videogame com frequência.

b. * Começou a *os meninos* jogarem videogame com frequência.

c. * Começou a jogarem *os meninos* videogame com frequência.

(192) *(Verbos Transitivos Diretos e Indiretos)*

a. *Os moradores da colônia* passaram a denunciar(-em) casos de abigeato à polícia.

b. * Passou a *os moradores da colônia* denunciarem casos de abigeato à polícia.

c. * Passou a denunciarem *os moradores da colônia* casos de abigeato à polícia.

(193) *(Verbos Pronominais ou Verbos Intransitivos)*

a. *Os trabalhadores da roça* tendem a se aposentar(-em) mais cedo.

b. * Tende a *os trabalhadores da roça* se aposentarem mais cedo.

c. ?? Passou a morrerem *muitas pessoas* nos presídios depois da Aids.

d. ? *Muitas pessoas* passaram a morrer(-em) nos presídios depois da Aids.

Mesmo os verbos inacusativos sofrem com tal restrição (deixar o sujeito em CompVP):

(194) *(Verbos Inacusativos)*

a. *Os deputados* começaram a chegar no plenário por volta de 9h.

b. * Começou a *os deputados* chegarem no plenário por volta de 9h.

c. ?? Começou a chegar(-em) *os deputados* no plenário por volta de 9h.

d. Começou a chegar várias pessoas/os meus primos todos.

e. *Os vazamentos* começaram a acontecer depois de mexerem nos canos.

f. * Começou a *os vazamentos* acontecerem depois de mexerem nos canos.

g. * Começou a acontecerem *os vazamentos* depois de mexerem nos canos.

h. Começou a aparecer(?-em) *vazamentos* depois de mexerem nos canos.

i.1 Começam a surgir *opiniões mais pertinentes e funcionais [...]*.

i.2 Começou a surgir *opiniões mais pertinentes e funcionais [...]*.

j. *Os questionamentos* vão surgir não percurso acadêmico de todos.

k. * Vão surgir *os questionamentos* não percurso acadêmico de todos.

l. Vão/$^{OK/?}$vai surgir *questionamentos* não percurso acadêmico de todos.

Aparentemente, a única forma de licenciar um sujeito (sintático) posposto à perífrase é, para os inacusativos, que o sujeito (Tema-θ, surgido em CompVP na base) esteja na sua posição de origem. A impressão que temos é a de que o verbo auxiliar absorve a não-necessidade de concordância que recai sobre os inacusativos prototípicos, que ocasionam construções tais como:

Surgiu grandes questionamentos naquele momento!
Chegou uns caras mal-encarados!
Apareceu umas mensagens estranhas na minha Caixa!
Caiu os butiá(s) do bolso!

Por outro lado, (194i.2) mostra que o NP sujeito pode estar alocado na posição mais encaixada da estrutura, (194i.1) ainda recebendo Caso Nominativo de INFL da matriz. Tendo em vista que nosso trabalho recai sobre o funcionamento de módulos específicos da Teoria da Gramática (Caso e Movimento), não damos conta dessa nuance, pois, de fato, estão relacionadas a outro tipo de descrição analítica. Nosso questionamento seria: como recebem Caso esses NPs? (Uma questão relevante, tendo em conta que precisamos verificá-lo na origem e no destinatário (NP) ou [+Agr], através da flexão de número)

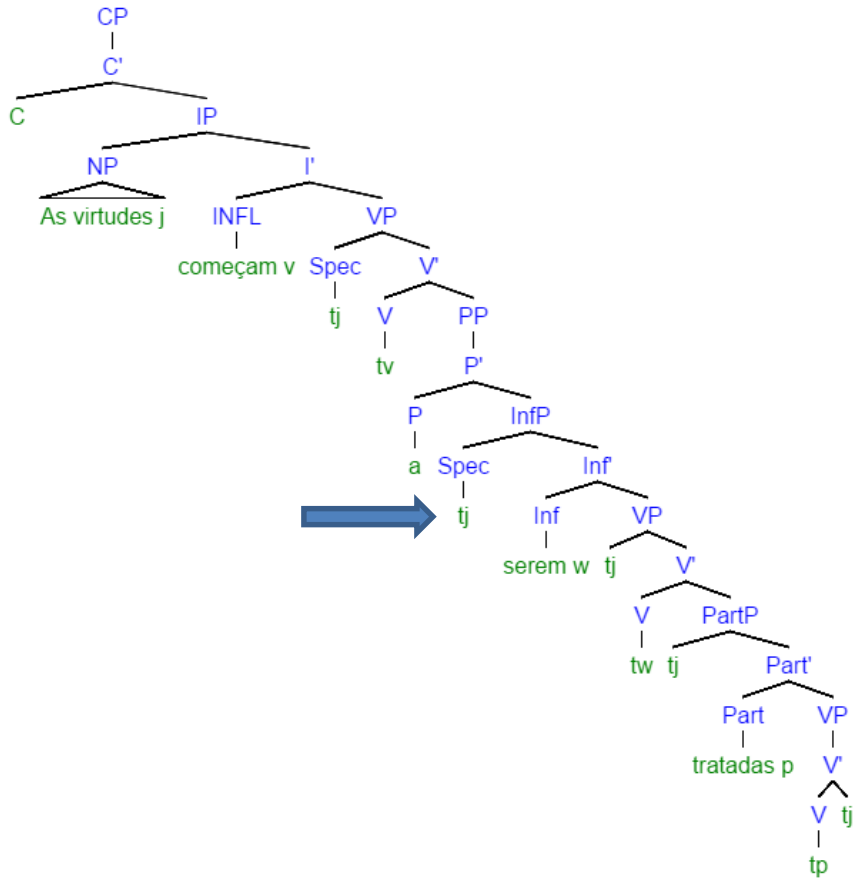
Vejamos a primeira sentença com complementos PP, extraídas do LLIC-USP:

(195) As virtudes começam a serem tratadas no capítulo 8.

Novamente, o primeiro fato que nos chama a atenção é que a voz da sentença subordinada é a passiva. Tal como para os exemplos anteriores, manteríamos nossa argumentação, no sentido de o infinitivo flexionado haver surgido livremente na base, motivado pela identificação de traços do antecedente do vestígio (X_j). Contudo, nos deparamos, agora, com um constituinte a mais, o sintagma PP com núcleo P^0 preenchido, essencial para nossos questionamentos, tendo em vista que poderia ser

um fator relevante para licenciar o Caso Nominativo em InfP. Vejamos a representação da árvore já na superfície:

(196)



Sabendo que as preposições são atribuidoras de Caso Oblíquo, haveríamos de prever alguns fatores mais nessa construção. Tomemos notas de um comportamento-resultado natural a partir das predições da Teoria da Gramática:

(i) O NP sujeito passou por SpecInfP (sinalizado com a seta azul);

(ii) A preposição (P) rege o infinitivo;

(iii) O Infinitivo flexionado [+Agr] poderia receber Caso de P^0;

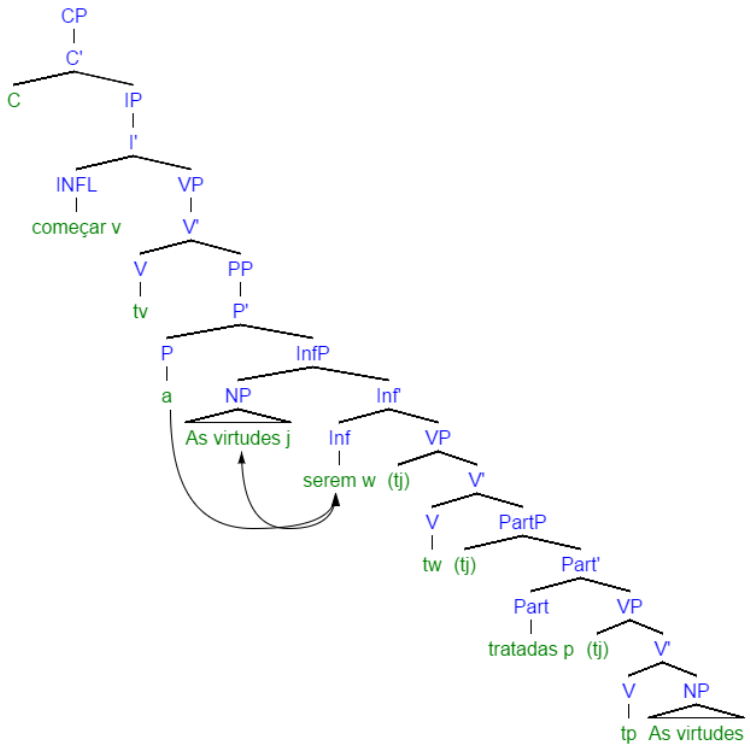
(iv) $_{InfP}$[+Agr] poderia ter seu Caso Nominativo ativado;

(v) A Condição de Minimalidade poria em competição P^0 e $InfP^0$ na regência do NP_j (quando ele passasse por SpecInfP);

(vi) InfP seria regente e atribuidor de Caso para o NP-sujeito, tendo em vista a Condição de Minimalidade (que dispõe sobre o regente mais próximo).

Teríamos razões para legitimar a permanência do NP sujeito da Or-encaixada em SpecInfP, tal qual a árvore abaixo, sinalizada na distribuição de Casos (uma para ativar o Nominativo no núcleo Inf e outra para licenciar o NP da Or-encaixada):

(197)



Ainda que a preposição (P^0) figure como regente de InfP, e o Inf^0 como regente do NP-sujeito, a construção com o sujeito interno à Or-encaixada parece não fazer parte da gramática do PB (*pro*$_{expl.}$ *Começa as virtudes a serem tratadas*). Haveríamos, então, para confirmar a hipótese assumida, de pôr em cheque a natureza do núcleo

preposicional que domina InfP. Conforme já dissemos, nosso trabalho assume que o constituinte que domina imediatamente InfP seja PP exclusivamente por questões de aparência. Contudo, vejamos alguns fatos[56]: da mesma maneira que fizemos para o CP complemento do auxiliar, ressaltamos que a natureza do PP selecionado pelo auxiliar acima pode ser distinta da natureza do PP tradicional. A coordenação de PPs, apesar de aceitável, esbarra em algumas sentenças, conforme vemos no contraste abaixo:

(198) a. Depois da derrota do time, os torcedores começaram a xingar, brigar, quebrar o estádio. Foi uma loucura!
b. Depois da derrota do time, os torcedores começaram a xingar, a brigar, a quebrar o estádio. Foi uma loucura!
c. Eu fui a Amsterdã, a/Ø$^{?}$ Paris e a/Ø$^{?}$ Coimbra, depois voltei pro Brasil.

(199) a. No interrogatório, os suspeitos acabaram *por* revelar e descrever o crime em detalhes.
b. * No interrogatório, os suspeitos acabaram *por* revelar e *por* descrever o crime em detalhes.
c. Eles começaram por/Ø$^{?}$ baixo, por/Ø$^{?}$ cima, ou pelo/Ø* meio da casa?

(200) a. Os novos moradores começaram por limpar, guardar e organizar tudo, mas foram fazendo aos pouquinhos, porque era muita coisa.
b. ?? Os novos moradores começaram *por limpar*, *por guardar* e *por organizar tudo*, mas foram fazendo aos pouquinhos, porque era muita coisa.

Podemos perceber que, de fato, a aparência (na superfície) é a de que seja de um PP, mas o comportamento pode não ser o mesmo. A bem da verdade, discorrer sobre a natureza categorial do constituinte está além do escopo deste trabalho, além do tempo que temos, mas há questões que não estão claras para nós sobre tal constituinte. Para esclarecer, então, façamos, então, um exercício de suposições!

---

[56] Tais questionamentos foram levantados pelo Prof. Sérgio de Moura Menuzzi, a quem agradecemos por todos os comentários feitos durante a elaboração deste trabalho. Apesar disso, não colocamos na conta dele a argumentação aventada, pois defender esses pontos (qualquer que seja a forma, neste trabalho) é, inteiramente, de responsabilidade nossa.

Suponhamos que esse núcleo P é atípico, isto é, não possui todas as mesmas propriedades do constituinte PP prototípico. Considerando (sobre a propriedade diferente) que o núcleo P possa ser defectivo para a distribuição de Caso (como o $_{InfP}$[+Agr] depende de Caso para legitimar um sujeito interno à oração mas o auxiliar não seleciona NPs, não temos como afirmar), teríamos de considerar que o Caso em Inf^0 não poderia ser ativado. Dessa maneira, mesmo que o NP alçasse para SpecInfP, ele teria de seguir *viagem*, pois não conseguiria ser licenciado nessa posição.

Suponhamos, por outro lado, que o constituinte encaixado seja um PP com núcleo P prototípico (tal como assumimos, por razões de aparência na superfície), que atribui Caso a $_{InfP}$[+Agr], que, por sua vez, tem seu Caso Nominativo ativado e se torna apto a distribui-lo ao sujeito da Or-encaixada, em SpecInfP. Se assim for, teríamos que ponderar sobre a Condição de Minimalidade, i.e., o regente mais próximo é que governaria o NP em SpecIP-encaixada. Logicamente, o regente que *venceria essa disputa* seria Inf^0, tendo em conta que o NP estaria numa posição de filho de InfP (interno ao sintagma). Se essa fosse a alternativa adotada, precisaríamos assumir que uma ordem rígida desse tipo de construção seria o fator que bloquearia a permanência do sujeito na Or-encaixada, i.e., sobrepondo-se à Condição de Minimalidade para regência (levando em conta que os dados do LLIC-USP evidenciaram apenas uma construção – 1/176 – com NP interno à oração encaixada, que ainda recebeu Caso de INFL-matriz: *Começaram a surgir questionamentos*). Além disso, precisaríamos assumir que o NP alçaria para SpecIP-matriz antes de o núcleo $_{InfP}$[+Agr] distribuir o Caso quando ele passasse por SpecInfP (nenhum NP pode ter 2 Casos atribuídos), fato que nos parece colocá-lo em *uma corrida para escapar de um Caso e buscar outro*, para simplesmente satisfazer a ordem mais comum, ou seja, a maioria das sentenças com verbos auxiliares (independentemente do auxiliar) apresenta a mesma ordem, com o sujeito preposto ao auxiliar na matriz (à exceção de Casos como o dos inacusativos, conforme vimos) recebendo Nominativo de INFL-matriz. Essa hipótese também não daria conta de explicar o fato de o NP (possivelmente) *não escapar nessa corrida*, ou seja, receber o Caso na encaixada: receberia um Caso ao se mover para SpecInfP e outro ao chegar a SpecIP (motivando as duas flexões e recebendo duplamente o Nominativo).

Nos parece mais coerente enveredar pelo sentido da primeira hipótese[57], i.e., não que o sintagma PP não possua um núcleo P, mas que, possivelmente, não seja um núcleo P prototípico. Devemos ter em mente, todavia, que não estamos intencionados a fornecer uma explicação *ad hoc* para os dados finais da nossa análise, mas a realizar uma ponderação entre os fatores já elencados.

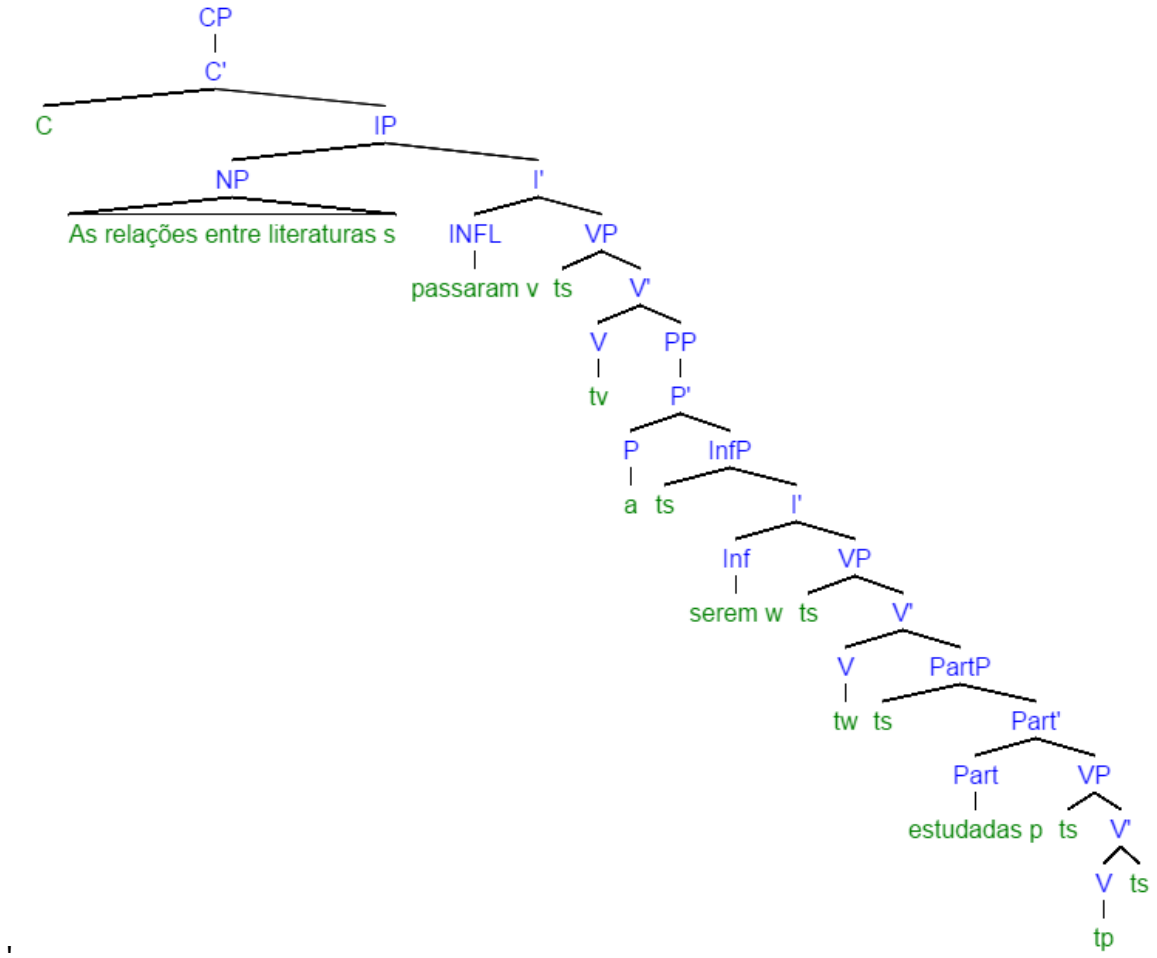
Analisemos, sob essa perspectiva, uma das construções com Aux+PP+InfP:

(201)[...] as relações entre literaturas passaram a serem estudadas [...]

Como já sabemos que a voz passiva contribui para a flexão do infinitivo, teríamos um contexto favorável para a flexão do verbo *ser*, da oração selecionada pelo PP. Assim, temos a estrutura que segue, já na superfície:

[57] Devemos deixar claro que, todavia, não encontramos trabalhos que argumentassem nesse sentido, de o núcleo P ser distinto do núcleo P tradicional. Uma razão plausível para isso é que, como o auxiliar seleciona um complemento oracional, só seria necessário verificar se há ou não atribuição de Caso (i) assumindo a hipótese de Raposo e (ii) verificando o comportamento da Teoria do Caso (e da ativação do Nominativo em [+Agr]) em infinitivos flexionados como gramaticais na oração principal da perífrase. À exceção de trabalhos de ordem funcionalista, não encontramos um que houvesse assumido essa perspectiva a partir do paradigma gerativista.

(202)



Assumindo que a preposição seja um tanto quanto distinta do núcleo P preposicional, ou seja, pode ser defectiva para a atribuição de Caso para o núcleo $_{InfP}$[+Agr] (consequentemente não colocando em concorrência a atribuição de Caso para o NP *as relações entre literaturas*), temos que o NP surge na posição mais encaixada da estrutura, CompVP de *estudadas*, i.e.:

alguém estuda $_{Objeto\ da\ ativa}$[*as relações entre literaturas*]

$_{Sujeito\ Passiva}$[*as relações entre literaturas*] *são estudadas*

Passar a [*as relações entre literaturas*] *serem estudadas*

Sujeito perífrase[*as relações entre literaturas*] *passaram a serem estudadas*

Quando o NP chega a SpecInfP, não há Caso disponível, pois ele (NOM em $_{Inf}$[+Agr]) não pôde ser ativado pela preposição. Sendo assim, segue caminho até SpecIP, onde

encontra o Nominativo de INFL e assume a ordem NP+Aux+V, tal qual acontece com as outras locuções verbais que vimos. Apesar de argumentarmos que o núcleo P seja distinto ou mesmo defectivo para a atribuição de Caso (e de não havermos encontrado literatura nesse sentido, nem mesmo no sentido contrário), faria sentido propor esse viés de análise para tais construções, tendo em vista que, apesar de escassas, não *nos parece serem bloqueadas pela gramática*. Alocando tal preposição em alguma categoria especial da gramática (i.e., uma natureza categorial de modo que ela seja um núcleo P que sofre com restrições em propriedades específicas), poderíamos argumentar, também, que ela afeta o comportamento do FDD. Nesse sentido, teríamos um favorecedor, conforme vimos no *continuum* anterior, da flexão do verbo infinitivo, i.e., teríamos 1 (uma) palavra, 1 (uma) sílaba, 1 (um) sintagma (ou qualquer outra forma de análise equivalente) intercalada(o) entre os verbos da construção perifrástica. Seria um argumento para dizer que não são as perífrases aspectuais (com 5,1%) que favorecem o Inf-F em relação às perífrases modais (com 0,3%), mas a menor atuação do mecanismo que *enxerga* as relações de proximidade entre os verbos com morfologia número-pessoal, i.e., algo como o FDD.

Como já demonstramos nosso ponto de vista, gostaríamos de tomar algumas *notas excedentes* sobre o comportamento das perífrases, de maneira um pouco mais específica. Abordemos os outros dados extraídos do LLIC-USP. Conforme já vimos no nosso capítulo de análises, a voz passiva é um fator que condiciona favoravelmente ao Inf-F, independentemente do contexto sintático: Dos 10 dados encontrados, 5 são de voz passiva. Temos em comum com as *Small Clauses*, que também parecem favorecer o Inf-F em alguma medida (nos outros contextos sintáticos), o verbo *ser*, que parece ter a maior manifestação morfossintática [+Agr]. Nesse sentido, vejamos os exemplos:

(203) [...] as relações entre literaturas passaram a serem estudadas [...]
(204) [...] conquistar uma posição, e acabam por serem tão condenadas pela sociedade [...]
(205) [...] os cultos residenciais passam a serem realizados às escondidas [...]
(206) [...] passaram a serem organizados dentro daquelas instituições sociais [...]
(207) As virtudes começam a serem tratadas no capítulo 8.

Restringindo a análise e averiguando os dados de construções perifrásticas flexionadas, a voz passiva representa 50% desses dados, mostrando a *força* da passiva em prol do Inf-F. Outro número relevante parece ser o número de passivas flexionadas nas construções Aux+PP+InfP: foram coletadas 27 construções com voz passiva e, delas, 5 foram flexionadas, o que representa 18,5% da amostragem, evidenciando a discrepância em relação aos 5,1% de flexões no quadro geral (para construções com auxiliares aspectuais/com PP selecionando InfP).

Dos dados averiguados, o pronome reflexivo *se*[58] no verbo principal (InfP) também mostra um dado interessante: nas construções encontradas no banco LLIC-USP, 5 estão com Inf-ñ-F, enquanto 2 estão com Inf-F. Esse número representa 28,5% dos dados, o que poderia ser considerado relevante, caso a amostragem houvesse sido um pouco mais numerosa, mas nos limitaremos a anotar o caso. Vejamos as duas construções:

(208) Depois as pessoas pobres acabam por tornarem–se [...]

(209) [...] que acabam por revelarem-se profundamente íntimos e apaixonados [...]

Por qual razão, então, não vemos construções perifrásticas em que o NP sujeito é mantido nas fronteiras da projeção máxima da Or-Infinitiva, tal como vemos em alguns casos dos verbos de alçamento, cf. apresentamos?

Porque não há forma de licenciar o NP argumento da oração infinitiva nos limites das suas fronteiras, i.e., o núcleo $_{InfP}$[+Agr] não consegue, em nenhum dos casos que vimos, ativar o seu Caso Nominativo, forçando o alçamento para a matriz, por meio da estratégia mais básica de movimento, o *alçamento padrão*. Assumindo que a hipótese de um núcleo P defectivo venha a ser consagrada em estudos posteriores, temos o NP com Caso em SpecIP, o vestígio licenciado pela regência lexical, o infinitivo flexionado surgindo livremente e o alçamento canônico realizado, além de uma preposição defectiva (incapaz de reger) dominando imediatamente a oração encaixada infinitiva.

[58] Todas as ocorrências do *se* foram enclíticas, uma clara manifestação de linguagem monitorada, e todos os verbos eram pronominais: opor-se, constituir-se, revelar-se, fundir-se, constituir-se, desviar-se, tornar-se (VCop).

Resumindo, nossa hipótese assumida é a de Raposo (1987a), no sentido de o Infinitivo [+Agr] surgir na base livremente, sendo restringido por questões gramaticais. Tendo em consideração uma série de fatores, tais como o crescente preenchimento da posição de sujeito em PB e a necessidade de manifestação de uma pista sobre seu referente em cada vez mais verbos, assumimos que o Inf-F, tal qual o resultado de uma alteração na ordem de um sistema complexo (i.e., diversos atratores afetam o comportamento distribucional do Inf-F), ele (o Inf-F) começa a surgir cada vez mais em contextos nos quais, anteriormente, somente o Inf-ñ-F figurava. Vimos a dependência do núcleo [+Agr] para recebimento de Caso, para licenciamento de sujeitos lexicais ou para estabelecer regência em casos com *pro*, assim como vimos que, para os verbos de alçamento ou para as perífrases, o vestígio *t* não exigiria que $_{InfP}$[+Agr] recebesse Caso, pois é coindexado com o antecedente por meio de cadeia, que, sempre, recebe um Caso estrutural (bem como um papel-θ), sendo, assim, o NP dependente do Movimento, na ausência de Caso Nominativo.

4.2. Os resultados do teste de julgamento

Utilizamos a plataforma *SurveyMonkey* como forma de verificar a aceitabilidade da flexão verbal [+Agr] nos contextos sintáticos identificados pelo estudo de Canever (2012) como menos propícios para a ocorrência de Inf-F. Apesar de o *software* indicar prováveis 11 minutos para cada coleta, analisando os metadados arquivados *online*, percebemos que 33 indivíduos realizaram o teste em tempo próximo do previsto, sendo que apenas 14 ultrapassaram a barreira dos 11 minutos e 6, apenas, ultrapassaram a barreira dos 20 minutos. Claro, como o teste era sediado *online*, não havia limitação de tempo ou desligamento do respondente por inatividade, razão pela qual poderíamos levar em consideração que o indivíduo poderia se ausentar do computador por um algum período antes de retomar o teste. Nossa preocupação era a de que ele se mostrasse longo demais e o informante acabasse por abandoná-lo antes do término da coleta de julgamentos.

Dos 50 informantes que iniciaram o teste, 37 o concluíram até o último questionamento, que perguntava qual o nível de escolaridade do indivíduo informante. Desses 37, 21 assinalaram o nível graduação em andamento, 9 assinalaram o nível superior completo e 7 assinalaram o nível de pós-graduação. Deixamos essa pergunta

para o final (o que talvez tenha sido um erro fatal para diferenciar a totalidade das respostas com base no nível de escolaridade) para não haver saturação da motivação do respondente antes de terminado o teste de julgamento, apesar de 13 não haverem ido até esse ponto da plataforma.

Com o intuito de testar alguns dos contextos menos propícios para a ocorrência de infinitivos-flexionados, propusemos as seguintes construções-alvo para serem julgadas:

1) *Ai, Dr. delegado, 'tava meio escuro, mas parece serem esses dois guris os que me assaltaram hoje cedo.*

2) *O Grêmio e o Inter sempre inventam de jogarem assim, nos últimos minutos.*

3) *Lá na empresa, as coisas começam a ficarem feias quando chega o fim do mês, que tem fechamento, daí a gente vira escravo.*

4) *Os acontecimentos que são associados com as divindades não poderiam serem esquecidos pelo povo, mas as pessoas não têm muita fé hoje em dia.*

5) *Com o país na situação que está, os procuradores têm que tomarem medidas mais eficazes de combate à corrupção.*

6) *Quando que vão começar a chegarem as coisas que tu comprou? Não aguento mais ficar em casa esperando, mãe!*

7) *Levando em conta que nós já abordamos a maioria do conteúdo essencial para esse debate, iremos agora refletirmos sobre os casos encontrados no corpus.*

8) *Seguindo com a programação do evento, iremos, a partir de agora, nos reunirmos com os professores visitantes para debatermos o futuro da educação no Brasil.*

Conforme esclarecemos na nossa metodologia, nosso teste de julgamento tinha a intenção de coletar julgamentos de linguagem oralizada, em razão de já haver números de frequência/tendência para a linguagem escrita acadêmica ou dados de Inf-F para o período pré-acadêmico (do Vestibular). Orientávamos nesse sentido, deixando claro que *não buscávamos* por julgamentos baseados em predições da GT. Para verificar a atenção dos respondentes às orientações básicas, fizemos uma *jogadinha suja*, digamos assim: deixamos alguns *problemas* nas sentenças distratoras de forma a verificar se os informantes iriam sinalizar que elas estavam mal escritas ou se no campo comentários iriam surgir análises de ordem sintática ou metalinguística.

O fato é que, em termos gerais, alguns indivíduos não conseguiram *se desligar* das predições da norma. Vejamos o seguinte exemplo de uma das frases distratoras com os comentários que ela recebeu, abaixo:

9) *Barba deve ser um horror. O meu marido barbeia todos os dias, se não já vira uma lixa no rosto!*[59]
    a. ***Senão?*
    b. *"senão"*
    c. *"o meu marido se barbeia" fica estranho sem o pronome*

É possível perceber que, apesar de ser difícil postular a existência de diferenças entre um *senão* e um *se não* para o contexto oralizado (ou seja, nossa intenção era a de que o teste pudesse ser lido em voz alta, tentando aproximar o falante do contexto de fala), 2 informantes ainda fizeram a leitura da sentença segundo os preceitos da gramática para a variedade escrita da linguagem, fato que, contudo, não nos levou a excluir tais informantes do grupo de análises válidas. Se esse indivíduo policiou o texto naquilo que seria referente às normas da GT, talvez esse indivíduo se policie ou seja mais conservador na linguagem oralizada da mesma maneira, a qual, segundo percebemos, teria, para os contextos analisados, ocorrências maiores de Inf-ñ-F, tanto nos nossos dados quanto nas frequências apresentadas em Canever. O que queremos dizer é que, independentemente disso, talvez a falta desse policiamento *normativo* não houvesse influenciado a uma resposta diferente, i.e., o respondente poderia ter mantido suas respostas nas sentenças-alvo do teste. Fato é que o informante com tendência a esse tipo de análise tendeu a não deixar o Inf-F ocupar a posição do Inf-ñ-F nesse contexto ou, simplesmente comentou a frase, não marcando resposta. Apesar de não sabermos se o julgamento *Ruim!* se dirigiria ao Inf-F ou ao *se não* (no lugar de *senão*), optamos por manter os julgamentos na quantificação dos resultados.

Ademais, surgiram, no campo comentários, algumas questões de metalinguagem, tais como *flexão verbal, verbo flexionado, sujeito, sujeito composto*, *artigo*, o que evidencia que alguns informantes ainda leram as sentenças sob o viés d*a norma gramatical* ou d*a análise sintática.* Levando em consideração que testamos

[59] A sentença distratora teve 64,44% de marcação para a opção *Boa*.

unicamente os contextos mais bloqueados, segundo as frequências em Canever, nossos resultados parecem ser promissores (de alguma maneira, para defesa do nosso ponto de vista). Apesar de alguns julgamentos poderem ser motivados por fatos tais como os descritos acima, nos consideramos satisfeitos com os números de aceitabilidade encontrados para as sentenças que foram propostas, razão pela qual todas as análises acabaram por ser consideradas.

O gráfico seguinte apresenta os resultados para as sentenças avaliadas, todas com a variante flexionada do infinitivo:

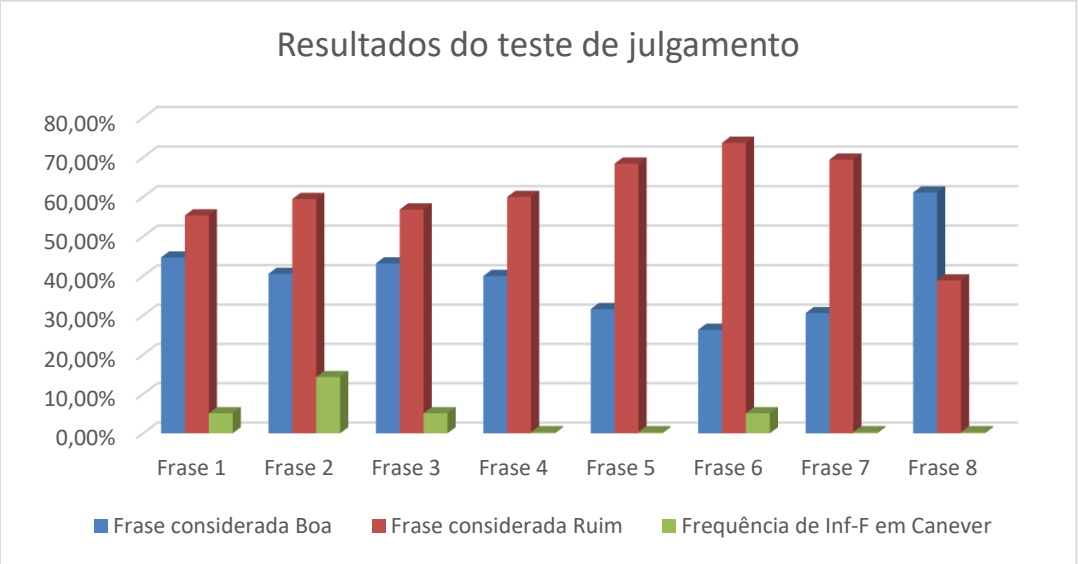


Figura 5 - Gráfico de resultados do teste de julgamento.

Percebemos que, em 7 dos 8 contextos avaliados, a preferência do informante foi por preencher a posição com Inf-ñ-F. Contudo, analisando a parte em azul do gráfico, em contraste com os dados em Canever (2012), os menores em cada setor do gráfico (em verde), é possível perceber que o Inf-F não encontrou tanta restrição como se esperaria (em termos de frequência). Ao contrário, se mostrou mais produtivo do que poderíamos prever. Além disso, e para nossa surpresa, 1 dos contextos favoreceu a forma flexionada do Infinitivo, o que não seria esperado, apesar de não ser um contexto *puro*, tal como veremos mais adiante.

Inicialmente, gostaríamos de comentar a primeira construção, com o verbo *parecer* selecionando uma *Small Clause*[60]. Aproximadamente 44% dos informantes disseram que a construção é considerada *Boa* para o PB. Esse fato mostra que, segundo a teoria que adotamos, em Raposo (1987a), o verbo *parecer* distribuiu o Caso Nominativo à direita, ativando [+Agr] em Inf^0 e permitindo ao sujeito da SC que permanecesse interno às fronteiras da minioração.

A segunda construção[61] avaliada foi assinalada por 40,54% dos informantes como uma sentença *Boa*. Segundo a frequência disposta em Canever (2012), para o contexto escrito de linguagem monitorada em orações Completivas com a 3ª p. do plural, 14,3% das ocorrências apresentam o infinitivo na sua forma flexionada. Percebemos, então, que, quando a linguagem se aproxima de contextos mais naturais, a ocorrência do infinitivo flexionado aumenta consideravelmente. Significa dizer que o PB (apesar de nossos dados não poderem representar generalizações aplicáveis a toda a comunidade falante da língua) vem *aceitando* a variante flexionada para contextos até então mais restritos. Uma consequência dessa aceitação é a diferença na abordagem estrutural que fazemos da sentença, i.e., para o Inf-ñ-F, consideramos, segundo as predições da Teoria Gramatical, que o sujeito da oração reduzida de infinitivo [-Agr] se trata de uma categoria PRO, enquanto que, para nosso dado, o sujeito se trata de uma categoria *pro*, uma mudança significativa em termos de Teoria da Gramática para as análises que realizamos.

O terceiro contexto avaliado[62] teve julgamento de 43% dos informantes para a opção (frase) *Boa* em PB. Esse número indica que, conforme a concordância do NP *as coisas* com o verbo *começam* (flexionado na 3ª p. do plural), o Caso Nominativo foi recebido à esquerda, em SpecIP, da flexão (INFL) do verbo *começar.* Assim sendo, o NP representa o sujeito da perífrase. Aparte dessa análise, vemos que o verbo principal, *ficar*, também permaneceu flexionado, indicando que o informante julgou como adequada a duplicidade de flexões verbais (em 19 das 44 respostas), uma indicação de que a flexão da oração infinitiva poderia haver surgido livremente na

---

[60] *1) Ai, Dr. delegado, 'tava meio escuro, mas parece serem esses dois guris os que me assaltaram hoje cedo.*

[61] *2) O Grêmio e o Inter sempre inventam de jogarem assim, nos últimos minutos.*

[62] *3) Lá na empresa, as coisas começam a ficarem feias quando chega o fim do mês, que tem fechamento, daí a gente vira escravo.*

base, sendo resultado de uma identificação semântica dos traços-φ do sujeito (de número). O resultado dessa argumentação é que o vestígio (*t*) que ficou na oração encaixada, do movimento do NP, integra uma cadeia com o NP alçado a sujeito da Or-matriz. Devemos notar, contudo, que o sujeito recebeu Caso uma única vez, na matriz, pois, como o Caso foi distribuído ao sujeito à esquerda (em SpecIP na matriz), o infinitivo flexionado não recebeu Caso na flexão [+Agr].

O quarto contexto avaliado[63] se trata de uma construção passiva na oração infinitiva encaixada. Conforme vimos para outros contextos, a tendência de as orações terem a variante flexionada é maior quando esse tipo de construção (a passiva) está presente no contexto sintático. Depreendemos, também, dos dados LLIC-USP, em Canever (2012), que a única construção com Inf-F em perífrases modais foi uma passiva encaixada e, por essa razão, resolvemos testar o contexto assumindo a variedade oralizada de linguagem (tal como extraímos dos dados do Banco de Textos de Vestibular – UFPel). Obtivemos (exatos) 40% de preenchimento da opção que anotava a sentença como *Boa* em PB*.* Ainda que a sentença seja considerada *Ruim* pela maioria dos indivíduos informantes, cumpre ressaltar que, ainda assim, nossa análise encontra uma frequência 39,7% maior do que para o contexto de linguagem escrita monitorada. Podemos ver, na sentença, que o Caso Nominativo do sujeito foi recebido na oração matriz (da flexão do verbo *poder*), sendo o NP *Os acontecimentos que são associados com as divindades* visto como sujeito da perífrase. A aceitabilidade da sentença com os verbos da oração passiva concordando em gênero (esquecid**o**s)[64] e número (ser**em**/esquecido**s**) com o sujeito (alçado) serve de argumento em prol da teoria que adotamos, i.e., cada vez mais os verbos tendem a aparecer flexionados em PB, ao passo que, conforme vimos, a oração encaixada está realizando concordância com o vestígio do sujeito que sofreu movimento. Isso nos faz crer, mais uma vez, que o Inf-F possa ter surgido na base. Em termos gerais, isso significa que o falante identifica a posição do verbo (*ser*) na forma infinitiva, mas é

[63] *4) Os acontecimentos que são associados com as divindades não poderiam serem esquecidos pelo povo, mas as pessoas não têm muita fé hoje em dia.*

[64] Vale lembrar que, como o NP surgiu em CompVP na base, a concordância de gênero se deve a outros fatores, alheios ao nosso objeto de estudo. Como o verbo é passivo, a construção base (na atribuição dos papéis temáticos) seria *O povo esquecer os acontecimentos que são associados com as divindades.*

permissivo quanto a uma concordância inesperada, múltipla, com um único candidato a sujeito para o verbo das orações encaixada e matriz.

Para a quinta construção[65], os resultados do teste de julgamento mostraram que 31,58% dos falantes consideraram a sentença como *Boa*, ainda que a perífrase modal *tem que tomarem* estivesse flexionada no verbo principal da perífrase (*tomar*), mostrando que, para o contexto de oralidade, algumas flutuações parecem acontecer, resultando em frequências maiores para a aceitabilidade do Inf-F na posição em que reside, tradicionalmente, o Inf-ñ-F. Precisamos tomar uma nota sobre essa sentença: construções com a sequência *ter que* podem não servir, manifestamente, de argumento em prol de uma ou outra análise. Devemos perceber que o verbo *ter*, na oralidade, teria a mesma forma tanto no singular quanto no plural, i.e., a morfologia de plural se manifesta com acento ortográfico, *ele tem* contra *eles têm* (foneticamente o verbo é realizado, provavelmente, da mesma maneira). Quando testamos essa construção, precisamos levar em conta uma analogia feita com base em outras construções com perífrases modais, as quais tendem a alçar o sujeito da oração encaixada para a oração-matriz, sendo, então, verificada a aceitação do verbo encaixado com flexão de plural. O que queremos dizer é que, se o falante não identifica o verbo auxiliar como flexionado, o sujeito estaria em uma posição periférica, à esquerda, topicalizado. Para outras construções com perífrases (modais, nesse ponto, se houver diferença entre modais e aspectuais bastante para dividirmos a classe), nos parece agramatical a topicalização nessas construções, conforme exemplos abaixo:

10) a. Os procuradores têm que tomar medidas eficazes [...]
a'. * $_{TopP}$Os procuradores tem que tomarem medidas eficazes [...]

11) a. Os procuradores podem tomar medidas eficazes [...]
a'. * $_{TopP}$Os procuradores pode tomarem medidas eficazes [...]

12) a. Os procuradores devem tomar medidas eficazes [...]
a'. * $_{TopP}$Os procuradores deve tomarem medidas eficazes [...]

---

[65] *5) Com o país na situação que está, os procuradores têm que tomarem medidas mais eficazes de combate à corrupção.*

Contudo, nossa intuição nos leva a crer que a frase mais natural teria o verbo infinitivo na sua forma não-flexionada, razão pela qual apresentamos a construção, de forma a assinalar uma aceitação para um contexto que pode ser considerado inesperado para ocorrência de Inf-F.

No sexto contexto avaliado[66], optamos por testar uma perífrase Aspectual que selecionasse uma Or-Inf-F com um verbo inacusativo. O verbo *chegar*, prototipicamente inacusativo, estaria na última posição verbal, selecionado pelo auxiliar *começar* (ou pela preposição *a*), que já haveria sido selecionado pelo verbo *ir,* na sequência *vão começar a chegarem (as coisas).* Deixamos, então, o sujeito de *chegar* posposto ao verbo, tal como acontece com alguns inacusativos, para verificar a aceitabilidade da permanência do NP sujeito na posição CompVP do último verbo. Tivemos, então, a menor taxa de aceitabilidade dentre as sentenças avaliadas, 26,32% para a opção frase *Boa*. Como nosso intuito foi verificar a aceitabilidade de um infinitivo gerado livremente na base, deixamos, também, o verbo *ir* flexionado, no início da oração, i.e., tínhamos a intenção de fazer com que o NP sujeito servisse de motivação para duas flexões de número, recebendo Caso na Nominativo da matriz e figurando licenciado nas fronteiras da oração encaixada. Ainda que a sentença seja, talvez, uma das mais truncadas do teste, em razão de múltiplos verbos e múltiplas flexões, além de ter o sujeito posposto, 19 indivíduos informantes a consideraram bem-formada dos 44 respondentes, o que sinaliza uma aceitação considerável.

Os sétimo e oitavo contextos que propusemos a serem testados foram perífrases aspectuais com o verbo *ir* com um fator excedente. Tentamos identificar se a inserção de constituintes adicionais poderia licenciar mais e gradualmente a ocorrência de Inf-Fs, a depender da quantidade de material fonético inserido entre os verbos da locução verbal. Na sétima construção[67] inserimos a palavra *agora* entre *iremos* e *refletirmos*, enquanto na oitava[68] inserimos *a partir de agora+nos.* Nosso intuito seria testar um argumento em prol do FDD proposto por Perini no terceiro

---

[66] *6) Quando que vão começar a chegarem as coisas que tu comprou? Não aguento mais ficar em casa esperando, mãe!*

[67] *7) Levando em conta que nós já abordamos a maioria do conteúdo essencial para esse debate, iremos agora refletirmos sobre os casos encontrados no corpus.*

[68] *8) Seguindo com a programação do evento, iremos, a partir de agora, nos reunirmos com os professores visitantes para debatermos o futuro da educação no Brasil.*

contexto mais restringido para a ocorrência de Inf-F, fato que já havia sido identificado nas construções do Vestibular UFPel. O resultado mostra, de maneira cabal, que, quando há constituintes adicionais inseridos, proporcionam-se níveis maiores de aceitabilidade de sentenças com ambos os verbos da perífrase flexionados. Para *[...] iremos agora refletirmos [...]*, 30,56% dos informantes responderam que a dupla flexão se tratava de uma construção *Boa* em PB (ainda sendo melhor com a variante não-flexionada do infinitivo), ao passo que, em *[...] iremos, a partir de agora, nos reunirmos [...],* a oitava construção-alvo avaliada, 61,11% dos respondentes ao teste de julgamento consideraram (para nossa surpresa) a sentença como *Boa* em PB. Esse resultado nos mostra uma tendência à flexão, a depender do maior *tamanho* do afastamento entre os verbos da locução verbal. Como seria muito repetitivo e, provavelmente, perceptível para o informante testar um número crescente e gradual de constituintes em construções semelhantes (e por isso não foi uma das nossas causas assumidas no teste), não podemos afirmar qual o número de palavras ou o tamanho do afastamento que torna o contexto favorável ou propício para o infinitivo flexionado. Contudo, pudemos atestar que 5 palavras, ou 8 sílabas, ou outra forma de quantificação equivalente para a nossa inserção de constituintes já apresentam algo em torno de 60% de flexão no verbo da oração encaixada com Inf-F.

A bem da verdade, nenhum dos contextos, salvo aquele com a inserção de material fonético de maior extensão entre os verbos da perífrase, proporcionou uma aceitabilidade maior do que a sua inaceitabilidade. Contudo, e levando em consideração que testamos poucas frases e todas dentre os contextos com menor taxa de frequência para a linguagem escrita monitorada, induzindo a leitura para contextos de oralidade, podemos perceber que os números encontrados com aceitação para ocorrência de Inf-F são *consideravelmente* maiores do que aqueles identificados para a linguagem escrita, nos contextos mais bloqueados, segundo os estudos em Canever (2012). Tais resultados nos levam a crer que a flexão possa ser o resultado de um surgimento livre na base, tal como argumenta Raposo (1987a).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo se propôs a uma investigação sobre a gramática do infinitivo flexionado no Português Brasileiro. Sabendo que a configuração [-T,+Agr] nas orações reduzidas de infinitivo se trata de uma propriedade bastante peculiar do Português, e motivo de diversas análises, apresentamos uma série de teorias acerca do Inf-F oferecidas por gramáticos e linguistas, com o intuito de analisarmos, posteriormente, dados de linguagem escrita produzidos por indivíduos em contexto de linguagem monitorada. Na primeira parte do trabalho visitamos o Inf-F e as hipóteses sobre a sua origem como forma de apresentar o tema e situar o leitor sobre o nosso objeto de estudo.

Num segundo momento do trabalho, fizemos uma revisão de alguns subsistemas da TRL: a Teoria do Caso, responsável pela atribuição de Caso aos NPs visíveis para a sintaxe; a Teoria da Ligação, responsável pela interpretação referencial dos NPs; as categorias vazias PRO e *pro*, sujeitos de Inf-ñ-F e Inf-F, respectivamente*;* a Teoria do Controle, que determina a interpretação correferencial de PRO na estrutura; e analisamos o Parâmetro *pro-drop*, que permite Sujeitos Nulos numa determinada Língua-L, com parametrização ativa no PB. Vimos também o comportamento dos verbos de alçamento. Vimos as condições para que o Inf-F possa ocorrer e analisamos a visão da GT e de linguistas no que toca à ocorrência de Inf-F. No último momento, de análises e discussões, contrastamos as teorias sobre o Inf-F com dados coletados pelo banco de textos de Vestibular UFPel e pelo LLIC – USP, Laboratório “Linguagem, Interação e Cognição”, da Universidade de São Paulo, bem como expusemos os dados coletados pelo GEALE – Grupo de Estudos Aquisição da Linguagem Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas -, no Banco de Textos Aquisição da Linguagem Escrita – BATALE.

Percebemos que nossos dados nada têm a acrescentar às análises descritas em Schaf Filho (2003), sobre a linguagem infantil: o Inf-F é um "parâmetro periférico" do PB? Não podemos dizer. A forma não-flexionada se desenvolve muito antes do que a forma flexionada, o que confirmaria a hipótese de uma forma não-marcada da língua? Também não juntamos evidências para tanto.

A partir do estudo de tendências em Canever (2012), testamos a Teoria da Gramática, principalmente a teoria proposta por Raposo (1987a) no que diz respeito à Teoria do Caso para os Inf-F. Assumindo a expansão dos contextos em que o Inf-F se apresenta, criamos um *continuum* distribucional (baseados nas frequências expostas por Canever (2012)) e testamos as construções, verificando que a maioria dos dados teria suporte, sem discussões mais polêmicas, no paradigma gerativista nominado Teoria da Regência e Ligação, teoria modular que encontraria, para o caso do Inf-F, as principais justificativas no Caso (seguindo Raposo), o qual ativaria a flexão [+Agr] quando necessário ou que, na sua ausência, começaria a mostrar sinais de que o núcleo [+Agr] em Inf^0 poderia surgir na base. Em suma, expusemos dados de frequência atuais do PB sobre o Inf-F (Canever, 2012) para que pudessem ser testados segundo a teoria mais bem elaborada (julgamento nosso) sobre o Inf-F até o momento (Raposo, 1987a). Além, mostramos que a leitura (intencionada a se passar por oralidade) apresenta níveis de aceitabilidade maiores do que o contexto monitorado de linguagem escrita (nosso teste de julgamento *versus* dados em Canever).

Seguindo a TRL para tentar compreender o comportamento do Inf-F e cumprir nosso principal objetivo (testar a teoria de Raposo nos contextos que nos parecem mais inesperados – segundo nossos julgamentos naturais), nos deparamos com alguns “problemas”, sobre os quais discorremos no trabalho e temos as observações que seguem a fazer:

a) Quando o Inf-F é regido por preposição (os casos mais tradicionais), há um cenário linguístico que licencia a sua ocorrência (via de regra):

(1) [...] dificuldades dos falantes a*o aprenderem português* [...]
(2) [...] entristecidos com o fato de *fazerem ouvir no estrangeiro nossa música* [...]

b) no caso de orações completivas não-preposicionadas, algumas questões outras podem influir, tal como a possibilidade de preenchimento da posição por um NP prototípico:

(3) O prefeito lamenta *terem roubado os cofres públicos*.
O prefeito lamenta *o fato de terem roubado os cofres públicos*.

(4) O menino quer *uma festa*.
*O menino quer *fazerem uma festa pra ele*.

c) os contextos sintáticos mais restritos (segundo frequências em Canever) são aqueles em que, via de regra, não há preposição (a)): verbos de alçamento, perífrases modais, completivas 1ª. p. plural.

d) na classe de verbos de alçamento, há uma subdivisão: os que distribuem o Caso à direita e os que tem dificuldade em fazê-lo, além da impossibilidade para os auxiliares:

(5) *Parece *os guris terem trazido a cerveja já gelada*.
Os guris parecem *ter trazido a cerveja já gelada*.
(6) Convém *os guris trazerem a cerveja já gelada*.
?Os guris convém(-êm) *trazerem a cerveja já gelada*.
(7) *Deve *os interessados trazerem o formulário assinado*.
Os interessados devem *trazer o formulário assinado*.

e) entre os verbos da locução verbal, a inserção de material exerce influência (quanto mais material inserido, maior a aceitabilidade – 30,5% em (8) *versus* 61% em (9)):

(8) Levando em conta que nós já abordamos a maioria do conteúdo essencial para esse debate*, iremos* <u>*agora*</u> *refletirmos* sobre os casos encontrados no corpus.
(9) Seguindo com a programação do evento, *iremos,* <u>*a partir de agora*</u>*, nos reunirmos* com os professores visitantes para debatermos o futuro da educação no Brasil.

f) a natureza da preposição que acompanha os verbos aspectuais (tópico ausente em literatura específica) não pôde ter a sua natureza determinada, i.e., o sintagma preposicional pode não conter um núcleo P_0 prototípico, cf. exemplo:

(10) As virtudes começam *a serem tratadas* no capítulo 8.

I.e., qual a razão para a preposição em (10) não licenciar o sujeito nos limites da oração encaixada, tendo em conta o Caso OBL disponível para satisfazer a Condição de Minimalidade?. Esse ponto em especial deixamos para pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Ática, 2002.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa, 37ª ed. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2009.

BURZIO, L. Italian Syntax: a government and binding approach. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.

CANEVER, Fernanda. Evidências para um modelo de língua baseado no uso: O infinitivo flexionado em português brasileiro. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo: USP, 2012.

CASTILHO, Ataliba T de. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo, Editora Contexto, 2012.

CHOMSKY, Noam. Aspects of the theory of syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
_____. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris, 1981.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Ed.Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A perda do princípio evite pronome. Unicamp, 1995. Tese de doutorado.

_____, M. Eugênia L. “On the embedding of a syntactic change”. Language Variation in Europe. Papers from ICLaVE2. 145-155. Uppsala, Sweden: Universitetstryckeriet. 2004.

_____, M. Eugênia L. “Sobre outros frutos de um ‘projeto herético’: o sujeito expletivo e as construções de alçamento”. Livro em homenagem a Mary Kato. 2007a.

HAEGEMAN, Liliane. Introduction to government and binding theory. 2nd ed., Oxford-UK, Blackwell, 1994.

HENRIQUES, Fernando P. Construções com verbo de alçamento: um estudo diacrônico. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2008.

_____, Fernando P. construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional: uma análise comparativa do PB e PE. Tese de Doutorado, UFRJ, 2013.

_____, Fernando P. & Duarte, M. Eugênia L. “Uma análise comparativa das construções com verbos de alçamento na fala e na escrita padrão”. Anais do IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. 2006.

KATO, Mary A. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. PROBUS, 01-37, 1999.

_____, Mary Ayzawa. Tha Partial Prodrop Nature And The Restricted Vs Order In Brazilian Portuguese. 2000.

MARTINS, Ana Maria. On the origin of the Portuguese inflected infinitive. In: Historical Linguistics, Edited by Laurel J.Brinton, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 1999.

MARTINS, A. Maria & NUNES, Jairo. “Raising issues in Brazilian and European Portuguese”. Journal of Portuguese Linguistics, 4, 53-77. 2005.

MAURER JR, Theodoro Henrique. O infinito flexionado português. São Paulo, Cia.Editora Nacional-USP, 1968.

MENUZZI, S. M. A ordem verbo-sujeito em PB: abordagens e questões em aberto. 2003. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

MIOTO, Carlos, SILVA, Maria Cristina F. e LOPES, Ruth. Novo Manual de Sintaxe. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NUNES, Jairo. “Inherent Case as a Licensing Condition for A-movement: The Case of Hyper-raising Constructions in Brazilian Portuguese”. Journal of Portuguese Linguistics, 7:83-108, 2008.

PERINI, Mário Antônio. Gramática do Infinitivo do Português. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

_____. Gramática Descritiva do Português. São Paulo: Editora Ática, 1996

RAPOSO, E. Case Theory and INFL-to-Comp: the Inflected Infinitive in European Portuguese. In: Linguistic Inquiry, v.18, p.85-109, 1987.

_____. Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem. Caminho: Lisboa, 1992.

RIZZI, Luigi. Relativized Minimality Effects. Blackwell Publishing, (?2004).

SCHAF FILHO, Mathias. Do Acusativo com Infinitivo Latino ao Nominativo com Infinitivo Português. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2003.

SILVA, Maria Cristina Figueiredo. 1996. A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitas. Campinas, Ed.da Unicamp.

SPORTICHE, Dominique. "A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure". Linguistic Inquiry 19, 1988, pp. 425-499.

VASCONCELOS, José Leite. Estudos de filologia mirandesa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900. In: SCHAF FILHO, Mathias. Do Acusativo com Infinitivo Latino ao Nominativo com Infinitivo Português. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2003.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica? Revista de Lingüística e Filologia, 3:55-64. 1999.

ANEXOS

Dados coletados pelo LLIC-USP

Complemento Adjetival

contexto precedente	*expressão de busca*	contexto subsequente
foram aprovados no referido concurso,	*habilitados para serem*	providos em
	relevantes para serem	estudados, como por exemplo a capacidade do bebê de criar,
salazarista, sentem-se mais	*livres para exporem*	suas idéias e não se filiam a grupos
alguma afirmação ou quando forem	*suficientes para suprirem*	elementos da tradição indireta
interacional; o discurso, seu contexto mais amplo de produção e os efeitos	*possíveis de serem*	
	alinhavadas para serem	ditas, não lidas. Não poderia imaginar um elenco
	montados para serem	lidos no dia, não deveriam merecer qualquer preocupação com a
No discurso, os valores são	*possíveis de serem*	percebidos pelas marcas lingüísticas,
categorias referidas eram muito vagas, variáveis	*difíceis de serem*	controladas. Em todo
considerou as unidades neles tematizadas como	*passíveis de encaixarem*	-se nas categorias de
poéticas vanguardistas nascentes — tantas vezes	*acusadas de serem*	geradoras de produ-
derrancado passageiramente eram ridículos e	*indignos de serem*	dados como explicação de
	passíveis de serem	descritos através de um formalismo mais ou menos
Vários são os caminhos	*passíveis de serem*	traçados para
O léxico global de uma língua abrange todos os vocábulos	*possíveis de serem*	
que, ao selecionarem "[...] enunciados	*capazes de constituírem*	a seqüência do
lexicais e gramaticais	*suscetíveis de entrarem*	em qualquer discurso, em ocorrência mundana
lingüísticas e discursivas	*passíveis de serem*	
desencadeada pelo fato de naquele ano iniciar-se uma busca por	*suspeitos de terem*	
	possíveis de estarem	"em ação" na conceptualizaçãode um locativo.
"problemas", devido à sobrecarga de NPs	*possíveis de serem*	utilizados na associação do NP
vivos, no caso, as bactérias do Cólera,	*escolhidas para receberem*	tal sentença e multiplicá-la
	suficientes para serem	escondidos numa sela.
existentes são muito	*importantes para serem*	descartadas.
em alguns versículos corânicos –não explícitos e por isso	*passíveis de serem*	
as coisas que são reveladas são	*possíveis de serem*	contrárias, e digo o
	concebidos para serem	únicos: lê-se, no final do primeiro parágrafo, que as peças nunca foram
de maneira adequada" e "...ficariam mais	*fáceis de serem*	compreendidos". Esses
sua fonte abriga passagens com temas diversos	*capazes de participarem*	de projetos literários
6 Os Tribunais plenários foram criados através do decreto-Lei nº35 044.	*Incumbidos de julgarem*	os "crimes

processos de pensamento e emoções, que são	*difíceis de serem*	extraídos ou
tanto às unidades em uso, quanto àquelas	*possíveis de serem*	usadas.
três delas melhor	*avaliadas para serem*	empregadas em série: genv o" isl on, dos dátilos; genv o"
dos meninos, as meninas são	*criadas para serem*	reservadas, falar sem paixão, baixo, de
escola tende a recuperar as perdas lingüísticas, mas nem todas elas sªo	*passíveis de serem*	
camilianos são	*passíveis de serem*	resumidos por meio das tendências
Ao longo de sua vida, Voltaire carteou-se com mulheres	*capazes de fazerem*	
	escolhidas para comporem	os modelos desta dissertação são mulheres, consideradas estrangeiras de
escrevem contos, pena não haver estes livros	*disponíveis para serem*	mais
rem características peculiares, são	*difíceis de serem*	classi-
pré-moldados e	*prontos para serem*	utilizados, produto do uso que
narrativas	*difíceis de serem*	datadas que contam a história dos israelitas entre os anos 970 a.C
são	*suscetíveis de serem*	analisados em conformidade com as exigências da
	diferentes de serem	combinadas e organizadas.
15 Tais listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como	*aptos para serem*	
favorece a expressão de situações e posturas antes	*passíveis de serem*	
tiveram suas filhas	*escolhidas para serem*	levadas em sacrifício para felicidade
	passíveis de ocorrerem	por meio da estruturação desses conceitos, o que pressupõe uma
serem objetos estáticos, são sim,	*passíveis de sofrerem*	influências externas, cabendo
	difíceis de serem	relacionadas. O gênero dramático pode fecundar o narrativo e
contra os agressores. Eles foram	*acusados de serem*	incapazes, bajuladores e
e acontecimentos que coloca apenas esses últimos como	*passíveis de serem*	
hino é a de que "oferendas aos deuses tinham de ser	*irrepreensíveis para serem*	aceitas".
Antigüidade. Estas eram por demais numerosas e	*significativas para serem*	deixadas

Complemento Nominal

contexto precedente	*expressão*	contexto subsequente
muitos compêndios foram dedicados, tendo em comum o fato	*de insistirem*	sobre a
da nacionalidade, surgem as primeiras coletâneas com o objetivo	*de serem*	
uma dificuldade maior	*de serem*	conservadas por pertencerem a uma época em que a
estatais, como, pelo fato	*de terem*	sua imagem colada à do Estado, são alvo do ódio
vislumbramos o fato	*de constituírem*	poéticas moventes, quer dizer, trata-se de concepções
pois baseia-se na boa vontade dos participantes	*de emitirem*	opiniões que
Craigie177, em comum o fato	*de estarem*	relacionada ao calor, à febre.
com boas possibilidades	*de estarem*	corretas. (Chomsky 1997a: 61)
persuasivo. Em relação às crianças esta situação é deveras preocupante pelo fato	*de estarem*	
agradar ou comover, mas são também argumentativas no sentido	*de exprimirem*	um
alguma coisa, na tentativa	*de fazerem*	prevalecer seus pontos de vista. Assim, também
tendência	*de fazerem*	-no chefe ou porta-bandeira da nova
entristecidos com o fato	*de fazerem*	ouvir no estrangeiro a `nossa música',
Interessam-nos também pelo fato	*de indicarem*	a existência de um período em que a transmissão oral era o
fechar em si mesmos, dada a impossibilidade	*de interagirem*	com a sociedade
humana exercida pelos interlocutores	*de interpretarem*	suas proposições, ou seja, a função
causada pelo vinho, e o fato	*de lidarem*	com a ancestralidade de Davi.
Essas três escolas de terminologia, que têm em comum o feito	*de moverem*	-se em uma
tenham se refletido com mais intensidade na França pelo fato	*de ocorrerem*	, em geral, no
esquerda de sentenças e o porquê	*de ocuparem*	tal posição, isto é, se desempenham alguma
e não sucumbir ao desejo	*de pilharem*	o que era necessário respeitar (vv. 341-2).
passava dificuldades de toda sorte. No Brasil, o sonho dos isseis	*de regressarem*	ao seu país
se uma nova oportunidade tanto ao Cristo quanto ao santo	*de reverem*	suas vidas. O
quase humanas. Nesse contexto, o fato	*de rezarem*	só faz aumentar o sentimento de repulsa
se pagassem, seriam soltos se assinassem um compromisso	*de sairem*	do
dois têm em comum o fato	*de serem*	, cada um à sua maneira, inconformados moral e
conclusão resultante: o fato	*de serem*	ou não referenciais empírica ou sensivelmente
estruturas sob a conduta	*de serem*	ou não verbos seriais. No entanto, Pal (2005) atribui esse
religiosa do momento de sua escrita. Algumas dessas obras alcançaram grande êxito, a ponto	*de serem*	
inovar num gênero notadamente marcado por clichês e lugares comuns, num anseio	*de serem*	
dificuldade	*de serem*	entendidas pelo interlocutor, mas as que apresentam distorções serão mais
característica	*de serem*	eles padrões dinâmicos da experiência, apesar de apresentados de
exigência	*de serem*	naturais do lugar; terem pais da localidade; terem feito poucas
costumam deixar tempo	*de serem*	estas admiradas pelas visitas, antes de as virem
têm como característica o fato	*de serem*	sempre mais simples e mais abstratos. O percurso
que lhe é exterior e que o constitui). Uma das propriedades dos sujeitos é a	*de serem*	
e mexicanos, não refletindo a nossa realidade e tendo apenas a pretensão	*de serem*	um
[...] o importante não é o fato	*de serem*	histórias novas ou não, mas de
que seguem não foram elaboradas com o objetivo	*de serem*	levadas prontas para a sala de aula.
Além disso, umas quantas pessoas esperavam a sua vez	*de serem*	atendidas
rem. Variará o que afirmam, não esse modo	*de serem*	ho-
propósito	*de servirem*	para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como
mais evidência	*de terem*	sido formados por uma literatura anterior do que Sêneca. (...)
Nesse sentido, pode-se sugerir a possibilidade	*de terem*	esses tratados se utilizado
verbos be, sit e come satisfazem a caracterização	*de terem*	sujeitos cujos papéis θ são os
em comum o fato	*de terem*	sido colonizados principalmente por açorianos (PIAZZA, 1983:
inclusive); o fato	*de terem*	fugido do local do crime sem prestar auxílio à vítima; o
dificuldade	*de tornarem*	-se independentes do judaísmo, do qual se nutrem por algum tempo,
no qual os homens estando agrupados, cooperam entre si no desejo	*de tornarem*	-se
comum o fato	*de tratarem*	, direta ou indiretamente, de cavalos. No primeiro, a personagem de
contam, sob o pretexto	*de trazerem*	um presente, com o qual fingia que o rei pudesse ser

Perífrases (aspectuais e modais)

contexto precedente	*expressão*	contexto subsequente
após serem examinadas,	*acabam por constituírem*	meras restaurações ou mesmo
	passaram a serem	organizados dentro daquelas instituições sociais que, na
razão, os cultos residenciais	*passam a serem*	realizados às escondidas.
conquistar uma posição, e	*acabam por serem*	tão condenadas pela sociedade quanto
483 Olyan salienta que alguns comentadores admitem necessariamente tal associação; eles	*tendem a serem*	
As virtudes	*começam a serem*	tratadas no capítulo 8. Entre eles, Christine
comparatistas nos quais as relações entre literaturas	*passaram a serem*	estudadas
veses até matá-las. Tudo isso por dinheiro. Depois as pessoas pobres	*acabam por tornarem*	-se
que	*acabam por revelarem*	-se profundamente íntimos e apaixonados. A tragédia dá-

contexto precedente	*expressão de busca*	contexto subsequente
em antigos manuscritos hebraicos e que eram tão importantes que não	*poderiam serem*	esquecidas,

Orações finais

Contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
de Horácio,	*para nos restringirmos*	à poesia não-dramática latina, têm em comum ser
Virgílio	*para nos deleitarmos*	com o poeta. A sua poesia é pessoal e está ligada a duas
eterno tormento do diabo seriam um novo apelo	*para nos afastarmos*	do desejo das realidades
estamos à espera do tempo certo	*para nos livrarmos*	de um fardo, das
	para nos remetermos	ao(s) sujeito(s) é sempre o discurso. Mas o sujeito não é
Usamos o termo "esquema de conhecimento"	*para nos referirmos*	às
que será utilizado	*para nos referirmos*	a eles. A numeração das linhas foi feita por
	para nos referirmos	a quaisquer desvios provenientes das realizações da linguagem, não importando a
proposição, do mesmo modo que nos silogismos lógicos: não	*para nos entregarmos*	indiferentemente às
impediria de empregar o termo —literatura‖	*para nos referirmos*	às produções anteriores ao
(37). Iremos então utilizar a sigla "W.2"	*para nos reportarmos*	a essa segunda parte.
mas ainda é cedo	*para nos ocuparmos*	dessa questão.
sentimos e ainda	*para nos compreendermos*	(les mots qui
apropriação do discurso alheio pelo arranjo	*para nos posicionarmos*	sobre em que
Armamo-nos com a teoria	*para nos depararmos*	não apenas com todas
que no Brasil falamos maldita	*para nos referirmos*	à erisipela. Já em latim,
106 Utilizaremos a marca do gênero feminino "companheira"	*para nos referirmos*	ao TU pois nos
7 Utilizaremos o termo maloca	*para nos referirmos*	à aldeia indígena, por ser a expressão corrente entre os índios de
(1990 : 127) afirma que	*para nos referirmos*	a eventos usa-
paganismo. Os deuses são úteis, pois servem "...	*para nos conduzirmos*	entre os
	para nos referirmos	ao diabo ou a qualquer tentação remetida a ele na narrativa.
45 Por convenção, utilizaremos freqüentemente a sigla OESP	*para nos referirmos*	ao jornal.
utros são, pois, não decerto um paraíso, mas uma irremovível condição	*para nos sabermos*	e
enfrentamos diariamente	*para nos mantermos*	íntegros em nossa dignidade de seres humanos.
16 Doravante usaremos a sigla SD	*para nos referenciarmos*	ao conto O Senhor
mitologia grega,	*para nos atermos*	a um referente importante na poesia de Sophia, a

Contexto precedente	*Expressão de busca*	Contexto subsequente
social. Isso porque,	*para abrirmos*	uma língua estrangeira, nós tentamos
texto diante de nós,	*para analisarmos*	um equivalente em nossa língua, podemos checar
suficientemente eloqüente	*para chegarmos*	as razões de mais um exílio:
aprendixagem. Assim, depois	*para compreendermos*	esta atividade perguntei aos alunos por que
Antes	*para compreendermos*	a fundo o problema do espaço nas duas obras, reportemo-
decorre a necessidade de uma catalogação. Deste modo,	*para compreendermos*	
Com esse intuito, primeiramente	*para compreendermos*	a revisão da literatura, faremos uma
da Canção convincentemente instituiu a idéia segundo a qual	*para conhecermos*	
percepção	*para criarmos*	sempre circundados ou não por ambientes ou espaços no mundo físico
grande importância	*para deixarmos*	impulsionados na busca de novas respostas, mas nada pode
	para entendermos	um dos possíveis papéis da língua na relação da sociedade
signo, e,	*para entendermos*	mais exatos, um signo lingüístico, comunica ou
suficiente	*para entendermos*	compará-las e também para identificarmos os tipos de mecanismos
Tarefa que não podemos recusar, especialmente	*para entendermos*	a falta de
forma, de falsos problemas. Ou seja, o fato	*para estabelecermos*	a Literatura Negra, um
gramatical. Para o autor, essa seria uma motivação semântica	*para examinarmos*	as resultativas
"Lego"	*para examinarmos*	a situação de faz-de-conta e estudar sua comunicação peculiar,
As três irmãs conversam a respeito do amor; todavia, antes	*para inserirmos*	
enunciador. Decidimos adotá-lo,	*para optarmos*	que ele ajuda a sublinhar a participação do enunciatário na
particularmente, a narrativa do sonho. A fim	*para podermos*	o tema em
	para podermos	com outros, negligenciamos muitas das
mais precisamente, sua obra O Conquistador (1990),	*para podermos*	uma releitura
A fim	*para podermos*	como a maior parte da vasta produção
séculos até nossos dias. Posteriormente,	*para sabermos*	a concepção do diabo que Eça
traduções de sua obra, podem contribuir	*para sermos*	o que havia no mundo
intertextualidade	*para sermos*	Fernando Pessoa numa tradição de poetas
Antes	*para tomarmos*	para o ponto mais importante deste estudo — a análise da lírica
Passemos à elucidação deste termo grego, no intuito	*para usarmos*	as suas inúmeras

Contexto precedente	node	Contexto subsequente
sentimento de medo não é lógico e sequer é apropriado para	*referirmo-nos*	a
Falamos de neologia léxica, pondera Cabré (1993:444), para	*referirmo-nos*	ao
grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para	*transformarmo-nos*	
Por outro lado, para	*aproximarmo-nos*	da geistesgeschichte, é preciso não abrir

Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente
rejuvenescido, conjecturas, que, nos primeiros diálogos, foram levantadas apenas	*para serem*	rejeitadas ou
caçulas	*para virem*	à luz, de sorte que ambas têm uma origem tríplice: são geradas pela
que,	*para serem*	fortalecidos, os homens bons sejam golpeados? Uma árvore não é sólida
hino é a de que "oferendas aos deuses tinham de ser irrepreensíveis	*para serem*	aceitas".
dos anos consecutivos são significativas demais	*para serem*	ignoradas. Por isso, optamos por
No registro da tradução, utilizo com freqüência os parênteses	*para conterem*	
Após conhecer o ocorrido, Teseu pede aos servos	*para abrirem*	as portas
evangelhos foram sendo escritos	*para formarem*	um registro permanente.
sobrepõem apenas o suficiente	*para serem*	, por assim dizer, coladas uma à outra. Há uma
mundo todo por tua escolta	*para serem*	lidos ? Onde está teu silogismo, pelo qual tentas
seguem o critério da antigüidade	*para serem*	incluídas no comentário, "thus", "orchus" e
alguma afirmação ou quando forem suficientes	*para suprirem*	elementos da tradição indireta
forma escrita apenas para fins mnemônicos,	*para serem*	preservadas para
	para serem	descobertas, embora, abstratamente elas possibilitem o enunciado.
61 Cf. VI, 2. O epigrama evidencia no desfecho o subterfúgio de muitas adúlteras que,	*para evitarem*	o
existentes são muito importantes	*para serem*	descartadas.
por terem sido educados	*para terem*	maus hábitos" . Holzberg acredita que lâmbulo possa ter
afecções psíquicas, conjuntamente,	*para serem*	percebidos e do recurso à atividade
três delas melhor avaliadas	*para serem*	empregadas em série: genv o" isl on, dos dátilos; genv o"
tomado pelos governadores, mais tarde, após a República,	*para designarem*	o seu status
s homens fazem o reconhecimento de Cartago; Mercúrio predispõe os púnicos e Dido	*para receberem*	bem os troianos
	para existirem	de algum modo, reside nelas algo de forma [...] Portanto, seja
de não judeus que buscam uma corte rabínica (beith din)	*para fazerem*	a conversão
facilidades e oportunidades, inclusive	*para poderem*	seus descendentes da
escolhidas	*para comporem*	os modelos desta dissertação são mulheres, consideradas estrangeiras de
representam o herói)	*para serem*	assadas e devoradas, o que é resolvido com a fuga e
país em 15 dias	*para irem*	para qualquer país, só que os cônsules desses
algum, mas precisa passar por ajustes	*para serem*	utilizados na língua japonesa.
~~ansiosamente a hora da lavagem~~	~~*para assentarem*~~	~~Aliás, ela era enorme para esse~~
	para formarem	as palavras equivalentes às coisas e fenômenos" (LIPINER, p. 94).
sugeridas como interessantes	*para serem*	usadas pelo visitante,
ela mobiliza os órgãos subservientes dessa emoção	*para agirem*	a favor desse
judaicas, e propunha que os judeus recebessem uma educação européia	*para poderem*	ser aceitos pelas
de uma imensa rede de empresas subcontratadas	*para produzirem*	peças, componentes e

os imigrantes vindos da Ásia (japoneses e chineses)	*para trabalharem*	nas lavouras
demais do Egito	*para retornarem*	.
suficientes	*para serem*	escondidos numa sela.
empregar os termos existentes em sua própria língua	*para usarem*	outros que são
profetas a espada...".348 Quando ele pediu aos israelitas reunidos	*para escolherem*	entre
expressões corriam o risco de serem modificadas, omitidas ou harmonizadas	*para ficarem*	
da dinastia almorávida, de irem a Alandalus,	*para serem*	formados em meio de seus
ficou claro que, ao concordar com o chamado de Deus	*para serem*	testemunhas, os
ais listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como aptos	*para serem*	
Heróis",	*para serem*	distribuídas entre os participantes da primeira guerra mundial.
Aqui surge um paradoxo: os judeus dependiam do favor real	*para permanecerem*	em
	para figurarem	juntos em uma sentença, ou incompatível, pela impossibilidade de
caráter de empréstimo	*para tornarem*	-se parte integrante do universo cultural que os acolheu.
moradores da casa	*para falarem*	menos palavrão e para conversarem
Faleceu no dia 13 de outubro de 2007, aos 65 anos, deixando vários livros	*para serem*	
independentemente da comunicação do pensamento	*para outrem*	, deve desempenhar um papel
número de citações quanto pelo procedimento usado	*para serem*	transmitidas, foram colocadas na
Entre as quarenta e uma expressões, selecionamos as mais significativas	*para serem*	
estudo. Nesses trabalhos,	*para diferenciarem*	-se das outras escolas lingüísticas, com a intenção
amplitude e dispõe de muitos dados	*para serem*	analisados e interpretados, fez-se
andam mais ou menos intimamente ligados,	*para exprimirem*	determinada
supostamente sofisticadas o bastante	*para expressarem*	as culturas ocidental-
	para constituírem	a arena comunicativa (Cf. MARCUSCHI, L. A. O diálogo no contexto da aula expositiva:
todas as mensagens correspondentes	*para responderem*	, não tendo acesso a outros argumentos
~~Dolz, p. 57-63), de que o gênero é um instrumento do qual os indivíduos se apropriam~~	~~*para nortearem*~~	~~suas~~
individuais, circunstanciais ou momentâneos — ocorrências inéditas —	*para serem*	
outra parte) ou as partes podem se auto-selecionar	*para começarem*	a falar;
partir do conhecimento partilhado entre eles	*para fazerem*	a conexão do tópico com o
Na próxima subseção,	*para somarem*	-se às reflexões desenvolvidas até aqui, e a fim de
foram aprovados no referido concurso, habilitados	*para serem*	providos em
em 1887, os críticos franceses encontram o pretexto desejado	*para atacarem*	
e Robert Desnos	*para escreverem*	juntos.
dilacerante, gritarão	*para expressarem*	o "innommable".
dos meninos, as meninas são criadas	*para serem*	reservadas, falar sem paixão, baixo, de
são indispensáveis justamente	*para serem*	confrontados com os estrangeiros,

Contexto precedente	Expressão de busca	Contexto subsequente
rejuvenescido, conjecturas, que, nos primeiros diálogos, foram levantadas apenas	*para serem*	rejeitadas ou
caçulas	*para virem*	à luz, de sorte que ambas têm uma origem tríplice: são geradas pela
que,	*para serem*	fortalecidos, os homens bons sejam golpeados? Uma árvore não é sólida
hino é a de que "oferendas aos deuses tinham de ser irrepreensíveis	*para serem*	aceitas".
dos anos consecutivos são significativas demais	*para serem*	ignoradas. Por isso, optamos por
No registro da tradução, utilizo com freqüência os parênteses	*para conterem*	
Após conhecer o ocorrido, Teseu pede aos servos	*para abrirem*	as portas
evangelhos foram sendo escritos	*para formarem*	um registro permanente.
sobrepõem apenas o suficiente	*para serem*	, por assim dizer, coladas uma à outra. Há uma
mundo todo por tua escolta	*para serem*	lidos ? Onde está teu silogismo, pelo qual tentas
seguem o critério da antigüidade	*para serem*	incluídas no comentário, "thus", "orchus" e
alguma afirmação ou quando forem suficientes	*para suprirem*	elementos da tradição indireta
forma escrita apenas para fins mnemônicos,	*para serem*	preservadas para
	para serem	descobertas, embora, abstratamente elas possibilitem o enunciado.
61 Cf. VI, 2. O epigrama evidencia no desfecho o subterfúgio de muitas adúlteras que,	*para evitarem*	o
existentes são muito importantes	*para serem*	descartadas.
por terem sido educados	*para terem*	maus hábitos" . Holzberg acredita que lâmbulo possa ter
afecções psíquicas, conjuntamente,	*para serem*	percebidos e do recurso à atividade
três delas melhor avaliadas	*para serem*	empregadas em série: genv o" isl on, dos dátilos; genv o"
tomado pelos governadores, mais tarde, após a República,	*para designarem*	o seu status
s homens fazem o reconhecimento de Cartago; Mercúrio predispõe os púnicos e Dido	*para receberem*	bem os troianos
	para existirem	de algum modo, reside nelas algo de forma [...] Portanto, seja
de não judeus que buscam uma corte rabínica (beith din)	*para fazerem*	a conversão
facilidades e oportunidades, inclusive	*para poderem*	seus descendentes da
escolhidas	*para comporem*	os modelos desta dissertação são mulheres, consideradas estrangeiras de
representam o herói)	*para serem*	assadas e devoradas, o que é resolvido com a fuga e
país em 15 dias	*para irem*	para qualquer país, só que os cônsules desses
algum, mas precisa passar por ajustes	*para serem*	utilizados na língua japonesa.
~~ansiosamente a hora da lavagem~~	~~*para assentarem*~~	~~Aliás, ela era enorme para esse~~
	para formarem	as palavras equivalentes às coisas e fenômenos" (LIPINER, p. 94).
sugeridas como interessantes	*para serem*	usadas pelo visitante,
ela mobiliza os órgãos subservientes dessa emoção	*para agirem*	a favor desse
judaicas, e propunha que os judeus recebessem uma educação européia	*para poderem*	ser aceitos pelas
de uma imensa rede de empresas subcontratadas	*para produzirem*	peças, componentes e
os imigrantes vindos da Ásia (japoneses e chineses)	*para trabalharem*	nas lavouras
demais do Egito	*para retornarem*	.
suficientes	*para serem*	escondidos numa sela.
empregar os termos existentes em sua própria língua	*para usarem*	outros que são
profetas a espada...".348 Quando ele pediu aos israelitas reunidos	*para escolherem*	entre
expressões corriam o risco de serem modificadas, omitidas ou harmonizadas	*para ficarem*	
da dinastia almorávida, de irem a Alandalus,	*para serem*	formados em meio de seus
ficou claro que, ao concordar com o chamado de Deus	*para serem*	testemunhas, os

ais listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como aptos	*para serem*	
Heróis",	*para serem*	distribuídas entre os participantes da primeira guerra mundial.
Aqui surge um paradoxo: os judeus dependiam do favor real	*para permanecerem*	em
	para figurarem	juntos em uma sentença, ou incompatível, pela impossibilidade de
caráter de empréstimo	*para tornarem*	-se parte integrante do universo cultural que os acolheu.
moradores da casa	*para falarem*	menos palavrão e para conversarem
Faleceu no dia 13 de outubro de 2007, aos 65 anos, deixando vários livros	*para serem*	

número de citações quanto pelo procedimento usado	*para serem*	transmitidas, foram colocadas na
Entre as quarenta e uma expressões, selecionamos as mais significativas	*para serem*	
estudo. Nesses trabalhos,	*para diferenciarem*	-se das outras escolas lingüísticas, com a intenção
amplitude e dispõe de muitos dados	*para serem*	analisados e interpretados, fez-se
andam mais ou menos intimamente ligados,	*para exprimirem*	determinada
supostamente sofisticadas o bastante	*para expressarem*	as culturas ocidental-
	para constituírem	a arena comunicativa (Cf. MARCUSCHI, L. A. O diálogo no contexto da aula expositiva:
todas as mensagens correspondentes	*para responderem*	, não tendo acesso a outros argumentos
~~Dolz, p. 57-63), de que o gênero é um instrumento do qual os indivíduos se apropriam~~	~~*para nortearem*~~	~~-suas~~
individuais, circunstanciais ou momentâneos — ocorrências inéditas —	*para serem*	
outra parte) ou as partes podem se auto-selecionar	*para começarem*	a falar;
partir do conhecimento partilhado entre eles	*para fazerem*	a conexão do tópico com o
Na próxima subseção,	*para somarem*	-se às reflexões desenvolvidas até aqui, e a fim de
foram aprovados no referido concurso, habilitados	*para serem*	providos em
em 1887, os críticos franceses encontram o pretexto desejado	*para atacarem*	
e Robert Desnos	*para escreverem*	juntos.
dilacerante, gritarão	*para expressarem*	o "innommable".
dos meninos, as meninas são criadas	*para serem*	reservadas, falar sem paixão, baixo, de
são indispensáveis justamente	*para serem*	confrontados com os estrangeiros,

Normandia	*para estabelecerem*	os fundamentos de uma nova tendência pictórica.
sob o pretexto de que são pequenas e ainda é cedo	*para tomarem*	conhecimento.
atividades o inconsciente deve obedecer	*para serem*	incorporados em seus atos respectivos
	para encontrarem	um momento de comunhão
realizar com a língua trabalhada, e o que deveriam saber	*para serem*	capazes de
são, na sua maior parte, interessantes, mas estão ali mais	*para serem*	lidos,
no convento da "Visitation"	*para serem*	convertidas ao Catolicismo. Agraciar os demais
[sic] absorventes	*para encherem*	a existencia sem aquelle agradavel desenfado
trabalhassem em grupos (de, no máximo, 4 alunos),	*para discutirem*	juntos,
pede-se aos clientes	*para trazerem*	de casa seu próprio açúcar, caso queiram adoçar sua bebida
desses africanos trazidos	*para trabalharem*	nas plantações de café e cana-de-açúcar,
Anos depois, com outras obras	*para serem*	escritas, Dumas escrevia suas
tiveram suas filhas escolhidas	*para serem*	levadas em sacrifício para felicidade
alinhavadas	*para serem*	ditas, não lidas. Não poderia imaginar um elenco
dar aos leitores uma sucinta idéia dêle, não s mente	*para conhecerem*	esta carniceira
	para comporem	seus livros e, depois, queimam-nas. Como podemos ver, o conto de
- propor exercícios	*para serem*	feitos em casa 1
[...] sem escravos não se produziria açúcar. E escravos em grande número;	*para plantarem*	a
"Batuque" ou "Samba" tornaram-se dois termos generalizados	*para designarem*	a dança profana
Os exemplos acima,	*para serem*	gramaticais em português, precisam ter o termo
respectivamente - podem se revezar, de maneira paradigmática,	*para serem*	
palavras	*para serem*	imitadas, sendo 21 sílabas para cada som ([s], [z], [ ], [ ], [ ], [ ] e [l]) que
"... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas,	*para ficarem*	mais
imigrantes	*para trabalharem*	com a policultura (em oposição ao sistema
Bates, Camaioni e Volterra (1978),	*para compreenderem*	como a
vivas em competição pela vida:	*para subsistirem*	, precisam ser úteis e bem adaptados ao
elementos autônomos. Supõem a presença de gramemas	*para pertencerem*	a uma
Antigüidade. Estas eram por demais numerosas e significativas	*para serem*	deixadas
"as palavras que são feitas	*para serem*	lidas e as que são feitas para serem ditas
enunciadores	*para dizerem*	o que dizem, não em sua dimensão ontológica, mas como sujeitos
como recortes	*para serem*	estudados. Podemos analisar a construção do sentido do timbre
escrevem contos, pena não haver estes livros disponíveis	*para serem*	mais
por eles, são inteligentes demais	*para dividirem*	uma vida com um homem, elas precisam da
concebidos	*para serem*	únicos: lê-se, no final do primeiro parágrafo, que as peças nunca foram
hora"	*para recolherem*	dados legítimos. Durante a primeira expedição ao Brasil chefiada por
Entre os Wapixana, não é usual o termo aldeia	*para referirem*	-se ao lugar onde vivem,
então aparecerem nas transações, sob forma de proposições,	*para serem*	aceitas, negociadas
de Melo. No início da cena, ela prepara seus destinatários	*para receberem*	uma grande
meninos, C1 e C5	*para apresentarem*	seus amiguinhos fantoches para todos da sala. Já,
os quais,	*para serem*	lidos em sua complexidade, precisam ser vistos como enunciação e

~~esquemas, a cada nova informação, se modificam ou se adaptam~~	~~*para absorverem*~~	~~-a~~
agente/causador – requerem um ambiente verbal	*para serem*	projetados.
de estar vinculados a descrições	*para poderem*	referir, co-
orgânica."28 Dentre outras coisas, isto quer dizer que,	*para entrarem*	na arte, as sensa-
mania	*para darem*	solidez e garantia de duração à sua posição dependente e
salazarista, sentem-se mais livres	*para exporem*	suas idéias e não se filiam a grupos
Antunes, [...] [era] escasso o tempo	*para fugirem*	na direção do
em rótulos	*para serem*	oferecidas a pessoas variadas: amigos, apreciadores ou a alguma dama
vítimas para as de representantes do diabo na terra, voluntários do Maligno	*para realizarem*	
medonhas encontram fácil via de acesso	*para inflamarem*	as feridas da alma
único cevado e de uma vitela	*para pagarem*	a passagem do rapaz" (QFM, p. 1255-1256).
A poesia de superfície e a subterrânea são forças natagônicas que,	*para continuarem*	
instituição de tanto respeito levar suas vestes naquelas condições	*para serem*	lavadas e
sugeitaram à servidão,	*para resgatarem*	aos Fieis. A esta sagrada Ordem concederão os Pontífices notaveis
	para fugirem	para Paris. É o fracasso dessa tentativa de fuga que permeia todo o
No soneto de Camões, as palavras selecionadas	*para formarem*	as rimas são
principalmente a oralidade,	*para interagirem*	.
praticamente inexistente. Assim, muitos escritores da época,	*para complementarem*	a
destino, para não se contentarem com pouco,	*para lutarem*	por sua aparição.
transitarão	*para irem*	juntar-se aos que já estavam cegos.
Caberá a Orfeu conjurar, com seu canto, os deuses d a Samotrácia	*para amainarem*	
cansaço e as frustrações	*para enfrentarem*	novamente mais desafios e mais obstáculos na
	para poderem	sonhar com uma visita ao talho e cento cinqüenta de alcatra
quando pai e filho se juntaram	*para formularem*	um acordo. O estudante
nossos,	*para serem*	rezados como prá tica religiosa
"A sala é larga e limpa. As próprias grades são pintadas de branco	*para deixarem*	
estudo dos poemas que foram escritos	*para comporem*	o capítulo No Poema, poesias

Contexto precedente	***Expressão de busca***	***Contexto subsequente***
esquemas, a cada nova informação, se modificam ou se	*adaptam para absorverem*	a
. 57-63), de que o gênero é um instrumento do qual os indivíduos se	*apropriam para nortearem*	suas
que se entrelaçam, ultrapassam barreiras, se distanciam e se	*aproximam para promoverem*	
próprios	*criam para serem*	distinguidos e caracterizados como nomes-substantivos.
misturam e se	*entrecruzam para estimularem*	e enriquecerem tanto o exercício da
quando pai e filho se	*juntaram para formularem*	um acordo. O estudante
ansiosamente a hora da	*lavagem para assentarem*	. Aliás, ela era enorme para esse
2000 agentes árabes receberam	*ordem para manterem*	-se alertas para uma
sejam eles de autoria de Prévert ou não, saem de seu lugar de	*origem para formarem*	
fazer uso das armas materiais que	*possuem para começarem*	sua luta contra os burgueses.
	saem para sofrerem	o processo final de pelação entre grandes escôvas.
fogo, os interlocutores usam o espaço	*também para exercitarem*	a crítica social. Nesse sentido,
base e uma descrição dos recursos que os formandos	*utilizaram para executarem*	-na,

Orações Causais

contexto precedente	*expressão*	contexto subsequente
"(...) criticaram-nos, diz Sartre,	*por acentuarmos*	a
análise geral dessas duas categorias	*por acreditarmos*	que refletem dados
um todo, propomos o estudo do tabu lingüístico	*por acreditarmos*	que este
	por adotarmos	a descoberta freudiana como ponto de partida, não
Ainda	*por considerarmos*	o fato de Vieira ter elaborado o "Sermão da
[1977], p. 154),	*por considerarmos*	esta influência, justamente, mais ligada a
olhar passou por um processo de ampliação,	*por considerarmos*	similares as
o eixo temático. Escolhemos o termo "eixo"	*por considerarmos*	que ele é ao mesmo
apenas para uma oração, não o fazemos	*por considerarmos*	o que
Sitio do Pica-Pau Amarelo foram escolhidos	*por considerarmos*	ser um facilitador para a
enunciador. Decidimos adotá-lo,	*por considerarmos*	que ele ajuda a sublinhar a participação do enunciat
). Privilegiamos esses três gêneros, entre outros,	*por constatarmos*	,
uma análise de seu conteúdo filosófico,	*por crermos*	mais útil às conclusões que pretendemos
2 Preferimos deixar a palavra em seu original	*por desconhecermos*	a acepção do termo para Meleagro.
de Jerônimo contra Rufino	*por entendermos*	que o movimento de defesa parte de Jerônimo em
das letras clássicas, ancorados na língua grega,	*por entendermos*	que o
imagem,	*por entendermos*	que elas também são enuncia tivas e constróem ser
qual há de demorar algum tempo	*por estarmos*	hoje no mais embrulhado da
Citamos esses dois livros didáticos	*por pensarmos*	ser importante o fato de que a
n língua estrangeira; pelo contrário, é justamente	*por reconhecermos*	os avanços
arefa que não podemos recusar, especialmente	*por reconhecermos*	a falta de
etanto, toda a tragicidade é atenuada unicamente	*por sabermos*	que Cnêmon não está morrendo, o que confere à ce
expressão "discurso (de) políticos",	*por selecionarmos*	como objeto de nossa investigação os
	por sermos	produto da mestiçagem - portanto, de vários outr
norma que seguimos necessariamente	*por sermos*	membros duma comunidade
dizendo apenas que isto ocorre	*por sermos*	incapazes de nos elevarmos
c)	*por vivermos*	em meio à intensa carga informacional, o público pr
não transcenderíamos	*por estarmos*	imiscuídos nesse mundo, isto é, nossa própria

contexto precedente	*expressão*	contexto subsequente
Panorama, Tempo, Forum, Campus), ou	*bem por representarem*	alguns dos recentes lançamentos de duas
nas oficinas, supomos que os alunos o	*conheçam por serem*	usuários da língua.
presentadas e/ou reforçadas (porque alguns alunos já as	*conheciam por terem*	sido
e outros pesquisadores se	*destacam por terem*	trabalhado com conceitos de
Resta ressaltar, ainda, que, dentre esses textos, alguns se	*destacam por apresentarem*	
se	*diferem por serem*	abelhas, sendo sempre idênticas. Para toda pluralidade ap
Estes poetas se	*distinguem por aumentarem*	a clareza das definições dos gêneros
superioridade e não o	*fizeram por terem*	um comportamento entendido como masculino.
Romanas	*impressionam por serem*	compostas no mesmo esquema métrico, estrofes alcaicas
No caso das palavras com artigo definido,	*ocorreram por serem*	monossílabos. Em
tes (eles tomam tempo e	*perduram por terem*	partes,
pelos filhos de Anco Márcio, que se	*revoltaram por verem*	o trono cedido a um estrangeiro

contexto precedente	*expressão*	contexto subsequente
"(...) criticaram-nos, diz Sartre,	*por acentuarmos*	a
análise geral dessas duas categorias	*por acreditarmos*	que refletem dados
um todo, propomos o estudo do tabu lingüístico	*por acreditarmos*	que este
	por adotarmos	a descoberta freudiana como ponto de partida, não
Ainda	*por considerarmos*	o fato de Vieira ter elaborado o "Sermão da
[1977], p. 154),	*por considerarmos*	esta influência, justamente, mais ligada a
olhar passou por um processo de ampliação,	*por considerarmos*	similares as
o eixo temático. Escolhemos o termo "eixo"	*por considerarmos*	que ele é ao mesmo
apenas para uma oração, não o fazemos	*por considerarmos*	o que
Sitio do Pica-Pau Amarelo foram escolhidos	*por considerarmos*	ser um facilitador para a
enunciador. Decidimos adotá-lo,	*por considerarmos*	que ele ajuda a sublinhar a participação do enunciat
). Privilegiamos esses três gêneros, entre outros,	*por constatarmos*	,
uma análise de seu conteúdo filosófico,	*por crermos*	mais útil às conclusões que pretendemos
2 Preferimos deixar a palavra em seu original	*por desconhecermos*	a acepção do termo para Meleagro.
de Jerônimo contra Rufino	*por entendermos*	que o movimento de defesa parte de Jerônimo em
das letras clássicas, ancorados na língua grega,	*por entendermos*	que o
imagem,	*por entendermos*	que elas também são enuncia tivas e constróem ser
qual há de demorar algum tempo	*por estarmos*	hoje no mais embrulhado da
Citamos esses dois livros didáticos	*por pensarmos*	ser importante o fato de que a
n língua estrangeira; pelo contrário, é justamente	*por reconhecermos*	os avanços
arefa que não podemos recusar, especialmente	*por reconhecermos*	a falta de
etanto, toda a tragicidade é atenuada unicamente	*por sabermos*	que Cnêmon não está morrendo, o que confere à ce
expressão "discurso (de) políticos",	*por selecionarmos*	como objeto de nossa investigação os
	por sermos	produto da mestiçagem - portanto, de vários outr
norma que seguimos necessariamente	*por sermos*	membros duma comunidade
dizendo apenas que isto ocorre	*por sermos*	incapazes de nos elevarmos
c)	*por vivermos*	em meio à intensa carga informacional, o público pr
não transcenderíamos	*por estarmos*	imiscuídos nesse mundo, isto é, nossa própria

Orações Relativas

contexto precedente	*expressão de busca*	contexto subsequente
para si mesmo uma relação das	*ações a serem realizadas*	na sala de aula;
	acontecimentos a serem explorados	na Eneida.
	alterações a serem efetuadas	pelos formandos sobre o texto da menina se apoiass
nativas. Entretanto, como se viu, não há propriamente	*alternativas a serem escolhidas*	.
inóspitos	*ambientes a serem vencidos*	, as barreiras a serem derrubadas e a insegurança do
	aspectos a serem considerados	no começo de qualquer obra doutrinal, ou seja, assu
últimas compreendem cinco	*aspectos a serem seguidos*	pelo crente: a profissão de fé
	atividades a serem desenvolvidas	, além de procurar motivar o professor para que ele
no sobre os dois tonéis de onde Zeus tira os males e os	*bens a serem distribuídos*	aos homens,
os pensamentos adversos. Tu, ó @ ! , confere-nos	*bens a serem invejados*	
de queixo apoiado nos joelhos, os	*braços a envolverem as*	pernas, e
novos	*caminhos a serem trilhados*	. Pelas indicações bibliográficas, pelo
Em nossa tese é este um dos	*caminhos a serem percorridos*	nas análises dos
próprio texto indica os	*caminhos a serem seguidos*	. Não se pode esquecer de
como	*categorias a serem buscadas*	tais e quais nos textos analisados. Busco apenas tor
de intensidade, ou outras possíveis	*categorias a serem pesquisadas*	.
Os	*códices a serem discutidos*	são:
como símbolos de modelos	*comportamentais a serem espelhado*	pelo homem moderno e
metaforicamente, assinalando que os primeiros	*conceitos a serem compreendidos*	são os
las próximas seções, serão apresentados os principais	*construtos a serem utilizados*	
Tivemos que necessariamente limitar o número de	*contextos a serem examinados*	
No terceiro dístico seguem os	*cuidados a serem tomados*	pelo mensageiro
	dados a serem utilizados	estarão em formato digital, não existe perda ou disto
gênero de canções	*destinadas a serem cantadas*	ao som da lira, só entrou em uso
de tempos diversos que, encantados pela riqueza de	*detalhes a serem explorados*	em sua série
tags. Partindo das	*diferenças a serem ressaltadas*	entre PB e inglês, nosso objetivo é reforçar
combatidos, as	*dificuldades a serem enfrentadas*	. Ao final da elegia, temos:
tam-se	*dificuldades a serem resolvidas*	e que exigem, por isso, a penetração

inquietos, solipsistas, labirínticos,	*enigmas a serem decifrados*	pelo leitor. Todos se debatem para
e, por fim, interpretar o sentido dos	*espaços a serem analisados*	e a busca pela
relações estruturais	*específicas a serem reconhecidas*	pela interface conceptual-intencional. Por
leitor quanto às	*estratégias a serem usadas*	para a sua decodificação. Dessa forma,
filosóficos"), a concretude, as	*etimologias a serem resgatadas*	graças à sensibilidade de um
participação na festa ou se organizam	*eventos a serem apresentados*	
que as duas modalidades têm	*exigências a serem cumpridas*	na execução do
reflexão e, portanto, de seleção das	*falas a serem ditas*	, aumentando, em
que há apresentação dos	*fatos a serem debatidos*	durante a interação, por meio de uma voz
casamento bem sucedido com	*filhos a serem levados*	para o colégio, roupas a serem
ligada com o seu destino pessoal, os objetos e	*fins a serem atingidos*	são responsáveis
sejam resolvidas as tensões entre os	*fragmentos a serem relacionados*	.
A concepção da obra como tecido cheio de lacunas, de	*hiatos a serem preenchidos*	pelo leitor, a quem cabe

são retratadas enquanto modelos sociais e	*históricos a serem seguidos*	. Partimos do
e imitada. O sucesso da obra deveu-se não somente às	*indicações a serem seguidas*	para
das	*informações a serem passad*	. Há outras maneiras de se
conflitos entre as coisas como grandes	*injustiças a serem expiadas*	na ordem do tempo,
Platão enumera, sob a fala do Ateniense, uma série de	*itens a serem aprendidos*	
valores fóricos e	*juntivos a serem incorporados*	onde o estereótipo era uma marca
fogueira cresce com os	*lenhos a serem queimados*	, com sacrifício votivo honrarei o
s seis horas, vou morrer em até um ano"). Ele se impõe	*limites a serem respeitados*	
Assim, não considerarei, nas análises de textos	*literários a serem empreendidas*	neste
de terra junto ao governo imperial para dividi-las em	*lotes a serem distribuídos*	
apoiou-se no fato de os fonemas líquidos serem os ú	*ltimos a serem adquiridos*	(WERTZNER,
é uma das	*máscaras a serem arrancadas*	. Não a última, pois, sob ela, há camadas e
enascentistas passaram a imitá-los, adotando-os como	*modelos a serem seguidos*	.
hebraico na atualidade, tende a ditar os	*modelos a serem seguidos*	. Contudo,
O mesmo escritor que orientou as	*mulheres a serem submissas*	a seus maridos e
Para tanto, temos em vista três	*objetivos a serem atingidos*	em nosso estudo:
Na primeira frase, situam-se os	*objetos a serem descritos*	e o lugar onde se
determinada teoria crítica sobre o conteúdo das	*obras a serem comparadas*	. Nós nos
Não há lista de mandamentos, nem	*obrigações a serem observadas*	104.
prever o maior número de	*obstáculos a serem superados*	. Assim, não cabe aqui levar adiante
psicológico. É claro que surgem, habitualmente,	*obstáculos a serem vencidos*	, e isso
da linguagem, e os interruptores são as	*opções a serem determinadas*	pela
as: o corpo, dividido em duas partes, onde estavam os	*orifícios a serem pressionados*	
	palavras a serem decoradas	. Deve-se encarar a unidade lexical contextualizada, p
cenários e nem	*papéis a serem representados*	, somente a atribuição de denominações e
São Paulo, propôs uma série de	*passos a serem dados*	para a
ao planejarem meticulosamente os	*passos a serem seguidos*	.
das	*peças a serem encenadas*	, sabemos que no dia 7 foi representado um texto
como se não fossem	*peças a serem lidas*	, cujo horizonte de destinação é o leitor, mesmo
	penumbras a serem transpostas	), coragem que poderíamos ver simbolizada pela
	perguntas a serem respondidas	pelo critério de livre escolha do entrevistado (cf. doc.
dos	*poemas a serem apresentadas*	, que, naqueles poemas de Fernando Pessoa, há

que se constrói a partir da tradução. São vários os	*pontos a serem observados*	
novas	*populações a serem exploradas*	. Vieram as grandes aventuras marítimas e os
A descrição dos	*pratos a serem servidos*	se apresenta altamente simbólica.
São três as fontes	*primárias a serem utilizadas*	como materiais sistemáticos de
Obviamente, os	*primeiros a serem chamados*	foram os agentes da lei e da
ele nos alerta para duas questões	*principais a serem consideradas*	:
exaltados, jovens	*príncipes a serem instruídos*	, mitos a serem rememorados ou
os	*princípios a serem levados*	em conta na elaboração de um programa e das ativi
envolvidas numa descrição: escolha das	*propriedades a serem atribuídas*	ao tema-título e
importante nesse processo. Ela vai determinar as	*providências a serem adotadas*	pelo poder

reflexão filosófica. Uma das	*questões a serem investigadas*	nesta pesquisa
japoneses foram incumbidos de localizar á	*reas a serem adquiridas*	, visando um
com um grau de maior ou de menor consciência – os	*recursos a serem empregados*	para
	romances a serem apreciados	.
sabiamente, sobre alguns	*rumos a serem seguidos*	. Sua colaboração foi essencial para a
indicava os	*rumos a serem seguidos*	.
há alguns	*sofrimentos a serem suportados*	por ti" (Skutsch, 1985: 211). Elliott (2007: 50)
instâncias	*teóricas a serem consideradas*	para uma completa descrição do corpus em questão
Ao fazer a escolha dos	*textos a serem analisados*	também foi necessária a escolha dos
sócio-econômico e cultural, passando a delimitar os	*títulos a serem analisados*	na obra de cada
	tópicos a serem abordados	por uma disciplina, ponto de resolução nem sempre
dizem os textos do próprio Sêneca sobre os	*tópicos a serem desenvolvidos*	na tese. Os
mo tempo, é um discurso da sociedade que contém os	*valores a serem buscados*	. No
normal respectivamente. Nas Tabelas 36 e 37 as	*variáveis a serem destacas*	são
que se traduziria em	*verbas a serem usadas*	na construção de escolas profissionalizantes e

Verbos de Alçamento

contexto precedente	*expressão de busca*	contexto subsequente
de Georg Bendemann,	*basta tomarmos*	a questão do celibatário social mais a questão da
encontro à idéia de um Deus cujos juízos são retos;	*basta considerarmos*	que, se
aspecto,	*basta observarmos*	seu discurso:
	basta lermos	o que escreve para Claude-Philippe Fyot de la Marche, seu ex-colega de classe
a partir da década de 60. Para termos uma dimensão de sua importância,	*basta lembrarmos*	
Antes de iniciarmos a análise propriamente dita,	*convém esclarecermos*	que
instâncias,	*convém chamarmos*	os actantes do simulacro de
quisermos que alguma coisa pareça claramente grande,	*basta colocarmos*	outra
podem ter um diabo de "estimação" dentro de si o qual,	*basta desejarmos*	, pode vir à tona e
modo, penso que	*convém termos*	em vista, em cada caso, a oportunidade
estudos medievalistas de Paul Zumthor, Bernard Cerquiglini e outros,	*convém encontrarmos*	
pertinente. Para comprovarmos este fato	*basta lembrarmos*	que Bernardo Santareno não

contexto precedente	expressão de busca	contexto subsequente
assim	*convém serem*	lançados os dardos de Hércules. [990]
E não perguntes em que proporção:	*basta serem*	meus.
deles	*pareciam terem*	sido usados na mágica sincronizada como nos cuidados do nascimento, veja:
pele sempre jovem e bonita, pois	*parece serem*	essas as grandes preocupações do leitor. Deste
A razão, a ciência, a tecnologia e todas as filosofias	*parece conspirarem*	contra o homem,

Orações completivas

contexto precedente	*expressão de busca*	contexto subsequente
pertinentes que se	*caracterizam por serem*	ou dialogais (interação,
ularmente as injunções paradoxais, são os que nos	*interessam por serem*	os
ão do estado, o que levou pessoas a delatarem e a	*agradecerem por terem*	

Orações Temporais

Contexto precedente	*Expressão de busca*	Contexto subsequente
vestuário e calçado? E,	*depois de terem*	construído casas,
Dem. v.44-46). Todavia, se todos os assistentes ficaram temerosos	*ao virem*	o prodígio e
10 Disso servem de exemplo alguns jovens de Tarento, que,	*depois de terem*	dito
ação."5	*Ao comentarem*	a necessidade de contextualização para que se possa compreender
11 Perelman & Olbrechts-Tyteca (2000:22),	*ao procurarem*	estabelecer definição adequada para auditório
o seu acontecimento específico,	*depois de terem*	por longos 65
Assim, os acadêmicos helenistas realizaram uma primeira seleção	*ao filtrarem*	o melos
flui ????TPF 624FPT, e emprestam charme a Pandora,	*ao colocarem*	colares de ouro em seu pescoçoTPF 625FPT.
Longo foi o caminho dos epigramas de Meleagro	*antes de chegarem*	a fazer
	Ao virem	íngreme incombatível ardil aos homens.
persegui-los por algum tempo, quando já era noite,	*ao voltarem*	-se aos naufrágios, dominaram a
Ênio e Homero; estes o fazem no começo dos seus textos,	*ao invocarem*	as Musas, e nisso
dirige-se ao que lhes é estranho, e,	*ao apegarem*	-se a isto, apartam-se tanto
revelação como sendo tão tremenda que israelitas morreram	*ao serem*	expostos
opiniões, foram banidas: todas as novas relações se tornam antiquadas	*antes de chegarem*	a se
influência do próprio texto bíblico. Porém,	*ao observarem*	-se mais atentamente as
	Depois de passarem	alguns anos em Paris, devido à ascensão e iminentes
Vieira enfatizam ainda mais o caráter ético, moralizante, da Comédia,	*ao assinalarem*	
níveis de flutuação,	*ao serem*	despedidos e afastados facilmente do local de trabalho no
Logo	*ao desembarcarem*	no Brasil, os imigrantes trazidos do Japão foram
As outras nações, especialmente aquelas a serem conquistadas,	*ao ouvirem*	
bíblico	*ao conduzirem*	a questão da homossexualidade bíblica para o campo da
fato, apresenta muito poucas variantes.17 Tov e John A. Thompson,	*ao caracterizarem*	o
complementação no Novo ou é por ele substituído. Os judeus,	*ao rejeitarem*	o termo
profetas modificaram radicalmente esta visão	*ao universalizarem*	a fé bíblica 118. O
Conforme Neves (2005: 198),	*ao trabalharem*	com as categorias
estudiosos a se conhecerem melhor	*antes de analisarem*	outras sociedades.
tosos foragidos	*ao serem*	presos - tão este procedimento era contrário às idéias polí-
forma que	*ao juntarem*	-se todos os elementos, uns aos outros, obtém-se o objeto em
pensamento, Lakoff e Johnson (1980),	*ao analisarem*	diversas expressões idiomáticas da
expressa. Os termos utilizados por tal linguagem,	*ao constituírem*	progressivamente
textos,	*ao utilizarem*	o discurso relatado, acabam mostrando não só os interlocutores e o quadro

portuguesas,	*ao entrarem*	no léxico do sãotomense, sofreram metaplasmos para se
Brasil	*ao responderem*	à questão de Lingüística e Língua Portuguesa da prova do Exame
Como os provérbios são perpetuados na memória coletiva,	*ao serem*	
semanticamente ao seu enunciado: "	*Ao atribuírem*	conotações particulares aos
que,	*ao selecionarem*	"[...] enunciados capazes de constituírem a seqüência do
construir a cidadania" (2002: p. 18). Para este autor,	*ao serem*	avaliadas unicamente
máquina	*ao agirem*	sobre ela e receberem, em troca, uma "retroação".
Magalhães em Português: Linguagens (São Paulo: Atual, 2003, p. 119)	*ao proporem*	o
dificuldades dos falantes	*ao aprenderem*	português como segunda língua. Iniciamos
nas relações em sociedade que os sujeitos,	*ao interagirem*	por meio da linguagem, vão
de tópico e de foco são assinalados por traços (no caso, criteriais) já	*ao entrarem*	na
sagrada, para que se guarde, por sua vez. As estórias,	*antes de serem*	narrativas, são
	Ao acenderem	-se os dez lustres, ela dá um grito; não é o desespero daquela noite,
	ao explorarem	o currículo de grandes personagens e, ao mesmo tempo, a fazer
específicos, característicos de um único gênero da retórica.	*Ao serem*	associados ao
	antes de serem	anunciadas e se fossem iguais, o participante que fez a pergunta se
	Ao retomarem	essa distinção, os autores pretendem elucidar a sua posição

estudo mais detalhado	*ao integrarem*	o corpus da pesquisa.
uma vela pela escada.	*Ao chegarem*	ao térreo, notaram a porta da loja entreaberta. Do lado
Suas memórias adquirem uma espécie de linha lógica	*ao encontrarem*	
representados pelo silêncio dos convivas/bestas à mesa	*ao satisfazerem*	seus
	depois de terem	feito o curso de fonética eles se sentiam mais confiantes para falar e
e resultado concorda com o encontrado por Wertzner et al. (2005a), que	*ao estudarem*	
alguns autores alternarem a terminologia utilizada	*ao tratarem*	sobre as transformações de
ser aliados do país que os recebesse para,	*depois de estarem*	estabelecidos,
Prizant e Wetherby (1990),	*ao escreverem*	sobre a integração entre o
	ao responderem	questões que ainda constituem tabu nas áreas rurais –
quais,	*ao serem*	disparadas sucessivamente, possibilitaram imagens fixas do galope
Vários estudantes foram estudar nos Estados Unidos e,	*ao voltarem*	, tomaram a frente em suas cidades. Veja
auto-representação.	*Ao tecerem*	a estratégia dessa literatura,
Millett	*ao levantarem*	a questão social da mulher, como resultado de sua condição
forma,	*ao serem*	formuladas, elas devem levar em consideração o repertório do consumidor: sua
cada um, que	*ao serem*	confrontadas, criam uma zona intermediária de "colocação comum"
produções conseguem notoriedade em outras terras	*ao serem*	exportadas para mais de
Educação, verificamos que,	*ao discorrerem*	sobre o ensino da língua materna no
zão e,	*ao abrirem*	-se as comportas, criaram não um, mas vários suportes. Por
Sua função subalterna, servil, fica, desde o início, definida. Só	*depois de terem*	
horizontes	*ao darem*	uma dimensão existencialista à obra em prosa, ao revolucionarem
alguns dados biográficos,	*ao serem*	imbricados à lei tura de sua obra, terminam
A dedicação a esse tema abrange importantes teóricos que,	*ao lançarem*	um olhar
definição controversa, ora tida como passional, ora como satírica.	*Ao citarem*	exemplos de
números de todos os túmulos desta ala	*antes de serem*	coladas as "placas de mármore"
fez e teve os exemplos e ideias das obras que depois fez, e as viu,	*antes de serem*	, tão perfeitos como
especialmente se forem belas	*ao crescerem*	, desenvolvem certo
Os membros de um grupo social,	*ao interagirem*	, constantemente e
perplexos,	*ao saberem*	que Vergílio não gostava de lecionar. Entretanto, ele era o profissional cuida-
geral, à moda dos antigos pregões que,	*ao cumprirem*	seu papel, transformam-se em
e	*ao desligarem*	o interruptor fecharem uma tampa sobre mim e
iguais a nautas	*ao notarem*	que o piloto/ perde o domínio do timão e
Santo Agostinho chama de tempo à impressão que as coisas,	*ao passarem*	, deixaram no
insensibilidade do homem em relação ao animal.	*Ao subirem*	, durante a noite, uma serra

Contexto precedente	*Expressão de busca*	Contexto subsequente
quer que formos	*ao vagarmos*	[175] pelas cidades bem ordenadas dos homens, e eles
	Antes de prosseguirmos	na análise, é necessário expor um pequeno comentário de
Sêneca é uma porta para o estudo do mundo romano.	*Ao analisarmos*	o poeta,
s conduzir a ação. Tal passagem é analisada no capítulo 4,	*ao estudarmos*	
nossas psiques	*ao lermos*	o poema.
embora alguém pretenda que	*ao pensarmos*	as palavras, falamos interiormente na
marcaram textos que lhe eram posteriores e, ainda,	*ao tratarmos*	dos Comentários,
E	*ao pensarmos*	na influência de Catulo sobre Ovídio, percebe-se que
antigos, apresentada neste trabalho,	*ao citarmos*	Northrop Frye. Após isso, focalizamos
mento ingênito existente na alma imortal. Se se supõe que,	*ao nascermos*	,
na maioria dos seus cola13.	*Ao compararmos*	a composição desses versos entre si constatamos a
seção da retórica. Essa hipótese inspira algumas questões.	*Ao vermos*	
	Ao analisarmos	a história das religiões percebemos que a maioria das
	Ao ouvirmos	a palavra "tradução", imediata e inevitavelmente a associamos a
nente ao estudo do conto de magia (volchiébnaia skázka).	*Ao lermos*	esses
	Antes de prosseguirmos	, vale lembrar que este é um recorte da imensa fortuna crítica
	Ao fazermos	uma estatística dos órgãos de imprensa dirigidos
ssíveis chaves interpretativas que poderiam ser acessadas	*ao discutirmos*	sua poética. A
natureza, como dissemos desde o começo	*ao falarmos*	do governo doméstico e o dos escravos, um
passa a se integrar na forma da língua que oacolheu. Aliás,	*ao falarmos*	em
	Ao observarmos	as várias aparições dos vocábulos dangling ou o verbo to
6. Há simplificação exagerada.	*Ao simplificarmos*	exageradamente uma
(1.50)	*Depois de jantarmos*	(R), comemos sobremesa (E).
desempenho de papéis em eventos sociais.	*Ao desempenharmos*	os papéis num
	Antes de tratarmos	efetivamente sobre a constituição do corpus de trabalho,
	Antes de iniciarmos	os estudos a respeito do discurso (de) político em situação de
tínhamos perdido a "noção de valor"	*ao substituirmos*	a "língua comum" por
	Ao levarmos	em conta a localização do falante no momento da enunciação a partir de um
Vejamos algumas dessas interpretações,	*antes de apresentarmos*	o modo como vamos
	Ao trabalharmos	com a teoria temÆtica, estamos considerando a funçªo semântica dos
mistura dos usos das formas pronominais se reforça	*ao atentarmos*	para o resultado de lhe no
ara conferir à sua crítica momentos de rara criatividade.	*Ao lermos*	
os "poética do movimento". Tivemos a idéia de tal conceito	*ao lermos*	em
	Antes de iniciarmos	nosso percurso, gostaria de informar o leitor acerca de alguns
	Ao compararmos	o texto de Rousseau à pintura de Gainsborough, notamos

descrever a heterogeneidade dos manuscritos para	*depois criarmos*	hipóteses que alinhavem
No entanto,	*antes de analisarmos*	a questão do amor, propriamente dita, devemos ter
trabalho, entretanto, só ganhará algum relevo	*ao podermos*	introduzir um quarto elemento ao
Contudo,	*ao iniciarmos*	os encontros semanais com os aprendizes, após as
	Ao tomarmos	os principais livros sobre a teoria do conto, láencontramos
social. Isso porque,	*ao aprendermos*	uma língua estrangeira, nós tentamos
universais, afinal elas não são percebidas como arbitrárias.	*Ao aprendermos*	outras
momento;	*antes de sermos*	educados pela educação criada pelos
Ora,	*ao considerarmos*	que a leitura proficiente de um texto teatral está subordinada a
Porém,	*antes de passarmos*	à análise propriamente dita, é preciso uma última
	Ao examinarmos	este trecho, constatamos que são os escravos que se dedicam
	Ao analisarmos	um provérbio, estudamos um pouco de poesia, de interpretação semântica
	Ao traçarmos	a genealogia destas ocorrências, notamos que o uso da língua
mas aos burros ou aos asnos.	*Ao tentarmos*	substituir "bourrique" por "tigre", por exemplo,

Mas,	*antes de passarmos*	para esse novo tópico, fiquemos ainda com essa imagem do
a Canção convincentemente instituiu a idéia segundo a qual	*ao analisarmos*	
há saber" (AUROUX, 1992, pp. 11-12).	*Ao recuperarmos*	, aqui, o modelo de Lakatos
locais e,	*ao chegarmos*	, descobrirmos que o endereço não existia e/ou que o
Dois pontos devem ser ainda mencionados	*antes de passarmos*	ao próximo
	Antes de iniciarmos	a discussão sobre os resultados encontrados é
	Antes de iniciarmos	essa discussão sobre significação e construção do sentido na
	ao consultarmos	a própria pesquisa de Koch-Grünberg, (1922, p. 73) o mesmo diz a respeito dos
	Antes de avançarmos	para a análise sintática, porém, passaremos para a análise semântica a
Assim,	*ao observarmos*	os encadeamentos, constatamos que, no turno (3), temos
	Antes de definirmos	de que maneira foram calculadas aqui a precisão, a fluência e a
	Antes de prosseguirmos	à análise dos dados do PB e propormos uma hipótese explicativa
	Ao buscarmos	um ponto de convergência entre elas, identificamos a
	ao comunicarmos	com outros, negligenciamos muitas das
individualista. Ainda,	*antes de partirmos*	para nossa leitura crítica, analisaremos o diabo da
	Ao levarmos	em conta o longo período de isolamento que viveram os povos
	Antes de partirmos	para o ponto mais importante deste estudo — a análise da lírica
Porém,	*ao investigarmos*	a literatura sob outra faceta, veremos que isto nem
	Ao considerarmos	o período Pré-Moderno como fundamental na
Em princípio,	*ao analisarmos*	a estrutura da narrativa, devemos fazê-
Goethe. Isto fica ainda mais claro	*ao relacionarmos*	a data na
	Ao percorrermos	toda a sua obra poética, percebemos o quanto Sophia
	Ao utilizarmos	o termo decadentismo/decadência é importante deixar claro

Colocação Pronominal

Contexto precedente	*expressão de busca*	Contexto subsequente
de Horácio,	*para nos restringirmos*	à poesia não-dramática latina, têm em comum ser
Virgílio	*para nos deleitarmos*	com o poeta. A sua poesia é pessoal e está ligada a duas
eterno tormento do diabo seriam um novo apelo	*para nos afastarmos*	do desejo das realidades
estamos à espera do tempo certo	*para nos livrarmos*	de um fardo, das
	para nos remetermos	ao(s) sujeito(s) é sempre o discurso.
Usamos o termo "esquema de conhecimento"	*para nos referirmos*	às
que será utilizado	*para nos referirmos*	a eles. A numeração das linhas foi feita por
	para nos referirmos	a quaisquer desvios provenientes das realizações da lingua
sição, do mesmo modo que nos silogismos lógicos: não	*para nos entregarmos*	indiferentemente às
impediria de empregar o termo —literatura‖	*para nos referirmos*	às produções anteriores ao
(37). Iremos então utilizar a sigla "W.2"	*para nos reportarmos*	a essa segunda parte.
mas ainda é cedo	*para nos ocuparmos*	dessa questão.
sentimos e ainda	*para nos compreendermos*	(les mots qui
apropriação do discurso alheio pelo arranjo	*para nos posicionarmos*	sobre em que
Armamo-nos com a teoria	*para nos depararmos*	não apenas com todas
que no Brasil falamos maldita	*para nos referirmos*	à erisipela. Já em latim,
Utilizaremos a marca do gênero feminino "companheira"	*para nos referirmos*	ao TU pois nos
7 Utilizaremos o termo maloca	*para nos referirmos*	à aldeia indígena, por ser a expressão corrente entre os índ
(1990 : 127) afirma que	*para nos referirmos*	a eventos usa-
paganismo. Os deuses são úteis, pois servem "...	*para nos conduzirmos*	entre os
	para nos referirmos	ao diabo ou a qualquer tentação remetida a ele na narrativa
r convenção, utilizaremos freqüentemente a sigla OESP	*para nos referirmos*	ao jornal.
ão decerto um paraíso, mas uma irremovível condição	*para nos sabermos*	e
enfrentamos diariamente	*para nos mantermos*	íntegros em nossa dignidade de seres humanos.
16 Doravante usaremos a sigla SD	*para nos referenciarmos*	ao conto O Senhor
mitologia grega,	*para nos atermos*	a um referente importante na poesia de Sophia, a

Contexto precedente	*expressão de busca*	Contexto subsequente
E isso de	*determo-nos*	apenas nos signos isoladar
Devemos, no entanto,	*lembrarmo-nos*	sempre do que nos diz KEN
japonês etc, julgamos que seria importante	*determo-nos*	em uma análise cuidadosa,
ento de medo não é lógico e sequer é apropriado para	*referirmo-nos*	a
de neologia léxica, pondera Cabré (1993:444), para	*referirmo-nos*	ao
	rebaixarmo-nos	(nós mesmos e a língua he
nosso dia-a-dia,	*depararmo-nos*	com inúmeros textos [...] cuj
	lembrarmo-nos	do fragmento 1, vemos qu
diferentes totalidades. Nossa opção é	*atermo-nos*	ao reconhecimento das cara
preciso, porém,	*limitarmo-nos*	nesta analogia entre o ato d
Ao	*servirmo-nos*	desse pequeno recorte da
	atermo-nos	a uma discussão mais impo
relaçã o de dependência com as culturas européias e	*libertarmo-nos*	
ós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para	*transformarmo-nos*	
análise não foi sem importância, uma vez que permitiu	*situarmo-nos*	em
Por outro lado, para	*aproximarmo-nos*	da geistesgeschichte, é pre
Ao	*depararmo-nos*	com sentidos diferentes atri
eqüência, atingiríamos um outro discreto objetivo: o de	*juntarmo-nos*	
tempero. Não se trata, aqui, de	*preocuparmo-nos*	com
Por que é que ver e ouvir seria	*iludirmo-nos*	
constelação queirosiana. De Juliana,	*lembrarmo-nos*	de Joana não foi difícil. A aia
necessário	*remetermo-nos*	a outra obra que ajudou a
s: "Agora mais do que nunca é preciso sermos amigos,	*amarmo-nos*	
isso, só se nos revela existindo, na medida em que, ao	*projetarmo-nos*	nele, penetra-lhe a luz de
pouco surpreendidos, ao	*referirmo-nos*	a este dualismo,
angústia'.(...)A angústia portanto procede de um súbito	*deslocarmo-nos*	das coisas, de um

Dados Coletados no Banco de Textos de Vestibular UFPel

Essas vítimas **ao serem humilhadas** ficam amedrontadas [red. 4, l. 23]
Vítimas de bullying têm sua frequência escolar reduzida devido ao **medo de sofrerem mais intimidações** [red. 6, l. 11]
A falta de atenção dos adultos e o fato de **tratarem essas essas agreções (sic) físicas e psicológicas** como sendo inofensivas [red. 6, l. 17]
Pois tem (sic) **medo de serem caçoados** [red. 11, l. 13]
É necessário que professores, pais, autoridades realizem mais campanhas e projetos **para conscientizarem as pessoas** [red. 12, l. 25]
Quem antes não conhecia, está agora adotando as características desses violentos, alguns simplesmente **por acharem a palavra legal** [red. 14, l. 6]
Claro que não é o principal **motivo para agirem** assim [red. 14, l. 14]
Crianças ... com **pavor de terem seus lanches roubados** ou **serem inferiorizado** (sic)[19, l. 13]
Pais e mestres **parece não estarem** realmente **a par da situação** [19, l. 16]
Podem constranger a vítima a tal **ponto de não desejarem** mais frequentar a escola [27 l. 21]
Alguns sofredores das agressões, **por não terem uma maior intimidade com seus pais**, procuram um padrinho [28 l. 21]
As escolas **por apresentarem um número considerável de estudantes**, possui assim uma grande miscigenação [32 l. 8]
A **probabilidade de se tornarem adultos inseguros** é muito elevada [35 l. 16]
Os praticantes **por serem basicamente crianças e adolescentes** acham muito engraçado [38 l. 8]
Por sofrerem ameaças, crianças e adolescente preferem esconder o real motivo de sua desmotivação [39 l. 10]
As crianças tem (sic) grande **chance de se tornarem** adultos depressivos [45 l. 17]
Muitas vezes **os responsáveis por manterem a ordem e a disciplina** [51 l. 16]
Podemos, nós, **tomarmos uma atitude** e **concientizarmos (sic) nossos jovems** [54 l. 17]
Somente com consciência e a **nossa capacidade** de amarmos uns aos outros [54 l. 24]
Poderemos salvar as nossas crianças e adolescentes **para** no futuro **serem respeitadas** e saber valorizar a vida [54 l. 30]
Tendo como principal consequência pra o futuro o peso de carregarem dentro de si ... [59 l.21]
Atitudes adotadas talvez por preconceito ou ainda **por não terem suas ideias** bastante formadas **para adotarem atitudes coerentes** [60 l. 11]

As pessoas são isoladas pelos outros **por serem diferentes** [61 l. 16]
Expõe suas vítimas a situações das quais não possuem estrutura psicológica suficiente **para defenderem-se** [65 l. 6]
Com os pais que incentivam seus filhos **a inferiorizarem outras crianças** [65 l. 22]
Cabe aos pais e professores **observarem** cuidadosamente **seus filhos e alunos** e **darem** mais **atenção** à (sic) assuntos como este [66 l. 25]
O que leva os agressores **a praticarem o ato de valentismo** (sic) [76 l.7]
Pois tais indivíduos, **por estarem em fase de crescimento**, podem ser afetados [81 l. 13]
É muito comum desde o primário **ocorrerem brincadeiras de mau gosto** entre colegas [82 l.7]
São criados pelos pais tendo a sensação **de serem melhores** que tudo e todos [82 l.13]
Pelo **fato de serem tímidos** [83 l. 6]
Fato de não terem ou **usarem** uma determinada **marca de roupa** ou tênis [83 l. 23]
Crianças e jovens convivem muito tempo juntos e **por serem diferentes** há brigas e discórdias [102, 25]
Para essas crianças e adolescentes torna-se difícil conversar [...] **é** também vergonhoso **falarem** sobre o assunto [105, 19]
[...], pois **podemos tornarmos agressores** [107, 29]
É assustador **sabermos** que no início [109, 7]
Apresentá-lo a sociedade e **debatermos** o assunto [109, 26]
[...] para que juntos encontremos **um caminho para** minimizar ou até mesmo **terminarmos** com [109, 28]
[...] **as pessoas tem que serem perfeitas** [111, 5]
E naquela [...], seria mais comum acontecer **por terem alunos** com condições melhores [115, 13]
[...] uns se tornam agressivos, mas outros **acabam por se deprimirem** [117, 26]
Por isso **tem que tomarem medidas eficazes** [...] [118, 21]
Alguns jovens [...] na sua fase de crescimento, **idade de desempenharem** suas funções psicológicas, criar suas ideias [119, 8]
[...] blullynig ataca o nosso sistema de maior importância, pelo qual **dependemos para estarmos** desempenhando um bom crescimento [...] pois dele dependemos para ter uma boa auto-estima [119, 24]
para crianças que, **por** ainda **não terem** a capacidade de entender **o motivo de estarem** sendo vítimas de tal ato [120, 11]

[...] eles **aprendem a relacionarem-se** uns com os outros [120, 16]
É responsabilidade não só d**a escola**, também d**os pais ficarem** atentos [129, 20]
[...] os pais **deveriam participarem** mais da vida escolar do filho e **a direção** junto com **os professores imporem** mais limites [139, 30]
Se o líder **manda xingarem** um colega [...], todos farão o que ele mandou [144, 16]
Fatores como a falta de atenção, principalmente, influenciam muito as crianças **adquirirem essa prática** [148, 19]
Valentões se utilizam dessa prática **para se destacarem** no meio de todos [152, 6]
É comum **lermos** em jornais e assistirmos pela televisão fatos de agressões [154, 6]